

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
SERGIO AROUCA
ENSP

“Os tempos e as relações de gênero: o cotidiano de enfermeiras e enfermeiros a partir do tempo de trabalho no hospital”

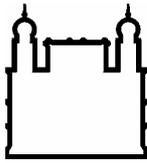
por

Audrey Vidal Pereira

Tese apresentada com vistas à obtenção do título de Doutor em Ciências na área de Saúde Pública.

*Orientadora principal: Prof.^a Dr.^a Lúcia Rotenberg
Segunda orientadora: Prof.^a Dr.^a Simone Santos Silva Oliveira*

Rio de Janeiro, julho de 2013.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
SERGIO AROUCA
ENSP

Esta tese, intitulada

“Os tempos e as relações de gênero: o cotidiano de enfermeiras e enfermeiros a partir do tempo de trabalho no hospital”

apresentada por

Audrey Vidal Pereira

foi avaliada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a Dr.^a Neuma Figueiredo de Aguiar

Prof.^a Dr.^a Estela Maria Motta Lima Leão de Aquino

Prof.^a Dr.^a Cláudia Mara de Melo Tavares

Prof. Dr. Willer Baumgarten Marcondes

Prof.^a Dr.^a Lúcia Rotenberg – Orientadora principal

Catálogo na fonte

Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica
Biblioteca de Saúde Pública

P436 Pereira, Audrey Vidal

Os tempos e as relações de gênero: o cotidiano de enfermeiras e enfermeiros a partir do tempo de trabalho no hospital. / Audrey Vidal Pereira. -- 2013.

219 f. : il. ; tab.

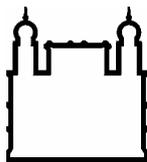
Orientador: Rotenberg, Lúcia

Oliveira, Simone Santos Silva

Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, 2013.

1. Enfermeiras. 2. Enfermeiros. 3. Identidade de Gênero.
4. Gerenciamento do Tempo. 5. Trabalho. 6. Hospitais Públicos.
I. Título.

CDD – 22.ed. – 610.73



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
SERGIO AROUCA
ENSP

AUTORIZAÇÃO

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, por processos fotocopiadores.

Rio de Janeiro, 17 de julho de 2013.

Audrey Vidal Pereira

/Fa

“O tempo é muito lento para os que esperam

Muito rápido para os que têm medo

Muito longo para os que lamentam

Muito curto para os que festejam

Mas, para os que amam, o tempo é eterno.”

Shakespeare

Dedicatória

Às gerações de importantes mulheres da minha vida...

Àquelas que não viram minha chegada até aqui...

*Minha “bisa parteira” (sempre presente)
exemplo que mudou tradições em outros tempos.
E minha filha Lívia Maria, um empréstimo concedido por algum tempo.*

E àquelas que vêem meus cabelos ficando cada vez mais brancos...

*Sueli Vidal, professora que se especializou em dedicar seu tempo
educando os filhos para usar o tempo intensamente,
deixando marcas para além do seu tempo... Mamãe muito obrigado.*

*Dolores Vidal, companheira de todos os tempos e sonhos...
exemplo de tolerância e uma mãe fantástica,
sem você jamais teria conseguido chegar onde cheguei... agradecido sempre.*

*Esther Maria, filha querida, suas batidas à porta, sua correria e seus gritos risonhos
contribuíram para que eu pudesse analisar os tempos simultâneos das enfermeiras e dos
enfermeiros com outros olhos... Fico imensamente feliz por você existir.*

AGRADECIMENTOS

O doutorado é um tempo de contradições... às vezes passa lento como no período da infância e às vezes a sensação de rapidez é tamanha, que falta tempo para tantos detalhes. Ao longo desse tempo muita coisa aconteceu... Mudanças climáticas e múltiplas catástrofes... população brasileira em massa indo às ruas em atos de cidadania... até o Papa “pediu para sair”... Todavia, no que tange a vida acadêmica, foram inúmeras as situações que contribuíram para meu crescimento e várias as pessoas que cruzaram minha vida, tornando-a cada vez mais “leve” e dinâmica. Hoje existem menos “pedras no meio do caminho” e esse “rio que passou em minha vida”, com certeza me tornou um “homem menos velho”, porém mais experiente. Parafraseando Cora Coralina, “Nasci em tempos rudes, aceitei contradições, lutas e pedras como lições de vida, e delas me sirvo”. O exercício para sentir cada minuto da vida como se fosse único, além de reconhecido pelo movimento de sucessivas conquistas e renovações, torna esse momento propício para compartilhar que tudo valeu a pena e que não faltam motivos para agradecer a todas e a todos que passaram e passam por esses dias acelerados da presente existência.

Assim, minha constante gratidão...

A cada enfermeira e enfermeiro, de modo especial, pelas importantes contribuições na construção desta tese, que muito fala de nós mesmos... Pois acredito que aceitar compartilhar cumplicidades da vida, mediante tempos corridos, que não estão incluídos nas agendas cotidianas e na prática profissional, torna-se um desafio. A Direção de Enfermagem do Hospital Universitário que abriu portas confiando no meu trabalho. E aos(as) enfermeiros(as) que “testaram” o instrumento de coleta de dados e contribuíram para realizar aproximações com os demais participantes. Obrigado!

Em “duplicata” às orientadoras Lucia Rotenberg e Simone Oliveira, pois entendo que são “amigas” que se completam nas diferenças. Sou grato pela maneira segura que conduziram os caminhos percorridos nesta tese. Estejam certas que a acolhida e a confiança contribuíram de modo significativo no desafio de estudar “os tempos”, “as enfermeiras” e os “enfermeiros”. Lúcia, “detalhista ao extremo” e “sensível” ao ponto de reconhecer o tom de voz ao telefone, percebendo significados felizes ou tristes. Obrigado pelo apoio sempre presente e por ter compartilhado seu acúmulo de conhecimentos. Pelo rigor acadêmico, pelo vai e vem incansável corrigindo as “vírgulas” e por ensinar a não antecipar as informações ao leitor e a suprimir o que “não” será realizado. Ainda pelo exercício para que eu seja menos “prolixo” e pela segurança em apontar mudanças imprescindíveis para o resultado dessa investigação. Simone, “compreensiva” na forma de enxergar a vida e entender “os tempos pessoais”. Saiba que seus constantes estímulos ultrapassaram os ditames acadêmicos valorizando situações que dizem respeito à vida. Sem você não teria alçado voos mais altos e desafios “para além-mar”. Obrigado pelos incentivos! Fizeram-me acreditar na possibilidade do doutorado sanduíche e me aproximar das “Ciências Sociais Portuguesas”.

Aos meus pais, João Dias Pereira e Suelí Vidal, por terem conseguido educar os filhos exemplificando relações de gênero mais equânimes e tempos mais justos. Mamãe, obrigado pela disponibilidade de ter ficado com a Esther, pois se não fosse seu envolvimento, parte do doutorado realizado em Portugal, seria impossível. Saiba que sou eternamente grato pelo seu carinho, dedicação e “presença” na minha vida. Aos meus

irmãos, Andréa e André Luiz, pelo incentivo durante esses anos. Aos demais familiares e amigos por terem compreendido os “eternos” momentos de ausências. Em nome de todos(as) agradeço a avó Edith, pelas maravilhosas gargalhadas e carinhos constantes. A prima Mara, futura enfermeira, obrigado pelo apoio durante as análises dos dados e pela importante disponibilidade do seu tempo.

Aos(às) professores(as) da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa da Universidade Federal Fluminense, que investiram seus tempos em minha formação e acreditaram no futuro. Hoje, na condição de docente, em nome destes(as) professores(as), sobretudo do Departamento de Enfermagem Materno-infantil e Psiquiátrico, agradeço ao amigo Herdy Alves quanto aos incentivos constantes para cursar o doutorado. Deste modo estendo minha gratidão a cada um(a) que se fez presente nesse momento da vida, muito obrigado! Aos técnicos administrativos, agradeço em nome do secretário Maurício, pelo apoio durante esse período de afastamento institucional. E a Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação (PROPPI/UFF), também agradeço aos funcionários que se fizeram presentes nessa caminhada!

Às professoras Regina Barbosa e Rosana Magalhães, obrigado por terem aceitado o convite para participarem da Banca de Qualificação e pelas sugestões concretas que contribuíram para a orientação e êxito de todo o processo de investigação.

Aos professores que aceitaram o convite para a Banca de Defesa Pública da Tese. Professora Neuma Aguiar, agradeço por disponibilizar mais esse “tempo” e contribuir para a vida acadêmica. Professora Estela de Aquino, por ter aceitado deixar os bons ares da Bahia e ter vindo até nossa turbulência cotidiana a fim de contribuir com esse processo de investigação. Professora Cláudia Mara, obrigado por ter aceitado o desafio de representar nossa categoria profissional e contribuir durante esse período de avaliação. Professor Willer Baumgarten, ter participado da construção desta tese, desde as disciplinas de “Metodologia da Pesquisa Social em Saúde” e de “Teoria Social I”, fez com que ratificasse o interesse em tê-lo nesse momento de avaliação; obrigado pelas suas contribuições. Professores Herdy Alves e Kátia Reis, agradeço também por terem aceitado participar desse processo de avaliação.

Aos professores da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca que contribuíram para a ampliação do conhecimento, muito obrigado. Professora Ana Luiza Stiebler, obrigado pelo incentivo decisivo no processo de seleção. Professora Célia Leitão, agradeço pelas reflexões compartilhadas em sua disciplina. Aos funcionários, agradeço em nome de Eduardo Pinto, André dos Santos, Joselmo Leal, Fábio Balbino e Jordânia Costa, pelo apoio durante os anos de formação.

À turma 2009 do doutorado – “os doctílicos” – em nome de Carmem, Luz, Cláudia Tartaglia, Ângela, Mônica, Fabiana, Márcio Mello, Adriano, Angélica Baptista, Angélica Fonseca, Ana Lúcia, Eliane, Andréa, Hayda, Laís e Margareth, agradeço por não medirem esforços para nos unir.

Ao Programa de Pós-graduação em Saúde Pública (ENSP), pela qualidade da formação acadêmica. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Universidade do Minho (Braga), que através do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior viabilizou a realização de parte do doutoramento em Portugal,

contribuindo assim para ampliar e consolidar conhecimentos importantes para elaboração desta tese.

Em Portugal, agradeço a contribuição das professoras Ana Paula Marques, Emilia Araújo e Maria Joana Schouten que compartilharam conhecimentos imprescindíveis para a construção desta investigação. Aos brasileiros que encontrei no Centro de Investigação em Ciências Sociais da Universidade do Minho – Márcio Sá e Marina Melo – obrigado pelos diálogos e aproximações. Agradeço ainda aos amigos da turma de doutorado no Brasil, Deise Riquinho, Márcio Mello e Kátia de Souza, que incentivaram ou compartilharam momentos significativos durante o doutorado sanduíche. Ao amigo Adriano Maia, agradeço pelos momentos de diálogos e intensas reflexões. Obrigado também por ter me apresentado a “família portuguesa” de “D^a. Maria”, “Sr. Vieira” e “D^a. Emília”, que me acolheu auxiliando a amenizar a saudade, além de proporcionar momentos marcantes que serão guardados por muitos e muitos anos. Obrigado a todos e todas!

Agradeço ao “Poder Superior” que move forças transformando o universo e permite aproximações “(meta)físicas” que nos levam a alçar voos em direção ao infinito! Não poderia deixar de expressar “obrigado sempre”!

RESUMO

Este estudo buscou analisar os tempos da vida cotidiana de enfermeiros e enfermeiras a partir das relações de gênero e das situações de simultaneidade e de permeabilidade entre as esferas pública e privada. O aporte teórico se embasa na teoria da “configuração de interdependências”, elaborada por Norbert Elias, no conceito de “divisão sexual do trabalho” (Helena Hirata e Danièle Kergoat), articulados às concepções de “conflito trabalho-família” (Joseph Pleck) e de “monocronia” e “policronia” (Edward Hall). A pesquisa foi realizada a partir da triangulação de métodos quantitativos e qualitativos, com vistas a investigar os usos do tempo, bem como os aspectos subjetivos dessas experiências. Buscou-se a aproximação com a dialética no sentido de compreender as relações entre os seres humanos na totalidade dinâmica das relações sociais de produção e reprodução (Minayo, 2006). O trabalho de campo foi realizado em um hospital universitário da região metropolitana do Rio de Janeiro. A obtenção do material empírico ocorreu em duas etapas sucessivas e complementares através de contato com 18 (dezoito) enfermeiros e 24 (vinte e quatro) enfermeiras durante a jornada de trabalho. A primeira etapa se refere à coleta de dados através do registro, pelos sujeitos, do tempo dedicado a diversas atividades ao longo de uma semana. A segunda etapa abordou aspectos subjetivos das experiências de usos dos tempos, através de entrevistas semi-estruturadas que propiciavam uma “autoconfrontação” do(a) entrevistado(a) com o próprio tempo, através da inspeção de uma imagem que ilustrava a distribuição dos tempos durante os 07 (sete) dias de registro. A entrevista também se baseou em um roteiro com perguntas abertas, cujas informações estavam relacionadas à organização do próprio tempo, preocupações na esfera doméstica e no trabalho profissional, à divisão do trabalho doméstico, à relação entre o tempo usado para si e para os outros e à realização de atividades simultâneas, com destaque para as relações de gênero. O material de análise permitiu identificar conflitos de interesses, disputas de poder e desigualdades de gênero nas relações cotidianas de cada sujeito e entre os grupos estudados, afetando não só a saúde física e mental, como os modos de organizar o cotidiano. As situações de permeabilidades entre os espaços e tempos público-privado e os usos simultâneos do tempo foram mais comuns entre as enfermeiras. Ainda que essas exerçam funções gerenciais que se remetam a relações de poder e os enfermeiros tenham sofrido influência de sua formação em uma profissão feminina, foram observadas assimetrias de gênero, reforçando padrões tradicionais de desigualdade, sobretudo no âmbito privado. Todavia, foram identificados movimentos de equilíbrio de poder que suscitam reflexões quanto à necessidade de mudanças de estilos de vida. Além de propiciar diálogo entre disciplinas, os resultados apontam para a necessidade de políticas públicas que promovam equidade nas relações de gênero com vistas ao exercício de posturas mais tolerantes e discursos mais plurais capazes de respeitar as diferenças entre os tempos individuais e coletivos.

Palavras-chave: usos do tempo; divisão sexual do trabalho; enfermeiras; enfermeiros.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the daily schedule of life activities of women and men who work as registered nurses considering gender relations and situations of simultaneity and permeability between the public and private spheres. The theoretical foundation is based on the theory of “configuration of interdependencies”, developed by Norbert Elias, in the concept of “sexual division of labor” (Helena Hirata and Danièle Kergoat), articulated to the conceptions of “work-family conflict” (Joseph Pleck) and “monocrony” and “policrony” (Edward Hall). The research was based on the triangulation of quantitative and qualitative methods to investigate the uses of time as well as the subjective aspects of these experiences. We attempted to incorporate the dialectics approach in order to understand the dynamics of social relations of production and reproduction (Minayo, 2006). The field work was carried out in a university hospital in the metropolitan region of Rio de Janeiro. The empirical material is based on two successive and complementary stages which were performed through contact with 18 men nurses and 24 nurses at the hospital during their working hours. The first stage refers to the data collection through the registry, by the subject, of the time devoted to several activities over the course of a week. The second stage addressed subjective aspects of the experiences of the uses of times, through semi-structured interviews that provide a “self-confrontation” of interviewed with his/her own time, through the inspection of an image that illustrated the distribution of the time devoted to activities during the seven days of the registry. The interview was also based on open-ended questions concerning the organization of his/her own time, concerns in the domestic sphere and in the professional sphere, the division of housework, the relation between the time used for themselves and time used for others, also considering simultaneous activities, with emphasis on gender relations. The analyzed material allowed to identify conflicts of interest, power struggles and gender inequalities in the daily relations of each subject and between the study groups, affecting not only the physical and mental health, as well as the way of organizing daily life. The situations of permeability between the spaces and times of public-private spheres and the simultaneous uses of time were more common among women. Although some of these women are engaged in managerial functions that refer to power relations and the men have been influenced by his graduation in a “feminine” profession, gender asymmetries were observed, reinforcing traditional patterns of inequality, especially in private life. However, movements of balance of power were identified giving rise to reflections on the need for changes. Besides promoting the dialogue between disciplines, the results point to the need for public policies that promote equity in gender relations aiming to promoting more tolerant and plural postures and speeches so that differences among individual and collective times can be respected.

Keywords: uses of time; sexual division of labor; nurses; men nurses.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNES	Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde
COFEN	Conselho Federal de Enfermagem
COREMU	Comissão de Residência Multiprofissional e em Área Profissional da Saúde
COREME	Comissão de Residência Médica
COREN's	Conselhos Regionais de Enfermagem
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NOAS	Norma Operacional da Assistência à Saúde
OIT	Organização Internacional do Trabalho
ONU	Organização das Nações Unidas
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

LISTA DE QUADROS, TABELAS E FIGURAS

Quadro 01: Descrição resumida das principais características sociodemográficas e referentes à atuação profissional	73
Tabela 01: Dados sociodemográficos do grupo estudado	68
Tabela 02: Dados relativos à formação e atuação profissional do grupo estudado	71
Tabela 03: Descrição do grupo estudado segundo o número de vínculos profissionais, o tipo de atuação no hospital investigado e o esquema de horários de trabalho	72
Tabela 04: Tempo médio dedicado às atividades por grupo estudado e resultados das comparações estatísticas	74
Tabela 05: Diferenças das médias de tempo (horas e minutos) ocupado por enfermeiros durante uma semana, em atividades remuneradas, domésticas e cuidados de outros, com a média de tempo das enfermeiras	76
Tabela 06: Média dos tempos agrupados em blocos por grupo estudado e resultados das comparações estatísticas	80
Tabela 07: Tempo médio (horas e minutos) de acordo com categorização em blocos e resultados das comparações estatísticas segundo a presença ou não de filhos de até 12 anos	81
Tabela 08: Tempo médio (horas e minutos) despendido em atividades simultâneas ao longo de uma semana, segundo sua vinculação com o tempo contratado ou comprometido e resultados das comparações estatísticas entre os grupos estudados	82
Figura 01: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” do enfermeiro 30	75
Figura 02: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” do enfermeiro 41	75
Figura 03: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” da enfermeira 18	77
Figura 04: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” da enfermeira 47	77
Figura 05: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” do enfermeiro 11	79
Figura 06: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” do enfermeiro 03	79
Figura 07: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” da enfermeira 05	83
Figura 08: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” da enfermeira 60	83
Figura 09: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” da enfermeira 61	84
Figura 10: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” do enfermeiro 04	84
Figura 11: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” do enfermeiro 17	85
Figura 12: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” do enfermeiro 68	85

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

Lista de Abreviaturas e Siglas

Lista de Quadros, Tabelas e Figuras

1- Introdução	15
- Inquietações, Justificativas, Questões e Objetivos	15
- Estrutura da Tese	19
2- Fundamentação Teórica	23
2.1 - A teoria da configuração de interdependências: aproximações conceituais a partir de Norbert Elias	23
2.2 - A construção social do tempo e os percursos até os dias contemporâneos	27
2.3 - Relações de gênero: tensões a partir da divisão sexual do trabalho de enfermeiras e enfermeiros	39
3- Aspectos Metodológicos: cruzando caminhos no tempo e no espaço	55
3.1 - O trabalho empírico	56
3.1.1 - Caracterização do local da pesquisa de campo	56
3.1.2 - Etapas do trabalho de campo: instrumentos, técnicas e seleção dos sujeitos	58
4 - Análise e Discussão dos Resultados	67
4.1 - Perfil do grupo estudado	67
4.2 - Os usos do tempo a partir da abordagem quantitativa	74
4.2.1 - Breve descrição dos usos do tempo por cada categoria de atividades	74
4.2.2 - O registro de atividades por “blocos de tempos”	80
4.2.3 - Análise das atividades simultâneas	81
4.3 - Sobre o registro dos usos do tempo: “a primeira impressão nunca se esquece...”	86
4.4 - O “jogo” dos tempos: tensões e conflitos na interface público-privada	98
4.4.1 - Situações de “permeabilidade” da esfera pública para a privada	100
4.4.2 - Situações de “permeabilidade” do âmbito privado para o público	110
4.4.3 - Outras situações em que podem ocorrer “permeabilidades”	119
4.5 - Constrangimentos e o “milagre da multiplicação” dos tempos: divisão sexual do trabalho e simultaneidades	124
4.5.1 - Cuidados de si e de outros: competindo tempos e delimitando espaços	151

4.6 - A “dança” dos tempos: equilíbrio de tensões nas relações de interdependências	160
4.6.1 - Diferentes modos de “dançar”: experiências que buscam mais tempo para si	161
4.6.2 - O dito e o não feito: “dançando conforme a música...”	172
5 - Considerações Finais	180
6 - Referências Bibliográficas	191
Anexo 1 - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa/ENSP	206
Anexo 2 - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa/CMM/HUAP	207
Apêndice A - Caderneta de Atividades	208
Apêndice B - Termo de consentimento livre e esclarecido – enfermeiras e enfermeiros	211
Apêndice C - Mapa de Horários	212
Apêndice D - Roteiro para entrevista semi-estruturada	213
Apêndice E - Distribuição de enfermeiras e enfermeiros por local de moradia	214
Apêndice F - Distribuição de enfermeiras e enfermeiros por agregado familiar	215
Apêndice G - Distribuição de enfermeiras(os) por n° de pessoas residentes no domicílio	216
Apêndice H - Distribuição de enfermeiras(os) por escala referente ao 1° vínculo	217
Apêndice I - Distribuição de enfermeiras(os) por escala referente ao 2° vínculo	218
Apêndice J - Distribuição de enfermeiras(os) por escala referente ao 3° vínculo	219

1 - Introdução

O interesse em estudar os usos do tempo de enfermeiras e enfermeiros, com destaque para as relações de gênero a partir do tempo de trabalho no hospital, se inicia através de impressões e inquietações elaboradas empiricamente ao longo de dez anos de prática profissional e acadêmica.

Durante esse período de rápida absorção pelo mercado de trabalho¹, como ocorre com a maioria dos(as) enfermeiros(as), foi o consentimento para levar uma vida corrida, de intenso envolvimento com as inúmeras jornadas de trabalho (plantões noturnos, diurnos, feriados e finais de semana), e a constante sensação de falta de tempo livre, que fomentaram reflexões sobre os modos como esses(as) trabalhadores(as) se relacionam com as temporalidades cotidianas a partir do tempo de trabalho no hospital.

Logo, subsidia um processo reflexivo que tornam evidentes, marcas de dimensões que expressam aproximações entre os aspectos da vida pessoal/laboral e a *práxis* da categoria profissional. Desta forma, as experiências ao longo destes anos de trabalho contribuíram para refletir o quanto a categoria de enfermeiras e enfermeiros expressa rotinas aceleradas, entre os espaços e tempos dos trabalhos remunerados e as demais atividades cotidianas.

Além disso, ao realizar pesquisa a partir dos descritores “Enfermagem” e “tempo” foi possível assinalar inúmeras publicações referentes à valorização do tempo de trabalho remunerado. A literatura que conjuga “Enfermagem” e “tempo” aborda os seguintes conceitos: horas diárias de assistência, duração para procedimentos, sobrevivência no emprego, tempo da consulta de Enfermagem, atividades desenvolvidas no trabalho, tempo de atuação profissional e absenteísmo (ANSEMI; DUARTE; ANGERAMI, 2001; BALSANELLI; ZANEI; WHITAKER, 2006; BORDIN; FUGULIN, 2009; COSTA; MARZIALE, 2006; CUCOLO; PERROCA, 2010; DAL BEM; SOUZA, 2004; DUARTE et al., 2000; GARCIA; FUGULIN, 2010; HOLANDA; CUNHA, 2005; MARCON et al., 2002; MARGARIDO; CASTILHO, 2006; MELLO; FUGULIN; GAIDZINSKI, 2007; REZENDE; GAIDZINSKI, 2008; RICARDO; FUGULIN; SOUZA, 2004; ROGENSKI et al., 2011; SOARES et al., 2011; TRANQUITELLI; CIAMPONE, 2007; VILLELA et al.,

¹ Vale destacar que foram realizadas atividades concomitantes de assistência e gerência em várias instituições públicas nos três níveis de atenção à saúde, além de atividades de ensino perfazendo um quantitativo de mais de 70 horas de trabalho remunerado por semana, inclusive final de semana e período noturno. Estudos como os de Vieira e Oliveira (2001), Vieira (2002) e Varela e Pierantoni (2008) validam essa crescente demanda pelo mercado de trabalho da enfermagem, durante os últimos anos do século passado.

2011). Em contrapartida, constata-se uma lacuna na produção científica da área da Enfermagem em relação aos tempos reservados para a realização de atividades não remuneradas na vida social, ligadas ao lazer e ao tempo livre, elencando-se nesse grupo estudos como os de Pereira e Bueno (1997) e de Costa, Morita e Martinez (2000).

O predomínio de estudos sobre o tempo associado à prática profissional, possivelmente se deve ao uso do termo “Enfermagem”, que se refere a uma profissão. Seja como for, estes dados contribuem para justificar a importância de investigar as relações entre os espaços e tempos considerando a interface público-privada, visto que são esferas indissociáveis.

Uma modalidade importante de estudo sobre o tempo em relação às esferas pública e privada se refere a pesquisas quantitativas sobre os “usos do tempo”. Buscam mensurar o tempo empregado para a realização de atividades cotidianas com base em instrumentos análogos aos utilizados em investigação pioneira de caráter multinacional realizada por Alexander Szalai (1972). Segundo este autor, foi denominada inicialmente de “estudos de orçamento do tempo” (do inglês, *time budget*), correlacionando a alocação de recursos econômicos aos usos que as pessoas fazem do próprio tempo. A ideia central é que ao investigar os modos com que as pessoas organizam e “distribuem” o próprio tempo, podem contribuir para a compreensão de valores socioculturais envolvidos nas relações cotidianas (RIBEIRO-SILVA, 2007). No Brasil, alguns autores têm revelado a potência de dados dos usos do tempo na análise de desigualdades de gênero (AGUIAR, 2001, 2010; DEDECCA, 2008; CYRINO, 2010).

No entanto, segundo Melo e Castilho (2007) existem poucos estudos sistemáticos relacionados ao trabalho doméstico, à socialização das crianças e aos cuidados com idosos e doentes, contribuindo para a invisibilidade que cerca o estudo das diferenças de gênero. Como ressalta Ellegard e Cooper (2004), estudar os usos do tempo pode servir como ponto de partida para abordagens de estudos da vida cotidiana.

Ao analisar o tempo em relação à interface público-privada, é essencial considerar os aspectos subjetivos da percepção do tempo, como os sentidos, os significados, as contradições, conflitos e mediações, o que demanda enfoques qualitativos que permitam apreender as experiências das pessoas sobre o próprio tempo. Desta forma, vários autores ressaltam a importância das análises que conjugam abordagens quantitativas e qualitativas sobre o tempo, em especial no que se refere às relações de gênero (STINSON, 1999; AMSTAD; SEMMER, 2009; SOUZA, 2007).

Vale ressaltar que na atualidade homens e mulheres têm modificado suas relações com funções associadas ao universo masculino e feminino, na esfera da produção e reprodução. No que se refere à Enfermagem, por exemplo, tem se observado um aumento no contingente de homens que atuam na profissão (LANZA, 2006; HIRATA, 2006; PEREIRA, 2008). Todavia, ainda são muitos os conflitos de interesses e as disputas de poder que tensionam as relações cotidianas, podendo se traduzir na transformação ou perpetuação de desigualdades relacionadas aos usos do tempo e à divisão sexual do trabalho.

Assim, cabe destacar algumas **hipóteses** que auxiliaram na condução desse processo de investigação:

- Atualmente têm ocorrido mudanças com relação aos usos do tempo nas configurações do trabalho que acabam por interferir nas relações de gênero existentes na interface público-privada da vida de enfermeiras e enfermeiros.

- Os horários que organizam e garantem a continuidade das atividades no hospital interferem nos usos cotidianos do tempo de enfermeiras e enfermeiros.

- As enfermeiras, mesmo tendo formação numa profissão reconhecida historicamente como feminina, diante da inserção em espaços de gerência para além da supervisão de pessoas e coordenações de setores no hospital, cujas experiências estimulam “disputas de poder”, têm conseguido ocupar o tempo de forma que modifiquem as relações tradicionais de gênero no âmbito da vida privada.

- Os enfermeiros, mesmo que se aproximem de espaços gerenciais e de poder no hospital, por terem formação e inserção crescente numa profissão tida historicamente como feminina, estão ocupando os tempos no âmbito da vida privada de modo que contribuam para minimizar as desigualdades de gênero.

A seguir, são apontados alguns **questionamentos** que fomentaram reflexões sobre a relação entre a profissão de enfermeiras e enfermeiros e a divisão sexual do trabalho a partir dos usos cotidianos do tempo.

Até que ponto os horários que mantém de maneira ininterrupta a realização do trabalho no hospital interferem no uso cotidiano do tempo de enfermeiras e enfermeiros?

As enfermeiras, apesar de terem sofrido influências de uma formação feminina, mediante inserção posterior e progressiva em espaços de gerência no hospital, têm conseguido ocupar o tempo de modo que realmente modifiquem as relações tradicionais de gênero na vida privada?

E os enfermeiros, apesar de se aproximarem dos espaços de poder no hospital, por se formarem e permanecerem atuando numa profissão tida historicamente como feminina, estão ocupando os tempos no âmbito privado de modo que contribuam para minimizar as assimetrias de gênero?

Como têm sido então, os usos do tempo de enfermeiras e enfermeiros a partir da divisão sexual do trabalho e de situações que caracterizem conflitos de interesses e movimentos de equilíbrio de tensões na interface público-privada?

Deste modo, aponta-se como **objeto de estudo** desta tese: os tempos da vida cotidiana de enfermeiras e enfermeiros a partir da divisão sexual do trabalho e das interdependências existentes na interface público-privada.

A construção deste objeto se deu a partir de reflexões sobre as relações de gênero no âmbito do trabalho, considerando a aproximação teórica com o pensamento de Norbert Elias (1993, 1994a, 1994b, 2000, 2001, 2006, 2008), através de conceitos como *tempo social*, *configuração*, *interdependência funcional*, *conflitos de interesses* e *equilíbrio móvel de tensões*. Estas leituras e reflexões foram permeadas pelo conceito de *divisão sexual do trabalho*, tal como propõem Helena Hirata e Danielle Kergoat (2007). Preliminarmente, observa-se que estes conceitos podem contribuir de modo significativo para analisar as experiências relatadas por enfermeiras e enfermeiros que se remetam aos usos desiguais dos tempos entre as esferas pública e privada de suas vidas. No entanto, a análise dessas experiências na vida contemporânea foi enriquecida com a obra de Edward Hall (1996), quando menciona o uso dos conceitos de *monocronia* e *policronia* comparando usos do tempo em diferentes culturas, e com o pensamento de Zygmunt Bauman (2001, 2007), em especial no que se refere aos conceitos de *vida líquida* e *tempos líquidos*, além do conceito de *flexitempo*, trabalhado por Richard Sennett (2009).

Assim, se a questão referente ao objeto da tese surgiu empiricamente por meio de inquietações com o trabalho profissional ao longo dos anos, ela tomou proporção interessante ao encontrar sustentação teórica nas áreas de conhecimento da saúde, sob o enfoque das Ciências Sociais. A partir deste diálogo, foram formulados os objetivos do estudo, como descrito a seguir.

- Objetivo geral:

. Analisar os tempos da vida cotidiana de enfermeiros e enfermeiras a partir da divisão sexual do trabalho e das relações de interdependências existentes na interface público-privada a partir do tempo de trabalho no hospital.

- Objetivos específicos:

- . Descrever os usos cotidianos do tempo de enfermeiras e enfermeiros ao longo de uma semana;
- . Conhecer experiências de ações simultâneas e de permeabilidades entre os espaços-tempos público e privado;
- . Identificar conflitos e disputas de poder nas experiências de usos cotidianos do tempo de enfermeiras e enfermeiros;
- . Verificar se existem estratégias de mediações utilizadas por enfermeiras e enfermeiros para equilibrar tensões e poder;
- . Refletir sobre as relações entre as tensões existentes na interface público-privada e a saúde, apontadas pelas enfermeiras e enfermeiros.

- Estrutura da tese:

Para situar este estudo na área das Ciências Sociais, são apresentados alguns teóricos que oportunizam o embasamento epistemológico, além do diálogo e da argumentação necessários para justificar e fundamentar o percurso analítico. Em linhas gerais esta tese apresenta a seguinte estrutura.

Os três primeiros capítulos compõem a segunda seção da tese, que refere-se à **Fundamentação Teórica**. O primeiro capítulo versa sobre a Teoria da Configuração, cujo aporte conceitual é proveniente das contribuições de Norbert Elias (1993, 1994a, 2000, 2001, 2006, 2008). Foram realizadas aproximações com as categorias de “configuração” e “interdependência” que conduziram o processo teórico-analítico da tese. Desta maneira, esse referencial teórico viabilizou a compreensão e análise das experiências dos indivíduos. Tornou possível refletir como uma ou mais configurações, como por exemplos, o “hospital” e a “família”, evidenciam a existência de uma teia de relações de interdependências, que movimentam a vida cotidiana de enfermeiras e enfermeiros. Essas dependências mútuas provocam não somente a presença de conflitos de interesses e disputas de poder, mas também equilíbrio de tensões, influenciando as relações de gênero na sociedade.

O segundo capítulo consiste em um ensaio sobre o “tempo”, tomando-se por base não só os escritos de Norbert Elias, como também de outros autores, como por exemplo, Edward Thompson (1998), Zygmunt Bauman (2001) e Richard Sennett (2009). Buscou-se refletir sobre a construção social do tempo e os percursos trilhados até os dias contemporâneos. O campo de conhecimento das Ciências Sociais, a partir de recursos de compreensão histórica e cultural, possibilitou identificar o quanto os fatores de controle do tempo como o relógio e o calendário, permanecem influenciando os modos de organizar a vida ao longo dos anos. Com o advento do capitalismo o tempo passa a ter um valor que controla a produção e o lucro, mas também regula o trabalho e a vida das pessoas. Nesse período torna-se evidente a divisão entre a vida produtiva e reprodutiva. Entretanto, após um período de crise do capital, entram em cena algumas mudanças que trazem para a ordem do dia, movimentos responsáveis por reestruturar a produção. A partir daí são estimulados processos de produção mais flexíveis que por sua vez também fomentam mudanças na relação das pessoas com os tempos e espaços na vida em sociedade. Assim, sob a égide atual de aceleração, as pessoas são incitadas às experiências de “simultaneidade” e “permeabilidade” existentes na interface público-privada. As inquietações refletidas com esses atuais modos de se relacionar com o tempo na vida contemporânea deram margem para refletir sobre as relações existentes entre as concepções de tempo, como por exemplo, subjetivo e institucional. Através desta relação pode-se refletir sobre as experiências de usos do tempo que os(as) enfermeiros(as) referem a partir do tempo de trabalho na instituição hospitalar.

O terceiro capítulo aborda questões referentes às relações de gênero com destaque para o âmbito do trabalho. Sob influência de uma perspectiva histórica, novamente Norbert Elias (1987) e Edward Thompson (1998) contribuíram para iniciar as reflexões sobre as relações entre homens e mulheres. Por meio de recortes temporais, tornou-se possível contextualizar situações que se remetiam às assimetrias de gênero desde o período da Roma Antiga. A partir das mudanças ocorridas com o processo de industrialização pode-se observar que a organização do tempo social, que separa o tempo público do tempo privado, como descrito acima, ajusta de maneira diferenciada os espaços de homens e mulheres na sociedade. Neste sentido, mesmo ocorrendo progressiva inserção da mulher no mercado de trabalho, prosseguem desigualdades entre os sexos no âmbito doméstico, ficando as mulheres com o acúmulo de funções, jornadas de trabalho ampliadas e tempos constrangidos. Refletir sobre a continuidade da “dominação masculina” nas relações entre

os sexos abriu espaço para contextualizar historicamente o conceito de gênero e sua contribuição para analisar as desigualdades no âmbito do trabalho. Conforme Hirata e Kergoat (2007) os princípios de “hierarquia” e “separação” introduzem as análises realizadas sobre o conceito de “divisão sexual do trabalho”, viabilizando reflexões sobre as relações de poder que envolvem os espaços públicos e privados. Trata-se, ainda, de trazer à tona o exemplo da Enfermagem², enquanto uma profissão que, apesar de uma atual “mixidade de gênero”, reforça a divisão social e sexual do trabalho em muitos aspectos. Além disso, a Enfermagem apresenta especificidades que justificam a realização de pesquisas referentes aos usos do tempo e às relações de gênero, tendo em vista percursos desse grupo profissional, no que diz respeito à ocupação de cargos de gerência que, por exemplo, suscitam questões que remetem relação às perspectivas teóricas supracitadas. Assim, esse grupo permite abordar aspectos interessantes que podem sinalizar pistas de como tem sido as atuais relações de gênero de enfermeiras e enfermeiros na vida cotidiana, a partir do tempo de trabalho no hospital.

Em seguida, os **Aspectos Metodológicos** compõem a terceira seção da tese, apresentando a opção pela triangulação de métodos quantitativo e qualitativo e pela perspectiva da dialética como uma abordagem que possibilita diálogo entre múltiplos referenciais teóricos, identificados através das categorias: “conflitos de interesses”, “disputas de poder” e “relações de dependências”, “divisão sexual do trabalho”, “permeabilidade” e “conflito trabalho-família”, “modernidade sólida” e “líquida”, “monocronia” e “policronia”. Prosseguindo, foram detalhados os passos para a realização da investigação de campo, a partir da caracterização do hospital e dos sujeitos participantes da pesquisa, das técnicas e instrumentos de coleta de informações, além do caminho utilizado para apresentar as informações correlatas às **Análises e Discussão dos Resultados** (seção 4), que foram divididas em seis partes.

Na primeira parte foi detalhado o perfil sociodemográfico e profissional do grupo estudado. Na segunda foi realizada análise quantitativa dos usos do tempo. Na terceira parte foram analisadas as impressões dos sujeitos a respeito da distribuição do próprio tempo ao longo de uma semana. A quarta parte deu continuidade às análises qualitativas, abordando as situações de “permeabilidade” e o “conflito trabalho-família”, existentes na

² No hospital pesquisado, durante o período de investigação, foi possível exemplificar um movimento de “mixidade de gênero”, não só devido à presença de enfermeiros ocupando cargos na diretoria de enfermagem e nas demais funções ligadas à gerência, como também pela presença de enfermeiras em funções gerenciais que vão além da chefia de equipe.

interface público-privada da vida cotidiana das(os) entrevistadas(os), que caracterizassem conflitos e tensões. Na quinta parte, foram analisadas as situações de “simultaneidade”, buscando identificar “conflitos de interesses” e “disputas de poder” nas relações cotidianas, com destaque para a divisão sexual do trabalho. Na sexta e última parte das análises, foram abordadas as estratégias usadas pelas(os) enfermeiras(os) para o “equilíbrio de tensões” nas relações de interdependência.

A seção 5 apresenta as **Considerações Finais**. Nesse momento refletiu-se questões relacionadas aos usos do tempo e às relações de gênero no âmbito do trabalho de enfermeiras e enfermeiros no dia a dia, tornando possível observar em que medida as situações mantêm posicionamentos tradicionais e até que ponto existem movimentos de mudanças que dizem respeito a relações mais equânimes entre os sexos. Foi contextualizado movimento de iniciativas nacionais e internacionais que contribuem para refletir sobre usos menos acelerados do tempo e relações de gênero mais simétricas. Além de sinalizar a importância de políticas públicas que contribuam para que esses movimentos sejam efetivados, também foram identificados os limites da pesquisa, contribuições específicas para a enfermagem, e sugestão para desdobramentos de futuras investigações.

2 - Fundamentação Teórica

2.1 - A teoria da “configuração de interdependências”: aproximações conceituais a partir de Norbert Elias

Norbert Elias (1993, 1994a), através da teorização do “processo civilizador”, remete à ampla discussão sobre a relação indivíduo e sociedade, que pode ser percebida a partir de mudanças concomitantes dos comportamentos das pessoas e das estruturas sociais. Essa teoria não é elaborada a partir de esquemas teóricos pré-estabelecidos, mas através de estudos de modelos sociais a partir de mudanças ocorridas na “sociedade de corte”³ ao longo de processos históricos.

Ressalta que a “civilização” ocidental se modificou através de um processo de interiorização de códigos, condutas e controle das emoções, formando sociedades e Estados. Desde o século XIV propagavam o uso de manuais de etiqueta para moldar a transformação de guerreiros em cortesãos. No lugar de contextos de violência, essa interiorização de condutas passou a exigir ações de autodisciplina, cordialidades, tutela dos afetos e atitudes refinadas. Deste modo, revoluciona a maneira de perceber as relações entre indivíduo e sociedade, fomentando um modelo conceitual que faz referência a dois níveis diferentes, mas inseparáveis. Capaz de generalizar e abordar processos sociais possibilita visualizar pistas sobre os movimentos que levam os indivíduos a estarem ligados uns aos outros e sejam dependentes uns dos outros (ELIAS, 1993, 1994a).

Pretende assim, escapar do dilema tradicional da sociologia, ou seja, do distanciamento existente entre “aqui o indivíduo e ali a sociedade”, ressaltando que as pessoas devem ser pensadas como indivíduos ao mesmo tempo em que são pensadas em sociedades (Elias, 2006).

Deste modo, ao longo das obras de Norbert Elias (1993, 1994a, 1994b, 2000, 2001, 2006, 2008) surgem reflexões importantes sobre o conceito de “configuração” como categoria central na teoria do processo civilizador. Possibilita elucidar aproximações existentes entre as transformações que ocorrem tanto na sociedade quanto no comportamento individual. Tem em vista afrouxar o constrangimento de falarmos e

³ Segundo Elias (2001), a “corte” deve ser considerada como uma sociedade, isto é, uma formação social na qual são definidas de maneira específica as relações existentes entre os sujeitos sociais e em que as dependências recíprocas que ligam os indivíduos uns aos outros engendram códigos e comportamentos originais.

pensarmos como se o “indivíduo” e a “sociedade” fossem antagônicos e diferentes, evitando polarizações conceituais que atribuam maior valor a um em detrimento do outro. Além disso, coloca o problema das interdependências humanas no centro das teorias sociológicas (ELIAS, 2008).

Como conceitos reincidentes em suas obras, “configuração” e “interdependência” permitem pensar a causa dos indivíduos estarem ligados entre si, constituindo relações específicas e móveis ao longo do tempo.

A partir do princípio de “relações” (indivíduo e sociedade), Elias (1994a) critica a velha imagem do homem como “personalidade fechada” e isolada e propõe a substituição pela imagem de “personalidade aberta” e orientada para o outro, que possui um maior ou menor grau de autonomia face à de outras pessoas, fundamentalmente direcionada para interação e interdependência, formando um nexo denominado de configuração.

O conceito de configuração pode ser compreendido como uma formação social ou uma rede de interação permanente, em que os indivíduos ou grupos estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependências recíprocas. Vivenciam processos de agrupamentos através de inúmeras cadeias invisíveis de relacionamentos, onde os equilíbrios de poder tendem a determinar a conduta das pessoas. Ou seja, as pessoas são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras constituindo teias de interdependências (ELIAS, 1993, 2006, 2008).

Assim, a rede de interdependência que compõe uma configuração é elaborada por Elias como uma teoria adequada para explicar a dinâmica das relações humanas que não podem ser reduzidas nem ao enfoque isolado da liberdade individual nem apenas à coerção ou constrangimento coletivo.

O conceito de configuração deve ser entendido como um padrão mutável no jogo das relações, cuja interdependência supõe um entrelaçamento flexível em constante movimento (ELIAS, 2008, 2001). Pode ser aplicado nas análises microssociológicas ou macrossociológicas, tendo em vista que tanto em pequenos grupos quanto em sociedades constituem-se cadeias de interdependência mais simples como famílias, jogadores de carteados, alunos em sala de aula, ou mais complexas como cidades ou países (ELIAS, 2008, 2006, 2001).

Para ilustrar seu viés analítico, Elias utiliza o “modelo de jogos” (2008) ou de “danças” (1994b) como metáfora cuja proposta é demonstrar uma visão dinâmica das estruturas sociais. Tanto o “jogo” quanto a “dança” não têm existência própria fora dos

jogadores ou dançarinos, não sendo composições externas à pluralidade de indivíduos que os praticam. Desta maneira, as posições e os comportamentos dos jogadores ou dançarinos, em correlação estreita uns com os outros, são direcionados pelas relações de interdependências no contexto da configuração. Ainda que a configuração seja a mesma, cada “jogo” ou “dança” é único, possibilitando variações segundo as regras, intenções ou recursos pactuados pelos envolvidos.

Ao tratar os modelos de jogo, por exemplo, Elias (2008) elabora discussão sobre os processos de interpenetração com normas ou regras, enfatizando não só o caráter processual das relações de interdependências, como também mostrando como a teia de relações humanas muda com a distribuição do poder.

Elias desenvolveu esses modelos explicativos para analisar as tensões e mensurar forças e disputas de poder, demonstrando o caráter relacional entre as pessoas nas interdependências constantes. Esse envolvimento de pessoas que jogam ou dançam com outras pessoas formam configurações que podem sofrer alterações no decorrer da evolução social por meio de conflitos que constituem o foco central em sua teoria sociológica. Elias (2008, p.191) afirma que: “A ascensão e queda de grupos dentro das configurações e as tensões e conflitos estruturais concomitantes, são centrais em todos os processos evolutivos”.

A partir da concepção de que as pessoas estão interligadas e se relacionam, como nos exemplos do jogo ou da dança, é possível refletir que estabelecem ações com outras pessoas, para as outras pessoas e entre as pessoas. São atravessadas também por diferenças, disputas de poder e pelos conflitos de interesses que consolidam os elos de interdependência. Constituem desta forma, noções a respeito das teorizações que são fundamentais para esse processo de reflexão.

Como visto, as tensões estão presentes no cotidiano das relações sociais. No entanto, ao refletir sobre os processos de interdependência, Elias compartilha conceitos de “equilíbrio”, contribuindo para tornar maleável a rigidez remetida aos conceitos de “tensão”, “disputa” e “conflito”.

Elias (2008) afirma que “conceitos de equilíbrio” são mais adequados quando se investigam as relações funcionais que os seres humanos interdependentes mantêm uns com os outros, do que os conceitos modelados em objetos imóveis. São categorias recorrentes nas análises sociais do autor. Estão estreitamente aproximadas, permitindo deslocar diversas oposições clássicas, herdadas da tradição filosófica ou sociológica (razão x

emoção, objetividade x subjetividade e individual x coletivo), como pode ser visto em Corcuff (2001).

Abre-se um parêntese para observar como Elias faz referência às relações funcionais e como trata o conceito de “função”. Diz que esse conceito dá um exemplo de múltiplas perspectivas, sendo atributo das relações humanas, onde os indivíduos e as instituições nunca desempenham funções exclusivas, ora tendo uma “função de eu”, ora uma “função de ele” (ELIAS, 2008).

Elias (1993) alerta que a partir da crescente divisão de funções na sociedade e na mesma medida em que se amplia e adensa a interdependência social, existente nas relações entre os indivíduos e também entre estratos funcionais, manifesta-se uma multiplicidade de interesses, que de modo simultâneo, são parcialmente iguais e parcialmente opostos. Além disso, cada uma dessas funções pode predominar de acordo com o modo de distribuição de poder e só existem quando correlacionadas às interdependências que constroem as pessoas, como elemento de coerção mútua.

Assim, no seu percurso teórico a aproximação entre relações funcionais e distribuição de poder, implementa correlação com as reflexões inerentes à “teoria da configuração”, ao mencionar que tal como o conceito de “poder”, o conceito de “função” deve ser compreendido como um conceito de relação (ELIAS, 2008).

Desta maneira, sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, de modo flutuante e elástico, o equilíbrio de poder está sempre presente onde haja uma interdependência funcional que desempenha uma pessoa em relação à outra ou um grupo em relação ao outro, no seio das configurações mutáveis. Mesmo que esse equilíbrio tenha sido extremamente desigual durante o processo de desenvolvimento das sociedades humanas, de acordo com circunstâncias pessoais e sociais, poderá ser estável ou instável, se movendo para adiante e para trás, ou primeiro para um lado e depois para o outro (ELIAS, 2008).

Nesta perspectiva, sinaliza que o equilíbrio de poder não se encontra unicamente nas grandes relações entre os Estados, mas também constitui um elemento integral de todas as relações humanas. Está presente tanto nas relações bipolares entre pai e filho ou de senhor e escravo, quanto nas relações onde estão envolvidas muitas pessoas. “O poder não é um amuleto que um indivíduo possui e outro não; é uma característica estrutural das relações humanas – de todas as relações humanas” (ELIAS, 2008, p.81). Desta forma, entende-se que o poder de uma pessoa pode ser aumentado ou diminuído pela alteração na

relação de dependência dessa pessoa com outras pessoas, permitindo tensões, mas também relações de equilíbrio que provocam mudanças nas relações de poder.

Assim, ao tomar por base o referencial teórico de Norbert Elias, compartilha-se que além das “interdependências funcionais”, também são encontrados outros conceitos como: “conflitos de interesses” e “ambivalência de interesses” (ELIAS, 1993), “disputas de poder” (ELIAS, 2000), “equilíbrio de poder” e “equilíbrio das tensões” (ELIAS, 2001, 2008). Contribuem no sentido de capturar a realidade da dinâmica das relações entre pessoas e grupos, que de maneira móvel transforma o contexto das configurações. No caso deste estudo, destacam-se esses conceitos, pois são importantes para análises das relações de interdependência expressadas por enfermeiras e enfermeiros a partir do tempo de trabalho no hospital, com foco para as questões de gênero.

2.2 - A construção social do tempo e os percursos até os dias contemporâneos

Compreensões a respeito da categoria “tempo” são fundamentais para a discussão que se prossegue a respeito das relações de gênero vivenciadas a partir da realização do trabalho no hospital, ou seja, no espaço da vida pública e privada. Para isso, prioriza-se inicialmente as teorizações do sociólogo Norbert Elias (1998a) a fim de entender o sentido que a categoria tempo será usada neste estudo. Essa é a intenção deste capítulo.

O tempo é um conceito complexo que está presente no campo de conhecimento de diversos saberes. De acordo com Elias (1998a, p.9), na Física encontra-se de modo marcante a figura de Newton como representante da concepção de “[...] que o tempo constitui um dado objetivo do mundo criado [...]”. Na Filosofia é possível identificar os exemplos de Santo Agostinho, fazendo referências à “eternidade do tempo”, e de Kant, que considerava o tempo como “representação subjetiva da consciência” e como parte da natureza humana. No entanto, é no campo das Ciências Sociais, demarcado por recursos de compreensão histórica e cultural, que o tempo adquire o entendimento que dialoga diretamente com o objeto delimitado nesta tese.

Segundo Elias (1998a), o “tempo” tornou-se a representação simbólica de uma vasta rede de relações, reunindo diversas sequências que relacionam posições situadas na sucessão dos eventos físicos, no movimento da sociedade e no curso de uma vida individual, a partir de interações aprendidas, construídas e/ou instituídas socialmente.

Deste modo, o controle do tempo é percebido não só através de alterações da natureza, mas também a partir da sucessão institucionalizada de ações que transcorrem de modo dirigido, organizando a vida cotidiana das pessoas a partir de convenções sociais. No âmbito dessas relações sociais é um mecanismo de regulação de “caráter coercitivo”, que vem mudando não só de maneira histórica e acidental, mas também estruturada e dirigida, o dia a dia das relações. Assim, é algo que se desenvolveu em relação a determinadas intenções dos homens, sendo um instrumento de orientação indispensável para realizar uma multiplicidade de tarefas variadas (ELIAS, 1998a).

Para compreender os símbolos que envolvem o conceito de tempo, há necessidade de um nível elevado de abstração, que vai sendo assimilado pela criança à medida que ela cresce numa sociedade (ELIAS, 1998a), tendo em vista que nos primeiros anos da vida não tem noção do controle do tempo pelo relógio e pelo calendário. Essa apreensão da noção do tempo vai se aprimorando à medida que os indivíduos vão assimilando os condicionantes que a sociedade utiliza para mensurar o tempo.

Conforme Souza (2007) a apreensão das construções temporais pelos seres humanos vai se realizando à medida que estes vão assimilando as formas sociais de mensuração temporal, a partir de institucionalizações vinculadas a determinações espaço-temporais, que as levam a se adequar ao tempo social. Em cada ciclo da vida ocorre um ajustamento progressivo que vai tornando possível aproximar a percepção das modificações que ocorrem na natureza, da noção simbólica que organiza a vida a partir da socialização vivenciada através de um controle coercitivo desenvolvido nas relações cotidianas.

No entanto, até chegar ao entendimento de que a categoria “tempo” sofre influência sócio-histórico-cultural em sua construção, perpassou múltiplos sentidos percebidos pela humanidade. As primeiras civilizações concebiam-na de maneira complexa, cuja história de *Chronos* considerada de caráter lendário, sinaliza o quanto a mitologia grega influenciou significativamente o desenvolvimento da determinação do tempo (ELIAS, 1998a).

O mesmo autor destaca que durante um tempo, as autoridades eclesiásticas e políticas dominaram o monopólio da determinação do tempo. Cabe considerar, neste contexto, a tentativa do Papa Gregório XIII, a partir de uma revisão do calendário de Júlio Cezar, de suprimir dias no ano de 1552, a fim de estabelecer um sistema de calendário em que o ano social não se desviasse demais, no correr dos séculos, do “ano natural”. E a

determinação de Carlos X, na França em 1566, que extingue as diferenças locais relativas ao começo e ao final do ano, convencionando o dia 1º de janeiro como início, em rompimento com a tradição que associava o começo do ano à Festa da Páscoa (ELIAS, 1998a).

Essas modificações estruturadas podem ser também compartilhadas a partir de apontamentos que são encontrados nos escritos detalhados por Edward Palmer Thompson (1998), no artigo “O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial”. Apresenta uma trajetória da medição do tempo de acordo com a forma de organização dos modos de produção de cada período nas sociedades, a partir de descrições sobre a disciplinarização da vida, do trabalho e do tempo. Inicialmente, aborda que entre os povos primitivos, a medição do tempo está comumente relacionada com os processos familiares de produção e se faz em relação à “duração” do ciclo do trabalho e das tarefas domésticas. Nesse momento, a organização ou a padronização do tempo social era realizada de modo predominante pelos ritmos naturais, como dia e noite, ritmos do mar, mudanças da lua e estações do ano. Diz que há um descaso pelo tempo do relógio em comunidades de pequenos agricultores e pescadores, cuja estrutura de mercado e administração é mínima. Nesse período, não se realizava uma separação nítida entre o tempo/espço de produção e o tempo de reprodução na vida das pessoas, havendo uma sobreposição entre as relações dos espaços público e privado; na maioria das vezes, o ambiente de produção era o domicílio. Na Idade Média, o tempo passa a sofrer influências do aspecto religioso a partir dos sinos das igrejas, e posteriormente com a revolução industrial, onde o controle do tempo é concretizado através das relações de trabalho, com o valor dos ritmos, relógios e calendários.

Nesse momento fez-se sentir com intensidade a necessidade de sincronizar as atividades humanas. Nas sociedades mais complexas, o conjunto de símbolos do calendário ou do relógio torna-se indispensável para observar a sequência irreversível dos acontecimentos e dos anos. E, ainda, a regulamentação das relações entre os homens, que serve de meio de orientação que auxilia a percepção de mudanças naturais e sociais, a partir de uma disciplina coercitiva (ELIAS, 1998a).

Também Giddens (2003) faz alusão ao tempo marcado pelo relógio, chamando a atenção para a questão de que esse controle não deve ser aceito simplesmente como uma dimensão indiscutível; deve ser considerado como uma influência socialmente

condicionada sobre a natureza das trajetórias de tempo-espço, percorridas por atores em sociedades modernas.

Essa característica de controle tornou o homem prisioneiro do próprio tempo, visto que atualmente torna-se improvável que alguma pessoa integrada numa sociedade (pós)industrializada, consiga organizar a vida cotidiana sem o auxílio de um relógio ou um calendário.

Lesnard (2004) ressalta que as ações realizadas pelas pessoas estão correlacionadas às expectativas sobre o que e quando os outros fazem ou deveriam fazer. Isso significa que o fluxo constante do ritmo coletivo, através de calendários e relógios, influencia a programação de atividades, ajudando os indivíduos a planejarem suas atividades. Esses recursos levam os indivíduos a se lembrarem permanentemente que estão ligados em outras pessoas.

Deste modo, autores como Thompson (1998) e Elias (1998a) também destacam que a mudança no senso do tempo, passa a sofrer influências com o advento do relógio e não mais a partir da natureza, afetando a disciplina do trabalho. Ainda torna-se permitido o entendimento de que a difusão dos relógios demonstra a importância de sincronizar o tempo no sistema capitalista. Além de determinar o seu valor monetário e os modos de produção, sob a égide de uma coerção que suscita o desenvolvimento de uma autodisciplina nos indivíduos, por meio de uma obediência a horários e convenções. Com o advento do capitalismo, o controle do tempo das pessoas passa a ser realizado em função da máquina. O sentido do tempo passa a ter uma conotação diferenciada, sendo interiorizado a partir de uma lógica disciplinada, produtiva e capaz de fomentar valor, através do domínio preciso de gestos e corpos. A partir desse período, ocorre uma relação direta entre controle do tempo, trabalho e produção.

Ao abordar a regulação temporal das sociedades, Giddens (2003) pondera que as origens da regulação temporal talvez se encontrem no repicar do sino do mosteiro, mas afirma ser na esfera do trabalho que sua influência se enraizou de tal maneira, que se propagou à sociedade como um todo.

Ainda de acordo com Dedecca, Ribeiro e Ishii (2009), a partir de uma análise histórica sobre a organização produtiva que se modifica a partir da Revolução Industrial, apontam características que contribuem por retratar modificações processuais ocorridas à época, delimitando uma separação entre os tempos de trabalho e de vida.

Mas, se por um lado o tempo passa a ser percebido como uma importância que deve ser controlada com meticulosidade, o cenário do trabalho também muda de perspectiva, já que o controle do tempo dedicado ao trabalho sai do ritmo natural e passa a ser submetido a um tempo rígido e mecânico, marcado pelo relógio e respectivas convenções a partir da determinação do tempo social, como descrito acima.

Com a expansão da indústria e do comércio, consolida-se um período de poder e riqueza, caracterizando uma “modernidade pesada”, “sólida” ou “rígida”, a era do *hardware*. Poderosas locomotivas e maquinários gigantescos representam conquistas de espaços que cercam fábricas, garantem fronteiras e controlam o tempo e a vida de maneira rígida, uniforme e inflexível. Estava consolidada a racionalidade cuja intenção era eternizar a relação entre o capital e o trabalho (BAUMAN, 2001).

Esse sistema de organização do trabalho, que emergiu sob influências de Frederick Wilmslow Taylor, era baseado na separação das funções de planejamento e de execução, na especialização de tarefas, na remuneração por desempenho e, sobretudo, no “controle de tempos” (PINTO, 2007; BOTELHO, 2008). Deste modo, ressaltava a importância de aumentar a produtividade baseada na racionalização da “produção em série num menor tempo”. Após a inserção de “relógios e cronômetros”, os homens se encontraram coagidos a realizarem qualquer trabalho em meio a uma preocupação com a delimitação do tempo.

Sennett (2006) faz alusão a um capitalismo militarizado cujo segredo estava na forma de estruturar o tempo de tal maneira que as pessoas formavam uma narrativa de vida e relações sociais no interior da instituição – a “jaula de ferro”.

Neste contexto, Dedecca (2004) reforça, quanto à existência de duas dimensões do tempo, relacionando o tempo para produção econômica como aquele destinado ao trabalho remunerado e ao deslocamento, e o tempo para reprodução familiar e social como sendo aquele que incorpora as atividades de organização domiciliar, o lazer e o sono.

No entanto, essa forma de controlar o tempo restrito no espaço do trabalho, vivida numa fase áurea pelo capitalismo durante os anos 60 e 70 do século passado (NETTO; BRAZ, 2006), num dado momento entra em crise. Harvey (2012) pontua que a profunda recessão de 1973 pôs em movimento um conjunto de processos que solaparam o compromisso fordista, consolidando entre a década de 70 e 80, um período de reestruturação econômica e de reajustamento social e político. Ou seja, surgem fenômenos da globalização e de mudanças no processo de produção, constituindo-se como estratégias do capital como forma de enfrentamento da atual crise (BEHRING; BOSCHETTI, 2006).

As reflexões sobre esses períodos de transformações, dentre elas a crise de superprodução taylorista-fordista como citada acima, antecedem eventos associados ao advento de um novo padrão de acumulação, que procurou substituir o modelo de produção controlado em série, por relações de produção mais flexíveis. Esse movimento econômico desencadeou consequências que foram incorporando-se processualmente na vida cotidiana.

Esse cenário gerado por crises econômicas deixa os processos de regulação fragilizados, desencadeando momentos de tensões que possibilitam horários atípicos de trabalho remunerado, tempos constrangidos entre os demais tempos relacionados à reprodução social na vida privada, além da diversidade de processos sobrepostos realizados pelas pessoas durante 24 horas do dia, nos 30 dias do mês e nos 365 dias do ano, que impossibilitam modificar a extensão do tempo (DEDECCA, 2008).

A partir de Harvey (2012) pode-se observar que essa acumulação flexível, em reação à situação de crise, possibilitou a modificação de processos de trabalho e implantação de novas tecnologias produtivas e pressões por parte de empregadores, fomentando cenários de terceirizações, de subcontratações, de trabalho temporário, e ainda a flexibilização dos tempos, espaços e direitos dos trabalhadores. Assim, chama atenção para o fato de que as mudanças no tempo e no espaço ocorrem de modo permanente, como por exemplo, a partir das relações sociais de classe e de gênero e ainda através da progressiva monetização dessas relações na vida social. Por exemplo, o jargão “tempo é dinheiro”, se tornou comum a partir da ideia de que a agilidade entre investir tempo no processo de produção faz circular lucros e consequentemente viabiliza retorno, que por sua vez afeta comportamentos individuais ou coletivos. Rapidamente esse movimento foi incorporado a partir de hábitos de consumo, uso desenfreado de tecnologias e possibilidades de encurtar tempos e espaços nas mais diversificadas configurações geográficas. Essa ideia de que o tempo se tornou dinheiro é encontrada em Bauman (2001), sendo identificada como uma ferramenta voltada principalmente a vencer a resistência do espaço, encurtar distâncias e superar limites.

Também menciona que a acumulação flexível permitiu uma aceleração do ritmo da inovação do produto e um aumento da competição no mercado. Além disso, envolveu um novo movimento de compressão do espaço-tempo no mundo capitalista, onde os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitam e se agilizam, enquanto a comunicação via satélite possibilita progressivamente a difusão imediata de decisões num espaço cada vez mais distante. De modo oportuno, afirma ainda que essa compressão do

espaço-tempo tem se apresentado como “[...] um impacto desorientado e disruptivo sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio do poder de classe, bem como sobre a vida social e cultural” (HARVEY, 2012, p.257).

Desse momento em diante, a relação entre tempo e espaço, antes estagnada e predeterminada, passa a ser caracterizada como processual, mutável e dinâmica. Encontrase instalado o capitalismo de *software* e a “modernidade leve”, “fluida” ou “líquida”, onde as formas organizacionais são mais soltas e, portanto, mais adequadas aos fluxos do novo, à fluidez do poder, às velocidades, mas também aos imediatismos. Nesse ínterim surgem uma irrelevância do espaço e uma aniquilação do tempo, onde o espaço pode ser atravessado, literalmente em “tempo nenhum”, isto é, todas as partes do espaço podem ser atingidas no mesmo período de tempo (BAUMAN, 2001).

Por sua vez, Giddens (2003, p.155) também aponta que: “Toda a vida social ocorre em – e é constituída por – intersecções de presença e ausência no ‘escoamento’ do tempo e na ‘transformação gradual’ do espaço”.

Assim sendo, as pessoas passam a se relacionar com um tempo e um espaço que se encontram entrelaçados, onde as atividades consomem tempos que são “gastos” em espaços interdependentes. A noção de espaço e tempo tem sido alterada. As distâncias parecem encurtadas e os deslocamentos constantes marcam os comportamentos contemporâneos (BAUMAN, 2007). Esse ir e vir são delimitados pela realização de ações sobrepostas e por longos deslocamentos e inúmeras viagens. Hoje a *internet* possibilita ter conhecimento dos fatos ocorridos no mundo ao mesmo tempo em que estão ocorrendo. A utilização, por exemplo, de computadores e telefones celulares modernizam os espaços da vida diária, permitindo possibilidades de deslocamento impensadas anteriormente e solução de problemas que estão ocorrendo em espaços físicos diferentes. Por exemplo, intercorrências com filhos podem ser acompanhadas via contatos celulares ou câmeras instaladas nas instituições, que podem ser acessadas em tempo integral por pais e mães que encontram-se no espaço do trabalho remunerado ou em outros espaços da vida privada. Realizam atividades domésticas, podendo ser acionados, por exemplo, por empresas que vendem serviços ou oferecem incentivos para o consumo a partir de ofertas de créditos, ou ainda pelas instituições de trabalho remunerado, a fim de resolverem conflitos ou situações-problema relacionados ao âmbito privado. E ainda, tanto as mulheres quanto os homens necessitam encontrar disponibilidade de tempo para o autocuidado, lazer, descanso e sono.

A vida está acontecendo num momento em que os recursos tecnológicos estão evoluindo num piscar de olhos e a vida útil desses produtos sofrendo mudanças efêmeras e passageiras. Num breve espaço de tempo, não ultrapassando duas décadas, pode-se ver a transição de recursos tecnológicos como: disquetes, que evoluíram para discos compactos de músicas e posteriormente para *pen drives*; e *bips* (central de envio de mensagens), para celulares (com um ou mais *chips*) e mais recentemente para os *smartphones* e *ipods*. Esses últimos objetos têm sido utilizados como prêmios vinculados às “merecidas promoções”, por empresas que julgam ser importante conferir uma conectividade plena e gerência ininterrupta de ações individuais. Desta forma, aumentam-se as atribuições e responsabilidades dos trabalhadores. E ao invés do avanço tecnológico ocorrer para facilitar a comunicação e agilizar tomadas de decisões, acontece em muitas situações possibilidades para escravizar as pessoas, diminuindo a sociabilidade e aumentando a sobrecarga de trabalho, a sobreposição de ações e os usos do tempo de modo constrangido.

O desenvolvimento tecnológico permitiu reduzir as horas de presença nas instituições de trabalho, deslocando o local do mesmo para onde seja mais conveniente para quem o execute, dispensando a vigilância de “contramestres” e também a rigidez e a imobilidade dos espaços. Assim, a sociedade está sendo chamada a inventar novos modos de organizar o trabalho, oportunizando outra leitura das relações vida privada/vida profissional (OLIVEIRA, 2003).

Esse modo de relações de trabalho extrapola as paredes das empresas/instituições, ocupando um domínio da vida individual dos(as) trabalhadores(as), mobilizando-os(as) a fim de que permaneçam *full time* à disposição das instituições. Torna-se impossível separar os espaços de produção e reprodução, caracterizados pelo predomínio da realização de várias atividades ao mesmo tempo. As empresas/instituições criam formas de competir e sobreviver às crises econômicas, a partir do envolvimento constante do trabalhador, que sofre nas tensões da vida diária as repercussões desse processo.

Cada vez mais, numa perspectiva de aceleração, a urgência do tempo perpassa a vida cotidiana. Como destaca Sennett (2006), numa instituição acelerada a pressão para obter resultados rápidos é demasiadamente intensa, gerando angústia relacionada ao tempo que leva as pessoas a deslizarem na superfície, em vez de mergulhar.

Pois a velocidade presente nas formas de produção e nas relações sociais atuais, além da sensação de falta de tempo para o descanso e lazer, e a tentativa de controle do tempo futuro, gera possibilidade de conflitos e tensões. Desta maneira, tanto mulheres

quanto homens, que são incentivados a dar conta de inúmeras questões no dia a dia contemporâneo, na mesma quantidade de tempo anterior, referem de alguma forma experiências que se tensionam. Visto que se torna difícil realizar todas as demandas concomitantes de trabalho remunerado e atividades correlacionadas à família. Sendo assim, são expressados sentimentos de incompetências e frustrações, tanto pela frequente presença de situações de permeabilidade entre as esferas público-privada, quanto pela falta de tempo para realização de atividades simultâneas, tornando-se nítida a sensação de que seria imprescindível que o dia tivesse mais do que 24 horas.

Sendo assim, Oliveira (2003) sugere a necessidade de uma “reengenharia do tempo” como condição necessária à sobrevivência social e psíquica das mulheres, ao equilíbrio das famílias, à equidade de gênero e à melhor qualidade de vida da sociedade.

Essa necessidade de que as experiências cotidianas sejam realizadas com maior agilidade, adaptação às circunstâncias variáveis e capacidade para ceder às pressões, leva as pessoas a cada vez mais serem expostas e estarem predispostas a organizar suas vidas como o personagem Rico no livro “A corrosão do caráter” de Sennett (2009). Esta figura notável é descrita pelo autor como aquele indivíduo integrado num sistema que ataca as formas rígidas de burocracia e os males da rotina cega, além de estar aberto a mudanças em curto prazo e pronto para assumir riscos. Desta forma, tendências associadas à “modernidade leve”, intitulada por Bauman (2001) e de igual modo, ao “flexitempo” incorporado pelo “contemporâneo Rico” descrito por Sennett, se remetem às concepções de maleabilidade, sobreposições de acontecimentos, situações de invasão entre esferas da vida e compressão de tempos e espaços. São experiências exteriorizadas de modo diferente por homens e mulheres na sociedade, além de se contraporem ao sentido de rigidez destacado na “modernidade pesada” (BAUMAN, 2001).

A este respeito, cabe destacar a abordagem sobre os usos do tempo, que segundo a maneira como as pessoas “planejam” e “distribuem” seus tempos revelam-se os valores socioculturais e econômicos de um determinado grupo, como observa Alexander Szalai (1972). É nesse contexto que se insere a investigação precursora de caráter multinacional realizada por este autor, caracterizando um tipo de investigação inicialmente denominada “estudos de orçamento-tempo” (SZALAI, 1972). No Brasil, Neuma Aguiar é considerada pioneira na aplicação da metodologia de Usos do Tempo, ao realizar uma pesquisa no município de Belo Horizonte denominada, “Múltiplas temporalidades de referência:

análise dos Usos do Tempo entre grupos domésticos na população de Belo Horizonte” (SOUZA, 2007; CYRINO, 2010; NEUBERT, 2011).

A análise do uso do tempo tem sido reconhecida como relevante na formulação de políticas sociais (GERSHUNY; SULLIVAN, 2003). No Brasil, esse reconhecimento se expressa através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que desde 2001 tem captado informações sobre o tempo dedicado às tarefas domésticas. De fato, informações sobre os usos do tempo têm subsidiado discussões voltadas para questões de gênero como discutem Gershuny e Sullivan (2003). No contexto brasileiro, Dedecca (2004) e Aguiar (2001) têm revelado a potência desta abordagem, em especial no que concerne às relações entre o tempo voltado para o trabalho remunerado e as atividades domésticas.

Como observa Souza (2007):

Se levarmos em consideração apenas a sociedade ocidental contemporânea podemos chegar a outras conclusões acerca do tempo e afirmar que várias alternativas de abrangências para cada tipo social diferente são apresentadas. Homens e mulheres – adultos, jovens, idosos ou crianças –, não apresentam as mesmas concepções de temporalidade. A diversidade humana traz em seu interior um sentido diversificado no processo cotidiano. Quanto ao problema do gênero, por exemplo, há o peso social e cultural que determina a diversidade de concepções da temporalidade. O “tempo feminino” e o “tempo masculino” se confrontam em diferentes realidades. (SOUZA, 2007, p.67).

Entende-se que essas concepções diferenciadas de temporalidade podem ser exemplificadas a partir de estudos, como: Doimo, Derntl e Lago (2008), que reflete sobre o uso do tempo por mulheres idosas; Doimo, Lago e Cavalcanti (2008), estudando o uso do tempo de estudantes de educação física; Sarriera et al., (2007) e Carvalho e Machado (2006), comparando o uso do tempo de crianças a partir da classe social e do gênero; Gutiérrez (2008), destacando o uso do tempo entre adolescentes; Rotenberg et al., (2001), analisando os usos do tempo no trabalho noturno com destaque para as questões de gênero; e Aguiar (2001), analisando as múltiplas temporalidades de homens e mulheres que se apresentam distintas nas relações que ocorrem a partir de ritmos e eventos⁴ entre os espaços público e privado na vida cotidiana.

Essas diferentes formas de se relacionar com o tempo permitem reflexões sobre atitudes e valores que envolvem orientações individuais influenciadas culturalmente, que podem sinalizar diferentes abordagens quanto às temporalidades de mulheres e homens.

⁴ O conceito “evento” foi utilizado por Aguiar (2001) para analisar usos do tempo, ocorrências de qualquer espécie, períodos ou acontecimentos que demarcam as atividades que podem se sobrepor e se interrelacionar quando analisa-se a estruturação da vida cotidiana.

Neste contexto, cabe destacar outro aspecto das relações com o tempo, qual seja, o grau de simultaneidade das ações, expresso através da chamada “monocronia” ou da “policromia” (HALL, 1996).

De acordo com esse enfoque, as pessoas que se concentram inteiramente em uma tarefa, fazendo uma coisa de cada vez, e que são favoráveis à separação entre tempo de trabalho e não trabalho ou tempo livre, referindo usos dos tempos em estações estáticas, se aproximam da abordagem “monócrona” ou “monocromática”. E quanto às pessoas que sinalizam tendências de se envolverem ativamente em duas ou mais atividades simultâneas, de haver misturas de atribuições diversas (trabalho, a vida privada ou lazer), de acumular funções com destaque para as mulheres e de transgredir os horários, encontram-se associadas à abordagem “polícrona” ou “policrônica” (BLUERDORN; KAUFMAN; LANE, 1992; HALL, 1994, 1996; ARAÚJO, 2008).

Assim sendo, entre uma abordagem e outra, existem graus intermediários que vão daqueles(as) extremamente monócronos e aqueles(as) que são muito polícronos (BLUERDORN; KAUFMAN; LANE, 1992; HALL, 1996; ARAÚJO, 2008).

Analisar a categoria “tempo” torna possível o encontro de um caminho reflexivo onde podem conviver noções entre o abstrato ou concreto, único ou múltiplo, infinito ou contínuo e regular. Segundo Gutiérrez (2008):

[...] o estudo do tempo põe em foco algumas das dicotomias básicas no campo das ciências sociais: natureza/cultura, universal/particular, indivíduo/sociedade, tradicional/moderno. Objetivo ou subjetivo, preciso como um relógio digital ou instável como o fluxo de consciência, o tempo é, apesar de sua aparente intangibilidade, um elemento crucial na organização das sociedades e na constituição da identidade das pessoas, uma dimensão imbricada em todos os aspectos da prática social.

Além da existência de tempos cíclicos, ou seja, da infância, da adolescência, do trabalho e da velhice, como visto anteriormente nesse capítulo, existem também referências quanto aos tempos subjetivo e objetivo, que podem conviver de modo interdependente. Conforme Ferreira e Arco-Verde (2001), ao buscar compreender o tempo, observa-se uma crescente noção de dualidade temporal, cuja divisão conceitual indica o ritmo e a contagem do tempo que guia o mundo em dias, horas e minutos, como aquele que se inicia sob o domínio objetivo de *Chronos*. E aquele tempo que pode ser indicado de modo subjetivo como o tempo vivido pelos homens, nem sempre coincidente com o tempo cronológico, que pode ser representado por *Kairós*.

Esses mesmos autores (2001) ainda fazem menção às noções de tempo individuais e institucionais. No caso deste estudo, o tempo institucional se remete ao tempo de trabalho

no hospital. Conforme analisado por Roth (1963) e Zerubavel (1979), predomina-se ainda, gerando um controle de horários (principalmente em setores de internação), rotinas padronizadas e turnos fixos na vida dos pacientes, que se estendem aos turnos ininterruptos realizados pelos profissionais. E como consequências para esses últimos, sobressaem jornadas extensas, tempos atípicos, sobrepostos, estrangidos e cotidianos acelerados. E o tempo individual, a situações que se remetem às questões subjetivas como percepção ou sensação de tensões, de falta de tempo, de sobrecargas e de insatisfações.

A convivência entre tempos institucionais e individuais possibilita refletir sobre correlações entre o tempo cronometrado e o tempo sentido. Ao considerar essa relação entre o tempo institucionalizado pelo trabalho no hospital e o tempo interiorizado pelo profissional, torna-se interessante se reportar à noção de “tempo-devir” elaborada por Zarifian (2002). Ao mencionar a existência do tempo quantitativo materializado pelo relógio, permite aproximação que se manifesta com disciplina e regulação de atos e controle do tempo. E quanto ao “tempo-devir”, expressado pela experiência qualitativa de se relacionar com o tempo, possibilita correlações com o tempo subjetivo.

Como a noção de tempo perpassa aspectos quantitativos e qualitativos, a concepção ressaltada por Zarifian (2002) de que o “tempo-devir é simultaneamente objetivo e subjetivo”, faz com que sejam também enfatizadas percepções que se remetem aos valores, significados e sentidos. Assim, além do fator coercitivo, que a construção social do tempo impõe condicionantes uniformizando várias relações cotidianas, existem diferenças nas formas de perceber e se relacionar com essas imposições a partir do caráter subjetivo.

Tendo em vista que a organização temporal do trabalho no hospital, além de ser representada por trabalho que sobrecarrega os profissionais e normas rígidas que regulam seus tempos, se procede por meio de ritmos intensos, jornadas e horários extensos, incomuns e ininterruptos, influenciando o surgimento de tensões, conflitos e negociações, que afetam diretamente as relações de interdependências existentes na interface público-privada e os modos de vida dos profissionais.

Todavia, o modo de se relacionar com esses fatores procede de forma diferente para cada profissional. Vide a existência de uns trabalhadores que apresentam tendências em atrelar a maneira de levar a vida às concepções de inflexibilidades e outros que permitem uma relação com o tempo de modo mais flexível. Como por exemplo, identifica-se o caso de enfermeiros(as) que desempenham funções associadas à gerência, cujas experiências permitem levar demandas da equipe para o âmbito privado, extrapolando as paredes

institucionais. E outros(as) ainda que se veem mesclando posicionamentos entre maleabilidade e rigidez.

Nesse estudo são focalizados conflitos de interesses e relações de poder, expressados por enfermeiras e enfermeiros ao se relacionarem com o próprio tempo, a partir do tempo de trabalho realizado no hospital. Desta maneira, fica confirmado o quanto o entendimento da categoria “tempo”, a partir da concepção de construção social e cultural, apresenta-se imprescindível para analisar o caminho percorrido entre as inquietações iniciais, a delimitação do objeto de estudo e os resultados apresentados durante o processo de interrupção momentânea dessa investigação.

2.3 - Relações de gênero: tensões a partir da divisão sexual do trabalho de enfermeiras e enfermeiros

Para início das reflexões sobre as relações entre os sexos a partir do âmbito do trabalho foram realizadas aproximações com os escritos de Norbert Elias (1987), por meio do artigo *“The Changing Balance of Power Between the Sexes”*, que através de um percurso histórico analisa algumas mudanças que foram diluindo fronteiras entre homens e mulheres. Tomando-se por base o exemplo da Roma Antiga, fica caracterizado o quanto as mulheres da época eram consideradas inaptas para participar da vida pública e de assuntos militares ou do Estado, e mediante tal posição eram renegadas socialmente. Ao ponto de não possuírem propriedade material, nem auto-governo; eram um tipo de posse dos homens, visto que não podiam se casar, nem mesmo divorciar por conta própria.

Num contexto mais adiante, Thompson (1998) também focaliza questões de interesse para reflexões desse capítulo, sobre as relações entre as atividades realizadas por homens e mulheres. Através de descrições sobre a disciplinarização da vida, do trabalho e do tempo, aponta modificações que foram ocorrendo nos modos de produção da vida material das pessoas, entre as configurações do trabalho remunerado e da vida em família. Apresenta uma trajetória da medição do tempo de acordo com a forma de organização dos modos de produção de cada período nas sociedades, destacando situações que se remetem ao trabalho feminino. A partir do registro de um poema escrito em 1739 por Mary Collier (uma mulher trabalhadora), ela diz que na economia rural da época, o trabalho realizado pela mulher era mais “árduo e prolongado”. O tempo era ocupado entre o cuidado com as crianças, a realização de atividades domésticas e a labuta que se dava no campo. Parte do

trabalho realizado na agricultura, mesmo que fosse considerado como ajuda ao homem, era efetivado por mulheres, caracterizando assim, a existência da múltipla jornada.

Gradativamente, foi ocorrendo o deslocamento do uso da força de trabalho do campo para o interior das indústrias, separando os espaços públicos dos privados, além de modificar questões relacionadas às legislações trabalhistas que afetaram de modo diferente homens e mulheres. A partir do processo de industrialização e da utilização da energia elétrica ocorre o prolongamento do trabalho até o período noturno. Até então, a presença feminina tinha sido proibida formalmente. Após a retirada da interdição legal, o trabalho noturno também passa a ser realizado pelas mulheres, possibilitando inserções em espaços que antes não eram ocupados pelas mesmas (DAL ROSSO, 1996).

De modo crescente, a organização do tempo social se ajustou ao tempo da produção do capital, cujo controle ocorreu de modo diferenciado entre os sexos. Sendo que as mulheres conviveram e convivem ainda hoje com situações complicadas referentes à realização de múltiplas atividades e jornadas de trabalho (MADALLOZZO; MARTINS; SHIRATORI, 2010).

Com a entrada progressiva da mulher no mercado de trabalho nos anos de 1970 do século passado, acompanhado pela reivindicação por igualdade de direitos e oportunidades, sobressaíram as indagações sobre as disparidades entre as atividades masculinas e as femininas realizadas na sociedade. Surgem profundas alterações repercutindo na família e no trabalho remunerado, que não foram incorporadas da mesma forma por homens e mulheres. Mesmo havendo mudanças nas posturas dos homens quanto à participação da vida em família, as mulheres prosseguem realizando acúmulo de funções a partir de várias jornadas de trabalho, numa complexa rede de articulações que gera dificuldades e conflitos entre a produção do mercado e as decisões pessoais e familiares (PERUCHI; BEIRÃO, 2007).

Hirata (2004) alerta que as transformações ocorridas nos últimos trinta anos na atividade profissional das mulheres não foram acompanhadas, no âmbito doméstico, por mudanças notáveis na repartição do trabalho doméstico entre os sexos, fazendo-o perdurar a partir da “servidão voluntária” e do consentimento feminino à dominação masculina; numa lógica de disponibilidade permanente das mulheres aos cônjuges e filhos.

Mesmo que a participação dos homens no trabalho doméstico tenha aumentado nos últimos anos, ainda continua uma forte presença da mulher associada ao trabalho doméstico na sociedade atual. Vale refletir como tem se dado a contrapartida masculina

nesse processo de permanência dos homens no meio público da produção econômica e a não realização equivalente de atividades no domicílio, perpetuando desigualdades entre o valor dos trabalhos de ambos (MARCONDES et al., 2003; ROTENBERG et al., 2001). Assim, permanece uma divisão desigual, onde os homens gastam menos tempo com o trabalho não remunerado do que as mulheres. Essa desigualdade pode ser observada tanto em estudos realizados no âmbito nacional quanto no internacional (CYRINO, 2010; MADALLOZZO; MARTINS; SHIRATORI, 2010; SOARES; SABÓIA, 2007; PROVONOST, 2007; DEDING; LAUSTEN, 2006; BONKE; GUPTA; SMITH, 2003).

Amâncio (2007) refere que continuam a existir tarefas marcadamente femininas e tarefas marcadamente masculinas e essa diferenciação de gênero atravessa diferentes culturas, apresentando resistências às mudanças. Sendo assim, a entrada das mulheres no mercado de trabalho, mesmo provocando a redução do trabalho doméstico para estas, não resultou em aumento da participação dos homens, mas sim na necessidade de utilizar o trabalho de outras pessoas (pagas ou não pagas).

Então, pode-se observar que mesmo criando novas oportunidades para as mulheres na vida pública e mesmo levando-se em consideração o pagamento de serviços domésticos (na maioria das vezes para outras mulheres), grande parte das responsabilidades com a família permanece sob a gerência das mulheres que se inseriram no mercado de trabalho, caracterizando sobreposição de funções. Deste modo, como os homens não correspondem da mesma forma, inserindo-se na vida privada, prossegue uma divisão sexual do trabalho com um forte viés de gênero (SORJ; FONTES; MACHADO, 2007).

DEDECCA; RIBEIRO; ISHII (2009) chamam a atenção para o fato de que na família, as mulheres se ocupam das atividades domésticas, o que limita sua participação no mercado de trabalho. Usam seu tempo de modo sobreposto, imerso em dificuldades e sobrecargas de funções que se conflitam entre os ponteiros dos relógios e o cumprimento das exigências sociais. Thompson (1998) alerta que desde o século XIX, o ritmo de trabalho feminino em casa e também fora do domicílio não se afinava totalmente com a medição do relógio. Assim, foram se efetivando movimentos de divisão das funções e papéis específicos para homens e mulheres em suas relações sociais, demonstrando a existência contínua de uma divisão desproporcional de funções estereotipadas.

Isto é, os homens dominam o espaço público e a área de poder, ratificando o lugar de provedor da renda e o exercício de uma profissão na vida pública. Enquanto as mulheres ficam reservadas às responsabilidades domésticas e de reprodução no âmbito privado.

Sendo o enfoque da racionalidade científica do trabalho atrelado à dominação de uma “masculinidade hegemônica”.⁵ Assim, os ambientes externos da casa foram vinculados às atividades de produção, onde o comando foi legitimado pelo homem a partir da autonomia, do oficial, da brevidade e do descontínuo. Já as relações domésticas atrelaram as mulheres aos espaços de bens simbólicos (serviços sociais, hospitalares e educativos) e da introjeção reforçada por hábitos que se configuram monótonos, contínuos, sensíveis e invisíveis (BOURDIEU, 2002; HIRATA; KERGOAT, 2007; MIRANDA, 2006; ECCEL, 2009).

Essa divisão tem demarcado lugares simbólicos específicos para homens e mulheres, que se consolidam nos processos de socialização, envolvendo principalmente educação formal e instituição religiosa. Esse processo que se inicia na família e continua com a educação escolar, delimita espaços de influências nas relações sociais que podem fomentar processos de igualdade ou instigar a manutenção de disparidades quanto aos usos do tempo e a realização do trabalho (BOURDIEU, 2002; HIRATA; KERGOAT, 2007).

Segundo Bonke (2010), mesmo que seja em proporções menores nos países desenvolvidos, meninas e jovens do sexo feminino participam mais do trabalho doméstico do que meninos e adolescentes do sexo masculino, confirmando desigualdades de gênero.

Os valores socioculturais exercem grande influência no modo como homens e mulheres se relacionam e dividem as atividades referentes ao trabalho remunerado e aquelas realizadas no dia a dia. As mulheres, por meio de uma “coerção naturalizada”, envolvem-se com a “reprodução social” e as demandas da vida privada e de modo sobreposto com o trabalho remunerado. Esta aproximação pelo âmbito privado, internalizada como ideal de muitas mulheres, recai sobre os ombros femininos numa aceitação para sua “condição”. Já os homens tendem a investir mais no trabalho remunerado, que alavanca a produção e influencia a vida pública, do que na esfera privada.

Os sentidos tradicionais presentes nas relações entre homens e mulheres são recorrentes na construção de identidades e imagens, que através do desempenho de funções e papéis de gênero, são identificados de modo polarizado. A partir de aspectos biológicos naturalizados em oposições binárias, as experiências cotidianas são hierarquizadas e valorizadas como masculinas ou femininas. Essas relações assimétricas de gênero, ao

⁵ Os estudos de gênero apontam para uma pluralidade de masculinidades que sinalizam referências a uma hierarquia de poder, fazendo com que algumas se tornem hegemônicas e atuem como parâmetros em determinado tempo e sociedade (Gomes, 2008). Caso seja oportuno aprofundar conhecimentos sobre essas questões, fica o convite à imprescindível leitura do livro “A dominação masculina” (BOURDIEU, 2002).

serem vistas sob as lentes “bourdieudianas” e “foucaultianas”⁶, se assim é possível dizer, também interferem nas relações de sexo e na configuração de interdependência existentes no cotidiano da família.

Por meio de um trocadilho, Bourdieu (2002) ressalta que a socialização diferencial entre homens e mulheres faz com que “os homens estejam predispostos a amar os jogos de poder e as mulheres a amar os homens que os jogam”. Pode-se entender que nesses “jogos sociais” raramente as mulheres estão suficientemente livres da total dependência com relação aos homens. De modo condescendente, as mulheres são preparadas pelo processo de educação para entrar no “jogo por procuração”. Ou seja, em uma posição exterior e subordinada, elas participam dos jogos de poder por intermédio dos homens.

Assim, mulheres e homens vivenciaram conjuntamente movimentos que foram delimitando espaços específicos de predomínio masculino ou feminino, separando e hierarquizando os tempos a partir do trabalho como categoria estruturante presente na relação entre vida pública e privada. Essa forma tradicional de pensar, tanto contribuiu por dificultar a aproximação da mulher dos espaços de poder, quanto por coibir o homem de valorizar elementos como sensibilidade, afeto, fragilidade, solidariedade e altruísmo. Desta forma, ao longo dos tempos, os homens foram silenciados pela força física e domínio de poder instituído pelo padrão masculino hegemônico e as mulheres pelo passivo consentimento de aceitar as condições da “dominação masculina” (BOURDIEU, 2002).

Entretanto, segundo Cappellin (2004), “feminino” e “masculino” não são inscritos somente nas características da natureza biológica, mas provém das experiências que sabem conectar fatos e símbolos num movimento contínuo de construção sociocultural. Surgem complexidades que remetem alterações nas relações de gênero, que podem perpetuar ou minimizar desigualdades. Mesmo que a vida pública e a privada estejam perpassadas por distanciamentos, em muitos momentos essas facetas se interpenetram, quer seja através de tensões, quer seja a partir de conciliações ou negociações entre os sexos.

Deste modo, o uso do “conceito de gênero” conforme compartilhado a seguir, contribui para evitar o prosseguimento equivocado de generalizações a respeito das oposições entre homens e mulheres. Deve ser entendido como um conceito que ignora o reducionismo da explicação biológica das diferenças, e passa a percebê-las como produto de uma construção social e cultural, imbricadas, sobretudo, nas relações de poder.

⁶ Pierre Bourdieu, através do livro “A dominação masculina” (2002) e Michel Foucault, com “A microfísica do poder” (2011) contribuem com elementos importantes para os estudos de gênero.

O pensamento que embasa as discussões relacionadas ao “gênero” nasceu com o movimento feminista e de mulheres, tendo uma trajetória que acompanha lutas por igualdade, respeito, direitos civis e humanos. Segundo Louro (1996) o conceito de gênero começou a ser utilizado por estudiosas(os) feministas no contexto anglo-saxão, pouco antes da década de 1980 e entrou no Brasil, competindo espaço com os estudos “da mulher”.

Ao longo dos anos, o conceito “gênero”, que surge do interior da “categoria mulheres”, passa a ser utilizado sob inspiração de Joan Wallach Scott, através do texto “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, publicado no Brasil em 1990; permitindo que as pesquisadoras e os pesquisadores focalizassem as relações de poder, não só entre homens e mulheres, mas também entre homens e entre mulheres (PEDRO, 2005).

Visto que a categoria “gênero” apresenta, com o decorrer dos anos, variedades de uso e entendimento⁷, encontram-se aproximações de interesse nas referências elaboradas por Joan Scott (1990, 1998), como: “organização social dos sexos”, “relações sociais entre os sexos”, “maneira de indicar as construções sociais sobre os papéis de homens e mulheres”, “processo social que se opõe às relações binárias”, “modo de significar as relações de poder”, “dimensão decisiva da organização da igualdade e desigualdade”, “organização social da diferença sexual”; referindo-se não somente às ideias, mas também às instituições, estruturas, práticas cotidianas, rituais e a tudo aquilo que diz respeito às relações sociais.

Assim, a construção da identidade de gênero se dá por meio das relações sociais, a partir da linguagem que designa o sistema de significação e ordem simbólica, nas quais são percebidas tanto as manifestações biológicas e intelectuais, quanto as emocionais, culturais, políticas e históricas (SCOTT, 1990).

Por sua vez, Louro (1996) destaca que o conceito gênero não pretende significar o mesmo que sexo, ou seja, enquanto sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa, gênero está ligado à sua construção social como sujeito masculino ou feminino.

Deste modo, as relações de gênero devem ser entendidas a partir de uma visão ampla, que abrange as múltiplas relações sociais, discursos, símbolos e signos, se tratando de uma modelagem social não necessariamente referida ao sexo (SAFFIOTI, 2001).

⁷ Conforme Pedro (2005), é possível observar Robert Stoller valorizar a identidade de gênero em contraponto às características anatômicas, fora dos aspectos culturais e históricos; e autoras como Simone de Beauvoir, Joan Scott e Linda Nicholson fazerem referências ao gênero incluindo o sexo biológico, mas também investido de valores e atributos culturais, cujo aspecto relacional de poder perpassa reivindicação de direitos políticos e econômicos.

Através de Padilha, Vagheti e Brodersen (2006) pode-se destacar que o conceito de gênero passa pela cultura social de papéis sexuais, estabelecendo como devem ocorrer as relações “homem-mulher”, “homem-homem”, “mulher-mulher” e não necessariamente apenas a relação “homem-mulher”, como a maioria dos estudos coloca.

Esses elementos tanto instituem como são instituídos pelas respectivas relações, resultando em posicionamentos que formam uma complexa rede de interações e reações, que se articulam através de relações de poder e resistências entre as pessoas, conforme a visão de grupos sociais que exteriorizam intenções e ações diferenciadas em espaços de disputas, tensões e interdependências.

Ao estar de acordo com esses posicionamentos teóricos que foram utilizadas até então para discutir as questões que envolvem a categoria gênero, faz-se imprescindível tomar posição contrária às correntes que apostam nas irredutíveis “oposições binárias entre os sexos”, para explicar os encontros entre as relações de gênero e os usos do tempo a partir do trabalho.

Desta maneira, é importante ressaltar que na sociedade contemporânea, o movimento feminista e os estudos de gênero têm contribuído com reflexões que questionam a rigidez dos padrões construídos historicamente para homens e mulheres, além de captar as possibilidades de indagar sobre as diferenças existentes nas relações cotidianas, que também refletem no trabalho, a partir da divisão sexual e dos usos do tempo (BRUSCHINI, 2007, 2006; HIRATA; KERGOAT, 2008, 2007; HIRATA, 2002a; ROTENBERG, 2001; AGUIAR, 2001; BRITO, 1999).

Assim, a organização do trabalho é caracterizada não só pela divisão social das tarefas como também pela divisão dos sexos. Através da divisão das tarefas se controlam o tempo, os processos, os modos de execução, as fragmentações das atividades e os ritmos. A partir daí, surgem historicamente os comandos, as responsabilidades, as hierarquias e as relações de poder, caracterizando-se, então, uma divisão social e sexual do trabalho.

Como um bom exemplo que ilustra esses apontamentos, a profissão de enfermeiras e (atualmente) de enfermeiros vivenciou de modo específico, um processo de consolidação que se relaciona à divisão social e sexual do trabalho, influenciando as relações de gênero conforme os interesses ideológicos, políticos e econômicos de cada época. Quanto à divisão social, pode-se observar a estratificação hierárquica que se origina historicamente com a formação, voltada para o sexo feminino, de “*lady-nurses*” que eram preparadas para o ensino e supervisão de pessoal e as “*nurses*” que eram destinadas ao cuidado direto com

o paciente (FORMIGA; GERMANO, 2005). Quanto à divisão sexual, pode-se identificar ao longo dos anos uma inserção desproporcional entre homens e mulheres⁸, que segundo Lopes (1996) enquadra esta categoria como uma “profissão no feminino”, portanto, centrada no quadro da divisão sexual do trabalho e tendo como pano de fundo as relações sociais de sexo.

Com relação a essa divisão, encontra-se, de modo específico e atreladas às discussões referentes ao conceito de “gênero”, reflexões importantes correlacionadas ao conceito de “divisão sexual do trabalho”. Fazem alusão às discussões inerentes às desigualdades de gênero no âmbito do trabalho, que são imprescindíveis para as reflexões tratadas nesse capítulo. Conforme Hirata e Kergoat (2003, 2008), a divisão do trabalho entre homens e mulheres como teoria e problemática de pesquisa sociológica emergiu no campo das Ciências Sociais nos anos 1970. Por um lado, fazendo referência à ideia de “repartição do trabalho”, presumindo complementaridade e conciliação dos papéis. E por outro, à ideia de “relações sociais antagônicas entre os sexos”, chamando a atenção para a necessidade de conceitualização dessa relação social recorrente entre o grupo de homens e o de mulheres.

Hirata (2002b) destaca que a divisão sexual do trabalho faz parte do campo de pesquisas sobre o “gênero” ou sobre as “relações sociais entre homens e mulheres”.

Segundo Hirata e Kergoat (2007, 2008), a partir da “divisão sexual do trabalho” é possível estudar a distribuição diferencial de homens e mulheres nos ofícios, profissões e mercados e as respectivas variações no tempo e no espaço dessa distribuição. Analisa como essa distribuição se associa à divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos. Além disso, procura mostrar que essas desigualdades são sistemáticas e busca refletir sobre esses processos de diferenciação utilizados pela sociedade para hierarquizar as atividades e os sexos, criando um sistema de gênero. Ou seja, além da identificação das desigualdades, a categoria “divisão sexual do trabalho” contribui para compreender a natureza que dá origem a essas desigualdades.

Deste modo, a divisão do trabalho doméstico entre os homens e as mulheres é em primeiro lugar a imputação aos homens do trabalho produtivo e a dispensa do trabalho doméstico; e a atribuição do doméstico às mulheres, mesmo que cada vez mais essas entrem e se mantenham no mercado de trabalho (HIRATA; KERGOAT, 2003).

⁸ Caso seja de interesse sugere-se leitura a partir de Pereira (2011).

Segundo Bourdieu (2002), a divisão sexual está inscrita, por um lado, na divisão de atividades produtivas a que associamos a ideia de trabalho e mais amplamente, na divisão do trabalho de manutenção do capital social e simbólico, que atribui aos homens o monopólio de todas as atividades oficiais e de representação e às mulheres a economia de bens simbólicos.

A origem do conceito se deu a partir de indagações sobre a invisibilidade do trabalho doméstico, que pouco a pouco foi sendo abordado como atividade de trabalho tanto quanto o trabalho profissional, permitindo-se considerar simultaneamente as atividades desenvolvidas nas esferas doméstica e profissional, abrindo caminhos para se pensar na divisão sexual do trabalho (KERGOAT, 2000; HIRATA; KERGOAT, 2007).

Esse conceito é percebido a partir de dois *princípios organizadores*, ou seja, de que os “trabalhos de homens” estão “separados” e “hierarquicamente” valem mais do que os “trabalhos de mulheres”, reduzindo as práticas sociais ao destino naturalizado de cada sexo (HIRATA; KERGOAT, 2007, 2008).

Essa divisão é estabelecida aqui, como ponto de partida para refletir sobre a permanência dicotomizada de mulheres e homens nas relações de trabalho remunerado e não remunerado e as possíveis implicações nos modos de vida. O valor desigual do trabalho de homens e mulheres possibilita identificar causas que estejam associadas ao processo de “qualificação masculina” versus “desqualificação feminina”. Ou seja, a maioria dos trabalhos realizados por mulheres se apresenta como não qualificados. Por estarem associados aos “saberes e habilidades naturais”, como destreza, paciência, sensibilidade e cuidado, fazem parte da socialização de meninas, sendo considerados como qualidades tipicamente femininas. Já os trabalhos realizados por homens, na maior parte das vezes, estão dissociados da vida privada e da socialização de meninos. Ao saírem de casa e ao se inserirem em atividades na vida pública, os homens necessitam de conhecimento que não foi apreendido no espaço doméstico. Por sua vez, essa associação à necessidade de capacitação e formação para homens necessita de movimento da economia, que proporciona um status de qualificação masculina.

Conforme Daune-Richard (2003):

Enquanto a tecnicidade, símbolo de um poder e de um controle sobre a natureza, é associada ao masculino e ao trabalho qualificado, isto é, socialmente valorizados, os serviços, consagrados ao relacional, são excluídos de uma representação em termos de tecnicidade e são considerados pertencentes a um universo de trabalho em que são requeridas qualidades inerentes à natureza feminina.

Pode-se compreender a partir de Hirata (2002b, p.202), que o trabalho feminino é caracterizado por execução fragmentada e empregos não qualificados ou uma reduzida necessidade de investimentos. Sendo que na maioria das vezes, as mulheres estão absorvidas pelos trabalhos desqualificados e não reconhecidos socialmente. Isto é, “[...] se os empregos não-qualificados são feminilizados, isso acaba fazendo da não-qualificação uma espécie de qualificação “tipicamente” feminina”. E os homens atrelados aos trabalhos qualificados, técnicos, complexos e de prestígio público. Como por exemplo, existe um progressivo investimento masculino em atividades correlacionadas ao avanço científico e tecnológico, em detrimento do feminino.

Desta forma, a divisão sexual do trabalho é estabelecida aqui como ponto de partida para refletir que nas relações entre mulheres e homens convive uma contínua e permanente distância, e também uma constante tentativa de aproximações e equilíbrios de poder no âmbito do trabalho que repercutem diretamente nos modos de vida.

Elias (1993) diz que a divisão do trabalho e a diferenciação de funções sociais contribuíram para uma crescente rede de dependências visíveis e invisíveis ou uma imensa teia de atividades humanas interrelacionadas, que se tornaram complexas a partir do grau de diferenciação funcional existente.

A teorização a partir da “divisão sexual do trabalho”, sendo a forma de divisão do trabalho decorrente das “relações sociais de sexo”, traduz essa relação de interdependência entre homens e mulheres. Segundo Hirata (2002b, p.276), as relações sociais de sexo são “[...] entendidas como relações desiguais, hierarquizadas, assimétricas ou antagônicas de exploração e de opressão entre duas categorias de sexo socialmente construídas [...]”.

Essas “relações sociais” têm uma base material, que no caso é o “trabalho” e se exprimem através da divisão social do mesmo entre os sexos, chamada de “divisão sexual do trabalho”. As relações sociais de sexo foram incorporadas pelas instituições como “família e trabalho remunerado”, sendo atravessadas por conflitos entre grupos de interesses antagônicos. Isto é, o “grupo social homens” e o “grupo social mulheres”, que estão em tensão permanente em torno da questão do trabalho e suas divisões que foram cristalizadas historicamente a partir das relações de poder (KERGOAT, 2000).

Segundo Nobre (2004), no sistema capitalista, a produção encontra-se separada da reprodução, sendo que a produção passou a funcionar sob o sistema de mercado. Porém a divisão sexual do trabalho se reproduz e se recria tanto na produção como na reprodução.

Desde o movimento feminista no século passado, o caminho de conciliar as esferas da vida e os respectivos tempos vem sendo percorrido por crises em família ou por conflitos entre homens e mulheres, que são vivenciados através de interesses múltiplos, responsáveis por transformar realidades ou manter tradições nessa configuração (GUEDES, 2009).

Esses usos do tempo existentes nas relações contemporâneas podem se apresentar constrangidos e reforçar a presença de sinais visíveis de distribuição desigual entre os sexos, adquirindo dimensão específica quando caracteriza maior prejuízo para as mulheres do que para os homens (DEDECCA, 2008).

A manifestação de desigualdades de gênero, conforme Ramos (2009) pode ser ressaltada a partir de estudos que utilizam como ponto de partida a categoria “tempo”, exemplificando mudanças sociais interessantes envolvendo discussões referentes às relações de gênero. No âmbito nacional podem-se encontrar exemplos de estudos realizados por Rotenberg et al. (2001), Aguiar (2001), Marcondes et al. (2003), Souza (2007), Mello (2009), Emmendoerfer (2009), Cyrino (2010) e Ribeiro-Silva (2010).

Entretanto, conforme Cyrino (2010) não é tarefa fácil romper com a associação entre masculino/esfera pública e feminino/âmbito privado, pois implica em se desmontar pressupostos morais, crenças e valores e questionar representações de gênero tradicionais, até então, vistas como naturais.

Essas dificuldades correlacionadas à divisão assimétrica do trabalho pelos sexos aparecem em forma de “conflitos” e “tensões” que surgem nas relações de interdependência existentes no cotidiano. A articulação entre os usos do tempo e as esferas da vida, sob o enfoque da divisão sexual do trabalho tem sido abordada de diferentes modos pelas áreas do conhecimento.

O estudo das relações entre família e trabalho tem acompanhado a crescente participação profissional das mulheres e ganhou, no início deste novo milênio, destaque ainda maior, em articular reflexões sobre igualdades de gênero, usos do tempo e novas formas de organização do trabalho. Tanto as alterações na esfera da família, quanto as transformações sociais que provocam impacto na esfera do trabalho, caracterizam neste início de novo milênio, mudanças nas relações entre esses dois âmbitos da vida. A multiplicidade de expectativas sociais imputadas às responsabilidades profissionais e parentais, que na maioria das vezes se apresentam incompatíveis entre si, desencadeia conflitos e estresses (GUERREIRO; CARVALHO, 2007).

Além da teoria das “interdependências” (ELIAS, 2008), encontram-se referências na área da psicologia através do chamado “conflito trabalho-família”, que apresentam similaridades e até certo ponto, tendências que influenciam o percurso analítico desta tese. Tal perspectiva merece reflexão, visto que permite identificar especificamente as tensões provenientes da interação público-privada, sobretudo quando embasadas nos usos do tempo.

Assim, com relação aos conflitos trabalho-família⁹, Greenhaus e Beutell (1985), em artigo publicado na *Academy of Management Review*, possibilita a compreensão de que o acúmulo de tempo numa área da vida impede, de certa forma, a pessoa de atender as exigências de outro domínio, tanto fisicamente quanto por meio de preocupação.

Ou seja, as demandas do trabalho remunerado e de funções familiares se apresentam mutuamente incompatíveis. Essa dificuldade de conciliar as pressões do trabalho com as necessidades da família pode estar associada ao excesso de horas, à presença de turnos atípicos e à inflexibilidade de horários existentes no trabalho remunerado.

Essas situações, provenientes da relação entre tempos públicos e privados, causam tensões que sobrecarregam e interferem na relação cotidiana entre trabalho remunerado, atividades domésticas e cuidados de filhos. O “eterno poli-emprego”, desempenhado desde sempre pelas mulheres, de modo invisível e sem remuneração através da segunda jornada de trabalho, demonstra que os entrelaçamentos entre condições de trabalho, processos de sobrecarga e de gênero, se mostram potenciais para a origem dos problemas de saúde feminina (BREILH, 2001).

Em diretriz similar, porém com destaque para o “estresse em geral”, Mendes (2011) refere que o conflito trabalho-família, os estresses ocupacional, familiar e conjugal, constituem fatores de risco ao bem-estar físico e mental dos sujeitos, principalmente à saúde da mulher, pela multiplicidade de papéis que lhe são atribuídos. A mulher-enfermeira, cujo trabalho é fonte de elevados níveis de estresse físico e emocional, faz parte de um grupo de alto risco à experiência dos efeitos negativos do estresse ocupacional e do conflito trabalho-família sobre a saúde.

Nesse caso, podem ainda ser exemplificadas das seguintes formas. Através de inter-relações, sobreposições e constrangimentos espaço-temporais, e sobrecargas de funções

⁹ Como refere Noor (2004), a maioria dos estudos relacionados aos conflitos trabalho-família são decorrentes do trabalho de Kahn et al. (1964), realizado a partir da questão do ‘estresse organizacional’.

(GUERREIRO; CARVALHO, 2007; DEDECCA, 2008; DEDECCA; RIBEIRO; ISHII, 2009; OFFER; SCHNEIDER, 2011). E por eventos que podem ser observados quando são permitidas que as demandas da família pressionem os espaços-tempos do trabalho e vice-versa, ou seja, “situações de permeabilidades” entre esses dois domínios (PLECK, 1977; EAGLE; MILES; ICENOGLE, 1997; BURKE; GREENGLASS, 1999; PEREIRA, 2009).¹⁰

Todavia, nem tudo está perdido. Essas constantes modificações influenciam ou estão sendo influenciadas pela forma como homens e mulheres se relacionam nos espaços público e privado da vida contemporânea, surgindo demandas contínuas que remetem a desigualdades, tensões e conflitos, mas também alterações nas relações de gênero vivenciadas no âmbito do trabalho.

Elias (1993) alerta que a partir da crescente divisão de funções na sociedade e na mesma medida em que se ampliam e adensam essas tensões, manifesta-se uma multiplicidade de interesses que, de modo interdependente, também caracterizam movimentos que coexistem a partir da distribuição e equilíbrio de poder.

Sorj, Fontes e Machado (2007) afirmam que têm ocorrido em nível global, desde as últimas décadas, transformações na composição sexual do mercado, nas divisões entre trabalho remunerado e práticas de cuidados familiares, surgindo novos significados e complexidades que remetem alterações nas relações de gênero na sociedade.

Vale ressaltar que até recentemente homens e mulheres estavam diferentemente disponíveis para as atividades de trabalho, uma vez que eram atribuídos especificamente lugares distintos na interface público-privada. Todavia, a valorização desse “determinismo biológico” e das “oposições entre os sexos”, que a sociedade tem usado para estabelecer essa divisão não corresponde à complexidade das relações sociais contemporâneas, vide que a distribuição de atividades cotidianas, mesmo que ainda se encontre com tendência polarizada entre homens e mulheres, não tem prosseguido rigidamente separada.

De modo gradativo, as mulheres vêm ocupando espaços na administração, na engenharia, construção civil, mecânica, indústria e eletrônica, assumindo cada vez mais posições de chefias e propriedades no mercado (GUIMARÃES, 2001; CYRINO, 2010).

¹⁰ No decorrer deste estudo, pode-se encontrar o conceito de “invasão” ou de “permeabilidade”. Apesar de conotações similares, a *invasão* pressupõe espaços e tempos separados, onde os eventos são incompatíveis e ao provocarem a ocupação de um espaço com situações que não pertenciam a ele anteriormente, não se misturam. E a *permeabilidade* possibilita a caracterização de acontecimentos que migram entre espaços. Onde as relações, numa perspectiva de movimento, mediação e fluidez (vide apontamentos de Bauman, 2001), ao se tensionarem contribuem em mesclar as situações entre as esferas da vida cotidiana.

No mercado de trabalho em saúde no Brasil, em meio à crescente feminilização (PADILHA; VAGHETTI; BRODERSEN, 2006; WERMELINGER et al., 2010), também tem aumentado o número de homens realizando atividades historicamente vivenciadas por mulheres como Enfermagem, Serviço Social, Nutrição e Pedagogia.

Por exemplo, a Enfermagem é uma profissão que ainda conta com presença “majoritária de mulheres” em seu corpo técnico de profissionais, reforçando representação estereotipada de uma imagem associada à identidade feminina (MOLINIER, 2004; ESCOBAR, 2004; LOPES; LEAL, 2005; SILVA, 2006; PEREIRA, 2011). No entanto, além de restrita aproximação masculina por determinadas áreas de atuação, como pediatria e obstetrícia, são estimuladas inserções em áreas como ortopedia, urologia, emergência e psiquiatria que requerem, por exemplo, força física¹¹, bem como em áreas que tenham introdução de novas tecnologias, reforçando crescente demanda, inserção e permanência de homens na profissão (LANZA, 2006; HIRATA, 2006; PEREIRA, 2008). Porém, aposta-se que essa crescente entrada e permanência de homens no mercado de trabalho da Enfermagem, justifica-se pela possível conquista por estabilidade econômica, que se soma à rápida empregabilidade do profissional no mercado (VIEIRA, 2002; VIEIRA; FILHO; OLIVEIRA, 2004), além da probabilidade de ascensão hierárquica¹² e *status quo* na área biomédica.

Conforme Hirata (2006, p.203): “A profissão de enfermagem é, assim, de certa forma, valorizada com a entrada de mão-de-obra masculina”.

Neste caso da Enfermagem, os exemplos que assinalam absorção do grupo de homens numa profissão historicamente feminina reforçam relações entre os sexos, que caracteriza um movimento correlacionado à “mixidade de gênero”. Segundo Guimarães (2001), esse conceito expressa tendências de transformações no padrão de mixidade presente nos setores e ocupações, conferindo um novo cenário macroeconômico e micro-organizacional da atividade produtiva no Brasil, que permite visualizar mudanças, sobretudo a partir da década de 1990. Esse movimento passou a se exprimir combinando-

¹¹ Messing e Chatigny (2007) chamam atenção para o fato de que, apesar de alguns estudos acreditarem ter princípios organizadores da divisão do trabalho entre os sexos devido a exigências físicas, onde os homens fazem os trabalhos pesados e as mulheres os trabalhos leves, existem contra-exemplos, como é o caso da Enfermagem, que tem uma tendência de encontrar mulheres auxiliares de enfermagem que levantam cargas pesadas e com preponderância de homens em tarefas de supervisão.

¹² Destaca-se, por exemplo, que no campo empírico foram encontrados compondo a direção de Enfermagem atual, dois enfermeiros.

se com as antigas desigualdades que diferenciavam oportunidades entre grupos sociais de sexo, alterando os padrões e os processos que definem a mixidade da força de trabalho.

Desta forma, esse aumento da absorção da mão de obra masculina por algumas ocupações tradicionalmente femininas, e vice-versa, caracteriza um fenômeno de mixidade de gênero. É um conceito que se origina a partir de disciplinas ligadas às ciências da educação, em razão da generalização da mixidade escolar. Nas Ciências Sociais foi introduzido mais tarde, a partir de diversas pesquisas sobre a “coexistência entre os dois sexos em um mesmo espaço social”.¹³ Esses estudos que envolvem reflexões sobre menor segregação de gênero e maior convivência entre os sexos, ou seja, homens em posições tipicamente femininas e mulheres em posições tipicamente masculinas contribuem para compreender as permanências, recomposições e mudanças que se processam nas relações de gênero em uma sociedade (CYRINO, 2010).

E mesmo que não seja possível afirmar que a dissolução dos “guetos femininos” ou “masculinos” no mercado de trabalho contribua para equidade de gênero, como destaca a mesma autora (2010), não se pode negar as influências que esse movimento pode causar nas relações de dependências entre os sexos, além do âmbito do trabalho no hospital. Assim, faz-se imprescindível a contínua realização desse tipo de estudo, principalmente no campo empírico. Pois, segundo Louro (1996), o conceito de gênero deve ser compreendido como uma construção social e, portanto, histórica, supondo uma ideia de pluralidade. Visto que implica admitir a existência de concepções diversificadas de homem e de mulher no interior de cada sociedade, que se transformam ao longo do tempo.

Desta maneira, refletir sobre as relações entre os sexos, a partir da noção de uma construção social e não a partir de categorias imutáveis e fixas, contribui para reforçar a importância de análises que valorizam as perspectivas culturais e históricas.

No entanto, Bourdieu (2002) alerta que as análises históricas devem empenhar-se em assinalar a reprodução das hierarquias através das figuras da família, igreja, Estado e escola, e questionarem os mecanismos estruturais que asseguram a reprodução da divisão sexual do trabalho e da dominação masculina. E não apenas se contentarem em registrar a exclusão feminina e a dominação masculina, se limitando a descreverem as transformações da condição das mulheres no decurso do tempo. Assim, o trabalho histórico tem a

¹³ Caso seja de interesse, sugere-se aprofundar conhecimentos a partir de leituras como: Baudoux, C.; Zaiman, C. **Égalité entre les sexes**: mixité et démocratie. Paris: L'Harmattan, 1992; Kergoat, D.; Guichard-Claudic, Y.; Vilbrod, A. **L'inversion du genre**: quand les métiers masculins se conjuguent au féminin et réciproquement. Collection Des Sociétés. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008.

responsabilidade de direcionar rumos para uma outra história que além de destacar condições diferenciadas para mulheres e homens, também ressalte uma verdadeira compreensão das mudanças nas relações entre os sexos.

Deste modo, em paralelo aos apontamentos de relações de gênero assimétricas, a partir de reflexões que se remetem à presença de conflitos de interesses, mas também equilíbrio de tensões nessa cadeia de interdependências, o embasamento teórico dessa investigação tem como fio condutor os pensamentos de Norbert Elias (1987, 2001, 2008) e de Hirata e Kergoat (2003, 2007, 2008).

Interrompe-se essas reflexões, retomando o artigo “*The Changing Balance of Power Between the Sexes*”, escrito por Elias (1987) a fim de exemplificar o processo de mudanças nas relações de gênero que foram ocorrendo ao longo dos anos. E o quanto estudos de perspectiva histórica, que fazem referências ao indivíduo e à sociedade, contribuem para tornarem explícitas análises relacionadas às questões de gênero. O autor refere que uma das principais alavancas de mudança na relação entre homens e mulheres, foi a transição da situação onde as mulheres saíram da condição de propriedade masculina, para tornarem-se donas de si mesmas.

Assim, dentre os fatores que contribuíram para alterar o equilíbrio de poder entre os sexos, que ocorreram no desenvolvimento da sociedade romana, segundo Elias (1987) não era em primeira instância provocada por uma mudança deliberada da legislação representada na figura do Estado. Envolvia também mudanças relacionadas aos comportamentos individuais e costumes, como a diminuição da força física masculina, indicando modificações mais amplas. Dessa forma, chama atenção para o fato de que as transformações no equilíbrio do poder entre os sexos não podem ser efetuadas ou entendidas sem levar em conta o desenvolvimento geral na sociedade ao longo do tempo.

3- Aspectos metodológicos: cruzando caminhos no tempo e no espaço

Nesta pesquisa, focaliza-se assuntos que interessam ao campo da saúde sob a perspectiva das Ciências Sociais. Além de promover diálogos que aproximam categorias diferentes de análises, como “tempo”, “relações de gênero” e “trabalho”, este estudo pode também suscitar reflexões capazes de apontar eventuais mudanças que têm ocorrido nas sociedades contemporâneas ocidentais.

A intenção ao realizar o estudo foi refletir sobre questões de domínio microanalítico que pudessem tensionar teoria e prática a partir do campo empírico, possibilitando tornar evidente e compreender experiências individuais e coletivas a partir das respectivas relações sociais. Pesquisas realizadas em contextos específicos contribuem para evidenciar “pequenas importantes questões” que escapam das “amplas abordagens macro-sociais”. Assim, conseguem aproximações que possibilitam aprofundar reflexões e compreensões, como pode ser encontrado em estudos que sofram influência da Antropologia, como por exemplo, Gutiérrez (2008).

O imperativo de buscar fundamentação em teorias que articulem discussões sobre os usos do tempo e as relações de gênero no âmbito do trabalho tornou evidente a concretização de um processo de investigação cuja abordagem necessitou cruzar informações de várias áreas do conhecimento a fim de melhor compreender a complexidade do objeto de investigação.

O foco investigativo encontra-se direcionado para experiências de enfermeiros e enfermeiras, buscando entender como esses(as) profissionais organizam seus tempos, e se relacionam com os possíveis conflitos e tensões, que caracterizam relações de interdependências existentes no cotidiano corrido de uma metrópole, a partir do tempo de trabalho no hospital.

O presente estudo se ancorou na proposta de **triangulação de métodos quantitativos e qualitativos**, como uma dinâmica de investigação que integra a análise das estruturas, a compreensão das relações e a visão diferenciada dos atores participantes do trabalho de campo. A triangulação das informações está relacionada com o caráter do objeto, ou seja, deve-se entender que os fenômenos sociais investigados possibilitam análises, não só de regularidades e frequências, mas também relações, histórias, pontos de vista e lógica interna dos sujeitos (MINAYO, 2006, p.361). Deste modo, entende-se que essa proposta de triangulação pode ser utilizada nessa pesquisa, tendo em vista a intenção de analisar as impressões confrontadas pelos participantes sobre os registros quantitativos

do próprio tempo e as relações sociais que se apresentam de modo interdependente, com destaque para a divisão sexual do trabalho.

Refletir sobre as relações sociais de sexo a partir dos usos do tempo, como destacado, demanda análises contextuais conforme a realidade cotidiana dos sujeitos envolvidos. Assim, a aproximação com a perspectiva da **dialética** possibilita uma abordagem interessante no sentido de que os seres humanos são sujeitos de relações que devem ser compreendidas na totalidade dinâmica das relações sociais de produção e reprodução (MINAYO, 2006). Segundo esta autora, trata-se de uma abordagem de construção teórico-metodológica que busca apreender a prática social empírica dos indivíduos em sociedade de modo dinâmico e compreender a realidade a partir dos princípios do “conflito” e da “contradição” como algo permanente e que se explica na transformação.

Desta forma, buscou-se trilhar um percurso metodológico no sentido de fazer dialogar as seguintes categorias: “conflitos de interesses”, “disputas de poder” e “equilíbrio de tensões” (ELIAS, 1993, 1994a, 1994b, 2008), “permeabilidade” e “conflito trabalho-família” (PLECK, 1977; GREENHAUS; BEUTELL, 1985), modernidade “sólida” e “líquida” (BAUMAN, 2001) e “monocronia” e “policronia” (HALL, 1996). Foram identificadas a partir do referencial teórico adotado e analisadas à luz da “divisão sexual do trabalho” (HIRATA; KERGOAT, 2007) e do conceito de “interdependências” cunhado por Norbert Elias.

3.1 - O trabalho empírico

A pesquisa teve início a partir de contatos com o diretor de Enfermagem do hospital, cuja intenção foi apresentar a proposta de estudo, atualizar informações sobre o campo, operacionalizar trâmites relacionados ao comitê de ética da instituição e acordar aproximação com os sujeitos para futura coleta de informações.

3.1.1 - Caracterização do local da pesquisa de campo

O trabalho de campo foi realizado num hospital universitário situado no Estado do Rio de Janeiro. A opção por realizar o estudo em um hospital se deve à organização temporal do trabalho, já que inclui setores que adotam um *modus operandi* a fim de atender à necessidade de manutenção das atividades de forma ininterrupta ao longo de 24

horas por dia, nos sete dias da semana. Desta forma, os hospitais permitem estudar trabalhadores sujeitos a regimes de plantão nos setores de internação, além de incluir profissionais que geralmente realizam escalas apenas durante os dias da semana nos setores do ambulatório e em atividades associadas à gerência.

A escolha por um hospital localizado em um centro urbano se deu pelas inúmeras possibilidades de observar experiências de ações sobrepostas e usos constrangidos do tempo, mediante as complexidades e especificidades que ocorrem em grandes cidades.

Inserida na categoria das autarquias como entidade autônoma, a esfera administrativa desse hospital é pública federal indireta e a gestão é municipal.¹⁴ É um estabelecimento de saúde caracterizado como Hospital Geral e de Ensino, que tem a finalidade de realizar atividades tipicamente públicas, sendo nesse caso, de alta complexidade¹⁵, estando ligado a uma Universidade. Atualmente, disponibiliza mais de 200 leitos para internação e inúmeros serviços especializados, dentre eles: Serviço de Atenção à Saúde Auditiva, Serviço de Atenção ao Paciente com Tuberculose, Serviço de Atenção ao Pré-Natal, Parto e Nascimento, Endocrinologia, Hemoterapia, Oncologia, Terapia Intensiva, Unidade Coronariana e Serviço de Transplante.

Durante a fase exploratória do trabalho de campo, iniciada em novembro de 2011, foi realizado reconhecimento dos setores e da lotação das(os) enfermeiras(os) a partir da escala de plantão e organograma¹⁶ fornecidos pela direção de Enfermagem. A seguir encontra-se descrita a localização dos setores por cada Gerência de Enfermagem:

- Saúde da Mulher e da Criança: Clínica Obstétrica, Clínica Pediátrica, Unidade de Tratamento Intensivo e Unidade Intermediária Neonatal.

- Cirurgia Geral e Especializada: Clínica Cirúrgica Feminina, Clínica Cirúrgica Masculina, Clínica Cirúrgica Especializada Mista, Centro Cirúrgico e Clínica de Otorrinolaringologia e Oftalmologia.

¹⁴ A regulação dos serviços de alta complexidade, quando o município encontrar-se na condição de Gestão Plena do Sistema, será de responsabilidade do gestor municipal (NOAS, 2002). Como o município encontra-se nesta condição de Gestão, tendo a responsabilidade de gerir e regular os serviços de alta complexidade; e como esse Hospital é considerado um estabelecimento de saúde que realiza procedimentos de alta complexidade no âmbito hospitalar e/ou ambulatorial, a sua gestão é realizada pelo município.

¹⁵ Ver descrições in: www.cnes.datasus.gov.br. Acessado em 15 de janeiro de 2013.

¹⁶ Considerando o espaço de tempo decorrido entre a fase exploratória, pesquisa de campo e escrita da tese, não foram contempladas mudanças realizadas na composição das gerências/setores segundo organogramas atualizados referentes à reestruturação administrativa do hospital. Como os novos organogramas não se encontravam em vigor no período de coleta de dados foi utilizado organograma anterior cedido pela atual direção de Enfermagem.

- Clínica Geral e Especializada: Clínica Médica Feminina, Clínica Médica Masculina, Clínica de Hematologia, Centro de Terapia Intensiva, Unidade Coronariana, Doenças Infecto Parasitárias, Centro de Diálise.

- Procedimentos Diagnósticos e Intervencionistas: Centro Cirúrgico, Centro de Material e Esterilização, Setor de Hemodinâmica, Tomografia/Radiologia, Serviço de Endoscopia.

- Ambulatório e Internação e Alta: Bloco Clínico e Bloco Cirúrgico, Hemocentro, Quimioterapia/Pulsoterapia e Setor de Internação e Alta.

- Emergência: Sala de Trauma, Hipodermia, Sala de Sutura, Box de Observação Masculino e Feminino, Emergência Pediátrica e Central de Maca.

Vale pontuar que muitos desses setores têm suas atividades realizadas de maneira ininterruptas, sendo organizadas a partir de plantões noturnos e no fim de semana. Mas também pode-se encontrar escalas exclusivas de dias de semana, sendo realizadas na maioria das vezes por enfermeiras(os) ligados à administração (coordenadores e gerentes). Existem ainda setores como os do Ambulatório, cujas escalas são organizadas exclusivamente durante os dias de semana, sendo realizadas por enfermeiros(as) que têm suas atividades associadas à administração ou à assistência.

O fato de ser um hospital universitário e desenvolver atividades correlacionadas ao processo de ensino e formação de várias profissões na área da saúde, reforça a existência de situações que influenciam as relações nos diferentes espaços que também caracterizam campo de estágio, tanto para cursos de graduação quanto de pós-graduação. Além dos trabalhadores que compõem as equipes desses setores, o hospital conta com a presença dos programas da Comissão de Residência Multiprofissional e em Área Profissional da Saúde (COREMU) e da Comissão de Residência Médica (COREME).

3.1.2 - Etapas do trabalho de campo: instrumentos, técnicas e seleção dos sujeitos

O estudo foi realizado em duas etapas sucessivas e complementares através de contato com os(as) enfermeiros(as) durante a jornada de trabalho no referido hospital. A primeira etapa se refere à coleta de dados quantitativos, permitindo observar a organização cotidiana da vida destes(as) profissionais através do tempo despendido (registro de horas/minutos) em diferentes atividades do dia a dia ao longo de uma semana, enquanto a

segunda aborda aspectos subjetivos das experiências de usos dos tempos, através da realização de entrevistas.

Nos itens que se seguem são descritos (i) o processo de elaboração do instrumento para coleta dos dados quantitativos, (ii) a seleção dos sujeitos participantes da pesquisa, (iii) os procedimentos para a obtenção dos dados quantitativos e a realização das entrevistas e (iv) o tratamento do material obtido.

- Elaboração da “caderneta de atividades” para obtenção dos dados quantitativos

A obtenção dos dados quantitativos baseou-se em registros das atividades ao longo de uma sequência de dias de semana e fim de semana. Este tipo de registro integra as pesquisas de usos do tempo realizadas em várias partes do mundo, inclusive no Brasil. Tais pesquisas se baseiam em diferentes técnicas que podem ser usadas isoladamente ou de forma combinada (AGUIAR, 2010). Entre os procedimentos incluem-se, por exemplo, o uso de diários de usos do tempo para registro das atividades realizadas no decorrer do dia, o uso de perguntas para estimar o tempo despendido em determinadas atividades e a observação pela população estudada dessas atividades desenvolvidas.

Autores como Amstad e Semmer (2009) recomendam uma ampla abordagem multidisciplinar para melhor compreender questões correlacionadas à interface trabalho-família, podendo envolver o uso de questionários, diários e entrevistas, valorizando em especial essa última.

Segundo Aguiar (2010, p.65) a estratégia de pesquisas de usos do tempo a partir de diários “[...] consiste em pedir aos respondentes amostrados para preencherem um protocolo de uso do tempo, com as atividades desenvolvidas e o seu contexto, em intervalos padronizados”.

No presente estudo, a obtenção dos “registros diários das atividades” baseou-se em uma “caderneta de atividades” (Apêndice A) elaborada pelo autor deste trabalho, adaptada a partir dos chamados ‘diários de uso do tempo’, tendo como referências Stinson (1999) e Aguiar (2010). Foram consideradas, ainda, adaptações no sentido de separar o tempo ocupado com o sono, do tempo dedicado aos cuidados pessoais, conforme observado em investigações orientadas por Rotenberg (2012). Neste instrumento estava incluído um pequeno questionário com perguntas fechadas referentes a dados sociodemográficos e relativos à atuação profissional.

A primeira versão do instrumento foi “testada” com alguns profissionais do hospital em dezembro de 2011, de forma a promover ajustes e adequações que viabilizassem o seu uso para os objetivos desse estudo.

A versão final da “caderneta de atividades” foi composta de folhas referentes aos sete dias de registro, nas quais os(as) enfermeiros(as) assinalavam o tempo dedicado a diversas atividades, previamente agrupadas com base em uma classificação elaborada por Aguiar (2010), a partir da “*International Classification of Activities for Time-Use Statistics*”¹⁷:

- **Trabalho remunerado:** refere-se ao trabalho realizado no hospital investigado, em outro(s) vínculo(s) empregatício(s), além do uso de celular ou telefone ou internet para o trabalho.

- **Atividades de lazer e vida social:** foram consideradas como práticas que podem ser realizadas no próprio domicílio e/ou em ambientes externos: assistir televisão, ouvir música, leitura por prazer, namoro ou vida íntima, uso de internet, celular ou telefone para assuntos pessoais, visitar ou receber visitas, ir ao cinema, shopping, teatro, museu, bares e restaurantes, realizar caminhada, ginástica ou outras atividades físicas ao ar livre, trabalho voluntário, meditação, ou ainda frequentar reuniões, cultos e/ou missas.

- **Estudos:** foram considerados os tempos dedicados às capacitações, congressos, seminários, palestras e atividades afins, à leitura e uso de internet para o estudo e realização de pós-graduação ou outra graduação.

- **Cuidados de si:** foram descritos a partir do tempo ocupado com higiene pessoal, refeições, estética, salão de beleza ou barbearia, além de idas aos profissionais de saúde e/ou com realização exames.

- **Cuidados de outros:** foram descritos a partir do tempo ocupado com o cuidado de crianças e adolescentes (filhos, netos, sobrinhos etc.), cuidado de idosos e pessoas com necessidades especiais, e ainda através de cuidado ou atenção dispensada para outras pessoas (amigos, irmãos, companheiros(as), vizinhos etc.).

- **Atividades domésticas:** foram identificadas por meio de atividades diretas como cozinhar, lavar, passar, fazer faxina, organizar armários, pagar contas, fazer compras, realização de consertos, dentre outras; e também a partir da supervisão de empregados para atividades diárias e/ou de consertos e manutenção esporádica.

¹⁷ Sugere-se leitura pormenorizada em <http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=231&Lg=1>. Acessado em 03 de junho de 2013.

- **Deslocamentos:** foram considerados a partir de situações como: de casa para o trabalho e vice-versa, de casa para lazer/atividade religiosa e vice-versa, do trabalho para lazer/atividade religiosa e vice-versa e do trabalho para o trabalho.

- **Sono e descanso:** foram descritas as situações, locais e períodos em que ocorre, como: em casa (noturno e diurno), no trabalho (noturno e diurno), além do descanso (cochilo) e/ou sesta.

Vale destacar que, inserido nesse tempo de descanso encontra-se implícita possibilidade de mencionar questões relacionadas ao tempo livre; no entanto, essa categoria não permite identificar diferenças entre esses tempos.

Na elaboração da “caderneta de atividades”, considerou-se a observação de Stinson (1999) sobre as dificuldades enfrentadas pelos estudiosos dos usos do tempo em relação a coletar dados precisos e completos frente ao dinamismo pulsante da atividade humana. A autora afirma ainda que atividades de “acolhimento de crianças” em particular parecem especialmente sujeitas à simultaneidade.

A fim de tornar os resultados da pesquisa mais próximos da realidade expressada pelas(os) enfermeiras(os) ao ocuparem o tempo no dia a dia, foi assegurada a possibilidade do registro na “caderneta” de atividades realizadas ao mesmo tempo. As marcações concomitantes foram garantidas para cada atividade classificada conforme os grupos descritos anteriormente, pois o cômputo do tempo foi identificado por traços que sinalizavam a hora de início e término de cada atividade, num quadro de horários perfazendo as 24 horas do dia (Apêndice A). Essas situações foram denominadas ao longo deste estudo como “*atividades simultâneas*”.

- Seleção dos sujeitos participantes da pesquisa

Durante o período exploratório do trabalho de campo, foi identificado um total de 179 (cento e setenta e nove) profissionais – 37 (trinta e sete) enfermeiros e 142 (cento e quarenta e dois) enfermeiras – após exclusão dos que estavam de licença médica, licença maternidade e à disposição.¹⁸ Deste total foram identificados como possíveis sujeitos, aqueles escalados na Gerência de Enfermagem em Clínica Geral e Especializada e na Gerência do Ambulatório e Internação e Alta. A escolha desses setores visava reunir um grupo de profissionais que atuavam em plantões diurnos e noturnos, incluindo trabalho nos

¹⁸ Como compõem uma profissão historicamente feminina, a maioria de enfermeiras confirma tendência de correlação que ainda existe atualmente, com o predomínio de mulheres na categoria.

fins de semana (Clínica Geral e Especializada), assim como aqueles que trabalhavam exclusivamente nos dias de semana (Ambulatórios). Além disso, diante da proposta de contar com um número razoável de homens, a escolha da Clínica Geral e Especializada se mostrava adequada, pois era o setor que apresentava a maior proporção de enfermeiros.

Considerando esses aspectos, em janeiro de 2012 foi iniciada a coleta de informações a partir do setor de Terapia Intensiva na Gerência da Clínica Geral e Especializada, e do setor de Quimioterapia na Gerência do Ambulatório. No entanto, no decorrer do processo, foram encontradas dificuldades quanto à adesão de alguns sujeitos que trabalhavam no ambulatório, especificamente, enfermeiras com maior tempo de atuação profissional. Além disso, alguns profissionais estavam usufruindo de licença médica, férias ou estavam em processo de aposentadoria. A dificuldade de adesão de profissionais do ambulatório demandava a identificação de outros participantes que também trabalhassem nos horários diurnos exclusivamente nos dias da semana. Ao analisar novamente as escalas, foi possível observar que as(os) enfermeiras(os) com funções ligadas à administração (direção, gerência, supervisão e coordenação) enquadravam-se nesse critério.

Assim, nos meses de janeiro e fevereiro de 2012, os(as) enfermeiros(as) dos setores supracitados e aqueles(as) envolvidos(as) em atividades gerenciais foram abordados(as) individualmente, sendo convidados(as) a participar da pesquisa. Foi iniciada a fase exploratória do trabalho de campo, possibilitando conhecer os usos do tempo a partir do registro numa “caderneta de atividades” e caracterizar o perfil sociodemográfico e de dados relativos à atuação profissional, como descrito adiante.

Dos 93 (noventa e três) trabalhadores identificados – 21 (vinte e um) enfermeiros e 72 (setenta e duas) enfermeiras –, um total de 75 (setenta e cinco) profissionais – 18 (dezoito) homens e 57 (cinquenta e sete) mulheres – aceitaram sua inclusão, tendo participado da primeira etapa da pesquisa. Destes 75 (setenta e cinco) participantes, foram excluídos aqueles que não devolveram a “caderneta” no período acordado, aqueles que não a preencheram de maneira correta, aqueles que tinham apenas um vínculo, aqueles que não moravam com companheiros ou que não tinham filhos no domicílio. Para a segunda etapa, realizada através de entrevistas individuais, foi selecionado um número mais reduzido de enfermeiros(as), tendo-se priorizado os que haviam preenchido corretamente a caderneta, que tinham mais de um vínculo de trabalho, que tinham filhos pequenos ou idosos na família ou que estavam cursando pós-graduação. Deste modo, entende-se que o grupo de

sujeitos não foram selecionados aleatoriamente e sim incluídos intencionalmente a partir da identificação das variáveis supracitadas.

Assim, um total de **42 (quarenta e dois) enfermeiros(as)** participou de ambas as etapas da pesquisa, sendo **18 (dezoito) homens** e **24 (vinte e quatro) mulheres**. Os resultados e análises apresentados nesta tese referem-se a esses(as) 42 (quarenta e dois(as)) enfermeiros(as) que participaram de toda a pesquisa.

- Obtenção dos dados quantitativos e realização das entrevistas

O estudo foi realizado em duas etapas sucessivas e complementares através de contato com os(as) enfermeiros(as) durante a jornada de trabalho no hospital.

Para a realização do **estudo quantitativo** foram feitos contatos com os(as) enfermeiros(as) durante a jornada de trabalho. O primeiro contato visava apresentar os objetivos da pesquisa e o instrumento de coleta de dados – “**caderneta de atividades**” –, no sentido de ressaltar a importância de sua adesão, convidando-o(a) a participar. No caso de aceitação, o(a) enfermeiro(a) assinava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B)¹⁹ e era informado(a) sobre o passo a passo para o registro dos(as) tempos/atividades. Como treinamento para o uso desse instrumento, o pesquisador preenchia junto a cada profissional as informações a respeito das atividades realizadas no dia anterior, sendo retiradas possíveis dúvidas. A “caderneta” era, então, disponibilizada para preenchimento pelo(a) enfermeiro(a) ao longo de uma semana. Nesse primeiro encontro²⁰ era agendada data de retorno para um segundo encontro, com a finalidade de pegar o instrumento preenchido, quantificar o tempo por cada categoria, elaborar uma imagem a partir do compilado desse tempo, intitulado “**mapa de horários**” (Apêndice C) e operacionalizar a **pesquisa qualitativa**. Nesse segundo encontro, de posse da imagem no próprio computador, eram realizadas as **entrevistas** em locais reservados, conforme horário acordado previamente, com cada enfermeira e enfermeiro.

As entrevistas focavam o esquema visual (mapa de horários), demonstrando o cômputo da distribuição temporal das atividades registradas ao longo de sete dias. Antes do

¹⁹ O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, protocolo CEP/ENSP nº 205/11 - CAAE: 0221.0.031.258-11 (Anexo 01). E pelo Comitê de Ética da Faculdade de Medicina/Hospital Universitário Antônio Pedro/Universidade Federal Fluminense, protocolo CEP CMM / HUAP nº 249/11 - CAAE: 0214.0.031.258-11 (Anexo 02).

²⁰ Destaca-se que o dia de início do preenchimento da “caderneta de atividades” dependia do dia da semana (variável) em que era realizado esse primeiro encontro, podendo ser inclusive num final de semana.

início da entrevista eram verificadas as ausências de informações e possíveis equívocos no preenchimento da mesma.

A fim de propiciar o diálogo, foi usado um roteiro (Apêndice D) com perguntas abertas relacionadas às informações produzidas pelas próprias pessoas durante o registro dos usos do tempo. Incluiu-se nesse roteiro questões relacionadas aos acontecimentos e experiências realizadas no dia a dia ou eventos compartilhados junto à família, assim como às atividades desenvolvidas no tempo dispensado ao trabalho remunerado na instituição hospitalar²¹, provocando diálogos que integrassem as duas dimensões. Foram abordadas na entrevista temáticas como: a organização do próprio tempo, preocupações relacionadas à esfera doméstica e ao trabalho profissional, os aspectos relativos à invasão entre os espaços-tempos da interface público-privada, a divisão do trabalho doméstico, a relação entre o tempo usado para si e para os outros e a realização de atividades ao mesmo tempo, com destaque para as relações de gênero.

Através dessa modalidade de entrevista, buscava-se promover uma “autoconfrontação”, termo oriundo de estudos sobre o contexto da atividade de trabalho, a partir da proposta realizada por Faïta e Vieira (2003) e Vieira e Faïta (2003). Para tais autores, a “autoconfrontação” expõe as relações entre o que as pessoas fizeram (real vivido) e o que elas dizem do que estão fazendo (discurso que representa a atividade), a fim de compartilhar reflexões sobre “becos sem saída”, (tensões e conflitos) observados durante as situações cotidianas, a partir de uma relação dialógica durante o confronto (entrevista). Essa atividade discursiva, compreendida como um processo ativo, possibilita autorreflexões. Neste sentido, buscou-se fazer da entrevista um momento para reflexões, neste caso, sobre as diferentes temporalidades.

- Tratamento do material obtido

Os **dados quantitativos** foram analisados a partir do cômputo do tempo despendido em cada categoria/grupo de atividade ao longo de sete dias consecutivos, não sendo usado sistema de codificação para fazer análises pormenorizadas ou identificação das atividades de maneira isolada.

²¹ Vale sinalizar que não foi intenção analisar especificamente o modo como as enfermeiras e enfermeiros se relacionam e administram o tempo correlacionado ao processo de trabalho propriamente dito. O interesse pelo hospital ocorre diante da identificação desse espaço como uma configuração de interdependências (PEREIRA; ROTENBERG; OLIVEIRA, 2013) que oferece diferentes maneiras de realizar as jornadas de trabalho, viabilizando identificar horários incomuns realizados a partir de escalas que perfazem o período noturno e finais de semana.

Para subsidiar as comparações segundo o gênero, esses dados também foram agrupados procurando considerar as categorizações desenvolvidas por Stinson (1999) e Robinson (1999), que propõem a seguinte classificação²²: **tempo contratado**, indicado pela soma do tempo ocupado com o trabalho remunerado e com estudos; **tempo comprometido**, designado pela soma do tempo de trabalho doméstico e de cuidados de outros; **tempo pessoal**, apontado pela soma dos tempos ocupados com os cuidados de si e com o sono; e **tempo livre**, como aquele mostrado a partir do cômputo de horas das atividades que não foram contempladas nos itens anteriores, ou seja, podendo remeter às atividades relacionadas à vida social e ao deslocamento.

Com base nesse material, como pode ser observado a seguir, foram adotados os seguintes procedimentos para o tratamento dos dados:

- Comparação do tempo despendido em cada atividade entre enfermeiros e enfermeiras. Foi utilizado o teste de Mann-Whitney, que não exige distribuição normal dos dados (BRUNI, 2009), sendo adotado o nível de significância de 5%;

- Confecção de uma figura com a descrição completa do tempo despendido por cada enfermeiro(a) nos oito grupos de atividades realizadas ao longo de uma semana, incluindo as atividades simultâneas;

- Categorização da distribuição das atividades em quatro “blocos de tempo” considerando tempos: contratado, comprometido, pessoal e livre;

- Cômputo de tempo total despendido em atividades simultâneas e análise de sua ocorrência durante o tempo contratado (ligado à vida pública) ou comprometido (ligado à esfera privada);

- Comparação do tempo despendido em atividades simultâneas entre enfermeiros e enfermeiras através do teste de Mann-Whitney, com nível de significância de 5%.

Cabe destacar que as comparações estatísticas foram realizadas com o intuito de propiciar uma exploração inicial dos dados, tendo em vista limitações decorrentes do tamanho reduzido da amostra.

A análise do **material qualitativo** baseou-se na transcrição literal e integral das entrevistas. Ao longo do texto desta tese, os discursos são apresentados de forma a resguardar as respectivas identidades, sendo utilizados pseudônimos.

²² As descrições encontradas são similares, salvo detalhes específicos. Por exemplo, a alocação do tempo para os estudos enquadra-se no tempo contratado, segundo Stinson (1999) e como tempo livre na proposta de Robinson (1999).

A partir do material derivado das entrevistas, buscou-se evidenciar questões sobre conflitos e estratégias de equilíbrios, cuja coerência e contradições foram posteriormente analisadas à luz do marco teórico adotado.

Também foram consideradas como fonte de análise as impressões dos(as) enfermeiros(as) sobre os “mapas de horários”, possibilitando apreender como os sujeitos percebem e se relacionam com o próprio tempo, com foco em possíveis correlações entre as esferas “profissional-doméstica” e a “saúde”. A análise das impressões sobre o mapa de horários visava permitir ao pesquisador ter acesso à avaliação dos sujeitos não só sobre o seu tempo, mas também sobre o próprio instrumento e a dinâmica de preenchimento.

Para analisar as entrevistas optou-se pela técnica de **análise temática** como uma das formas que têm por intenção obter informações que expressem de modo o mais fidedigno possível o que pensa(m) o(s) grupo(s) investigado(s) sobre determinado tema. A observação ou identificação “[...] de um ou vários temas ou itens de significação [...]” nas entrevistas, viabiliza a escolha de uma unidade de codificação (BARDIN, 2009, p.73).

A busca pela coerência entre as falas e a elaboração das unidades de codificação se deu por meio da identificação de trechos isolados nas entrevistas, que formaram categorias ou núcleos temáticos. Deste modo, as falas que demonstravam aproximações de conceitos como: “disputas de poder”, “conflitos”, “equilíbrio de tensões”, “permeabilidade”, “simultaneidade”, “tempo contratado”, “tempo comprometido” etc., tornou possível a caracterização de núcleos temáticos como: “Situações de permeabilidade na interface público-privada”; “Situações de simultaneidade e divisão sexual do trabalho” e “Equilíbrio de tensões nas relações de interdependências”.

Desta forma, através do cruzamento de informações obtidas por meio do registro do tempo na “caderneta de atividades” e da “entrevista de confrontação”, buscou-se identificar os conflitos, tensões e disputas de poder a partir de situações de permeabilidades existentes na interface público-privada e da realização de atividades simultâneas, possivelmente relacionadas aos usos constrangidos do tempo. Esse material foi analisado a partir dos conceitos de “divisão sexual do trabalho” (HIRATA; KERGOAT) e de “interdependências” (NORBERT ELIAS).

4 - Análise e Discussão dos Resultados

*Enquanto o tempo acelera e pede pressa
 Eu me recuso faço hora, vou na valsa
 A vida é tão rara...
 [...]
 Será que é tempo que lhe falta pra perceber ?
 Será que temos esse tempo pra perder?
 E quem quer saber?
 A vida é tão rara
 [...]
 Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma
 Até quando o corpo pede um pouco mais de alma
 Eu sei, a vida não para... a vida não para não..
Paciência - Lenine*

Neste capítulo serão discutidos os resultados referentes à pesquisa de usos do tempo que caracterizam situações de simultaneidade e de permeabilidade existentes na interface público-privada, a partir de experiências de enfermeiras e enfermeiros que trabalham no hospital.

Está subdividido em seis seções principais que apresentam os materiais de análise obtidos no campo empírico, buscando articulá-los à luz do referencial teórico adotado. A primeira seção apresenta o perfil do grupo estudado segundo as características sociodemográficas e relativas ao trabalho profissional. A segunda se refere aos dados quantitativos sobre os usos do tempo com base nos registros na “caderneta de atividades” ao longo de sete dias, inclusive período noturno e dia de final de semana. Na terceira seção analisam-se as impressões dos participantes sobre o registro na “caderneta” como forma inicial de apreender suas percepções a respeito da distribuição do tempo. Na quarta e quinta seções analisam-se informações obtidas a partir das entrevistas, com foco nas situações de “permeabilidade” e de “simultaneidade” presentes na interface público-privada da vida das(os) enfermeiras(os). A sexta e última seção se refere às estratégias utilizadas para “equilibrar as tensões” e as diferenças de poder existentes nas relações de interdependências cotidianas.

4.1 - Perfil do grupo estudado

Dentre os 42 (quarenta e dois) profissionais, 57,1% são do sexo feminino e 42,9% são do sexo masculino. A Tabela 01, apresentada na página a seguir, descreve o grupo estudado quanto aos dados sociodemográficos, cujas informações fazem referência às

demais variáveis como faixas de idade, municípios de moradia, estado civil, número de filhos, idade dos filhos, agregado familiar e renda mensal.

Como pode ser observado, o grupo das enfermeiras é mais jovem, comparado aos enfermeiros. Apenas 29,2% delas estão na faixa de 50 anos ou mais, ao passo que a metade do grupo dos enfermeiros se encontra nessa faixa etária. Em contrapartida, a proporção de enfermeiras nas faixas intermediárias (de 30 a 39 anos e de 40 a 49 anos) totaliza 66,6%, valor superior a 44,5% observado entre os enfermeiros.

Tabela 01: Dados sociodemográficos do grupo estudado

	Enfermeiros (n=18) %	Enfermeiras (n=24) %	Total (n=42) %
Idade			
Até 29 anos	5,6	4,2	4,8
30 a 39 anos	16,7	33,3	26,2
40 a 49 anos	27,8	33,3	31
50 anos ou mais	50	29,2	38,1
Município de moradia			
Niterói	44,4	62,5	54,2
Rio de Janeiro	38,9	16,7	26,2
São Gonçalo / Itaboraí	16,7	20,9	19,1
Estado civil			
Solteiro (a)	22,2	12,5	16,7
Casado (a) / União livre	61,1	75	69,1
Desquitado (a) / Separado	16,7	8,3	11,9
Viúvo (a)	—	4,2	2,4
Número de filhos			
Nenhum	33,3	20,8	26,2
1	16,7	20,8	19,1
2	27,8	54,2	42,9
3 ou mais	22,2	4,2	11,9
Idade dos filhos			
Até 12 anos	33,3	37,2	35,5
13 anos ou mais	66,7	62,9	64,5
Pessoas no domicílio			
Esposa (o)	16,7	12,5	14,3
Esposa (o) e filhos (as)	44,4	50	47,3
Familiares / agregados	27,8	29,2	28,6
Mora sozinha (o)	11,1	8,3	9,5
Renda mensal			
Até 3 salários mínimos	—	—	—
4 a 10 salários mínimos	11,1	29,2	21,4
11 a 20 salários mínimos	55,6	66,7	61,9
21 salários mínimos ou mais	33,3	4,2	16,7

Fonte: Elaboração própria

No que se refere ao local de moradia, a proporção de enfermeiras residentes em Niterói/RJ é superior a de enfermeiros (62,5% e 55,4%, respectivamente). Já a proporção de enfermeiros que residem no Rio de Janeiro – capital –, é superior a de enfermeiras (38,9% e 16,7%, respectivamente). Como a distribuição desses sujeitos por bairros nos municípios é bastante diversificada, optou-se por apresentá-la no Apêndice E.

Quanto ao estado civil, a maioria do grupo (69,1%) é categorizada como casada(o)/união estável. Essa maior proporção se expressa tanto entre as enfermeiras (75%) quanto entre os enfermeiros (61,1%). Em segundo lugar, encontram-se as(os) solteiras(os), equivalendo a 16,7% das(os) entrevistadas(os). Os dados encontrados sinalizam uma tendência correlacionada à composição de famílias nucleares, entre as enfermeiras bem como entre os enfermeiros.

No que diz respeito ao número de filhos, observou-se maior proporção de enfermeiros sem filhos, em comparação às enfermeiras (33,4% e 20,8%, respectivamente). A diferença mais marcante se refere à categoria de dois filhos, com percentuais de 54,2% entre as enfermeiras e de 27,8% entre os enfermeiros. Um percentual maior de enfermeiros tem três filhos ou mais, em comparação às enfermeiras.

Com relação à idade dos filhos, observou-se uma variação entre dois meses e 37 anos. Tanto as enfermeiras com 62,9%, quanto os enfermeiros com 66,7% apresentam maiores proporções para os filhos com 13 anos ou mais, computando 64,5% do total. Identificar a proporção de filhos menores torna-se importante, pois se pressupõe que a presença desses faz diferença nos usos do tempo relacionados às atividades domésticas e/ou cuidados com os outros, visto que demandam maior disponibilidade e organização temporal dos pais em relação às demandas desses, encontrando-se ainda numa relação de maior dependência.

Quanto ao grupo de indivíduos que vivem no mesmo domicílio, observou-se maiores proporções na categoria referente à convivência com esposa(o)/filho(s), que corresponde a 50% das enfermeiras e 44,4% dos enfermeiros. Esses dados sugerem uma tendência à composição de famílias nucleares, como sinalizado na identificação do estado civil. Somente 28,6% do total de entrevistadas(os) referem morar com outras pessoas da família e agregados. Em seguida, encontram-se 14,3% para os(as) que convivem somente com a(o) esposa(o), sendo apenas 9,5% aqueles que moram sozinhos. Como as descrições referentes à composição familiar apresentam diversificações, optou-se também por demonstrar detalhes no Apêndice F. Observa-se que somente os enfermeiros registram a

informação de morarem com a mãe e/ou mãe e irmãos. E somente as enfermeiras apontam morarem com filho e pai e/ou somente com filho. Também serão apresentadas informações referentes ao quantitativo de pessoas que moram no mesmo domicílio no Apêndice G.

Com relação à renda mensal, a maioria dos participantes (61,9%) declara receber entre 10 a 20 salários mínimos, sendo 55,6% dos enfermeiros e 66,7% das enfermeiras. Considerando todo o grupo pesquisado, a categoria referente a mais de 20 salários mínimos é referida por 16,7%. Essa categoria de renda abrange um terço dos enfermeiros, proporção bastante superior à observada entre as enfermeiras – 4,2%.

No âmbito das questões laborais, foi traçado o perfil do grupo segundo as características de formação e atuação profissional, como descrito na Tabela 02, a seguir.

A maioria do grupo estudado tem o título de Especialização, tanto entre os homens quanto entre as mulheres, com percentuais acima de 80%. Mesmo sendo uma profissão generalista e não havendo pré-requisito de titulação para a lotação e prática profissional, há forte tendência desse grupo de trabalhadores em se especializar, podendo refletir aspectos ligados ao plano de cargos e salários. Poucos participantes têm apenas a Graduação. A titulação de Mestre é referida por 11,1% dos enfermeiros, proporção superior a 4,2% observada entre as enfermeiras.

Com relação ao tempo de atuação como enfermeiro(a), a categoria que abrange maior número de participantes é entre 21 e 30 anos para os enfermeiros (44,4%) e entre 11 e 20 anos, para as enfermeiras (41,7%). Em ambos os grupos, há um percentual pequeno de pessoas com atuação na Enfermagem há mais de 30 anos, observando-se cerca de um quinto dos participantes que atuam na Enfermagem há menos de 10 anos.

Quando se observa o tempo de atuação no hospital pesquisado, pode-se atentar que na faixa até 11 meses encontram-se escalados apenas 4,8% do total dos sujeitos. Já a maior proporção do total de sujeitos (40,4%) é encontrada entre 01 e 10 anos de atuação. A seguir se encontra a categoria que atua no hospital há 21 anos ou mais, abrangendo 44,4% dos enfermeiros e 29,2% das enfermeiras.

Tomando-se por base o quantitativo de vínculos profissionais, pode-se observar que a maior proporção se concentra em dois vínculos, que correspondem a 61,9% dos participantes. Destaca-se o percentual dos homens que referem dois vínculos – 72,2%, valor superior ao observado entre as mulheres, de 54,2%. Resultado similar também foi observado na categoria relativa a três vínculos profissionais, com percentuais de 22,2% e 4,2%, entre homens e mulheres, respectivamente. Dessa forma, fica evidente a proporção

maior de homens que acumulam vínculos profissionais na Enfermagem, totalizando mais de 90% que referem dois ou três vínculos de trabalho.

A distribuição dos horários de trabalho é bastante diferenciada nos grupos de homens e de mulheres. Cerca de dois terços dos enfermeiros trabalha em escalas diurnas e noturnas, ao passo que a maioria das enfermeiras (70,8%) trabalha apenas durante o dia. São baixas as proporções de pessoas que trabalham apenas à noite em ambos os grupos, correspondendo a 5,6% entre os enfermeiros e 4,2% entre as enfermeiras.

Tabela 02: Dados relativos à formação e atuação profissional do grupo estudado

	Enfermeiros (n=18) %	Enfermeiras (n=24) %	Total (n=42) %
Titulação			
Graduação	5,6	8,3	7,2
Especialização	83,3	87,5	85,7
Mestrado	11,1	4,2	7,2
Tempo de atuação profissional			
Até 10 anos	16,7	20,8	19
11 a 20 anos	27,8	41,7	35,7
21 a 30 anos	44,4	33,3	38,1
31 anos ou mais	11,1	4,2	7,1
Tempo de atuação no hospital universitário			
Até 11 meses	—	8,3	4,8
01 a 10 anos	38,9	41,7	40,4
11 a 20 anos	16,7	20,8	19
21 anos ou mais	44,4	29,2	35,7
Nº de vínculos			
1	5,6	41,7	26,2
2	72,2	54,2	61,9
3	22,2	4,2	11,9
Horário de Trabalho			
Só diurno	27,8	70,8	52,4
Só noturno	5,6	4,2	4,8
Diurno e noturno	66,7	25	42,9
Dias de trabalho			
Apenas dias de semana	27,8	45,8	38,1
Dias de semana e de fim de semana	72,3	54,2	61,9

Fonte: Elaboração própria

Também foi observado um padrão diferenciado entre homens e mulheres quanto à distribuição do trabalho nos “dias úteis” e no “fim de semana”, com percentuais mais altos de trabalho no fim de semana entre os homens.

A tabela 03 descreve o grupo estudado segundo o número de vínculos profissionais, o tipo de atuação no hospital investigado (administração ou assistência) e o esquema de horários de trabalho.

Com relação aos(as) enfermeiros(as) que realizam atividades associadas à administração de pessoas (responsáveis pela supervisão) trabalham em escalas ininterruptas.²³ No entanto, a maioria dos profissionais ligados à gerência (direção, coordenação de serviços e gerentes de áreas) realizam escalas exclusivas de dia de semana. Todos(as) os(as) enfermeiros(as) que trabalham nos ambulatórios encontram-se escalados(as) exclusivamente em dias de semana, ao passo que os(as) que trabalham na Clínica Geral e Especializada realizam escalas ininterruptas.

Tabela 03: Descrição do grupo estudado segundo o número de vínculos profissionais, o tipo de atuação no hospital investigado e o esquema de horários de trabalho.

Nº de vínculos	Administração				Assistência				Total		
	Supervisão (n = 4)		Gerência (n = 10)		Clínica Geral e Especializada (n = 22)		Ambulatório (n = 6)				
	Escala ininterrupta		Escala dia de semana		Escala dia de semana		Escala ininterrupta			Escala dia de semana	
	Masc. n	Fem. n	Masc. n	Fem. n	Masc. n	Fem. n	Masc. n	Fem. n		Masc. n	Fem. n
1	—	—	—	—	3	1	4	—	3	11	
2	2	2	1	—	2	3	6	7	2	1	26
3	—	—	—	—	1	—	3	1	—	—	5
Total	2	2	1	—	3	6	10	12	2	4	42

OBS: . Quanto à coluna da Supervisão, a escala ininterrupta refere-se aos profissionais responsáveis pela supervisão geral de enfermagem do hospital e a escala de dia de semana diz respeito à profissional escalada para supervisão de equipe em setores do Ambulatório. . A coluna da Gerência faz referência à direção, gerência de áreas e coordenação de setores.

Fonte: Elaboração própria

Para fins de descrever em maior detalhe as características profissionais do grupo, também serão apresentados os vínculos empregatícios, como pode ser observado a partir de descrição detalhada conforme os Apêndices H, I e J, dos horários e dias de trabalho, inclusive informes a respeito da realização de adicional por plantão hospitalar, de complementações e de horários atípicos como no caso da escala 13 horas x 72 horas cujo plantão é realizado dobrado ao cair em fim de semana.

²³ Salvo uma enfermeira que realiza supervisão em setores do ambulatório, em escala exclusiva de dia de semana.

O Quadro a seguir descreve de forma sucinta as principais características sociodemográficas e relativas à atuação profissional de cada participante do estudo.

Quadro 01: Descrição resumida das principais características sociodemográficas e referentes à atuação profissional

Código	Sexo	Idade	Cidade	Situação conjugal	Nº de filhos	Idade dos filhos	Convivência familiar	Lotação	Nº de vínculos	Horários de trabalho
1	M	37	SG	solteiro	—	—	mãe/irmãos	GER	2	diurnos sem final de semana
2	F	45	N	casada	—	—	esposo	AMB	2	diurnos sem final de semana
3	M	52	N	casado	1	15	esposa/filho	AMB	2	1º - diurno sem final de semana e 2º - plantão 24h x semana
4	M	60	RJ	separado	2	30 e 34	mãe	GER	2	1º - diurno sem final de semana e 2º - plantões noturnos
5	F	32	N	casada	2	01 e 03	esposo/filhos	GER	2	1º - diurno sem final de semana e 2º - não informado
7	M	35	N	casado	—	—	esposa	CGE	2	1º - plantões diurnos e 2º - plantões noturnos
8	F	33	N	solteira	—	—	pai/mãe	CGE	3	1º - plantões diurnos, 2º - diurno sem final de semana e 3º - não informado
9	F	36	N	casada	—	—	esposo	CGE	1	plantões diurnos
11	M	26	SG	solteiro	—	—	pai/mãe/irma	CGE	3	1º - plantões diurnos, 2º - plantões noturnos e 3º - plantão 24h x semana
12	F	43	SG	solteira	—	—	sozinha	CGE	2	1º - plantões diurnos e 2º - não informado
13	F	50	N	casada	1	24	espos/filha	GER	1	diurno sem final de semana
15	F	51	N	separada	1	23	filho	GER	2	diurnos sem final de semana
17	M	41	N	casado	—	—	esposa/sogra	GER	2	diurnos sem final de semana
18	F	54	N	casada	2	22 e 26	esposo/filhas	AMB	2 *	diurno sem final de semana
19	F	39	SG	solteira	1	10	pai/filho	CGE	2	diurnos sem final de semana
20	F	52	RJ	casada	2	23 e 28	esposo/filho	AMB	1	diurno sem final de semana
21	F	59	N	viúva	2	30 e 32	sozinha	GER	2	1º - diurno sem final de semana e 2º - plantão 24h x semana
23	M	53	RJ	solteiro	—	—	mãe	GER	3	diurnos sem final de semana
25	F	27	N	casada	—	—	esposo	CGE	3	1º e 2º - plantões noturnos e 3º - diurno sem final de semana
26	F	47	N	casada	2	17 e 22	esposo/filhos	GER	2	diurnos sem final de semana
30	M	46	RJ	separado	5	12, 12, 15, 18 e 18	esposa/filhas	CGE	3	1º - plantões noturnos e 2º e 3º - diurnos sem final de semana
35	M	58	RJ	separado	3	21, 23 e 23	sozinho	AMB	2	diurnos sem final de semana
39	M	48	N	casado	2	11 e 15	esposa/filhas	CGE	2	1º - plantões noturnos e 2º - diurno sem final de semana
40	M	54	SG	casado	2	19 e 23	esposa/filhos	CGE	2	1º - plantões diurnos e 2º - diurno sem final de semana
41	M	40	N	casado	3	2m, 8 e 12	esposa/filha	CGE	3	1º e 3º - plantões noturnos e 2º - plantões diurnos
42	M	51	N	casado	1	12	esposa	CGE	2	1º - plantões noturnos e 2º - plantões diurnos
43	F	42	N	separada	2	09 e 13	pais/filhos/irmão	GER	1	diurno sem final de semana
45	F	47	RJ	casada	2	18 e 20	esposo/filhos/sogra	CGE	2	plantões diurnos
47	F	30	SG	casada	1	1	esposo/filho	CGE	1	plantões diurnos
48	M	54	RJ	casado	3	20, 22 e 25	esposa/filha	CGE	2	1º - plantões diurnos e 2º - plantão noturno
51	M	62	RJ	casado	2	35 e 37	esposa/filho	CGE	2 *	plantões noturnos
53	F	36	N	casada	1	2	esposo/filho	CGE	2	1º - plantões diurnos e 2º - diurno sem final de semana
54	F	37	ITB	casada	2	10 e 13	esposo/filhos	CGE	2	plantões noturnos
56	F	35	RJ	casada	2	07 e 07	esposo/filhos/sogra	CGE	1	plantões diurnos
58	F	50	N	casada	2	21 e 23	esposo/filhos	CGE	2	1º - plantões diurnos e 2º - plantões noturnos
60	F	48	SG	casada	4	10, 20, 21 e 22	esposo/filhos/sogra	GER	2	diurnos sem final de semana
61	F	46	RJ	casada	2	04 e 08	esposo/filhos	GER	2	1º - plantões noturnos e esporádico no fim de semana e 2º - diurno sem fim de semana
64	M	48	RJ	casado	2	09 e 10	esposo/filhos	GER	2	1º - plantões noturnos e esporádico no fim de semana e 2º - diurno sem fim de semana
68	M	51	N	casado	1	25	esposa	GER	2	1º - plantões noturnos e esporádico no fim de semana e 2º - diurno sem fim de semana
69	F	43	N	casada	2	11 e 15	esposo/filhas	CGE	2	1º - plantões noturnos e 2º - diurno sem final de semana
73	M	39	N	solteiro	—	—	sozinho	CGE	2	1º - plantões noturnos e 2º - diurno sem final de semana
75	F	50	N	casada	2	14 e 18	esposo/filhos	AMB	1	diurno sem final de semana

Cidade: N = Niterói, RJ = Rio de Janeiro, SG = São Gonçalo e ITB = Itaboraí

Lotação: GER = Direção, Gerência de Áreas, Supervisão e Coordenação de Setores, AMB = Ambulatório e CGE = Clínica Geral e Especializada

Nº de vínculos: * aposentado (a) em um dos vínculos

Fonte: Elaboração própria

4.2 - Os usos do tempo a partir da abordagem quantitativa

As informações obtidas a partir do registro das atividades realizadas pelas enfermeiras e enfermeiros ao longo de sete dias consecutivos permitem identificar experiências que sofrem influência de normas sociais, incluindo aquelas derivadas das relações de gênero. Analisar a ocupação do tempo entre a casa, o(s) hospital(is) ou outras instituições de saúde faz emergirem reflexões sobre as aproximações existentes entre espaços-tempos da vida pública e privada a partir do âmbito do trabalho, além de permitir descrever ações realizadas ao mesmo tempo, como descrito adiante.

4.2.1 - Breve descrição dos usos do tempo por cada categoria de atividade

A fim de observar diferenças correlacionadas ao gênero, inicialmente apresenta-se o tempo dedicado para cada grupo de atividades. Ao analisar o cômputo dos grupos, conforme a tabela a seguir, observam-se diferenças significativas com relação ao trabalho remunerado, às atividades domésticas, aos cuidados de outros e de si.

Tabela 04: Tempo médio dedicado às atividades por grupo estudado e resultados das comparações estatísticas

Grupos de Atividades	Tempo médio (h:min)		Resultado do teste estatístico (Mann-Whitney)
	Enfermeiros (N=18)	Enfermeiras (N=24)	
Trabalho remunerado	52:26	39:42	DS
Atividades domésticas	8:03	16:24	DS
Cuidados de outros	7:58	16:23	DS
Cuidados de si	15:01	18:52	DS
Sono/descanso	48:50	54:04	NS
Lazer/vida social	27:26	25:03	NS
Estudos	6:08	3:06	NS
Deslocamentos	13:09	12:14	NS

DS = Diferença significativa ($p < 0,05$) em negrito; **NS** = Não significativa ($p > 0,05$)

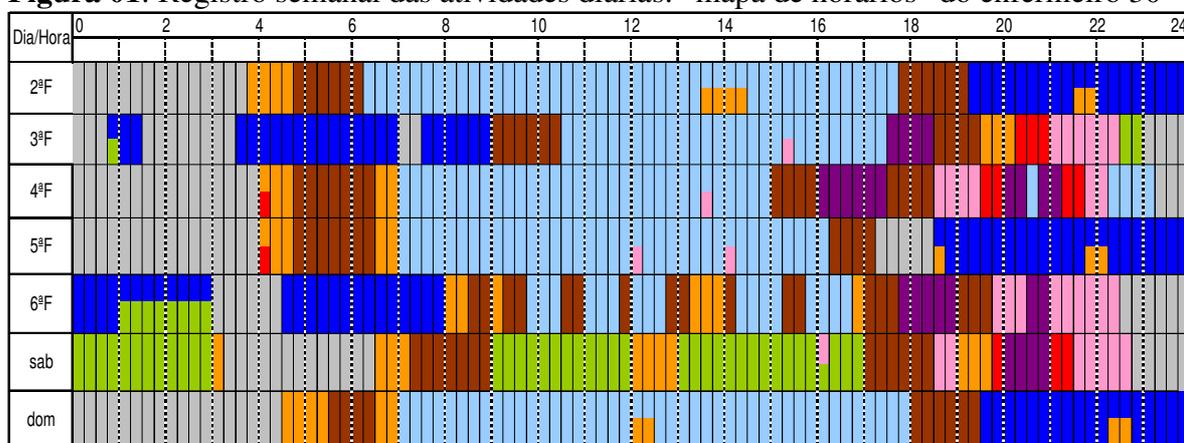
Fonte: Elaboração própria

Como pode ser visto, além do período dedicado ao sono/descanso, o tempo dispensado ao “trabalho remunerado” aparece como aquele que mais ocupa o dia a dia dos participantes. Os resultados indicam uma diferença significativa com relação ao tempo dedicado ao trabalho remunerado, sendo maior entre os enfermeiros, com média de 52 horas, quando comparados às enfermeiras, com média de 39 horas, sendo a diferença em

torno de 13 horas. Esse último valor se aproxima daquele observado por Portela, Rotenberg e Waissmann (2005) que encontram média de 40 horas de trabalho por semana em equipes de Enfermagem. Segundo esses autores, essa carga horária fica acima do sistema de 30 horas semanais recomendadas pelos sindicatos dos enfermeiros brasileiros.

As figuras que se seguem representam “mapas de horários” referentes ao tempo registrado na “caderneta de atividades” de dois enfermeiros, como exemplo característico dessa situação. Nas figuras, os espaços correspondentes ao trabalho remunerado são identificados pelas cores azul claro e escuro.

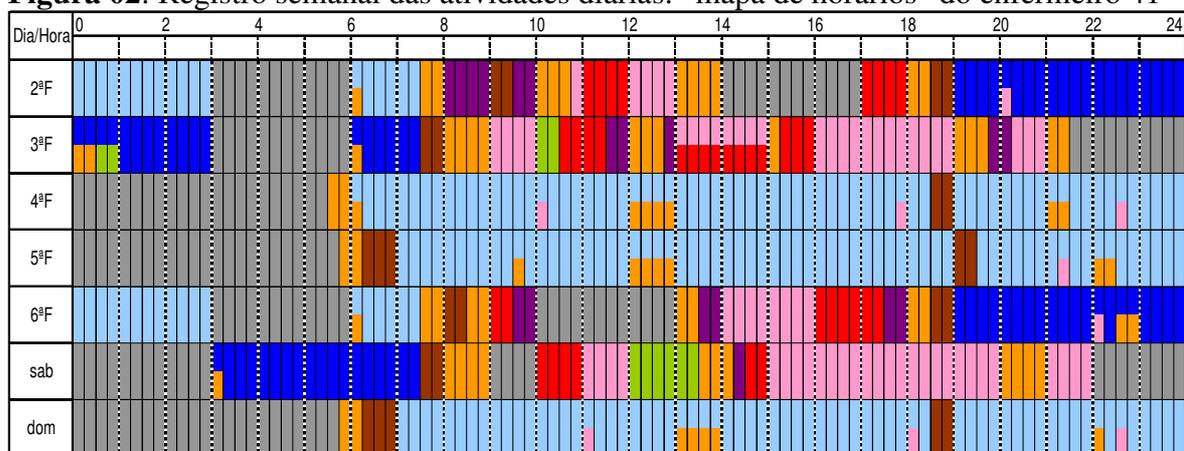
Figura 01: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” do enfermeiro 30



Legenda: Trabalho no Hospital Universitário (azul escuro), Outro trabalho remunerado (azul claro), Cuidados de si (laranja), Lazer, vida social, atividades física, cultural e religiosa (rosa), Estudos (verde), Cuidados de outros (vermelho), Atividades domésticas (púrpura), Sono / descanso (cinza), Deslocamentos / transporte (marrom), Outras atividades (amarelo), Lacunas de preenchimento (branco).

Fonte: Elaboração própria

Figura 02: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” do enfermeiro 41



Legenda: Trabalho no Hospital Universitário (azul escuro), Outro trabalho remunerado (azul claro), Cuidados de si (laranja), Lazer, vida social, atividades física, cultural e religiosa (rosa), Estudos (verde), Cuidados de outros (vermelho), Atividades domésticas (púrpura), Sono / descanso (cinza), Deslocamentos / transporte (marrom), Outras atividades (amarelo), Lacunas de preenchimento (branco).

Fonte: Elaboração própria

Ainda com relação ao tempo de **trabalho remunerado**, considerando-se a multiplicidade de vínculos referida, foram observadas questões relacionadas aos horários e dias trabalhados durante a semana e final de semana, descritas no Item 4.1, referente ao perfil sociodemográfico e relativo ao trabalho profissional.

Quanto ao tempo voltado para as **atividades domésticas**, o valor observado entre as enfermeiras, com média de 16 horas ao longo da semana, correspondeu ao dobro daquele observado entre os enfermeiros, com média de 8 horas. Com relação aos **cuidados de outros**, a diferença também se apresenta significativa, equivalendo a aproximadamente 9 horas a mais entre as enfermeiras.

Em suma, observar as diferenças das médias dos tempos ocupados em trabalho remunerado, atividades domésticas e cuidados de outros possibilita retomar o olhar para essas diferenças aproximando correlações que permitem ratificar níveis de significância expressivos. Assim, os enfermeiros ocupam aproximadamente 12 horas a mais com trabalho remunerado do que as enfermeiras, por volta de 8 horas a menos com relação às atividades domésticas; e cerca de 9 horas a menos quanto aos cuidados de outros.

Tabela 05: Diferenças das médias de tempo (horas e minutos) ocupado por enfermeiros durante uma semana, em atividades remuneradas, domésticas e cuidados de outros, com a média de tempo das enfermeiras.

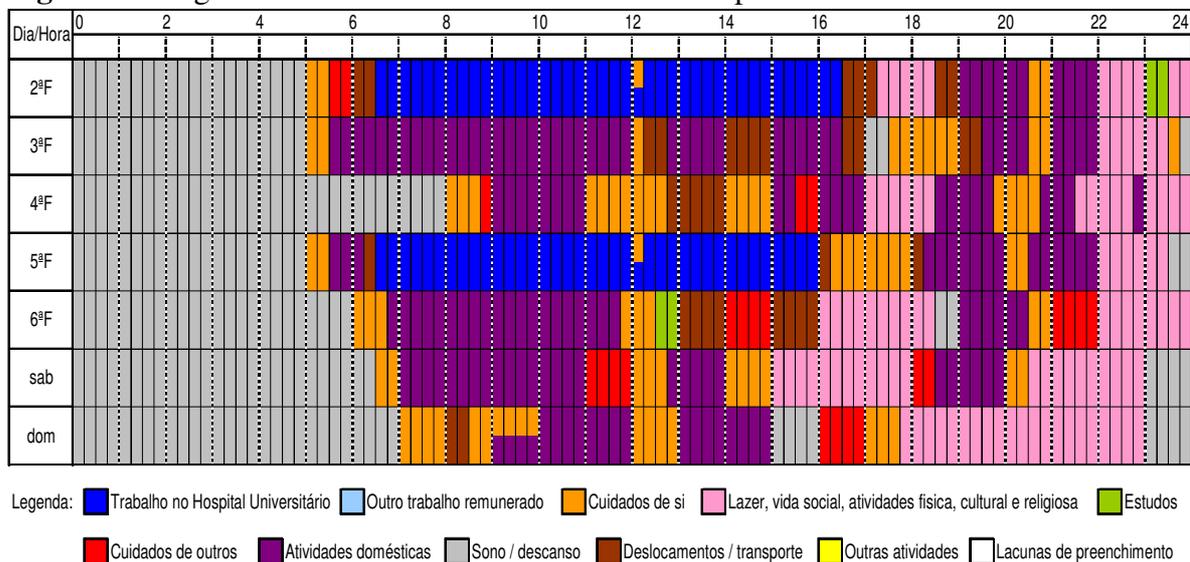
Grupos de Atividades	Média	
Trabalho remunerado (enfermeiros - enfermeiras)	12 horas	687 minutos
Atividades domésticas (enfermeiros - enfermeiras)	- 08 horas	- 496 minutos
Cuidados de outros (enfermeiros - enfermeiras)	- 09 horas	- 518 minutos

Fonte: Elaboração própria

Comparações entre homens e mulheres com relação aos usos desiguais do tempo disponibilizado para o trabalho remunerado, as atividades domésticas e os cuidados de outros (principalmente crianças pequenas) podem ser encontradas, tanto em estudos internacionais (BONKE; GUPTA; SMITH, 2003; LESNARD, 2004; FICHER; LAYTE, 2004; ANXO; CARLIN, 2004), quanto nacionais (AGUIAR, 2001; DEDECCA, 2004; SOUZA, 2007; CYRINO, 2010; BRUSCHINI; RICOLDI, 2012).

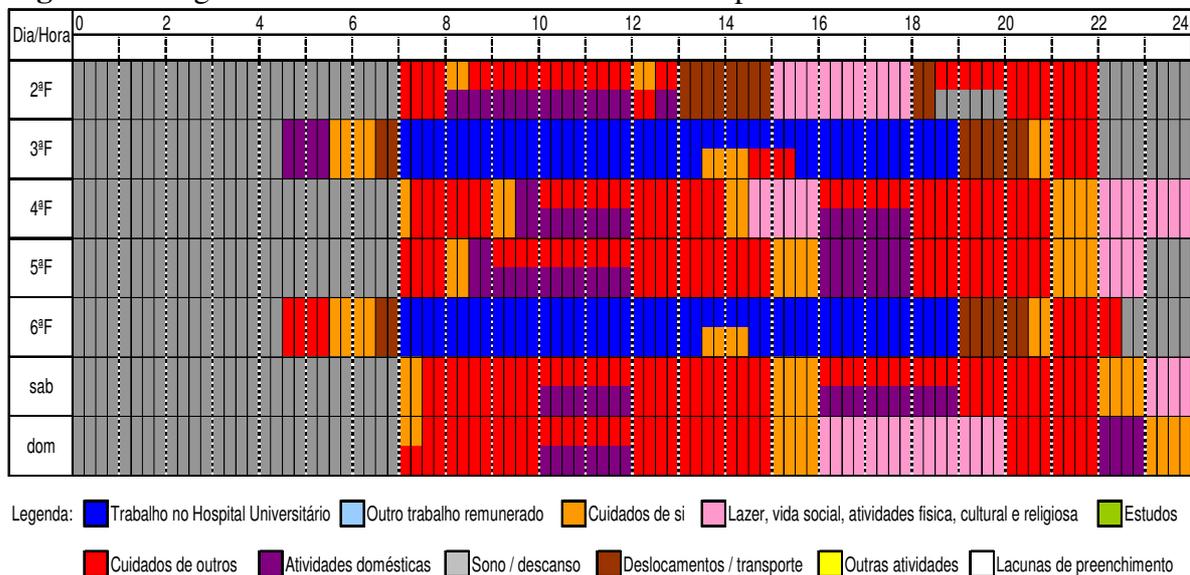
Os “mapas de horários” que se encontram a seguir são exemplos que ilustram a grande proporção ocupada pelos tempos relacionados às atividades domésticas (cor violeta) e aos cuidados de outros (cor vermelha) entre as enfermeiras.

Figura 03: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” da enfermeira 18



Fonte: Elaboração própria

Figura 04: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” da enfermeira 47



Fonte: Elaboração própria

Direta ou indiretamente, os usos do tempo na esfera doméstica dessas enfermeiras se mostram distantes de usos do tempo de outras mulheres com nível de escolaridade e tempo de trabalho remunerado semelhantes, como pode ser observado a partir do exemplo a seguir. Cyrino (2010) realiza um estudo com mulheres executivas que possuem um nível

de escolaridade elevado (68% com pós-graduação) e que dizem empregar 45 minutos/dia com o trabalho doméstico durante os dias de semana e média de 103 minutos /dia com o trabalho doméstico, nos finais de semana. Esses dados contrastam com os tempos relatados pelas enfermeiras, pois mesmo compondo um grupo com 92% de pós-graduadas (Especialização e Mestrado), levando-se em conta os dias de semana, relatam que ocupam em média de 700 minutos envolvidos com trabalho doméstico durante a semana e média de 270 minutos de trabalho doméstico, nos finais de semana. Como visto, esse grupo de enfermeiras apresenta maiores usos do tempo em atividades domésticas, tanto em comparação com outro grupo de mulheres, quanto em comparação com o grupo de enfermeiros desse estudo.²⁴

O quantitativo de horas ocupadas com o trabalho doméstico pelas enfermeiras desse estudo (média de 16 horas/semana) contrasta com a média de 32 horas/semana encontrada por Portela, Rotenberg e Waissmann (2005); contribuindo para relativizar que as enfermeiras desse estudo apresentam tempo de trabalho doméstico maior do que mulheres executivas, mas ao comparar com outro grupo de mulheres na Enfermagem, apresentam tempo menor.

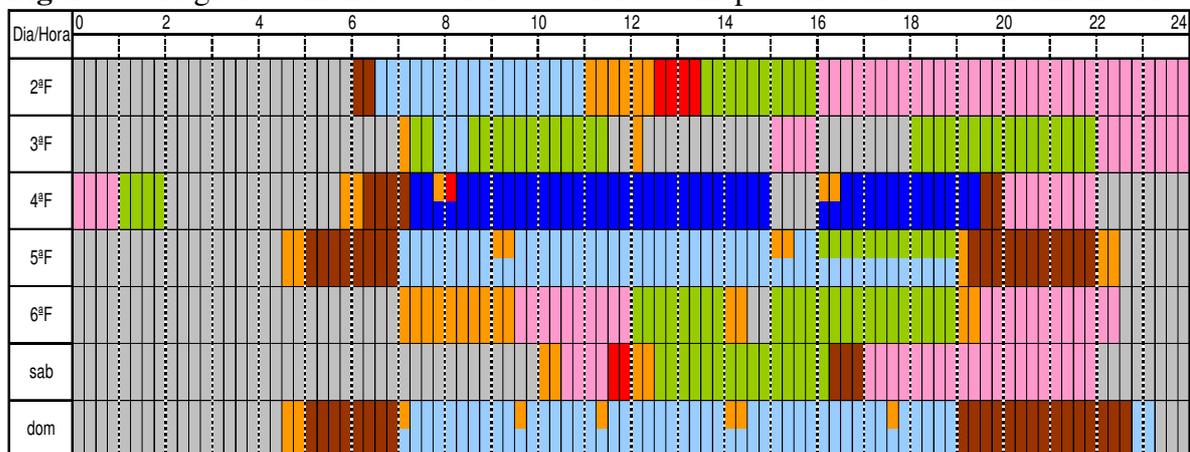
Com relação à jornada média semanal despendida em afazeres domésticos, no Brasil (IBGE, 2007), verifica-se que as mulheres trabalham mais que o dobro dos homens nessas atividades (24,8 horas). Considerando as médias apresentadas pelas enfermeiras de 16 horas, e de 8 horas pelos enfermeiros, pode-se observar que em parte os dados disponibilizados pelo IBGE contrastam pela diferença entre as médias de horas de mulheres/enfermeiras e homens/enfermeiros, e em parte, se aproximam quando torna-se possível identificar o dobro de horas entre mulheres e homens.

²⁴ Mesmo que as correlações não sejam diretamente comparáveis, visto que o registro do tempo das executivas foi coletado em um dia de semana e noutro de fim de semana, e o tempo das enfermeiras foi registrado durante o percurso de toda a semana, inclusive final de semana; e visto que a organização dos horários de trabalho durante a semana não ocorre da mesma forma para ambos grupos, pois nem todas enfermeiras trabalham exclusivamente em dias de semana e durante o período diurno; torna-se possível observar que o tempo das executivas dispensado para as atividades domésticas, foi em média de 45 minutos/dia durante a semana e 103 minutos /dia durante o final de semana. Já as enfermeiras relataram média de 700 minutos /semana durante os dias de semana e 270 minutos /semana durante o final de semana de trabalho doméstico. Assim, observa-se uma diferença em média de 650 minutos a mais para as enfermeiras durante a semana e uma média de 160 minutos a mais para as mesmas durante o fim de semana. O mesmo ocorreu em relação ao grupo de enfermeiros, onde é possível observar diferença significativa quanto às médias de tempo ocupado com o trabalho doméstico. Durante os dias de semana os enfermeiros perfizeram média de 300 minutos/semana e durante o final de semana apontaram 180 minutos/semana. Assim, também com relação aos enfermeiros, observa-se diferença em média de 400 minutos/semana a mais para as enfermeiras durante os dias de semana e de 90 minutos/semana a mais também para as enfermeiras durante o final de semana.

Além disso, as enfermeiras também apresentaram diferenças significativas com relação aos tempos de cuidados de si, com média de 18 horas, quando comparadas aos enfermeiros, cuja média perfaz 15 horas.

As demais atividades como sono/descanso, lazer/vida social, estudos e deslocamentos, não diferiram significativamente entre os grupos estudados. Ainda assim, optou-se por apresentar os “mapas de horários” de dois enfermeiros como exemplos de um grupo que apresenta maiores médias de tempo para os estudos (cor verde) e atividades correlacionadas à vida social (rosa), e menores médias de tempo de cuidados de outros (vermelha) e de atividades domésticas (violeta).

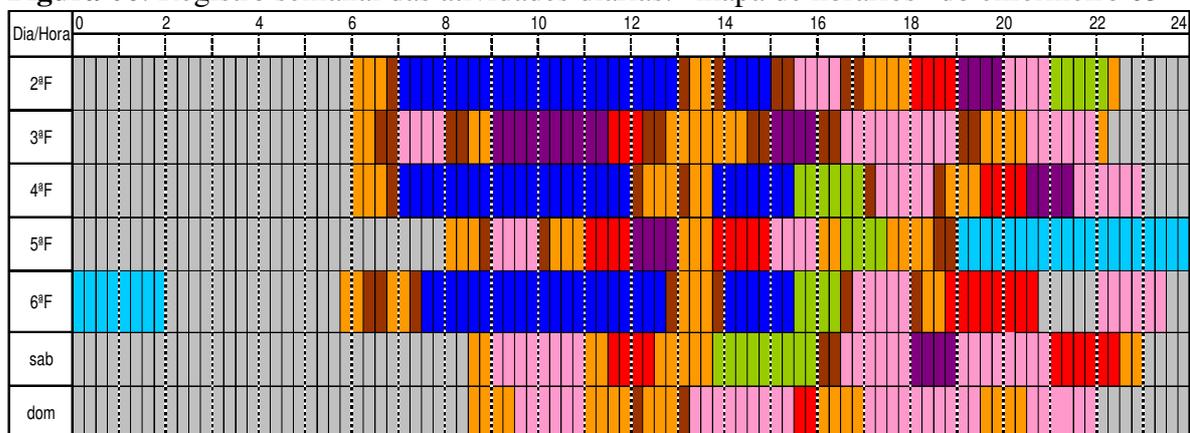
Figura 05: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” do enfermeiro 11



Legenda: Trabalho no Hospital Universitário Outro trabalho remunerado Cuidados de si Lazer, vida social, atividades física, cultural e religiosa Estudos
Cuidados de outros Atividades domésticas Sono / descanso Deslocamentos / transporte Outras atividades Lacunas de preenchimento

Fonte: Elaboração própria

Figura 06: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” do enfermeiro 03



Legenda: Trabalho no Hospital Universitário Outro trabalho remunerado Cuidados de si Lazer, vida social, atividades física, cultural e religiosa Estudos
Cuidados de outros Atividades domésticas Sono / descanso Deslocamentos / transporte Outras atividades Lacunas de preenchimento

Fonte: Elaboração própria

4.2.2 - O registro de atividades por “blocos de tempos”

Visualizar os usos do tempo também a partir da categorização das atividades de forma agrupada, permite realizar comparações úteis e esclarecedoras para os estudos que analisam os tempos sob a perspectiva das relações de gênero, conforme a tabela a seguir.

Tabela 06: Média dos tempos agrupados em blocos por grupo estudado e resultados das comparações estatísticas

Classificação	Tempo médio (h:min)		Resultado do teste estatístico (Mann-Whitney)
	Enfermeiros (N=18)	Enfermeiras (N=24)	
Tempo contratado - trabalho profissional + estudos	56:54	42:07	DS
Tempo comprometido - trabalho doméstico + cuidado de outros	16:01	32:47	DS
Tempo pessoal - cuidado de si + sono	63:51	72:16	DS
Tempo livre - deslocamento + lazer	40:00	37:12	NS

DS = Diferença significativa ($p < 0,05$) em negrito; **NS** = Não significativa ($p > 0,05$)

Fonte: Elaboração própria

Pode-se observar diferenças significativas entre enfermeiras e enfermeiros com relação aos “blocos de tempo” contratado, comprometido e pessoal (STINSON, 1999; ROBINSON, 1999). Com relação ao “tempo contratado”, o tempo médio difere em cerca de 14 horas entre homens e mulheres, com valores de 56 e 42 horas semanais, respectivamente. Quanto ao “tempo comprometido”, a diferença corresponde ao dobro, sendo 16 horas para os enfermeiros e 32 horas para as enfermeiras. Já com relação ao tempo pessoal, a diferença se reduz para aproximadamente 9 horas, apresentando-se estatisticamente significativa. Não foi observada diferença significativa com relação ao “tempo livre”.

Assim, pode-se ratificar que os enfermeiros ocupam mais o tempo na esfera pública e as enfermeiras mais o seu tempo com atividades relacionadas à esfera privada. Apesar de observar o aumento da participação feminina no mercado de trabalho, os homens não têm realizado o aumento proporcional da participação no âmbito reprodutivo (LAVINAS, 2001; BRUSCHINI, 2006, 2007; DEDECCA, 2008).

A partir do entendimento de que a presença de filhos pode interferir nos usos do tempo, foram feitas análises dos tempos contratado, comprometido e pessoal segundo a

presença ou não de filhos com idade de até 12 anos. A tabela que se segue apresenta os dados relativos às comparações, considerando os grupos feminino e masculino.

Tabela 07: Tempo médio (horas:minutos) de acordo com categorização em blocos e resultados das comparações estatísticas segundo a presença ou não de filhos de até 12 anos.

Bloco de tempo	Enfermeiros			Enfermeiras		
	Filhos ≤ 12 anos		Resultados das comparações	Filhos ≤ 12 anos		Resultados das comparações
	Sim (n=5)	Não (n=13)		Sim (n=10)	Não (n=14)	
Contratado	71:45	50:81	DS	42:70	41:63	NS
Comprometido	22:75	12:87	NS	45:58	23:11	DS
Pessoal	59:30	65:14	NS	69:20	74:27	NS

DS = Diferença significativa ($p < 0,05$) em negrito; **NS** = Não significativa ($p > 0,05$)

Fonte: Elaboração própria

Entre as enfermeiras, foram observadas diferenças significativas quanto ao tempo comprometido ($p=0,013$), com valores maiores no grupo com filhos de até 12 anos. Já entre os enfermeiros, o tempo contratado se mostrou significativamente maior entre os que têm filhos de até 12 anos ($p=0,010$). Esses dados apontam para um aumento do tempo comprometido entre as enfermeiras com filhos na faixa de até 12 anos, enquanto entre os enfermeiros houve um aumento no tempo contratado.

Cabe destacar, no entanto, o caráter ilustrativo e de exploração inicial dos dados, tendo em vista as limitações das análises estatísticas em função da amostra reduzida e da impossibilidade de considerar outros aspectos que podem influenciar a distribuição dos tempos, como a idade dos(as) trabalhadores(as), dentre outros.

4.2.3 - Análise das atividades simultâneas

A caracterização do **tempo simultâneo** reflete as atividades realizadas de maneira sobreposta, constringendo os tempos. Além de considerar o tempo total despendido com atividades simultâneas, os dados também permitem caracterizar tais atividades segundo sua vinculação ao tempo contratado ou ao tempo comprometido, como ilustrado na tabela que se encontra a seguir.

Tabela 08: Tempo médio (horas: minutos) despendido em atividades simultâneas ao longo de uma semana, segundo sua vinculação com o tempo contratado ou comprometido e resultados das comparações estatísticas entre os grupos estudados.

Tempo	Tempo médio (h:min)		Resultado do teste estatístico (Mann-Whitney)
	Enfermeiros (n=18)	Enfermeiras (n=24)	
Tempo total de atividades simultâneas	7:82	16:31	DS
Tempo de atividades simultâneas durante o tempo contratado	4:26	4:19	NS
Tempo de atividades simultâneas durante o tempo comprometido	3:20	10:12	DS

DS = Diferença significativa ($p < 0,05$) em negrito; **NS** = Não significativa ($p > 0,05$)

Fonte: Elaboração própria

Entre as enfermeiras, o tempo total médio despendido em atividades simultâneas ao longo de uma semana foi superior a 16 horas, equivalendo a mais que o dobro do valor observado entre os enfermeiros (diferença estatisticamente significativa, $p=0,011$).

Como descreve a Tabela 08, as diferenças entre os grupos masculino e feminino também se expressam nas atividades simultâneas durante o tempo comprometido ($p=0,013$), isto é, envolvido com as atividades domésticas e cuidados de outros. Os grupos masculino e feminino não diferiram estatisticamente quanto às atividades simultâneas durante o tempo contratado ($p=0,683$). Desta forma, entre as enfermeiras, as atividades simultâneas predominam no universo privado, podendo-se inferir que elas tendem a realizar de maneira sobreposta as atividades domésticas e de cuidados de outros, com média de 10 horas ao longo da semana estudada. Já entre os enfermeiros, as atividades simultâneas se vinculam mais ao tempo contratado, sendo a diferenças entre aquelas ocorridas no tempo contratado e comprometido (em torno de uma hora) menor do que a observada entre as enfermeiras (em torno de seis horas).

Vale destacar que a opção por inserir o registro das atividades simultâneas foi um desafio. No entanto, o retorno expressivo, sobretudo por parte das enfermeiras, caracterizou não somente êxito, como também possibilitou mais uma maneira de identificar usos desiguais do tempo quanto ao gênero, além de classificar quais os tipos de tempo que predominam em cada grupo investigado.

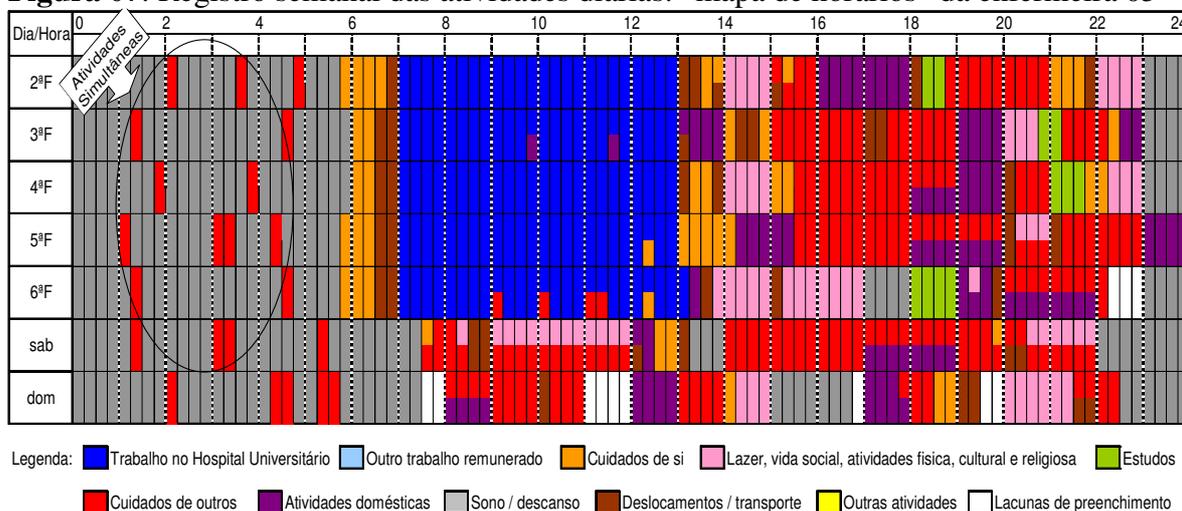
Foram escolhidos para apresentação alguns “mapas de horários”, que exemplificam essas diferenças entre enfermeiros e enfermeiras. Encontra-se predomínio de mapas de

enfermeiras com registros simultâneos, como pode ser visto a partir dos exemplos a seguir, cujas setas identificam não só o dia da semana que as atividades simultâneas aparecem registradas, como também os horários que se acumulam ou ocorrem em curtos intervalos.

As áreas descritas possibilitam explicitar impressões correlacionadas às práticas cotidianas, que são caracterizadas a partir de relações entrecruzadas e que se apresentam significativamente diferentes entre enfermeiras e enfermeiros.

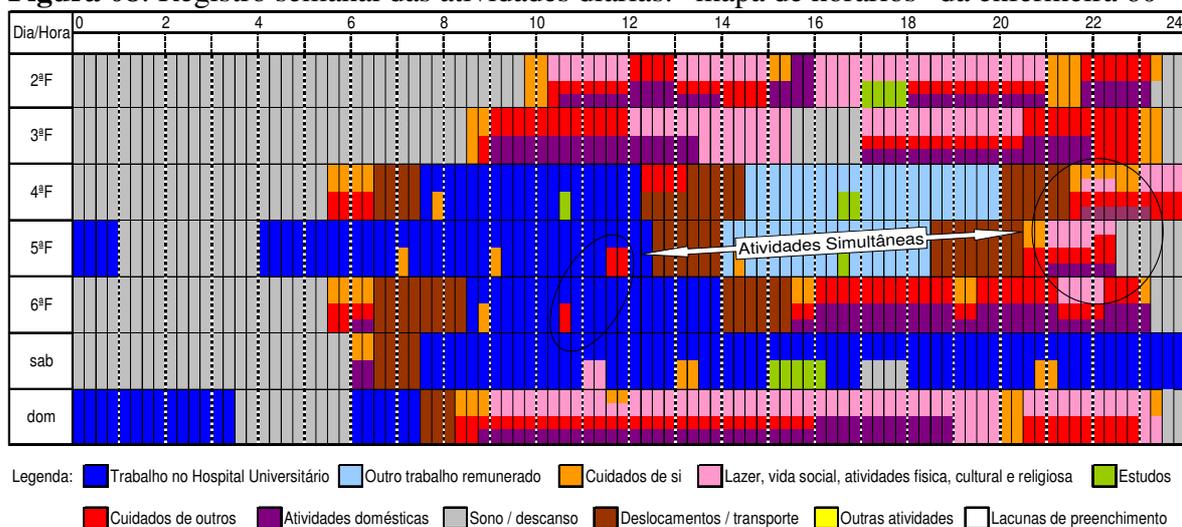
A seguir podem ser vistos exemplos de “mapas de horários”, com a distribuição do tempo segundo os oito grupos de atividades, com destaque para as simultaneidades.

Figura 07: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” da enfermeira 05

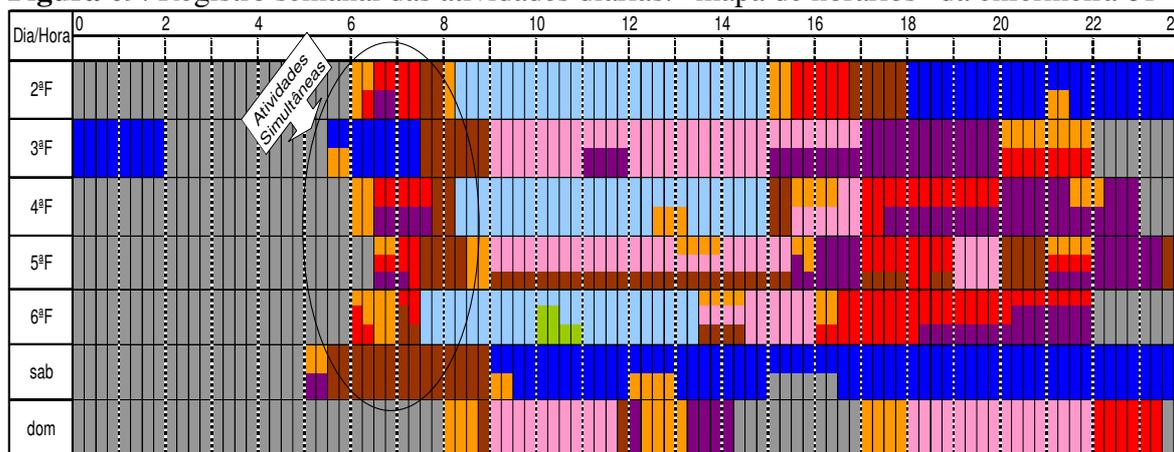


Fonte: Elaboração própria

Figura 08: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” da enfermeira 60



Fonte: Elaboração própria

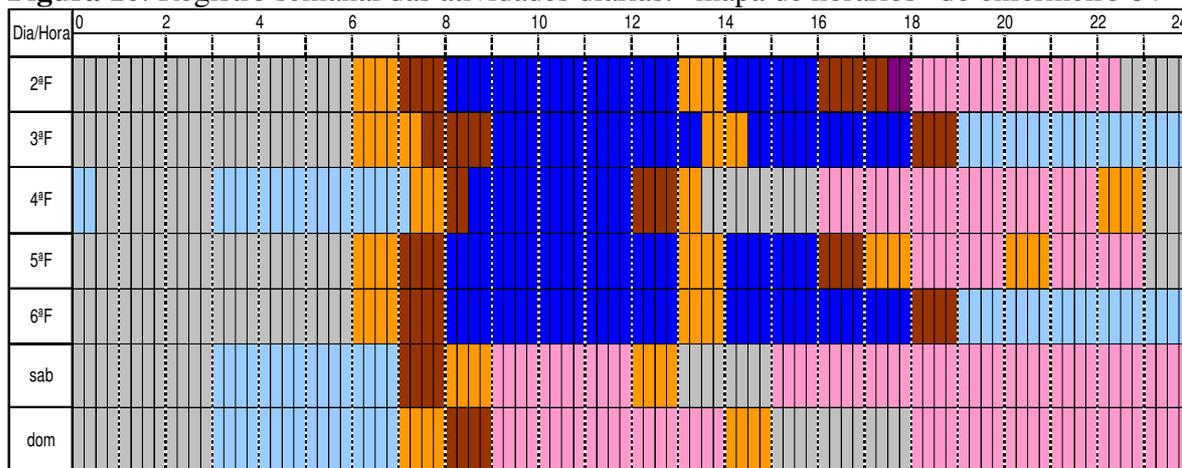
Figura 09: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” da enfermeira 61

Legenda: ■ Trabalho no Hospital Universitário ■ Outro trabalho remunerado ■ Cuidados de si ■ Lazer, vida social, atividades física, cultural e religiosa ■ Estudos
■ Cuidados de outros ■ Atividades domésticas ■ Sono / descanso ■ Deslocamentos / transporte ■ Outras atividades Lacunas de preenchimento

Fonte: Elaboração própria

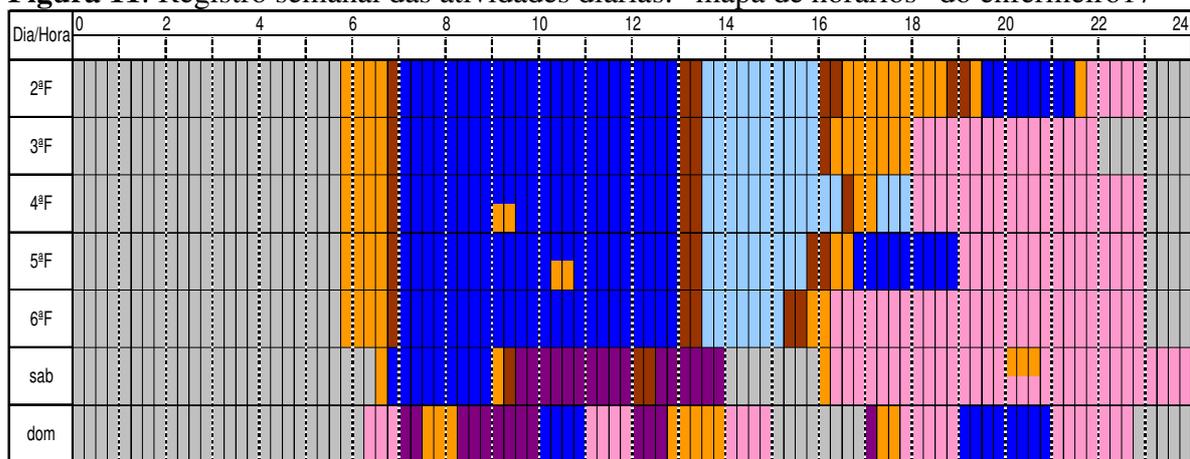
As setas que constam nas figuras anteriores identificam não só o dia da semana que as atividades simultâneas aparecem registradas, como também os horários que se acumulam ou ocorrem em intervalos de tempo pequenos. Como pode ser observado, existe maior presença de registros simultâneos entre os mapas de horários das enfermeiras.

Com relação à ausência e/ou diminuição dos registros de atividades simultâneas, são os mapas de horários dos enfermeiros que exemplificam essa situação, conforme pode ser visto a partir das figuras que se seguem.

Figura 10: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” do enfermeiro 04

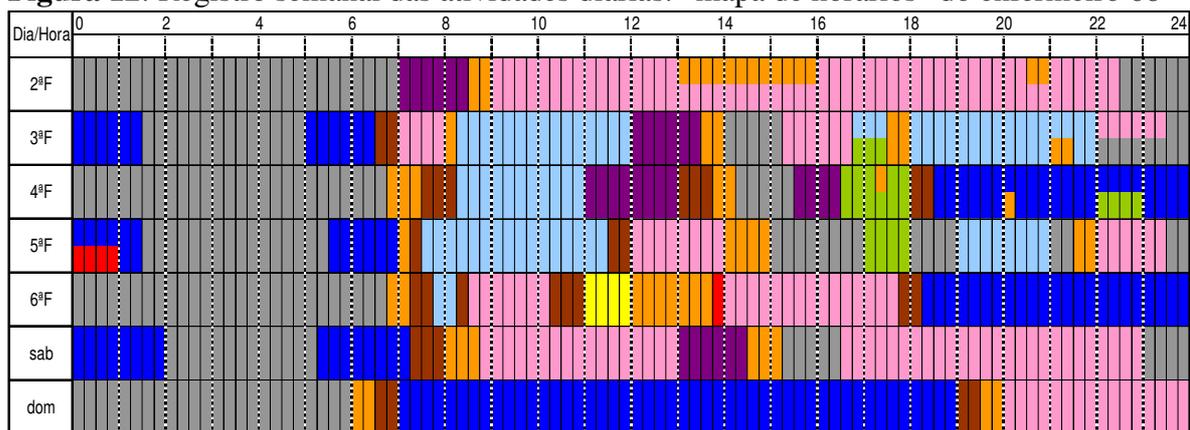
Legenda: ■ Trabalho no Hospital Universitário ■ Outro trabalho remunerado ■ Cuidados de si ■ Lazer, vida social, atividades física, cultural e religiosa ■ Estudos
■ Cuidados de outros ■ Atividades domésticas ■ Sono / descanso ■ Deslocamentos / transporte ■ Outras atividades Lacunas de preenchimento

Fonte: Elaboração própria

Figura 11: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” do enfermeiro 17

Legenda: Trabalho no Hospital Universitário Outro trabalho remunerado Cuidados de si Lazer, vida social, atividades física, cultural e religiosa Estudos
 Cuidados de outros Atividades domésticas Sono / descanso Deslocamentos / transporte Outras atividades Lacunas de preenchimento

Fonte: Elaboração própria

Figura 12: Registro semanal das atividades diárias: “mapa de horários” do enfermeiro 68

Legenda: Trabalho no Hospital Universitário Outro trabalho remunerado Cuidados de si Lazer, vida social, atividades física, cultural e religiosa Estudos
 Cuidados de outros Atividades domésticas Sono / descanso Deslocamentos / transporte Outras atividades Lacunas de preenchimento

Fonte: Elaboração própria

As comparações realizadas a partir das atividades simultâneas permitiram identificar os tipos de tempo que predominam no dia a dia das enfermeiras e dos enfermeiros. Ou seja, quais os modelos de orientação individual ou organização ocidental do tempo caracterizam os grupos investigados em termos da “monocronia” ou “policronia” (BLUEDORN; KAUFMAN; LANE, 1992; HALL, 1994, 1996; ARAÚJO, 2008).

Assim, de maneira geral, os registros dos enfermeiros permitem identificar uma organização que se aproxima da abordagem “monócrona”, isto é, representada por um tempo linear, sequencial, disciplinado, controlado e marcado por atividades e eventos executados cada um em seu tempo. E o grupo das enfermeiras encontra-se

tendenciosamente associado a uma organização “polícrona”, representada por um tempo em que vários eventos ocorrem no interior de um mesmo tempo, pela aproximação com a possibilidade de transgredir horários e pela visão tradicional feminina em se relacionar com o acúmulo de funções no âmbito doméstico (BLUEDORN; KAUFMAN; LANE, 1992; HALL, 1994, 1996; ARAÚJO, 2008).

Segundo Hall (1994, p.182), pode-se “[...] encontrar padrões de tempo significativamente diferentes [...] entre as famílias, entre os homens e as mulheres, diferenças na atividade profissional, na condição social e nas particularidades regionais”.

O conjunto de dados referentes aos usos do tempo sugere uma aproximação de comportamentos tradicionais no que diz respeito aos papéis sociais desempenhados pelos(as) enfermeiros(as). Identifica-se diferenças a partir da aproximação do grupo de homens por atividades da vida pública e que, portanto, integram o tempo contratado com tendência de vivenciar espaços-tempos separados. Já o grupo de mulheres é mais associado a atividades correlacionadas à vida privada, ou seja, ao tempo comprometido com tendência a apresentar um padrão de espaços-tempos misturados.

Comparar os “tempos” com destaque para as questões de gênero possibilitou entrecruzar informações fazendo emergir categorias que demandam análises qualitativas que permitam apreender aspectos subjetivos das experiências dos tempos, como descrito nos itens que se seguem.

4.3 - Sobre o registro dos usos do tempo: a primeira impressão nunca se esquece...

*O tempo fala. Fala mais claramente do que as palavras.
A mensagem que transmite surge viva e clara.
Edward Hall*

O registro do tempo na “caderneta de atividades”, realizado na primeira etapa do trabalho de campo possibilitou a elaboração de uma “imagem” que foi denominada “mapa de horários”. Como apresentado nas análises quantitativas realizadas no item anterior, essa imagem representa o compilado do tempo, registrado por cada entrevistado, ocupado com as diversas atividades ao longo de uma semana. O uso do “mapa de horários” no início da entrevista gerou reações diversificadas para as(os) entrevistadas(os) sobre a distribuição do próprio tempo, traduzindo-se em uma oportunidade de olhar para a vida no sentido de autoanalisar-se.

*[...] gostei... achei assim... curioso e gostoso... porque você **acaba se analisando**... coisas que assim... você não repara que faz... os intervalos de uma atividade a outra... as atividades que você faz ao mesmo tempo...*

Enfermeira 69:

43 anos, casada, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

Atentar para o “tempo cronometrado”, a partir do “registro na caderneta” e conseqüentemente da “imagem - mapa de horários” significou parar um momento e refletir sobre situações ocorridas que não eram pensadas constantemente.

Em algumas narrativas pode-se observar a existência de processos reflexivos, quando as(os) entrevistadas(os) apontam que os registros na caderneta contribuíram para “abrir os olhos” ou “se dar conta” da rotina existente no dia a dia e para se alertarem com a maneira que o tempo está sendo usado nas diversas áreas da vida. Destacam-se, por exemplo, a menção quanto ao excesso de tempo dedicado ao trabalho, que se articula com a preocupação com o descanso, lazer e tempo livre ou com o pouco cuidado de si.

*[...] achei **interessante**, sabe por quê? Porque às vezes a gente não se dá conta da nossa rotina. [...] Então eu acho que esse estudo serviu **pra despertar** um pouco [...]. Poxa! Eu não estou vivendo... eu só estou trabalhando e chego em casa e não tenho tempo pra mim também... porque não tenho tempo... é trabalhar, trabalhar... trabalha de novo [...] assim, foi uma questão muito importante pra despertar que é importante essa parte da **preocupação consigo** mesmo, não só com sua parte cultural... de lazer... e também de **descanso** [...] eu **achei muito importante... legal!***

Enfermeira 45:

47 anos, casada, dois filhos,
dois vínculos - plantões diurnos.

*[...] com o decorrer dos dias foi algo **estressante**... por quê? Porque eu fui observando que a minha vida tem muito mais de trabalho... acompanhado do cuidar dos outros... e talvez estaria deixando muito... coisas minhas... para fazer para os outros... ou seja... cuidar dos outros... trabalhar para os outros... e isso traz uma certa preocupação... por que? Como eu posso trabalhar muito, como eu posso cuidar dos outros, se eu não estou cuidando de mim?*

Enfermeira 15:

51 anos, separada, um filho,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

Na fala anterior, ao registrar as atividades, a constatação de um tempo excessivo de trabalho profissional foi vista como estressante, sugerindo que excessos e faltas quanto ao tempo podem se vincular a situações associadas ao chamado “estresse”. Foram observados relatos de dificuldades perpassadas por tensões ao recordar os eventos ou com a constatação das anotações que expressam a centralidade do trabalho na vida e no desequilíbrio entre o tempo para si e para os outros.

Questões ligadas a esses tempos, para si e para os outros, expressam desigualdades na distribuição dos tempos associadas às relações de gênero, com possíveis repercussões à

saúde. Por exemplo, a enfermeira 05 articula o tempo dedicado aos outros à falta de momentos só para si, associando a presença constante de um cansaço físico e mental.

*[...] olha! A impressão que eu tenho... eu acho que eu já sinto mesmo no meu dia a dia, é o tempo que eu não tenho pra mim... assim... tem um tempo pra mim, mas eu considero pouco... e isso me dá um certo cansaço mesmo... na minha rotina... porque assim... por mais que eu ame a minha família, ame meus filhos... eu sinto essa falta... só meu momento ocioso [...] eu vejo que eu descanso pouco... cuido muito dos outros... e meu lazer... eu acho pequeno em relação a tanto trabalho que eu tenho... mas eu sinto isso no meu dia a dia... **sinto isso no meu corpo... eu estou sempre cansada fisicamente... e também mentalmente...** porque você não parar muito... meus momentos de lazer... é mais sábado e domingo... mas está sempre voltado também... não tem um momento de lazer sozinha... sempre pensando nas crianças... então isso é um certo cuidado com o outro [...] eu sinto uma fadiga mesmo... um cansaço... eu até falei isso pra o meu marido... ai... **estou precisando de uns dias pra eu descansar sozinha...** só pra mim [...] Mas eu imaginei... que ia dar isso... Mas olhando (o mapa) é diferente... vou mandar isso pra o meu marido [...] mandar pra ele, pra ele entender... ele fica falando... amor você está muito cansada... agora eu vou mostrar pra ele porque... (silêncio) interessante...*

Enfermeira 05:

32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

Destaca-se, na narrativa anterior, a ideia de que a imagem da distribuição dos tempos ajudaria a explicar as razões atribuídas pela enfermeira ao cansaço constante. O que expressa a vinculação do tempo (ou da distribuição desproporcional do tempo) à saúde. A ênfase em mostrar a imagem do “mapa de horários” ao companheiro possivelmente reflete sua concepção de que se trata de algo que ele não reconhece ou não faz parte de suas experiências cotidianas. O que remete à divisão de atribuições segundo o gênero. Cabe ressaltar que em sua fala, a enfermeira contradiz a concepção socialmente aceita de que o amor das mulheres pela família e pelos filhos neutralizaria possíveis efeitos negativos da divisão desigual do trabalho segundo o gênero. Mesmo tendo a saúde afetada, existe uma dificuldade por parte das mulheres em lutar contra a divisão sexual do trabalho doméstico, pois o fato de vincular à mulher as tarefas relacionadas à casa e às crianças, liberando o homem para as responsabilidades na esfera profissional, perpassa a dimensão de afetividade (HIRATA, 2006).

Ao confrontar a quantificação de dados da caderneta com o tempo sentido a partir dos acontecimentos diários, foram identificados “espantos”, “incômodos”, “tristezas”, ou até mesmo eventos, que por sua recorrência, tendem a afetar a saúde como se depreende dos termos “grave” e “sério” utilizados pela enfermeira 61 ao comentar “*Quando eu vi a coisa assim... ao vivo e a cores... falei: caramba! eu tinha mais ou menos essa impressão,*

mas não sabia que era tão grave, não sabia que era tão sério [...] aí comecei a ficar meio... um misto de entristecida...”.

Mesmo afirmando ter noção prévia da realidade, a enfermeira 05 demonstrou possibilidade de encontrar diferenças a partir da confrontação com o mapa de horários, que também poderia estar afetando a saúde, ao referir que já imaginava “[...] **que ia dar isso.... mas olhando** (o mapa) *é diferente [...] então assim, agora eu entendo porque eu estou andando tão cansada...*” (risos e volta a olhar o mapa de horários).

Um aspecto mais sutil das reflexões sobre o tempo foi observado em um discurso que questiona a auto-imagem à luz das “práticas reais” ilustradas no mapa de horários, como pode ser visto na fala seguinte.

*[...] eu achei muito **interessante** pra mim... porque foi uma maneira de refletir sobre o que eu gasto de tempo na vida... isso tem **me ajudado bastante**... tenho pensado seriamente em muitas coisas... é aquilo... uma **fantasia da imagem que a gente tem da gente mesma**... em relação ao estilo de vida... as **práticas reais**... você está colocando em cheque...*

Enfermeira 75:
50 anos, casada, dois filhos,
um vínculo diurno sem final de semana.

Assim, catalogar e analisar o próprio tempo levou os(as) entrevistados(as) a um outro olhar sobre a sua realidade. Nesse sentido, o registro dos tempos durante a semana e a imagem do mapa de horários utilizada nas entrevistas parece ter promovido em alguns casos uma “oportunidade de enxergar”, de criar expectativas, de refletir sobre o desenrolar da existência. Essa “oportunidade” remete às palavras de Duarte (2004, p.220): “Quando realizamos uma entrevista, atuamos como mediadores para o sujeito apreender sua própria situação de outro ângulo, conduzimos o outro a se voltar sobre si próprio; incitamo-lo a procurar relações e a organizá-las”.

No presente estudo, a imagem que descreve a distribuição dos tempos foi utilizada de forma análoga à técnica de “autoconfrontação simples”, proposta por Daniel Faïta para o contexto da atividade de trabalho. Trata-se de promover um diálogo interior que o autoconfrontado, no caso a(o) enfermeira(o) não poderia destravar sem a presença de um texto visualizável na forma de imagem ou fala (FAÏTA; VIEIRA, 2003; VIEIRA; FAÏTA, 2003). É possível que o uso da imagem acoplada à entrevista tenha contribuído para tornar as experiências cotidianas visíveis, permitindo à(ao) enfermeira(o) estranhar algum aspecto sobre o qual “não se dava conta”. Na fala abaixo, a enfermeira analisa sua rotina de forma interligada, associando seu tempo de trabalho a questionamentos sobre sua relação tanto como mãe e esposa, como consigo mesma.

*[...] o quê eu estou fazendo da minha rotina, da minha vida, o quê que eu estou construindo? O **quê eu estou eternizando?** O quê eu estou aprendendo, aprimorando, me qualificando?... Estou sendo uma tarefeira? Eu estou **curtindo meus filhos** como gostaria? Eu estou sendo uma esposa presente? Aí começaram um monte de questionamentos [...] Aí começam aquelas **confusões na nossa cabeça...** **É o viver o trabalho o tempo todo e isso é assim na minha vida tanto tempo que eu nem me dou conta.** Cada dia que passa estou tendo tempo pra fazer minhas coisas que eu gosto, que eu curto? [...] Não talvez como gostaria, mas estou cumprindo... mas o quê que eu estou fazendo de bom, de construtivo?*

Enfermeira 61:

46 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º vínculo diurno sem fim de semana.

Em alguns relatos a “auto-confrontação” fez com que fossem mencionados sentimentos como “surpresa” e “susto”, reforçando a interpretação de que a realização da entrevista nos moldes aqui descritos contribuiu para o estranhamento em relação às atividades cotidianas. Neste contexto, chama atenção para a preocupação dos(as) entrevistados(as) com a rotina, que em muitas situações foi representada por experiências impensadas, como pode ser visto nas falas a seguir.

*[...] me fez pensar como nosso dia é ocupado por tantas coisas diferentes que você faz no **automático**... que você faz num dia de 12 horas acordado... você consegue realizar tantas atividades num mesmo dia...*

Enfermeira 26:

47 anos, casada, dois filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

*[...] **muito assustado**... você faz tudo muito no **automático** no dia-a-dia... e quando você pára pra colocar isso impresso... em documento ou em pesquisa... mesmo **pra você se conhecer**... o resultado que chegou pra mim foi um pouco assustador... de como é **rotineiro** nosso dia a dia... realmente você faz tudo muito no **automático** e você não percebe essa rotina inserida dentro do contexto do dia a dia.*

Enfermeiro 17:

41 anos, casado, não tem filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

*[...] até **esperava que fosse assim**, mas a questão vira uma coisa tão rotineira que você não pensa que aquilo ali (registro das atividades) acontece na tua vida diária.*

Enfermeiro 01:

37 anos, solteiro, não tem filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

A esse respeito, Sennett (2009) ressalta a revolta da sociedade moderna contra o tempo rotineiro e burocrático. Para o autor, as “dores da rotina” culminaram na geração atual a partir da nova linguagem de flexibilidade, sugerindo que através dessa linha divisória a questão da rotina estaria morrendo nos setores dinâmicos da economia. Pode-se conjecturar se este movimento contribui para o incômodo de alguns dos sujeitos dessa pesquisa com a rotina em seus cotidianos.

Mediante as responsabilidades do dia a dia, ainda foi constatada fala apontando atividades que ficam “apenas na intenção”, como enfatiza o enfermeiro 64, ao observar inexpressivos registros correlacionados ao tempo dedicado aos estudos.

[...] deu só pra eu ter uma noção que... eu não tinha parado pra observar o tempo que eu gasto nos dois serviços... o tempo que eu gasto com lazer... deu pra reparar que a parte de estudos praticamente é zero... que você fica pra lá e pra cá com dois emprego, com atividade doméstica, com os compromissos do dia a dia...

Enfermeiro 64:

48 anos, casado, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º vínculo diurno sem fim de semana.

Mas também foi possível destacar discurso que sinaliza possibilidade de mudar hábitos a partir da participação na pesquisa, por meio do registro das atividades e da visualização da imagem do próprio registro do tempo.

*[...] aí eu comecei a ficar preocupada... porque achei que estava dispensando muito tempo com descanso, que eu poderia estar aproveitando esse horário, pelo menos até as dez horas (vinte e duas horas) pra uma ida ao cinema ou com uma leitura, **aí eu comecei a mudar isso a partir da caderneta.***

Enfermeira 13:

50 anos, casada, um filho,
um vínculo diurno sem final de semana.

Outro aspecto observado se refere à “sensação de perda de tempo” em determinadas situações, como sugere o enfermeiro abaixo, ao apontar que o exercício de preencher a “caderneta de atividades” chamou atenção para alguns pontos que passavam despercebidos anteriormente.

[...] mas o que mais me chamou a atenção foi quanto tempo que a gente perde com determinadas coisas que não imaginava que perdesse tanto tempo... quando você passa a computar... quando parei para olhar... falei opa! [...] Como a gente perde tempo com afazeres domésticos!

Enfermeiro 73:

39 anos, solteiro, não tem filhos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

Paralelamente, também observa-se a presença de conflitos e um misto de sentimentos como angústia e indecisão, não só com relação às constatações de várias responsabilidades e funções, mas também diante da necessidade de decisões relacionadas ao presente ou ao futuro.

[...] então isso preocupa um pouco... agora, o que fazer pra mudar?... depende de muitas coisas que te rodeiam... e acredito que isso não vá mudar por agora...

Enfermeira 15:

51 anos, separada, um filho,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

*[...] me **preocupa** saber o que fazer a partir daqui... reorganizar tudo isso é muito complicado nessa altura do campeonato. Tem como? Não tem. Aí comecei aqueles questionamentos... Quem sabe faz a hora, não espera acontecer. E é isso... me proporcionou isso... **seu trabalho me deu essa oportunidade de refletir** de que alguma coisa tem que ser refeita... revista.*

Enfermeira 61:

46 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º vínculo diurno sem fim de semana.

*[...] é importante pra eu me deparar com isso (mapa de horários)... pra **ver se me desperta** mais alguma coisa... pra eu investir mais em mim, na minha qualificação, na minha parte profissional.*

Enfermeira 02:

45 anos, casada, não tem filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

As análises referentes aos registros das experiências cotidianas não só viabilizaram refletir como as(os) participantes ocupam e percebem o próprio tempo, como também podem ser úteis para subsidiar a avaliação da “caderneta de atividades” e do passo a passo que os sujeitos referiram para preenchê-la. Alguns discursos apontam o instrumento como de fácil preenchimento, pois objetivou documentar acontecimentos que se repetem no dia a dia, sendo associado a um exercício tranquilo e agradável.

*[...] sinceramente não foi muito difícil de fazer... porque é mais ou menos uma **rotina**... plantão, dias de folga... também não variam muito na minha rotina em casa... lazer... cuidar das crianças... não tive muita dificuldade em preencher não.*

Enfermeiro 41:

40 anos, casado, três filhos, sendo dois menores que 12 anos,
1º e 3º vínculos - plantões noturnos e 2º - plantão diurno.

[...] normal... não foi difícil não [...] eu tinha um programa de dieta que eu tinha que registrar minhas atividades físicas... eu tinha que programar e registrar... então já estava mais ou menos acostumado... então foi tranquilo... e é até bom... que você repensa... revisa... o que eu fiz... fiz de mais... fiz de menos...

Enfermeiro 48:

54 anos, casado, três filhos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - plantão noturno.

*[...] foi uma atividade bem **tranquila**... bem agradável de fazer... e é interessante que você... no momento em que você registra... **começa a ter consciência** de algumas coisas que você faz...*

Enfermeiro 68:

51 anos, casado, um filho,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º - diurno sem fim de semana.

Anotar as atividades e delimitar o tempo durante uma semana, para alguns entrevistados, parece ter provocado percepções contraditórias e dúvidas, como a necessidade de buscar um limite ou um padrão de normalidade na divisão do tempo.

*[...] no momento do registro **você fica se perguntando** o que seria cuidar de si... o que seria cuidar do outro... em que momento essas coisas se encontram... também é um momento que você fica... em um momento aqui (mapa de horários) estava*

cuidando do meu filho... estava cuidando de mim... mas dele também... mas acho que a impressão mais importante é que é uma pesquisa inovadora...

Enfermeira 56:

35 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
um vínculo - plantão diurno.

*[...] parece que está bem dividido... assim que eu estou conseguindo... não sei quais são as... porque a gente tem uma vida muito louca... então assim... eu **não sei se existe um limite**... uma perspectiva... mas olhando em termos de cores... parece que está bem dividido... agora... louco... não existe uma constância nas atividades...*

Enfermeira 08:

33 anos, solteira, não tem filhos,
1º vínculo - plantão diurno, 2º - diurno sem final de semana e 3º - não informado.

Outro aspecto observado é a referência quanto a características pessoais, como disciplina, vigilância e comprometimento no sentido de demonstrar uma atuação adequada quanto ao preenchimento da “caderneta”.

*[...] foi bem tranquilo e agradável... até porque eu **sou muito metódico**... e eu tenho uma rotina assim... não muito rígida, mas bastante marcada...*

Enfermeiro 68:

51 anos, casado, um filho,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º - diurno sem fim de semana.

[...] não foi difícil preencher... eu só me equivoquei aí... fiz umas rasuras, mas... muito tranquilo... está bem explicadinho... muito bem organizado... instrumento excelente [...] até porque eu sou assim muito ligada em horário... então eu já tenho assim muito certinho [...] como eu tenho uma vida assim de muita rotina... que o dia a dia é igual... assim... semelhante...

Enfermeira 02:

45 anos, casada, não tem filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

A boa memória também foi mencionada como característica positiva que favorece a obtenção de registros de boa qualidade. Para a enfermeira 54 “[...] fazer o exercício foi tranquilo... até porque eu me lembro bem das coisas que eu faço durante a semana... se você me pedisse pra retornar o mês inteiro eu ia fazer o mês inteiro... eu tenho a **memória boa pra fazer isso**...”. Já a enfermeira 25 refere ter andado com a “caderneta” “**o tempo inteiro na bolsa**... não saiu da minha bolsa, só saía pra preencher, então eu consegui fazer uma coisa bem fidedigna...”.

A esse respeito, deve-se ter em mente que eventuais esquecimentos podem ocorrer diante dos inúmeros eventos presentes no cotidiano. Assim, vale lembrar quanto ao cuidado de “desconfiar” de algumas “verdades” e refletir até que ponto os entrevistados abordam o que acreditam que o pesquisador gostaria de ouvir (DUARTE, 2004). No contexto de uma pesquisa que buscava obter dados sobre o tempo, em que o preenchimento recordatório do primeiro dia da caderneta era feito pelo participante em

conjunto com o pesquisador, é possível que os entrevistados tivessem a percepção de que algumas características seriam desejáveis por proporcionar maior qualidade na realização da técnica proposta, no caso, o preenchimento da “caderneta”.

A sensação de falta de tempo demarcada por ritmos acelerados vivenciados durante a correria do dia a dia e a centralidade do trabalho, confirma a necessidade de utilizar mecanismos alternativos para inserir o preenchimento do instrumento na rotina da semana.

*[...] sempre que dava eu preenchia (a caderneta) e aí parava no horário que estava, pegava na bolsa, voltava e preenchia... assim eu fui indo... você viu que eu **trabalho direto** então eu normalmente preenchia nos plantões...*

Enfermeira 25:
27 anos, casada, não tem filhos,
1º e 2º vínculos - plantões noturnos e 3º - diurno sem final de semana.

*[...] porque muitas vezes **não tinha tempo** até de escrever... e poderia estar esquecendo alguma coisa que tinha acontecido...*

Enfermeira 15:
51 anos, separada, um filho,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

*[...] a primeira impressão minha é que **eu não tenho tempo nem pra fazer o registro**... porque eu tinha que me policiar senão eu deixava... teve um dia que eu deixei pra o dia seguinte... e fiquei tentando recordar o dia anterior... as coisas que eu tinha feito... tanto que eu acho que eu deixei de colocar... conversando com as meninas... telefonema que eu recebia da minha mulher...*

Enfermeiro 30:
46 anos, separado, quatro filhos, sendo dois com 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º e 3º - diurnos sem final de semana.

Uma limitação apontada por alguns participantes se refere a participar da pesquisa numa semana atípica, como foi para alguns, durante o período de carnaval. Neste caso, a avaliação é de que os tempos ocupados com o lazer, com o trabalho remunerado e cuidados de outros não representaram a realidade cotidiana, justificando os resultados. Pois o “tempo real” é intensamente ocupado por atividades remuneradas.

[...] no meu caso... foi até atípico assim... por causa de um feriado aí no meio [...] o cuidado com o outro está a menos do que é no meu dia a dia...

Enfermeira 69:
43 anos, casada, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

*[...] aí cai naquilo que eu te falei... é uma **semana atípica**... a parte social ficou mais longa... (risos) quem dera se fosse assim sempre... porque pegou o período do carnaval... pegou uma semana que lá no outro eu tive folga... folga acumulada [...] quer dizer, foi muita coisa junto num espaço de tempo curto com relação à folga... com relação ao não trabalho... **mas mesmo assim, eu trabalhei bastante**...*

Enfermeiro 73:
39 anos, solteiro, não tem filhos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

Outro aspecto apontado como uma dificuldade pelos participantes se refere à classificação das atividades. A descrição exemplificada na “caderneta” por vezes poderia não se mostrar suficiente para auxiliar o participante a discernir acontecimentos correspondentes a respectiva atividade. No entanto, pode-se observar outros motivos que se apresentaram como empecilho para identificar estas classificações.

O registro do tempo das atividades, por ser realizado por área (atividades domésticas) e não por atividade específica (lavar, passar, cozinhar etc.), fez com que, por exemplo, um enfermeiro apontasse sensação de “angústia” mediante impossibilidade de registrar cada atividade em si. Quando o entrevistado realizou sucessivamente várias atividades de lazer, somente ele ficou sabendo qual foi a respectiva atividade. No entanto, a informação que constava na “caderneta” era o quantitativo de tempo sinalizado por cada “grupo de atividades”, ficando velado o nome da atividade em si. O que estaria auxiliando para manutenção da privacidade.

*[...] por exemplo, me dava um pouco de **angústia** quando eu ia anotar as questões de lazer... quando eu não podia discernir quais eram essas questões... fiz churrasco... a gente estava no carnaval... vi internet... fiz várias coisas que eram de lazer... acabava ficando uma linha enorme de lazer sem poder discriminar as variedades...*

Enfermeiro 68:
51 anos, casado, um filho,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º - diurno sem fim de semana.

Vale lembrar que no primeiro encontro do pesquisador com o participante, esse foi apresentado ao instrumento, esclarecendo-se eventuais dúvidas, sendo enfatizada a descrição pormenorizada das atividades no início da “caderneta de atividades” a fim de auxiliar a sistematização do registro. Em que pese este cuidado, algumas dificuldades parecem constituir limitações inevitáveis do método. A narrativa descrita acima ilustra uma limitação quanto às classificações, já que não há como obter uma padronização exata das mesmas. Assim, um evento pode ter classificações diferentes a depender do local, das pessoas que compartilham o tempo, ou até mesmo da interpretação individual que cada participante tenha sobre a representação de cada atividade.

*[...] pra mim a **atividade física eu botei como lazer**... o squash que é uma atividade que eu pratico... é lazer e é também cuidar de si... às vezes da vontade de colocar nos dois... porque tem a ver...*

Enfermeiro 68:
51 anos, casado, um filho,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º - diurno sem fim de semana.

Por exemplo, a prática de meditação ou atividades físicas pode significar cuidados de si, mas também pode ter conotação de lazer, dependendo do sentido dado por cada entrevistado. O ato de almoçar também pode sofrer o mesmo processo de ser identificado como cuidados de si (perspectiva fisiológica), mas também como lazer; quando realizado junto à família ou em local público como restaurantes, a depender do motivo do encontro.

Mais uma vez, as dificuldades abordadas pelos sujeitos refletem limitações do método a serem reconhecidas e confrontadas com suas vantagens no contexto de estudos sobre o registro da distribuição dos tempos. Por exemplo, Ficher e Layte (2004) apontam a existência de dificuldades em estimar com exatidão o tempo ocupado com determinada atividade, tendo em vista que as pessoas não têm um cronômetro embutido mantendo o controle do tempo gasto em cada atividade de forma precisa.

Fazer descrições detalhadas e análises empíricas dos padrões de atividade diária de vida, a princípio parece ser muito simples, mas quando se tenta investigar a partir de uma perspectiva científica, a sua complexidade é avassaladora. Pois existe uma grande variedade de interesses e padrões de atividade entre os indivíduos, famílias e grupos da população, e apesar de boas intenções, os métodos tradicionais e os meios de visualizar e analisar a realidade, muitas vezes levam a excesso de simplificações (ELLEGARD; COOPER, 2004).

O registro das atividades realizadas simultaneamente foi considerado como outra dificuldade que pode ter influenciado as anotações. De maneira geral, o diário de uso do tempo prevê a anotação de uma atividade por vez. Ainda que a orientação dada pelo pesquisador tenha abordado a possibilidade de serem registradas duas atividades ao mesmo tempo, as duas narrativas que se seguem revelam percepções de dificuldades para expressar a gama de eventos/experiências simultâneas realizadas por eles(as).

Mesmo que tenha uma limitação do instrumento, a vida cotidiana é dinâmica e a “caderneta” por si só não reflete na íntegra essa realidade que muda a todo instante. Vide por exemplo, os eventuais esquecimentos e a impossibilidade de recordar com exatidão a hora de início e fim de cada atividade, sobretudo quando são realizadas várias coisas ao mesmo tempo.

Segundo Stinson (1999) um dos problemas mais difíceis que os pesquisadores que investigam os usos do tempo devem enfrentar é a forma de registro com exatidão e integridade mediante o dinamismo pulsante da atividade humana.

Vale lembrar que apesar do relato de dificuldades, dentre os(as) profissionais que se empenharam para apontar atividades simultâneas, os registros dessas enfermeiras foram uns dos que mais conseguiram expressar tal êxito.

*[...] realizo **várias atividades ao mesmo tempo...** eu achei isso assim um pouco complicado porque ao mesmo tempo que eu estou prestando cuidado aos outros, eu estou numa atividade doméstica e ao mesmo tempo paro pra fazer alguma coisa pra mim. Então isso trouxe **um pouco de dificuldade**.*

Enfermeira 53:

36 anos, casada, um filho menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - diurno sem final de semana.

*[...] a minha vida é um pouco tumultuada, digamos assim... pela quantidade de trabalho, e com a família muito grande... então eu... **se eu deixei de marcar... fiquei até pensando...** porque tem coisa que **eu faço ao mesmo tempo** [...] é muito mútuo, porque a gente é dona de casa, a gente trabalha fora, é chefe da família também.*

Enfermeira 60:

48 anos, casada, quatro filhos, sendo um menor que 12 anos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

Cabe ressaltar que o caráter de simultaneidade abordado nas duas narrativas acima é, de certa forma, mitigado pela realização da própria entrevista, cujo conteúdo enseja a análise das simultaneidades em toda a sua riqueza, quando serão abordados no item 4.5, os constrangimentos dos tempos cotidianos.

O material obtido na entrevista do enfermeiro 39 exemplifica contradições quanto ao preenchimento da “caderneta”. Por um lado, ele aborda a facilidade do preenchimento, ao mesmo tempo em que reconhece as dúvidas. Considera que a própria falta de tempo prejudica o registro das atividades e nega qualquer efeito do exercício de computar o tempo em sua rotina. Ao mesmo tempo em que valoriza sua participação a ponto de propor uma nova modalidade de registro que pudesse captar as informações em tempo real.

[...] pra você desenvolver ele sozinho... é de fácil acesso... e fácil visualização... mas na hora em que você tenta fazer a aplicabilidade dele às suas atividades diárias, surgem muitas dúvidas [...] estava preocupado em te entregar um instrumento no prazo e da melhor forma que expressasse melhor esses dados [...] eu acho que se a gente tivesse assim algumas oportunidades... como se fosse um holter, ou como se fosse um mapa... se a gente tivesse talvez alguma coisa de fazer um anedotário ou talvez um registro verbal sem sair de casa...

Enfermeiro 39:

48 anos, casado, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

Em suma, o exercício faz emergir sensações contraditórias, provocando constatações que na realidade não são abstraídas cotidianamente. Pode ser uma ferramenta que faz refletir a organização do dia a dia ou influencia o modo de priorizar as atividades para melhor aproveitar o tempo. Também permite constatar que o cotidiano não é

organizado, sendo que as atividades vão acontecendo sem programação prévia. Não tem perspectivas de modificar comportamentos, todavia, pôde ter favorecido tais mudanças e/ou ter chamado atenção para as mesmas.

Reforça, por exemplo, a tomada de consciência sobre as experiências de aceleração, de tempo corrido, de falta de tempo e da realização de ações simultâneas, cujo movimento passa a ser sentido, passa a ser uma coisa palpável, da mente para o físico. Dessa maneira, além de atender às perspectivas de uma leitura correlacionada à gestão do tempo, tais reflexões podem refletir modos de caminhar na vida.

Atentar para o tempo cronometrado, a partir dos informes escritos na “caderneta” significou parar um momento e refletir sobre situações ocorridas que não são abstraídas periodicamente. Permitiu observar experiências que enfatizam a delimitação do tempo pessoal, caracterizando rotinas (principalmente focadas no trabalho remunerado), tornando explícitas as inúmeras atividades que são realizadas ao mesmo tempo, entre outros aspectos a serem abordados nos itens que seguem.

4.4 - O jogo dos tempos: tensões e conflitos na interface público-privada

*Entre microgotas, injeções, bombas infusoras, escalas e prontuários...
Qual enfermeira ou enfermeiro nunca atendeu um telefonema de casa?*

*E nos almoços em família ou entre fraldas, febres e deveres de casa ...
Qual enfermeiro ou enfermeira nunca acessou um e-mail
ou que nunca tenha sido acionado(a) pelo hospital em que trabalha?
Audrey Vidal*

Como observado nas narrativas que abordam as impressões sobre os usos do tempo, enfermeiras e enfermeiros frequentemente fazem comparações sobre os tempos dedicados ao(s) trabalho(s) no(s) hospital(ais) e a situações ligadas à vida privada.

Os espaços e tempos público-privados, ao longo dos anos, foram caracterizados separadamente, onde as experiências correlacionavam exclusivamente as funções masculinas ao âmbito público e as femininas ao privado. Segundo Elias (1987), no desenvolvimento das sociedades europeias existiu um estágio em que homens e mulheres formaram diferentes grupos sociais, havendo esferas na vida dos homens em que as mulheres foram excluídas e vice-versa. E conforme Lago et al. (2009) essa “[...] separação entre as esferas pública e privada existente de modo dicotômico no mundo moderno foi proveniente da ascensão burguesa e do modelo capitalista de produção”.

Essas características direcionaram a maneira de viver da população ocidental, a partir da demarcação de espaços e de um controle acirrado do tempo. Com o decorrer dos anos têm sido observados movimentos que possibilitam não só mudanças com relação aos espaços ocupados por mulheres e homens na sociedade, como também modificaram a forma como as pessoas usam o tempo. Atualmente, palavras como “flexibilidade” e “acumulação flexível”, dentre outras, prosseguem inserindo modificações que afetam a produção, o trabalho, e por que não, influenciando o dia a dia das pessoas e as relações com o tempo e o espaço.

O avanço em direção à sociedade da informação e as novas tecnologias, como aponta Dedecca (2008), permitem uma flexibilização do próprio local de trabalho, obscurecendo a fronteira entre trabalho e lazer/família, transformando não só os processos produtivos e do trabalho, mas também a organização da vida pessoal e familiar. Segundo Dedecca, Ribeiro e Ishii (2009), a flexibilidade da jornada rompe sua rotina e seus horários-limites e extrapola o espaço em que ela deveria se realizar, podendo conflitar, invadir ou constranger os tempos para as atividades necessárias de reprodução social, isto é, destinado às atividades de organização e administração das responsabilidades da vida individual ou familiar.

Nesta etapa de análise busca-se ressaltar outro aspecto das relações entre as esferas pública e privada, que se refere às situações em que a pessoa ocupa uma esfera (por exemplo, o espaço doméstico) e se sente demandada em termos de atenção e disponibilidade por situações de outra esfera, neste caso, o(s) trabalho(s) no(s) hospital(ais) ou outras instituições de saúde. Trata-se de analisar a permeabilidade entre as esferas pública e privada, vista como o grau com que as demandas do trabalho invadem o meio familiar e vice-versa (EAGLE; MILES; ICENOGLE, 1997). Esses acontecimentos encontram eco nos escritos de Elias (1994b), ao destacar que as pessoas se relacionam através das chamadas “redes de dependência funcional”. Essa abordagem contribui para analisar, nesse âmbito, as relações que os entrevistados têm com seus pares a partir da invasão de situações entre os tempos das interfaces “público-privada” e “privado-pública”. Assim, torna-se possível caracterizar relações de dependências recíprocas, onde estão em jogo os conflitos, as desigualdades e tentativas de equilíbrio de poder, cujo processo se remete à teoria das “configurações de interdependências” elaborada por Elias (2008).

O material de análise foi organizado segundo a modalidade de “migração”, sendo abordadas inicialmente situações que expressam a permeabilidade do público para o

privado e, a seguir, da esfera privada para a pública. Cabe ressaltar, no entanto, a avaliação de que as situações migram de um domínio ao outro, ligando espaços e tempos entre si, formando, como comenta Elias (1994b), longas cadeias de atos e interação contínua de relacionamentos.

4.4.1 - Situações de “permeabilidade” da esfera pública para a privada

Dentre as experiências de invasão provenientes da instituição para a vida pessoal, muitas se referem aos profissionais que exercem atividades de gerência de pessoas ou administração de áreas ou setores (direção, supervisão ou coordenação). Nesse contexto, chama-se atenção para a fala do enfermeiro 04, ao apontar a mudança no hábito de desligar os telefones celulares no fim de semana a partir do momento em que assumiu uma chefia.

*[...] é uma política que eu tenho... só não sei se é certa ou se é errada... estou até me reeducando... costumava ir pra casa e desligar os celulares todos pra não ter que receber nada do trabalho. Então sábado e domingo celular ficava desligado [...] Até que agora eu estou deixando o celular ligado [...] até porque tenho um celular institucional [...] e nele está o registro de todas as pessoas que estão aqui... aí se eu precisar fazer contato com as pessoas, eu tenho ele ali... aí eu deixo ele ligado e vice-versa [...] Acho que isso é uma situação **inconveniente**...*

Enfermeiro 04:
60 anos, separado, dois filhos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - plantão noturno.

Desta forma, quando se tem disponibilizado um “celular institucional”, inicialmente pode parecer um prêmio, mas com o decorrer do tempo pode caracterizar uma prisão nas relações de dependência. Destaca-se na fala acima o próprio movimento ocorrido, que vai de uma “política” de isolamento, seguida da menção à reeducação, concluindo pela inconveniência da atual situação. Tal inconveniência aparece na fala de outro enfermeiro, que expressa literalmente o desconforto associado a “dois blocos diferentes”, que aqui se interpreta como o trabalho e a vida fora do trabalho.

[...] às vezes, final de semana telefone toca... é um funcionário querendo saber se tem condições de ter uma liberação por conta de uma situação x, não posso resolver no final de semana na minha casa... questões hospitalares. Eu não estou com a escala na mão, eu não estou vendo qual a movimentação do hospital, não sei quantos pacientes estão internados... isso gera pra você uma tensão [...] até porque a pessoa espera uma resposta e as vezes você não consegue essa resposta de imediato. Mas na verdade gera um desconforto... que você na verdade acaba envolvendo dois blocos diferentes que não estariam no contexto...

Enfermeiro 17:
41 anos, casado, não tem filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

Além das questões correlacionadas aos usos de tecnologia de comunicação, em especial o uso de telefones celulares, foram sinalizadas por alguns profissionais ligados à gerência, a existência de reuniões mensais, realizadas com a direção de Enfermagem em dia fixado fora da escala mensal. Apesar de demonstrar incômodo por essa demanda institucional, que delimita a necessidade de usar parte do tempo que estaria sendo ocupado com a família ou consigo, o enfermeiro 68 refere que “[...] eventualmente... uma vez por mês nós temos uma reunião aqui no hospital... que é fora do meu horário de trabalho normal... eu venho pra cá... mas...”. De modo similar, a fala seguinte expressa um consentimento, talvez por ser proveniente de acordo prévio, ou seja, pela atividade estar implicada à condição de fazer parte das atribuições de enfermeiros que atuam em atividades associadas à gerência.

[...] como é um cargo de chefia, eles te acionam... você tem que vir... tem aquelas reuniões mensais... que são marcadas num dia fixo... aí você também tem que se virar pra estar aqui naquele dia... então isso atrapalha um pouco... porque às vezes você está no outro serviço... e marcam umas reuniões que não adianta você querer explicar pra direção aqui que você não pode vir... porque você está no outro emprego... a alegação é que você é cargo de chefia... então você tem que estar aqui... então isso atrapalha um pouco... mas nada que...

Enfermeiro 64:

48 anos, casado, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º vínculo diurno sem fim de semana.

De forma similar, o enfermeiro 01 aponta as tensões que se desdobram para além do tempo institucional, ao ser contatado por uma funcionária da equipe num momento em que era para ser privado. Afirma que mesmo não estando “[...] com nada na mão pra saber o que você pode fazer com essa pessoa...”, existe a necessidade de atendê-la, ter iniciativas, encontrar soluções para resolver o problema, tomar decisões, negociar compensações, além de assumir a mediação de conflitos posteriores; ressaltando ainda que é uma situação muito ruim e “[...] nem sempre você consegue medir todas essas consequências”.

Ainda que seja “apenas” um acordo para acomodação de escala de trabalho, como aparece na fala do enfermeiro 17 citada anteriormente, observa-se que a frequência e as circunstâncias em que esses “acontecimentos sutis” se desdobram, podem desencadear desencontros, desgastes, intolerâncias e conflitos diretos ou indiretos.

Em conjunto, as falas dos “enfermeiros gerentes” remetem à noção de que exercer função “administrativa”/“chefia” implica estar disponível a qualquer momento para resolver assuntos do setor ou dos integrantes da equipe. São situações que parecem romper

os limites do local físico de trabalho, fazendo-se refletir nas relações com o “tempo comprometido” com a família e com o tempo pessoal.

Sennett (2009) refere que as pessoas são estimuladas por experiências mais flexíveis, no trabalho como em outras instituições. Essa maior disponibilidade tem sido solicitada cada vez mais na sociedade contemporânea, afetando direta ou indiretamente a vida cotidiana.

Em estudo que ressalta a “falta de tempo”, Pronovost (2007) também aponta o ritmo de trabalho acelerado presente especialmente em posições de liderança e gestão, que contribui para aumentar o número de horas e as exigências relacionadas com o trabalho remunerado, dificultando a conciliação do trabalho remunerado, vida pessoal e vida familiar.

A este respeito, Guilbert e Lancry (2005) destacam que o trabalho de “gerentes” geralmente é diverso, fragmentado e relacional, sendo frequentemente solicitados e interrompidos. Os limites do tempo de trabalho parecem cada vez mais difíceis de serem identificados. Por causa de suas características, podem exceder os limites da área física de trabalho. A partir do uso frequente de tecnologias de informação e comunicação à distância possibilita interligações e acentua confusões entre vida profissional, familiar, pessoal e social. Ainda que esses autores analisem atividades de gerência em que a atuação se dá tipicamente de forma remota, o que difere do trabalho da Enfermagem, suas observações descrevem um aspecto importante da ocupação dos tempos e espaços pelos gerentes aqui estudados.

A vinculação do exercício de cargos de chefia à total disponibilidade se confirma através de falas que abordam decisões tomadas ao longo da vida profissional no sentido de restringir ou evitar a presença dessas invasões, como comenta a enfermeira 25: “[...] *eu não sou chefia de lugar nenhum então eu não tenho esse tipo de demanda não... assim... raras exceções no sentido de pedir plantão, mas acho que é a única coisa assim [...] Quando acabo o plantão, que passo o plantão, eu vou embora...*”.

A fala seguinte aponta na mesma direção.

[...] até por isso... um desses motivos que eu não assumo cargo de chefia... porque o cargo de chefia vai cobrar de mim... que os momentos em que eu esteja com minha família... eu tenha que estar apta a resolver problemas do trabalho... e eu não quero isso [...] por isso que chefia não me sobe a cabeça...

Enfermeira 54:

37 anos, casada, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
dois vínculos - plantões noturnos.

As falas que abordam decisões de não assumir cargos de gestão dão margem para se refletir que muitas mulheres deixam de assumir posições de destaque ou de acúmulo de poder no âmbito profissional mediante fatores como: necessidade ou opção de vincular os usos do tempo às demandas pessoais ou da família, dificuldade de negociar melhor distribuição das atribuições domésticas com o companheiro, ou limitações no âmbito do trabalho remunerado em função das relações de gênero.

Nesse ponto, sobretudo a fala da enfermeira 54 exemplifica situações que refletem experiências de várias mulheres ao almejavem, assumirem ou permanecerem realizando funções que remetem ao domínio de poder e à maior ocupação do tempo contratado em detrimento dos tempos pessoal e comprometido.

Essas situações se apresentam como barreiras enfrentadas por grande parte das mulheres que encontram limites às suas escolhas ao longo da existência. Esses mecanismos são identificados como “segregação horizontal”, que remete às escolhas individuais influenciadas pela família e escola, levando as mulheres à inserção em ocupações subordinadas. E “segregação vertical”, que diz respeito às dificuldades encontradas pelas mulheres em relação à progressão de suas escolhas profissionais, reduzindo as oportunidades de ascensão na hierarquia institucional, onde assumem maiores responsabilidades e possibilidades de maiores ganhos (CYRINO, 2010; OLINTO, 2011).

Em que pese as demandas associadas ao exercício da gerência, há situações de envolvimento com o trabalho que ultrapassam as demandas geradas pela instituição através de movimentos em que, além de ser acionada durante os momentos da vida privada, a pessoa também sente a necessidade de acionar o hospital. Esse é o caso, por exemplo, da enfermeira 53, que comenta sobre “[...] *um telefonema que eu faço quando chego em casa, trato de **checar uma decisão que eu tomei...***”.

Outra situação que extrapola a demanda institucional é descrita pela enfermeira 61, cuja fala demonstra um assombro com a própria postura ao alegar que “[...] ***deveria ficar aborrecida, ou chateada de alguma forma [...]** É estranho, **mas eu sinto uma necessidade de estar inteirada do que está acontecendo, de estar ligada lá***” (trabalho).

Essa mesma enfermeira ressalta os conflitos e tensões a partir da relação de dependência entre a rede de convívio social e a configuração do trabalho remunerado.

[...] uma das maiores razões de desavença entre eu e meu marido [...] dou o telefone pro paciente... coisa louca... mamãe implica demais da conta... outro dia mesmo, eu estava aqui no hospital e eu tenho mania [...] meu lado de ajudar as pessoas [...] solidariedade... Então tem paciente que me liga depressivo... aí fala, ‘quis ligar pra

senhora porque a senhora me deixa tão bem, eu estou tão depressivo'... aí é trabalho, não deixa de ser trabalho... Mas assim, atropela nosso momento...

Enfermeira 61:

46 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º vínculo diurno sem fim de semana.

A enfermeira 43 ressalta o quanto as questões do hospital permeiam sua vida privada, pois além de ser acionada por profissionais, também sente necessidade de manter-se conectada e inteirada do processo de trabalho. Ela comenta sobre a necessidade de entrar em contato com a instituição logo no início de plantões diurnos, referindo que “[...] de manhã eu ligo pra algumas pessoas [...] eu ligo pra cá e converso com o colega...”, pois identifica desencontro de informações entre profissionais assistencialistas que compõem a equipe, destacando que “[...] se eu deixar alguma coisa escrita no livro ele não vai ler [...] vai ler o livro no final do plantão...”. Quando acontece o contrário, de os profissionais da equipe a acionarem durante os momentos privados, diz não se sentir mal. Porém, vê-se que delimita condições para que tais situações ocorram com menos prejuízo para si ou para as relações em família: “[...] desde que não esteja **atrapalhando meu sono**, porque eu já tive gente ligando pra minha casa onze horas da noite...”.

Dessa forma, o material que emerge das entrevistas remete a situações de permeabilidade no sentido público-privado entre os que ocupam cargos de gerência, que são vistas como parte do processo de trabalho.

Nesse contexto, observam-se conflitos relatados pelos gerentes, que aceitam a “permeabilidade” como parte de um acordo derivado da função de chefia, ao mesmo tempo em que se sentem “invadidos”. A fala da enfermeira 26 quando destaca “[...] que faz parte do trabalho da coordenação, mas ao mesmo tempo isso me **agride profundamente...**”, a menção a uma situação “inconveniente” e à expressão “isso gera uma tensão”, conforme falas anteriores dos enfermeiros 4 e 17, corrobora esta interpretação sobre os conflitos verbalizados pelos gerentes no que tange à gestão dos tempos na vida privada. A iniciativa da enfermeira 43 de restringir as situações de permeabilidade hospital-casa a horários mais adequados considerando o sono e a vida em família, expressa uma tentativa de gerir um conflito associado ao cargo de chefe/coordenação de setor.

Esse movimento que faz migrar o trabalho para os momentos de deslocamento ou da vida privada afeta as relações com a família e a rede de convívio social, gerando insatisfação, irritação e sobrecarga, principalmente quando ocorrem no período noturno e nos finais de semana, reforçando o aparecimento de sentidos e significados que confirma a

explicitação de tensões e conflitos. Além da presença de cansaço mental e físico, que provoca interferências, não só nas relações cotidianas, como também na própria saúde. Vide o destaque dado pela enfermeira a partir da narrativa a seguir.

*[...] já fiquei **sobrecarregada** demais em época de estar numa fadiga geral porque o que acontece é que **a gente leva um cansaço muito grande do trabalho** (para casa), porque o outro hospital tem uma rotina mais light... mas aqui se trabalha mais.*

Enfermeira 60:

48 anos, casada, quatro filhos, sendo um menor que 12 anos, dois vínculos diurnos sem final de semana.

Se há um perfil geral de permeabilidade associado às funções de gestão no hospital, por outro lado, os discursos femininos apontam aspectos peculiares ligados a um estilo de gerência exercido como uma forma de “cuidado” – seja do trabalho ou de seus subordinados. A necessidade de estar inteirada do trabalho quando em casa exemplifica esse aspecto do exercício da chefia. A esse respeito, destaca-se a maneira como a enfermeira 26 descreve sua atuação com os funcionários, ao comentar as inter-relações entre a vida profissional e doméstica: “[...] o dia a dia assim de mãe e enfermeira em dois lugares, mais funcionários pra você ouvir problemas e vida pessoal”. Assim, se de maneira geral, a permeabilidade público-privada se mostra nitidamente associada à função de gestor(a), ela se expressa de forma diferenciada no grupo estudado, observando-se situações em que as mulheres parecem estender a função “feminina” de cuidado ao próprio ato de gerir o trabalho profissional.

Mesmo que esteja cada vez mais comum a existência de situações de permeabilidade no dia a dia da sociedade contemporânea, existem aqueles(as) profissionais que se preservam tentando evitar experiências que caracterizam essas permeabilidades provenientes do público para o privado.

Entre os profissionais que realizam atividades na assistência, ou seja, atividades diretas com os pacientes em setores de internação e no ambulatório, também há narrativas que apontam incômodos, observando-se resistências e negações correlacionadas à permeabilidade público-privado.

*[...] não acontece comigo isso não... de me acionar [...] é o seguinte... eu botei o pé na rua, eu me desliguei do trabalho [...] eu não admito... teve até um caso da chefia me ligar, porque eu faltei, porque eu não consegui trocar o plantão, aí a chefia ligou [...] aí falei... **nunca mais ligue pra mim, pra saber porque eu faltei ao trabalho, nunca mais...** eu não ligo pra funcionário nenhum... se uma das minhas faltar, eu não vou ligar pra casa dela, perguntando porque faltou ao trabalho...*

Enfermeiro 35:

58 anos, separado, três filhos, dois vínculos diurnos sem final de semana.

*[...] fico totalmente insatisfeito... não concordo com isso... porque quando eu saio do trabalho eu esqueço literalmente... já passo 12 horas no setor... se tiver algum problema, tem que ser muito urgente pra entrar em contato... se não tiver essa urgência acho que não tem necessidade de entrar em contato não... eu não gosto... se eu souber... olhar... **reconhecer o telefone eu nem atendo**... saiu do trabalho... esquece o trabalho... já fico tanto tempo no trabalho... já vivo tanto em prol do trabalho... agora se eu ficar no horário do lazer... no horário que eu tenho que fazer outras coisas, ficar preocupado com o trabalho, não concordo...*

Enfermeiro 11:

26 anos, solteiro, não tem filhos,

1º vínculo - plantão diurno, 2º - plantão noturno e 3º - plantão 24h x semana.

Nesse caso, os profissionais encontram-se inseridos diretamente na prática de cuidados assistenciais, cujo trabalho ainda é executado prioritariamente dentro dos espaços e tempos institucionais e, por isso, envolvendo menos demandas de resolução de problemas por contato telefônico, por exemplo. Mas, essas características não impedem que se leve questões ligadas ao trabalho para casa. Com relação aos profissionais cujas atividades são realizadas em setores de internação, o trabalho pode ir para casa quando esses(as) profissionais necessitam trocar plantões ou checar pendências de plantões anteriores. Com relação aos setores do ambulatório, o trabalho pode ir para casa, por exemplo, a partir da necessidade do preparo de materiais para atividades de educação em saúde. Como comenta a enfermeira 02 “[...] agora a gente já começou a fazer uns folders informativos aqui na puericultura pra dar às mães...”. Ou ainda quando há necessidade de compartilhar questões do trabalho com os familiares em casa; como se expressa no discurso da enfermeira a seguir:

[...] eu tenho uma filha médica e um marido médico... se for uma representante lá levando essas bolinhas... que eu fico mandando eles pegarem essas coisas pra cá [...] porque aí eu tenho como dar pra alguns pacientes aqui... é isso que eu faço.

Enfermeira 18:

54 anos, casada, dois filhos,

um vínculo diurno sem final de semana, aposentada no 2º vínculo.

Nesse ponto, ainda que as enfermeiras exteriorizem tensões e conflitos, identifica-se uma prevalência de discursos que indicam maior aproximação entre as esferas pública e privada, sugerindo forma de se relacionar com o trabalho profissional, que envolve levá-lo para o ambiente doméstico.

A este respeito, Lopes e Leal (2005), ao refletirem sobre o universo feminino da Enfermagem brasileira, ressaltam que:

[...] as esferas produtiva e reprodutiva se interpenetram, se entrecruzam, na definição da situação (tempo, espaço, qualidades) do trabalho feminino. É preciso então considerar essas inter-relações e superposições de uma esfera sobre a outra, pois são elas que colorem as experiências (as práticas), sobretudo as femininas. (LOPES; LEAL, 2005, p.112).

Deste modo, observa-se graus diferenciados de permeabilidade entre o trabalho e o espaço doméstico, que expressam desde a dificuldade em dizer “não” a um colega até a vinculação ou aceitação da invasão do trabalho profissional na esfera doméstica, como ilustra a fala que se segue. Para essa enfermeira, o tempo de trabalho encontra-se tão emaranhado no tempo da vida privada, que acaba considerando o espaço institucional como sendo a “própria casa”.

*[...] eu sou igual Severino... aqui, **minha primeira casa**... eu sou o quebra galho... então já teve vezes de **estar em casa e ligarem**... e eu tenho uma **dificuldade** muito grande **de dizer não**... pra tudo... até para os colegas, às vezes eu posso estar cansada, e a pessoa me pede um plantão e não é pra pagar [...] então eu sou assim... eu nunca perdi nada de ser assim com os colegas... eu sou maior quebra-galho... 'X. eu estou ligando... eu sei que você está cansada, mas eu já liguei pra fulano e fulano... você vem pra mim?'... aí eu venho... isso já deu discórdia dentro de casa, briga, porque ele (companheiro/médico) falou... você está fazendo além do seu limite, você está estressada e precisa aprender a dizer não... mas aí eu venho.*

Enfermeira 60:

48 anos, casada, quatro filhos, sendo um menor que 12 anos, dois vínculos diurnos sem final de semana.

Encontram-se também falas que apontam não existirem experiências de invasões na interface público-privada, como explicita a enfermeira 45, ou que afirmam não consentirem tais permeabilidades, como pode ser exemplificado a partir da fala da enfermeira 54.

[...] eu não tenho o hábito de levar trabalhos pra casa [...] problemas de trabalho, as coisas que acontecem no trabalho eu procuro não deixar influenciar na minha vida pessoal. É tudo aqui... quando eu saio da porta pra fora, o que ficou, fica pro meu retorno. Passei o plantão então o enfermeiro que ficou no plantão vai se preocupar... o que ficou não me pertence mais...

Enfermeira 45:

47 anos, casada, dois filhos, dois vínculos - plantões diurnos.

[...] eu divido... e que nada do trabalho vai me tirar desse tempo que eu estou com eles (filhos), não adianta que eu não vou resolver nada de trabalho [...] enquanto eu estou aqui, eu estou trabalhando... quando eu sair daqui, meu trabalho acabou [...] pra poder dividir bem esse meu tempo... pra o meu trabalho e pra minha família...

Enfermeira 54:

37 anos, casada, dois filhos, sendo um menor que 12 anos, dois vínculos - plantões noturnos.

Bauman (2001) ressalta que se a separação das atividades produtivas do resto dos objetivos da vida não acontecesse, como ocorreu a partir da nova ordem industrial que separou os trabalhadores de suas fontes de existências, haveria poucas possibilidades de separar mentalmente o trabalho da totalidade a que ele pertencia. Assim sendo, questiona-se, até que ponto esses espaços encontram-se e permanecem tão delimitados na vida dessas(es) profissionais? Talvez as referências de inexistência das situações de

permeabilidade estejam denunciando a resistência ao surgimento de conflitos que possam estar atrelados ao tempo de trabalho, acrescido mediante os desdobramentos inerentes aos cargos de liderança. Spindola e Santos (2004) fazem referência ao conflito vivenciado por trabalhadoras de Enfermagem, apontando que as longas jornadas de trabalho interferem no convívio com a família.

Em resumo, a análise das entrevistas revela mais experiências relacionadas às invasões ou permeabilidades público-privadas entre os profissionais ligados à gerência, sobretudo quando acionados via contato telefônico. Ser enfermeiro(a) cujas atividades estejam associadas à gerência ou chefia, significa viver a dificuldade de “ser dono do seu próprio tempo”. Estes profissionais referem a ocorrência dessas situações para atenderem as solicitações institucionais ou desdobramentos provenientes das relações com as pessoas que compõem a própria equipe. A fala do enfermeiro 04, gerente que no passado exerceu atividades exclusivamente assistencialistas, aponta que:

[...] sábado e domingo o celular ficava desligado... até porque eu achava ou acho que se eu preciso de informação e sair correndo é em relação à minha mãe, às minhas filhas [...] o trabalho pode esperar... então acostumava quando entrava na minha questão pessoal... fora profissional... eu saía do sistema...

Enfermeiro 04:
60 anos, separado, dois filhos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - plantão noturno.

Dessa forma, reforça que dependendo da função exercida, como por exemplo, atual inserção na gerência, não pode ‘se dar ao luxo’ de desligar o celular.

Os profissionais que ocupam cargos administrativos numa instituição e realizam atividades assistencialistas noutra ilustram de forma didática o quanto a permeabilidade da esfera pública para a privada é influenciada pela posição que ocupam em termos hierárquicos. O enfermeiro 39, por exemplo, demonstra incômodo ao ser acionado pela chefia ou colegas da equipe: “*[...] eventualmente eles me acionam... tal qual o pessoal de telemarketing, eles sempre descobrem o horário em que eu estou dando meu cochilinho da tarde*”. No entanto, justifica porque não desliga seu celular ao fazer referência ao hospital no qual atua como gerente, chamando a atenção para as implicações desta prática no âmbito doméstico.

[...] qualquer agravo no hospital, no ponto de vista militar ou no ponto de vista técnico eu sou acionado [...] quando eu assumi esse cargo eu sabia que isso era inerente ao cargo [...] minha mulher briga comigo... eu não desligo meus telefones [...] eu não posso desligar meus telefones... não consigo...

Enfermeiro 39:
48 anos, casado, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

Em geral, pode-se observar que os enfermeiros que iniciaram suas atividades de trabalho durante o período de grande e rápida transformação da vida contemporânea²⁵, se relacionam e se apresentam mais acessíveis aos usos das tecnologias de comunicação e às situações de “permeabilidade”. Esse fato é destacado na fala seguinte, que confirma empiricamente a existência de um movimento entre as esferas pública e privada, caracterizando uma relação de mão dupla.

[...] eu lido bem com isso (situações de permeabilidade) [...] eu não poderia achar ruim... porque quando estou no serviço também... eu faço do outro lado... então acho que é uma compensação mais ou menos... se não... seria meio que injusto também... assim... pensando pelo lado social [...] quando o serviço precisa de mim... mesmo eu não estando de plantão... eu me coloco a disposição também.

Enfermeiro 07:

35 anos, casado, não tem filhos,

1º vínculo - plantão diurno e 2º - plantão noturno.

Em pesquisa com enfermeiros portugueses, Pereira (2009) sinaliza a existência de uma “bidirecionalidade” relacionada à interferência trabalho-família e vice-versa. O enfermeiro 07, como visto acima, percebe-se muito flexível. Desse modo apresenta uma fala associada ao “derretimento” das relações sociais “sólidas”, que segundo Bauman (2001) refere-se à “[...] liquefação dos padrões de dependência e interações”.

As permeabilidades relatadas nesse item ocorrem por um predomínio de contatos telefônicos provenientes da instituição ou a partir do próprio entrevistado, mas não deixam de acontecer esporadicamente através de pesquisas via internet a fim de resolver situações-problema ou desenvolver ações relacionadas ao processo de trabalho no hospital, como condutas, pareceres, revisão ou implementação de normas e rotinas.

As mudanças tecnológicas, conforme Peeters et al. (2005), sobretudo o uso de telefones celulares e computadores portáteis, permitem que as tarefas de trabalho sejam realizadas em diversos locais aproximando as fronteiras entre trabalho remunerado e vida doméstica. Como sinalizado pela enfermeira 53, o trabalho gerencial vai para casa, por exemplo, “[...] quando eu tenho que fazer uma pesquisa” com o objetivo de “levar alguma informação no dia seguinte...”, caracterizando relações que ultrapassam os espaços e tempos institucionais.

Existem redes de interação formadas pelas trajetórias diárias e pelos percursos de vida dos indivíduos que condicionam interações uns com os outros. A conduta diária não se confina apenas a fronteiras físicas, mas também às “paredes espaço-temporais” que têm

²⁵ Sugere-se aprofundar leitura a partir de Zygmunt Bauman – “Modernidade Líquida” (2001) –, de Richard Sennett – “A corrosão do caráter” (2009) – e de David Harvey – “Condição pós-moderna” (2012).

sofrido mudanças, e à conseqüente interpenetração entre ausência e presença, suscitada pelos meios de comunicação e de informação (ALBERGARIA, 2006).

Nessa parte da pesquisa foram analisados os acontecimentos ocorridos na esfera pública que migram para o espaço-tempo do âmbito privado, sendo observados a partir das seguintes situações: - quando os(as) entrevistados(as) assumem responsabilidades associadas ao gerenciamento de equipe; - quando têm necessidade de resolver pendências ou problemas demandados pela instituição; - quando são acionados via contato telefônico por pessoas hierarquicamente superiores ou por colegas de profissão; - quando necessitam realizar pesquisas via internet, relacionadas ao processo de trabalho; - quando optam por atender demandas geradas pelos pacientes.

4.4.2 - Situações de “permeabilidade” do âmbito privado para o público

Os eventos ocorridos na vida privada que migram para os espaços e tempos da esfera pública se mostraram mais frequentes do que as situações inversas.

De maneira geral, as enfermeiras demonstram maior aproximação com a dinâmica contínua que permanece ocorrendo na vida privada durante sua ausência física, tanto nos momentos em que as demandas vêm de casa para o hospital, quanto nas situações em que as entrevistadas acionam o âmbito privado a partir do hospital, observam-se narrativas apontando dificuldades em separar papéis desempenhados no dia a dia, como mãe e responsável pela casa, dos momentos em que estão no trabalho. A enfermeira 26 diz que “[...] o dia a dia assim de mãe e enfermeira em dois lugares, mais funcionários pra você ouvir problemas e vida pessoal... a vida com marido, a vida com os filhos e família... é tudo muito...”. Mesmo durante o tempo do trabalho remunerado, apresentam-se mais propensas ao atendimento das solicitações familiares, além de se ocuparem com a supervisão das empregadas domésticas e a organização do domicílio, conforme demonstram os seguintes relatos:

[...] muita coisa a gente sobrepõe com o serviço... o serviço não intervém muito na minha vida social não... engraçado, não é? Como que a gente traz do social pra resolver no trabalho... você está no serviço e às vezes ligam o telefone como agora... vamos dar uma pausa!?! [...] Então muitas vezes a gente para pra estar atendendo um telefone de mãe, um telefone de filho, de marido...

Enfermeira 13:
50 anos, casada, um filho,
um vínculo diurno sem final de semana.

[...] durante a minha permanência no trabalho eu resolvo os meus problemas em casa... Eu tenho que ligar pra minha secretária pra dar algumas diretrizes... eu tenho que ligar pra o colégio das crianças... [...] então assim... eu tenho uma certa dependência... mesmo no horário de trabalho... pra resolver algumas coisas em casa... que é a hora que eu consigo também resolver muita coisa por telefone, porque eu tenho o suporte de uma pessoa (empregada). Então eu paro alguns momentos pra resolver... é o meu normal... é o meu dia a dia mesmo...

Enfermeira 05:

32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

Como ressalta Bruschini (2006), para as mulheres a vivência do trabalho implica sempre a combinação ou a articulação entre o espaço produtivo e o reprodutivo, seja pelo entrosamento, seja pela superposição. Ainda a partir das narrativas abaixo, pode-se observar que em muitas situações as enfermeiras tendem a ratificar relações de dependência naturalizadas para o sexo feminino, incorporando de maneira consentida a ida de questões referentes ao âmbito doméstico e vida social para o tempo e espaço público. As falas que se seguem ressaltam a quem cabem as decisões sobre os eventos ocorridos no âmbito doméstico.

*[...] ele (companheiro/médico) está no trabalho... ele atende um telefonema, mas nunca é pra resolver problema doméstico... é sempre pra eu informar alguma coisa pra ele... ao contrário de mim... que estou sempre resolvendo... e quando tem alguma coisa pra resolver... ele pede pra me ligar... **quem resolve sou eu...** (risos).*

Enfermeira 05:

32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

*[...] acontece a todo momento... até porque eu tenho dois filhos pequenos... então o momento em que eu estou trabalhando... eu dependo de alguém pra estar cuidando deles... então o momento em que eu não estou com eles a minha mãe assume... mas **qualquer decisão que tenha que tomar, quem toma sou eu...** até no momento em que você chegou, eu tinha acabado de falar com ela... já estava acontecendo um problema... eu tive que ligar pra o meu filho, dar uma ordem porque ele não queria aceitar a ordem dela.. assim... no trabalho... resolver um problema doméstico...*

Enfermeira 54:

37 anos, casada, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
dois vínculos - plantões noturnos.

*[...] quando você tem um filho, na verdade totalmente dependente de você... emocionalmente... economicamente... e todo um aspecto que você tem a preocupação que você leva todos os dias para o trabalho... então você chega ao trabalho e você pensa se deixou tudo direito em casa... **você liga no meio do período do trabalho pra creche pra saber se a criança está bem ou se tomou o remédio na hora que devia ter tomado...***

Enfermeira 53:

36 anos, casada, um filho menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - diurno sem final de semana.

Dessa maneira, observa-se que a relação de dependência entre as enfermeiras e os filhos permanece, mesmo quando esses já estão maiores, como mostram os exemplos de

enfermeiras apontando demandas do âmbito privado para o público, permanecendo as preocupações.

[...] sou preocupada... eu tenho muito filho homem... o que me estressa muito são as drogas, envolvimento de alguma coisa com álcool [...] o mais velho já sofreu vários acidentes de carro [...] nunca se machucou, foram batidas simples, mas bateu... então, quer dizer, ele é um rapaz que me preocupa...

Enfermeira 60:

48 anos, casada, quatro filhos, sendo um menor que 12 anos, dois vínculos diurnos sem final de semana.

[...] antes do meu horário de descanso é que dou uma ligada... até pra eu poder relaxar... muitas vezes eu até exercito não ligar... mesmo podendo ligar... pra que eu me habitue a não estar conectada neles... mas eu estou sempre disponível pra eles...

Enfermeira 58:

50 anos, casada, dois filhos, 1º vínculo - plantão diurno e 2º - plantão noturno.

A continuidade das relações de dependências entre enfermeiras e filhos pode ser identificada como característica que constitui o trabalho doméstico, ou seja, como relação de “disponibilidade permanente” aos filhos e ao marido, apontando para uma dimensão da afetividade que está no cerne do exercício do cuidado no interior da família e criando uma relação de “servidão voluntária” das mulheres (HIRATA, 2006).

Essa relação expressa o quanto as situações do âmbito privado, quando impossibilitadas de serem atendidas integralmente, sobretudo durante o tempo remunerado, reforçam a presença de conflitos, angústias, inquietações e sobrecarga.

*[...] olha só... eu não atendo na maioria das vezes, lá (outro trabalho) eu não respondo e ele (companheiro) fica por conta comigo... porque na maioria das vezes eu não posso. Porque lá é agendado, sai um paciente entra outro [...] aí eu não posso parar... aí sempre fica pra depois... entendeu como é que a coisa é grave? E ele (companheiro) fica secundário... ele fica secundário ainda quando estou em casa... quando estou no trabalho... é sempre assim... **estou vivendo atualmente um draminha pessoal** em casa por isso... muitas reclamações... digamos assim, ele não entende isso... e diz... ‘Porque quando te acionam você de imediato atende e quando eu aciono você não pode e eu tenho que esperar o momento?’... e ficou em segundo plano de novo...*

Enfermeira 61:

46 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos, 1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana e 2º vínculo diurno sem fim de semana.

*[...] às vezes me **sinto meio que esgotada**... e às vezes não tenho tempo de cuidar de mim... de querer ficar em casa, ao invés de ir ver meus pais, porque é só um sábado, ou um domingo que eu tenho disponível... fora as outras pessoas... me acionam muito... e eu também dou essa liberdade... são amigos, colegas da igreja, irmãos da igreja... se eu tenho oportunidade de ajudar eu vou ajudar... eu hoje já tive outras pessoas aqui (no hospital) pra ajudar...*

Enfermeira 09:

36 anos, casada, não tem filhos, um vínculo - plantões diurnos.

Apesar dessas permeabilidades serem relatadas a partir de uma tolerância maior por parte dessas enfermeiras, os discursos de alguns profissionais também referem “incômodo”, “irritação” e “insatisfação” quando são frequentes os eventos privados que migram para o tempo e espaço institucional.

[...] fico assim... irritada... acho que não seria o termo correto... pois a gente está na vida mesmo pra ajudar as pessoas... Mas é aquele negócio que deve acontecer com você [...] quando você trabalha no hospital [...] Então eu acho que às vezes sobrecarrega um pouco... eu fico um pouco irritada com essa questão... porque dependendo da situação até quebra seu ritmo de trabalho... porque você está ali, envolvida com a situação (processo de trabalho)... e de repente você tem que parar pra resolver uma questão externa... acaba atrapalhando de certa forma...

Enfermeira 13:

50 anos, casada, um filho,
um vínculo diurno sem final de semana.

A presença de idosos na família e ainda de filhos pequenos, são pontos comuns vivenciados por enfermeiros e enfermeiras, caracterizando maior envolvimento com as questões privadas. A narrativa que se segue exemplifica relações de dependência a partir de tensões cotidianas compartilhadas com pessoas que prestam serviços a familiares.

[...] eu tenho mais duas irmãs que são enfermeiras... e a gente ficou naquela... vamos resolver em conjunto... e elas acharam melhor em internar (a mãe), apesar de eu não concordar [...] parece que eu que tenho que dar a martelada final. Não que eu goste disto... mas elas não tomam nenhuma atitude antes de me acionar, sem antes de me questionar [...] então tem uma demanda sim. E eu tenho que estar ligado... porque semana retrasada eu estava em reunião com o secretário de saúde quando minha irmã me telefonou... [...] Então essa semana foi muito tensa pra mim e é grande a preocupação... porque eu tenho minhas outras atividades e é difícil às vezes você priorizar... claro que assim... A minha mãe é prioridade? É prioridade... mas os meus empregos também são prioridades...

Enfermeiro 23:

53 anos, solteiro, não tem filhos,
três vínculos diurnos sem final de semana.

A relação de dependência com a companheira e empregada doméstica, se estende aos colegas e chefias no trabalho remunerado, mediante a necessidade de flexibilizar ou compensar carga horária, a fim de atender as situações de casa que migram para o trabalho.

[...] principalmente quem tem filho pequeno e depende de empregada pra gerenciar tua casa na sua ausência e na ausência da tua esposa que trabalha [...] ah! Com certeza, sempre acontece algum tipo de intercorrência que você se vê obrigado a sacrificar, às vezes, a tua atividade profissional [...] por exemplo, semana passada tive que faltar dois dias na secretaria, porque estava sem empregada... acabei ficando em casa fazendo esse papel de administrar a confusão [...] de um modo geral não me afeta muito... me afeta assim... acaba me prejudicando no outro serviço... porque eu tenho que estar pedindo pra ser liberado e pagando depois...

Enfermeiro 64:

48 anos, casado, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º vínculo diurno sem fim de semana.

Sayer, Bianchi e Robinson (2004), em artigo publicado no *American Journal of Sociology*, analisam dados do uso do tempo ao longo das décadas de 1960 a 1990 apontando para o aumento do tempo despendido por pais e mães em atividades correlacionadas aos cuidados dos filhos. Cada vez mais essas situações podem ser observadas a partir de discursos como o da enfermeira a seguir, ao comentar sobre “a falta de cerimônia” da filha em acioná-la durante o tempo de trabalho no hospital.

[...] é uma coisa que eu venho perdendo a paciência. Porque a gente passa a vida da gente tentando suprir... é filho, é marido, é a casa... eles perderam a cerimônia de ligarem pro meu trabalho pra pedir alguma coisa, pra falar alguma coisa... então me acionam muito... É uma coisa assim que às vezes eu não posso falar na hora [...] essa semana minha filha me ligou... ‘olha eu tenho que desabafar’ [...] ou seja, ela perdeu toda aquela cerimônia... e eu fiquei extremamente angustiada [...] então eu sou bastante acionada sim, pela família [...] às vezes coisas simples que não tinha aquela urgência ou então um problema que é deles e que passa a ser meu a partir do momento que falam comigo...

Enfermeira 18:

54 anos, casada, dois filhos,
um vínculo diurno sem final de semana, aposentada no 2º vínculo.

As transformações que têm ocorrido através de incursões das tecnologias de comunicação, em especial os telefones, levam muitas pessoas a se relacionarem de maneira similar à descrita no relato acima. Além do telefone, pode-se observar o compartilhamento das questões da vida privada nos espaços público/institucionais, por meio das redes virtuais que influenciam novas formas de relações em tempo integral. Como atesta Bauman (2001, p.49), “[...] o espaço público não é mais que uma tela gigante em que as aflições privadas são projetadas (confessadas e expostas publicamente) sem cessar, sem deixarem de ser privadas [...]”. São transformações de hábitos cotidianos, que afetam a vida das pessoas independente da geração, provocando experiências que acabam por concretizar situações de invasão recíproca entre os diferentes espaços e ao mesmo tempo, principalmente do privado para o público. Se essa situação traduz a mais antiga e tradicional divisão sexual do trabalho, nos tempos atuais ela é potencializada pelos usos de telefones celulares que têm afetado de modo mais intenso as relações no âmbito privado. Dessa forma, é uma relação antiga modificada e tensionada pelas mudanças atuais, que também influencia modificações de comportamentos na esfera pública, como visto anteriormente.

As situações ligadas à esfera privada que permeiam os espaços e tempos públicos marcam o dia a dia dos grupos estudados. Quando associadas ao tempo pessoal, estudos na

área da Enfermagem, como os de Bordin (2008) e Garcia (2009)²⁶ apontam a presença das situações de permeabilidade da esfera privada para o tempo efetivo de trabalho, confirmando a necessidade de serem incluídas, mesmo quando o interesse seja avaliar dimensionamento de pessoal e índice de produtividade. Quando considerada a migração do tempo comprometido para a esfera pública através das necessidades dos filhos, (principalmente os pequenos), da rotina doméstica e das demandas de idosos e companheiros, foi possível identificar que as enfermeiras e os enfermeiros diferem mais entre si quanto a percepções e comportamentos do que nas análises referentes às invasões do público para o privado.

No entanto, destaca-se que diferente da maioria das enfermeiras, os enfermeiros tendem a se relacionar com as invasões do privado para o público e ao envolvimento com as questões domésticas de maneira mais racional. Além disso, parecem demonstrar maior propensão aos movimentos de mudanças. Por exemplo, apesar de se envolver com a vida privada da família, conforme observado na fala anterior, o enfermeiro 64 busca dividir mais as tensões domésticas com a companheira.

[...] eu estou tentando resgatar isso agora... (divisão de responsabilidades domésticas) e acho que eu estou conseguindo [...] resgatar mais isso... esse tipo de preocupação... eu não estou tendo resistência dela (companheira)... estou tendo boa aceitação... de colaborar mais.... porque ela realmente não tem culpa, porque eu tenho essa questão de absorver... no início quando tinha filho pequeno, nem banho eu queria deixar ela dar na criança, porque eu achava que só eu sabia... então na realidade a pessoa (companheira) vai se omitindo em algumas coisas porque você também não deixa... e eu estou tentando... conseguindo já desvincular um pouco disso... então estou passando mais atividades pra ela... sinto que ela está com boa vontade pra absorver isso também... porque eu tenho me sentido sobrecarregado... cansado também... você fica pra lá e pra cá... fica cansado...

Enfermeiro 64:

48 anos, casado, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º vínculo diurno sem fim de semana.

Vale chamar atenção que tanto a família aciona os profissionais no hospital, quanto estes têm a necessidade, em alguns momentos, de entrar em contato com as pessoas em casa, durante o período de trabalho. A atitude de entrar em contato com os espaços e tempos privados, é apresentada de modo diferente por enfermeiras e enfermeiros.

As enfermeiras acionam mais a casa a partir da responsabilidade de acompanhar a dinâmica do contexto privado, como abordado na fala seguinte:

²⁶ Esses estudos relacionam as pausas durante a jornada de trabalho à alimentação, descanso, eliminações fisiológicas, socialização com colegas, chamadas telefônicas e acesso à internet para interesse pessoal.

[...] durante a minha permanência no trabalho eu resolvo os meus problemas em casa [...] quando ele (companheiro/médico) está no trabalho... ele atende um telefonema, mas nunca é pra resolver problema doméstico... é sempre pra eu informar alguma coisa pra ele... ao contrário de mim... que estou sempre resolvendo... e quando tem alguma coisa pra resolver... ele pede pra me ligar... quem resolve sou eu...

Enfermeira 05:

32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

Já os enfermeiros expressam situações que se remetem à intenção de atender uma demanda pessoal, principalmente quando o tempo de trabalho remunerado é grande. Dessa forma, indiretamente colocam uma barreira entre a vida privada e a institucional, evitando conflitos. E mesmo “presos” aos horários institucionais, por meio dessa alternativa de ligar para casa, evitam serem “incomodados” durante os plantões, como pode ser observado nas falas dos enfermeiros abaixo.

[...] a minha esposa já sabe que ela não pode me ligar, por isso que eu ligo... espera que eu ligue pra ela... de manhã... a noite... ela evita o máximo ligar pra mim no horário de trabalho... sabe que me interrompe... mas meus irmãos o tempo todo...

Enfermeiro 30:

46 anos, separado, quatro filhos, sendo dois com 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º e 3º - diurnos sem final de semana.

[...] eu sinto falta na verdade, às vezes de manter esse contato, mesmo estando no meu horário de trabalho... sinto falta de contato externo, geralmente contato familiar, de saber como as coisas estão andando nesse período que você está preso e você está impossibilitado de participar ativamente dessa situação que está sendo vivenciada na tua família... É uma maneira de você manter o contato e o controle das coisas... isso eu acho que acalma e te deixa mais tranquilo pra desenvolver sua atividade.

Enfermeiro 41:

40 anos, casado, três filhos, sendo dois menores que 12 anos,
1º e 3º vínculos - plantões noturnos e 2º - plantão diurno.

Essas falas podem ser vistas como estratégias para manter o controle da situação, ou seja, ligam para casa para não serem acionados no hospital. Dessa forma, são “eles” que têm o controle dos momentos das ligações, o que pode contribuir para não se sentirem incomodados durante os plantões. Quando esse último enfermeiro refere que acionar a casa deixa-o mais tranquilo, eis também uma maneira que oportuniza um momento em que ele sai do processo de trabalho e atende o tempo pessoal. Esse evento que efetiva uma parada durante o tempo de trabalho pode ser, conforme Amstad e Semmer (2009), fonte de recuperação que ocorre em contextos variados contribuindo para levar adiante o desenvolvimento das atividades durante o longo período de plantão.

Os enfermeiros parecem ser menos acionados para resolver questões do cotidiano familiar. De modo pontual são procurados pela sua rede de convívio social mediante

questões esporádicas ou assuntos diversos. O exemplo dessa situação pode ser encontrado na seguinte narrativa:

[...] por incrível que pareça... os meus amigos... minha família até já sabem... 'está no trabalho?... pode falar?... vem pra casa hoje?'... é bem definido... a comunicação é basicamente essa... vai ter tempo disponível pra conversar mais tarde... pra gente jogar uma bola... pra trocar uma ideia... é assim.

Enfermeiro 11:
26 anos, solteiro, não tem filhos,
1º vínculo - plantão diurno, 2º - plantão noturno e 3º - plantão 24h x semana.

Ainda, de modo diferente da maioria das enfermeiras, observa-se que os enfermeiros demonstram necessidade de delimitar mais os tempos e espaços institucionais e privados. Figuram possibilidades de permanecerem mais tempo durante o trabalho remunerado sem serem incomodados pelas questões da vida privada e vice-versa. Assim, de modo similar às invasões público-privadas, existem aqueles enfermeiros, sobretudo com mais idade e mais tempo de atuação profissional, que também resistem ou negam a existência das invasões do privado para o público, dizendo simplesmente que “não ocorrem”. A fala seguinte também apresenta a mesma negativa, em que a prerrogativa por parte do enfermeiro de não ser acionado parece se articular à atuação da mulher como alguém capaz de resolver coisas sozinha.

[...] minha mulher nunca ligou pra o trabalho... já... assim... ligou alguma vez pra o meu celular... acho que nesses últimos 4 anos... acho que ligou pra ao meu celular, umas duas vezes... só pra perguntar alguma coisa... sem muita... coisa assim simples, também... ela é uma pessoa que consegue... tem uma dinâmica muito boa... de resolver muita coisa sozinha...

Enfermeiro 51:
62 anos, casado, dois filhos,
um vínculo - plantão noturno, aposentado no 2º vínculo.

Em geral, há posicionamentos que designam a intenção de distanciar ou evitar que as situações ocorridas nos espaços e tempos privados caminhem para a vida pública. Mas também existem aqueles profissionais que, mesmo não demonstrando claramente o desejo de que estejam separados, apontam que essas interferências (mesmo quando pontuais) atrapalham o processo de trabalho, principalmente quando não conseguem resolver a questão no momento em que são acionados.

[...] estou punctionando, estou atendendo ali [...] às vezes coisas simples que não tinha aquela urgência ou então um problema que é deles... passa a ser meu a partir do momento que ela (filha) fala comigo (pelo telefone)... Então eu acho que pelos anos que eu tenho, pelos anos que eles tem... acho que tinha que estar menos explorada.

Enfermeira 18:
54 anos, casada, dois filhos,
um vínculo diurno sem final de semana, aposentada no 2º vínculo.

[...] horrível... porque você está longe, você quer resolver, mas não pode sair do serviço [...] Uma coisa é você ser acionado por outro serviço via celular... você não tem vínculo... então quando você é acionado pela família, você tem um vínculo, então o dia inteiro você pensa naquilo... será que conseguiram resolver... se está faltando alguma coisa, se vai depender de você chegar em casa...você resolve à distancia, mas você fica pensando se aquilo realmente foi resolvido. Eu recebo uma ligação de manhã, falo o que tem que fazer e quando chega em casa eu resolvo.

Enfermeiro 01:

37 anos, solteiro, não tem filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

*[...] não incomoda você ligar pra fora... mas se na sua atividade alguém te ligar **repetidas vezes...** e acontece de vez em quando... **isso incomoda realmente...** tira a sua concentração no trabalho se for repetidas vezes alguém te ligando de fora.*

Enfermeiro 41:

40 anos, casado, três filhos, sendo dois menores que 12 anos,
1º e 3º vínculos - plantões noturnos e 2º - plantão diurno.

Aqui, também foram identificadas outras modalidades de permeabilidades privado-públicas, que causam tensões no dia a dia das(os) entrevistadas(os) e afetam as relações de interdependências. Uma das formas identificadas diz respeito a saídas pontuais durante o plantão ou no horário do almoço para atender a necessidade de realizar atividades relacionadas à vida doméstica, conforme a fala do enfermeiro 40 que destaca falta de tempo mediante jornadas de trabalho com horários ininterruptos “[...] eu não gosto de fazer às segundas, hoje eu até fiz... saí e **fui ao banco...** não gosto... me embolei ali... mas aí amanhã, o dia inteiro, fico lá no outro também...”.

Com relação aos conflitos existentes na interface público-privada, os resultados são similares aos de pesquisas realizadas em hospitais em diferentes países, onde (as)os enfermeiras(os) relatam maior conflito trabalho-família do que conflito família-trabalho. Ou seja, o trabalho interferiu mais na família do que a família no trabalho, onde os limites da família são mais permeáveis do que os limites do trabalho (AHMAD, 1998; BURKE; GREENGLASS, 1999; PEREIRA, 2009; MENDES, 2011).

Um aspecto importante a ser considerado no caso dessa categoria profissional é o seu papel como referência profissional para pessoas de sua rede social, isto é, demais familiares, amigos e vizinhos, caracterizando demandas formadas a partir de vínculo afetivo. Essas situações podem ocorrer quando há solicitação direta de “favores” como a realização de medicações, curativos ou procedimentos. Ou ainda intercorrências que impliquem o uso dos serviços do hospital (marcação de exames e consultas, encaminhamento para realização de procedimentos e internação), quando demandam escuta, atenção e orientações ou mesmo por meio de cobranças de condutas e pareceres.

Podem ocorrer da esfera privada para a pública, gerando relação de dependência durante o período de trabalho, ocasionando uma sobrecarga no trabalho.

[...] minha mãe veio ao Rio... do Carmo... na quinta-feira [...] Hoje eu tive que trazê-la ao hospital... no trabalho eu já tive que me dividir. Deixei o cartão dela lá... deixei esperando [...] vim agilizar aqui em cima... aí agilizei o trabalho... voltei lá em baixo e assim fiquei dividida... isso até meio dia... meio dia ela foi embora... meu marido veio buscar... quando o médico foi atender... desci pra poder conversar com ele... pra mostrar o raio x e aquela coisa toda...

Enfermeira 45:
47 anos, casada, dois filhos,
dois vínculos - plantões diurnos.

Ainda pode-se observar a fala da enfermeira a seguir que retrata de forma interessante essa situação em que o(a) profissional se apresenta como referência profissional.

*[...] às vezes eu me sinto bem sobrecarregada... às vezes não... quase sempre... porque hoje eu já colhi sangue do meu pai... sabe!?! Você fica **sendo da área de saúde**... primeiro venho de uma família humilde [...] você acaba sendo referencial... e às vezes **o referencial**... você fica sendo... digamos... sugada... mas... te requer uma atenção muito além do que se você fosse um outro tipo de profissional...*

Enfermeira 09:
36 anos, casada, não tem filhos,
um vínculo - plantões diurnos.

O comentário do enfermeiro 30 é outro exemplo quando observa que, “[...] *minha mãe... antigamente ligava pra mim [...] às vezes, pra poder pedir alguma coisa... você consegue uma vaga pra mim... como se a gente fosse conseguir sim... fazer tudo isso...*”.

Assim, essa rede de dependência criada a partir da referência profissional e solicitação de favores por pessoas do círculo afetivo, contribui por ampliar as chances de serem acionados em tempo integral, causando tensões e conflitos, cujas situações competem com o tempo da vida privada. Tanto com relação ao tempo pessoal (descanso e tempo livre), quanto ao tempo comprometido com a família (cuidados com a família e a casa). Os enfermeiros sinalizam menos ocorrências dessas situações do que as enfermeiras.

4.4.3 - Outras situações em que podem ocorrer “permeabilidades”

As informações referentes às situações de permeabilidade revelam demandas importantes consideradas como “parte do ofício”, uma vez que a vida profissional de enfermeiras e enfermeiros, frequentemente é composta por mais de um vínculo empregatício. As chances de ocorrerem invasões entre os tempos e espaços das diferentes instituições de trabalho se ampliam. Vide os relatos abaixo apontando a existência dessas permeabilidades que ocorrem de “trabalho para trabalho”.

[...] pra dar soluções via telefone [...] sim... acontece problemas de um hospital pro outro [...] No outro hospital eu trabalho todo dia de manhã e nas 24 horas, isso é cargo de direção. Esse celular é funcional. [...] faz parte... quando eu assumi esse cargo eu sabia que isso era inerente ao cargo...

Enfermeiro 39:

48 anos, casado, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

[...] semana passada me ligaram... 'está sabendo que vai chegar uma nova apresentação da vacina pólio?' [...] então eu sou sempre acionado [...] eu não sinto tão aborrecido e tento resolver por conta disso, devido a flexibilidade...

Enfermeiro 23:

53 anos, solteiro, não tem filhos,
três vínculos diurnos sem final de semana.

Quando as situações de permeabilidade são de trabalho-trabalho, ocorrendo durante horários ditos “comerciais”, são permeadas por maior aceitação visto que se mostram como experiências que ocorrem por meio de acordos prévios e durante um tempo contratado, ou seja, “cobertos monetariamente”.

Mesmo assim, também foram identificadas situações de tensão e sobrecarga, que atrapalham o andamento do processo de trabalho, como podem ser exemplificadas através da seguinte narrativa.

[...] noventa por cento (das permeabilidades) são do trabalho no trabalho... às vezes eu estou na escola e surge uma ligação do hospital e vice-versa. Às vezes eu estou no hospital e surge um aluno ligando que o supervisor do estágio não apareceu. [...] na verdade eu acabo perdendo o foco.... estou no foco do trabalho hospitalar, e quando surge uma informação negativa da escola, eu tenho que resolver [...] não posso me ausentar do hospital, então eu tenho que acionar via telefone outras opções pra tentar resolver aquele problema... isso gera pra mim uma tensão muito grande... um estresse desnecessário naquele momento... mas infelizmente surge.

Enfermeiro 17:

41 anos, casado, não tem filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

Ainda foi possível identificar situações de permeabilidades que acontecem durante os deslocamentos, ou seja, migram de um espaço, porém não esperam a chegada noutro espaço para se concretizar. Essa situação remete ao comentário de Bauman (2001, p.49) sobre “[...] lugar intermediário, público/privado, [...] onde os problemas privados são traduzidos para a linguagem das questões públicas e soluções públicas para os problemas privados são buscadas, negociadas e acordadas”. Essa ideia de “espaços de fluxos” encontrada em Bauman (2001) caracteriza os acontecimentos provenientes de uma esfera (pública ou privada) que não aguardam a chegada em outros locais para que aconteçam.

[...] enfrenta aquele engarrafamento danado e atende telefone no engarrafamento e já chega em casa estressado e já pensa no outro dia no que você vai fazer... e que se sente invadido... invasão de privacidade... então... depois que inventaram o celular... foi uma coisa boa... mas ao mesmo tempo uma coisa ruim, porque a

peessoa te pega... já me ligaram descendo da ponte: 'Ah... dá pra falar agora?' não... agora não dá... já te ligo [...] na verdade não está no seu momento de trabalho e você não é remunerado por isso, é remunerado pra cumprir aquela carga horária x... Então pra mim isso é um pouco desconfortável.

Enfermeiro 01:
37 anos, solteiro, não tem filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

[...] tenho um deslocamento muito presente o tempo inteiro... e com esse trânsito louco... você vê (aponta para o mapa de horários) que eu consigo me deslocar e trabalhar ao mesmo tempo... falar ao telefone também faz parte do meu trabalho...

Enfermeira 08:
33 anos, solteira, não tem filhos, 1º vínculo - plantão diurno,
2º - diurno sem final de semana e 3º - não informado.

Antes das tecnologias de comunicação os deslocamentos poderiam favorecer mais tempo para as questões individuais: tomar decisões, programar situações e planejar sonhos. Atualmente, o tempo em trânsito, com as demandas de outras pessoas e de outros espaços, diminui esse tempo para si. Assim, cada vez mais as pessoas se tornam acessíveis em todos os momentos da vida, diminuindo as chances de controle do próprio tempo.

Vale apontar que ainda ocorrem situações de permeabilidade que migram entre “esferas privadas”, estando correlacionadas às demandas de familiares que acionam o(a) profissional para além do espaço e tempo institucional após o trabalho. Assim, durante o descanso, lazer e tempo livre surgem demandas gerando incômodos, tensões e relações de dependência com as pessoas de sua rede social.

[...] eu chego em casa... é o horário que eu quero descansar... mas infelizmente o horário que eu tenho disponível, eu me vejo várias vezes sem jantar ou então eu vou comendo e vou conversando... porque... após o trabalho... as vezes a família [...] alguma outra pessoa que liga porque está precisando de alguma coisa... ou porque quer pedir alguma coisa [...] na semana passada minha prima me ligou e ela queria resolver um problema de saúde do meu tio... porque ele se trata aqui no hospital... aí ela me liga e diz... 'meu pai esteve no oftalmologista e ele agora está enxergando menos e como é que a gente vai fazer?' [...] Como é que a gente vai fazer? [...] só que aí assim... ela desliga o telefone e eu que fiquei com problema que é dela... que é do pai dela... mas como eu trabalho aqui e ele se trata aqui... assim... é tranquilo... ela (prima) desliga o telefone... ela vai lá fazer o que ela tem que fazer [...] só que no outro dia eu tenho que tentar resolver essa situação [...] as coisas vão acontecendo... quando a mãe dela esteve internada eu recebia ligação durante o trabalho... depois de 22h (em casa) era certo... ligavam pelo menos três pessoas [...]a minha tia ainda ligava me dando ordem... querendo que eu resolvesse as coisas que ela viu [...] chega de noite você está em casa e o telefone continua tocando e isso vai me incomodando...

Enfermeira 02:
45 anos, casada, não tem filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

Essa enfermeira compartilha enfaticamente uma situação, que pode acontecer também no tempo em que se encontra no espaço do trabalho remunerado ou ainda em

trânsito. No entanto o incômodo torna-se maior, quando ocorrida principalmente durante o tempo direcionado ao descanso ou para eventos da vida privada.

O tempo ocupado com os “estudos” é também um exemplo de que as situações de permeabilidades podem migrar entre vários espaços e tempos da vida das pessoas.

Nesta pesquisa, o tempo dedicado aos estudos foi convencionado como parte do tempo contratado, pois se tomou por base o significado de que esse tempo estivesse associado à qualificação necessária à prática profissional. Como pode ser exemplificado a partir fala da enfermeira 45 ao apontar que “[...] o único trabalho que eu levo pra casa é o trabalho de estudo (Mestrado)”.

No entanto, relatos como dos enfermeiros 39 e 42, apontam que ao retirar um tempo durante o plantão noturno para estudar, estaria vinculando o envolvimento com estudos ao tempo pessoal (durante o “período de descanso”), que invade o tempo contratado, como se esse acontecimento não pudesse ocorrer.

[...] eu trabalho aqui no horário noturno... e é um setor razoavelmente tranquilo do hospital... e você a noite a demanda é bem menor [...] é um tempo que a gente já fez as atividades, os procedimentos e tal... e nesse horário dá pra você relaxar um pouco mais... e até mesmo pesquisar alguma coisa de interesse do trabalho... ou mesmo uma matéria que seja interessante que você gostaria de ler.

Enfermeiro 42:

51 anos, casado, um filho com 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - plantão diurno.

[...] a estrutura do setor em que eu trabalho me permite fazer a vigilância estudando. [...] é um horário que a gente pára de cutucar o doente e fica em vigilância. Nesse horário, eu me mantenho acordado... é o horário que eu tenho pra estudar. E lá no outro serviço, é comumente o horário em que eu acesso (internet)... mas eu entendo como trabalho... em que eu tenho que me manter informado... então acesso a internet, pego informações, baixo e-mails... mas eu considero um trabalho... que faz parte também da minha relação de trabalho lá dentro.

Enfermeiro 39:

48 anos, casado, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

Percepções diferenciadas quanto aos usos desse tempo, pode associar diferentes situações de permeabilidades, dependendo do espaço que esses estudos são realizados. Ou seja, quando leva estudo vinculado ao trabalho para casa, está caracterizada uma permeabilidade público-privada. Quando retira um tempo durante o trabalho remunerado para se estudar, caracteriza-se uma permeabilidade privado-pública. Ou ainda, quando esse tempo para o estudo ocorre durante os deslocamentos, pode-se observar permeabilidade público-privada ou privado-pública, dependendo da esfera a que esse “estudo” esteja associado.

Vale sinalizar que ambos os grupos entrevistados destacam o pouco tempo ocupado com os estudos. Como diz o enfermeiro 64, “[...] a parte de estudos praticamente é zero... que você fica pra lá e pra cá com dois empregos, com atividade doméstica, com os compromissos do dia a dia e acaba negligenciando essa parte de estudo mesmo...”. Também a enfermeira 15 aponta que “[...] não estudo mais nada... parei com tudo... porque levantar, fazer a atividade física, vir para o hospital, ir pra casa do meu pai e voltar pra casa... isso leva o meu dia todo... quando eu chego... não consigo nem ler um livro...”.

Em se tratando de profissionais que atuam num hospital universitário, se relacionando constantemente com a vida acadêmica, observam-se falas que expressam sentimentos de pouco tempo dedicado aos estudos. Cabe destacar que a ocupação do tempo com os estudos pode ocorrer de maneira simultânea a outras atividades, sendo considerada de difícil registro na “caderneta”, como diz a enfermeira 18 “[...] estudo... eu sei que é pouco, apesar de que nessa história toda o trabalho tem muito estudo... porque não dá pra dividir... [...] estudo em casa é realmente complicado [...] dentro do trabalho tem estudo também, mas não tenho como colocar aí...”.

No presente estudo foi adotada uma perspectiva que busca reunir analiticamente as dimensões pública e privada, conforme pesquisa realizada por Aguiar (2001). Sem deixar de levar em consideração o intercuro e as trajetórias entre local de residência e o de trabalho remunerado, também se apresentou possível estudar o grau de afastamento ou de aproximação entre esses espaços. Além de tornar viável efetuar análise conjunta dessa relação com destaque para as questões de gênero.

No item 4.4 - “O jogo dos tempos: tensões e conflitos nas esferas pública e privada” foram analisadas as situações de “permeabilidade” em geral. Essas análises foram caracterizadas pelo movimento migratório de acontecimentos entre esses espaços e tempos, possibilitando associar o espaço interno do hospital ao da casa, e vice-versa, além dos deslocamentos. Permitiu ainda observar que esses eventos ou experiências se concretizam não só a partir da aproximação de espaços diferentes, mas também por meio das relações entre sujeitos diferentes, a saber, “trabalhador-trabalhador”, “família-trabalhador”, “trabalhador-família”, “trabalhador-paciente” e “paciente-trabalhador”. Dessa forma, identificou-se as relações entre os profissionais e as pessoas que compõem sua configuração de interdependências, assinalando as desigualdades de gênero, no processo de distanciamento ou de aproximação entre as esferas pública e privada.

Portanto, dar foco às situações que caracterizam “permeabilidades” ou “invasões recíprocas” entre os espaços e tempos público-privados, viabilizou trilhar um caminho capaz de identificar conflitos e tensões, análogo a um “jogo”. As permeabilidades geram competição, incitando tensão entre as pessoas que acionam e aquelas que são acionadas no outro espaço. As situações ocorridas nesse “tempo intermediário”, tensionam as relações fazendo com que as demandas geradas por umas pessoas se misturem com o tempo das outras. Os modelos de jogos de competição que são usados por Norbert Elias (2008) como treino para imaginação sociológica, busca entender como se entrelaçam as ações humanas através do caráter relacional do poder, isto é, como as pessoas medem suas forças quando entram ou se encontram em relação umas com as outras. Essas relações assinalam interdependências que expressam na maioria das vezes, desigualdades momentâneas nas experiências relatadas pelo grupo estudado.

Tendo em vista que essas esferas se interpenetram e não existem de modo isolado, os acontecimentos ocorridos num domínio da vida acionam as pessoas e interferem na dinâmica do outro (interface público-privada), provocando tensões e circulação das formas de poder. Deste modo, foi possível identificar situações que expressam “invasões recíprocas” ou “permeabilidades” que se remetem às perspectivas de Norbert Elias ao considerar a noção de “tempo” e de “interdependência funcional” como fruto de relações entre processos, segmentos e posições sociais. Onde as pessoas ou grupos que desempenham funções recíprocas exercem uma coerção mútua, significando desequilíbrio de poder, a partir das tensões e conflitos (ELIAS, 1998a, 2008).

Em suma, a temática investigada nessa pesquisa aborda um caráter relacional, sendo possível analisar como esses(as) profissionais percebem e se relacionam com as situações que atravessam as fronteiras entre os espaços e tempos público e privado, afetando a saúde e os modos de vida no cotidiano.

4.5 - Constrangimentos e o “milagre da multiplicação” dos tempos: divisão sexual do trabalho e simultaneidades

Doze conselhos “amigos da onça” para ter um infarto feliz

1. Cuide de seu trabalho antes de tudo. As necessidades pessoais e familiares são secundárias.
2. Trabalhe aos sábados o dia inteiro e, se puder também aos domingos.
3. Se não puder permanecer no escritório à noite, leve trabalho para casa e trabalhe até tarde.
4. Ao invés de dizer não, diga sempre sim a tudo que lhe solicitarem.
5. Procure fazer parte de todas as comissões...e aceite todos os convites para conferências, reuniões...
6. Não se dê ao luxo de um café... não perca tempo... e aproveite o horário das refeições para reuniões...
7. Não perca tempo fazendo ginástica, nadando, pescando, jogando bola ou tênis. Afinal, tempo é dinheiro.

8. Nunca tire férias, você não precisa disso. Lembre-se que você é de ferro.
 9. Centralize todo o trabalho em você, controle e examine tudo...
 10. Se sentir que está perdendo o ritmo e o fôlego, tome estimulantes e energéticos.
 11. Se tiver dificuldades em dormir não perca tempo, tome calmantes...
 12. Não se permita ter momentos de oração e meditação diante de Deus.
 Isto é para crédulos e tolos. Ainda está em tempo de rever suas atitudes!
Ernesto Berg

No capítulo anterior, quando analisadas as situações de permeabilidades na interface público-privada, foi possível observar que as enfermeiras se apresentam mais propensas a essas experiências do que os enfermeiros, sobretudo quando as reflexões são ampliadas para o universo privado das relações.

Desse modo, a partir das informações empíricas, observou-se que em geral os(as) entrevistados(as) enfatizam de alguma forma que existem experiências simultâneas perpassando o cotidiano de suas relações. As pesquisas que envolvem as experiências simultâneas são de interesse investigativo de áreas do conhecimento como neurociências, psicologia cognitiva (BURGESS, 2000; RUBINSTEIN; MEYER; EVANS, 2001; WATSON; STRAYER, 2010) e também da sociologia (SAYER; BIANCHI; ROBINSON, 2004; SAYER, 2007; OFFER; SCHNEIDER, 2011). Cabe destacar que o presente estudo busca compreender as experiências simultâneas a partir do contexto das Ciências Sociais, em que são encontradas análises que remetem aos usos do tempo e às experiências cotidianas, direcionando olhares para as questões de gênero. Dessa maneira, ao enfatizar o aspecto qualitativo, os estudos das Ciências Sociais ampliam a reflexão para além das capacidades diferentes de homens e de mulheres lidarem com as simultaneidades.²⁷

Essas situações estão mais presentes nos discursos das enfermeiras do que dos enfermeiros, apresentando tendências em realizar atividades sobrepostas e caracterizando usos constrangidos dos tempos. As falas a seguir permitem exemplificar como esse contexto aparece no cotidiano das enfermeiras e tende a se afastar do dia a dia dos enfermeiros:

*[...] tenho uma vida muito louca... então assim... eu não sei se existe um limite... uma perspectiva... mas... olhando em termos de cores (mapa de horários)... parece que está bem dividido... agora... louco... não existe uma constância nas atividades... ao mesmo tempo em que estou em uma estou em outra... **tudo ao mesmo tempo agora... e fazendo tudo ao mesmo tempo** [...] **eu lido bem** com isso... talvez até por exercitar isso diariamente... não é uma coisa que eu goste... que eu pense que é sadio... que é normal... que eu entendo que **não é uma questão normal**... eu acho*

²⁷Esta pesquisa se distancia do foco cognitivo de análise, onde as discussões permanecem direcionadas às diferenças entre as capacidades individuais de homens e mulheres (MOIR; JESSEL, 1991; PEASE; PEASE, 2000; SABATTINI, 2000; WATSON; STARYER, 2010). No entanto, se aproxima de estudos relativos a prejuízo e lentidão em realizar atividades ao mesmo tempo, para ambos os sexos (ROGERS; MONSELL, 1995; RUBINSTEIN; MEYER; EVANS, 2001).

que as pessoas tem que fazer as coisas cada uma no seu tempo... mas é aquela coisa... por vezes é estressante, mas eu lido bem com isso... eu já vejo outras pessoas que não tem essa capacidade de resolver várias coisas ao mesmo tempo... precisa terminar uma pra iniciar outra... eu não... eu consigo conduzir várias coisas ao mesmo tempo...

Enfermeira 08:

33 anos, solteira, não tem filhos, 1º vínculo - plantão diurno,
2º - diurno sem final de semana e 3º - não informado.

[...] eu não faço nunca várias coisas ao mesmo tempo... me organizei para não fazer várias coisas ao mesmo tempo... eu acho horrível ter que fazer várias coisas... acho isso uma atitude patológica... não sou assoberbado a ponto de ter que fazer várias coisas ao mesmo tempo... eu organizo o meu tempo pra poder fazer as coisas de maneira que eu possa dar atenção exclusiva para aquilo que eu estou me focando...

Enfermeiro 68:

51 anos, casado, um filho,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º - diurno sem fim de semana.

Elias (1993) faz referência a um “ritmo” como sendo a manifestação de cadeias entrelaçadas de interdependência que abrangem as funções sociais dos indivíduos e de uma pressão competitiva que afeta cada ato isolado da pessoa. Observa, ainda, que a junção dessas cadeias faz emergir a necessidade de uma alocação exata do tempo e um autocontrole. Por sua coerção, o tempo construído socialmente provoca conflitos quando as pessoas não conseguem dar conta de viver conforme os moldes desses tempos.

[...] tem que levar o C. no psicólogo, na fono... tem que cuidar da casa, sempre uma desculpa pra não estar fazendo o cuidar de mim isolado, sozinho... só eu pra mim mesma... aquela coisa de agitar... me sinto agitada... aí depois vem aquele cansaço que só tem fim naquela coisa de sono... como se fosse uma fuga... isso atrapalha relacionamento, atrapalha a vida sexual do casal, atrapalha um monte de coisa...

Enfermeira 61:

46 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º vínculo diurno sem fim de semana.

Conforme Dedecca, Ribeiro e Ishii (2009), as mulheres se ocupam das atividades domésticas, usando o tempo de modo sobreposto, imerso em sobrecargas de funções que se conflitam entre o tempo cronometrado e o cumprimento das exigências sociais.

Por sua vez, Oliveira (2003) reflete sobre “[...] a ocorrência de conflitos internos à família, na medida em que as mentalidades são ainda majoritariamente avessas à atribuição aos homens de responsabilidades ditas femininas”. Sendo um problema da sociedade e não somente da mulher, o desdobramento injusto de esforços e energias por parte das mesmas, faz com que seja urgente a necessidade de rever os usos do tempo de homens e mulheres face às responsabilidades privadas.

Na tradição de importantes estudos sobre a divisão do trabalho doméstico, Bruschini (2006) ressalta que o tempo ocupado com essa contribuição invisível à renda

nacional é maior na vida das mulheres. Tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento elas ocupam 66% do tempo com atividades domésticas e 34% com o trabalho remunerado. Já os homens apresentam dados contrários, visto que nos países desenvolvidos ocupam 66% com o trabalho remunerado e 34% com atividades domésticas, sendo a diferença maior nos países em desenvolvimento: 76% e 24%, respectivamente.

Ao analisar quantitativamente as atividades simultâneas nessa pesquisa, também se observou diferenças quanto ao gênero. Ao longo dos anos, essas diferenças foram ressaltadas a partir de situações que direcionaram os homens aos espaços e tempos públicos e as mulheres, aos privados. No caso dessa investigação, não é diferente. As enfermeiras sinalizam tendências em associar a ocorrência das atividades simultâneas ao tempo comprometido e os enfermeiros confirmam tendência de maior presença durante o tempo contratado.²⁸ Desse modo, localizar as atividades simultâneas a partir dos tempos contratado e comprometido permite mais uma vez que sejam confirmadas diferenças correlacionadas ao gênero.

Em geral, as enfermeiras registraram em média 10 horas a mais com a realização de atividades sobrepostas, comparadas aos enfermeiros. Destaca-se que do total de 42 participantes, todas as mulheres e 72% de homens registraram duas ou mais atividades sobrepostas durante a semana. Quando se observa os registros triplos de atividades, 22% das enfermeiras e apenas 7% dos enfermeiros apontam a respectiva experiência, sendo que todos se encontram durante o tempo comprometido.

Offer e Schneider (2011) ao realizarem pesquisa sobre a realização de “multitarefa” por mães e pais em famílias de dupla renda, sinalizam que as mulheres relatam essas sobreposições com mais frequência do que os homens. Afirmam ainda, que as mães gastam 10 horas a mais do que os pais em atividades simultâneas durante a semana, sendo essas horas adicionais relacionadas principalmente ao tempo ocupado com tarefas domésticas e cuidados infantis.

As narrativas abaixo exemplificam a contínua necessidade, por parte de algumas enfermeiras, de realizar mais atividades durante um período limitado, caracterizando controles de horários e o “milagre da multiplicação dos tempos”.

[...] algumas coisas também se sobrepõem... atividade doméstica... vários momentos a atividade doméstica surge nesse ponto aí (mapa de horários) porque às vezes eu

²⁸ Vide classificações realizadas por Stinson (1999) e Robinson (1999) utilizadas desde as análises quantitativas dos usos do tempo (item 4.2), onde o tempo comprometido está relacionado às atividades domésticas e cuidados de outros, e o tempo contratado aos trabalhos remunerados e deslocamentos.

desço com ela (filha)... a minha secretária fica com ele (filho) pra eu ir fazer compra... às vezes eu estou com eles (filhos) e paro pra arrumar uma coisa ou outra que não tem como deixar pra o dia seguinte [...] meu intervalo de almoço é o horário que eu paro pra fazer uma compra... porque as crianças têm horário pra sair da creche... o horário que eu tenho livre, depois que eu saio do trabalho... depois de uma hora (13h) é o horário que eu vou encaixando as coisas pra fazer...

Enfermeira 05:

32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

[...] mesmo que eu esteja na hora do meu lazer... em algum momento do dia... seja sábado ou feriado... ou eu tenho que ir... ou eu tenho que ligar várias vezes para casa dos meus pais (idosos)...

Enfermeira 15:

51 anos, separada, um filho,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

[...] de repente estou dando almoço... e aí tenho que preocupar de ligar pra o taxista... porque a consulta do meu pai é no outro dia... e aí é a questão do horário... e ao mesmo tempo tenho que levar o menino pra natação... o filho... ou alguma coisa... tenho que estar ligada no horário... alguns momentos são um pouco mais corridos... esse horário do almoço é um horário sempre corrido pra maioria das donas de casa... obviamente... então as atividades acabam se acumulando... concentrando na verdade naquele horário... pega filho na escola...

Enfermeira 19:

39 anos, solteira, um filho menor que 12 anos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

Para Silva et al. (2012), apesar de existir um desejo quanto à distribuição do trabalho doméstico e cuidados dos filhos, por mulheres e homens, os cuidados ao(s) filho(s) têm sido vislumbrados como maior responsabilidade das mulheres. Algumas ainda demonstram necessidade de envolver mais tempo nas relações com o espaço doméstico, apesar de sentirem o peso cotidiano com a realização dessas atividades. O relato a seguir demonstra que:

[...] na verdade eu me aposentei de um trabalho e eu estava com minha vida doméstica muito atrasada... sempre passei muito isso à empregada... agora, estando em casa a maior parte do tempo, eu estava assumindo isso e não tem outro jeito...

Enfermeira 18:

54 anos, casada, dois filhos,
um vínculo diurno sem final de semana, aposentada no 2º vínculo.

Já aquelas que não têm responsabilidades diretas com as tarefas, pela presença de empregada ou companheiro, envolvem-se com atividades de organização ou de supervisão, como pode ser visto no relato a seguir:

[...] o que me sobra, são aquelas coisas que eu gosto do meu jeito... que me incomodam [...] aí me proponho arrumar... pegar o plástico, casar com a tampa... tem tampa sem vasilha ou vasilha sem tampa... essas coisas que a empregada não atenta...

Enfermeira 13:

50 anos, casada, um filho,
um vínculo diurno sem final de semana.

Hirata e Kergoat (2007) referem que as mulheres, ao investirem em sua carreira profissional, precisam recorrer a uma enorme reserva de outras mulheres para dar conta das múltiplas responsabilidades. Também Perista (2002) aponta que a existência ou não de apoios externos para a execução de tarefas domésticas afeta os tempos dos diferentes membros da família, cujas redes de “entreaajuda” raramente envolvem trabalho masculino, isto é, trata-se geralmente da substituição de uma mulher por outra (paga ou não por isso) para a realização de determinadas tarefas.

No presente estudo, mesmo existindo uma parcela significativa de enfermeiras afirmando envolvimento direto na execução do trabalho doméstico, grande parte delas relata pagar a uma pessoa para realização das tarefas, passando a exercer o gerenciamento ou supervisão das mesmas. No entanto, na ausência das empregadas, quando as enfermeiras não conseguem realizar as atividades domésticas de modo direto, contam com essa rede de outras mulheres para realizar as variadas atividades no âmbito privado.

*[...] pra poder dar conta das atividades domésticas... de outras atividades que eu acho que eu não posso deixar de fazer... porque quando envolve outra pessoa, acaba sendo a prioridade na minha vida... a prioridade hoje na minha vida são todas as atividades que envolvem minha família... e a mim... eu acabo deixando pra segundo plano... então assim que eu me resolvo... peço ajuda de outras pessoas pra algumas coisas... os imprevistos que acontecem... eu tive agora... um imprevisto com a **minha secretária**... o avô faleceu... ela teve que viajar na quarta-feira... eu fiquei quinta e sexta sozinha... não conseguia dar conta das coisas que eu tinha pra dar... acabei **ligando pra minha madrinha pra me ajudar**... a **minha sogra** me ligou perguntando se eu precisava de ajuda.. eu ligo pra **minha mãe** pra ver se ela pode me ajudar num dia ou outro... pra eu conseguir dar conta... vou pedindo ajuda...*

Enfermeira 05:

32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

As análises realizadas a partir das relações existentes entre esses tempos, torna possível identificar uma série de percepções que caracterizam simultaneidades, além de demonstrar as redes de interdependência existentes no cotidiano que transcendem os espaços e tempos do trabalho remunerado. Aguiar (2001) ressalta que existem outros parâmetros delimitadores da temporalidade, que ampliam o número de dimensões associadas ao uso do tempo, para além do paradigma da produção.

Conforme Bruschini (2006), o registro do tempo de mulheres que compõem a classe média mostra que as atividades domésticas nessa camada da população, se caracteriza por simultaneidade, multiplicidade e fragmentação, consumindo grande parte do tempo feminino. Greenhaus e Beutell (1985) observam que isso se dá principalmente

quando essas mulheres têm famílias grandes e os companheiros priorizam envolvimento com a vida profissional e dedicam pouco tempo para vida em família.

[...] a minha vida é um pouco tumultuada, digamos assim... pela quantidade de trabalho, e com a família muito grande [...] ao mesmo tempo que eu estou cuidando de mim ,eu estou cuidando dos outros, eu estou fazendo comida, é muito mútuo... porque a gente é dona de casa... trabalha fora... é chefe da família [...] o marido (médico) está melhor de um ano pra cá em termos de atenção... porque ele viu que tudo cansa... a piscina pra ajeitar cansa... a comida pra fazer cansa... então ele já faz alguma coisinha [...] mas também trabalho bem mais que o marido, mas eu trabalho e eu fico preocupada se eu não trabalho [...] não devo ser muito normal...

Enfermeira 60:

48 anos, casada, quatro filhos, sendo um menor que 12 anos, dois vínculos diurnos sem final de semana.

Existe uma mudança associada à flexibilidade do mercado e atualmente atrelada à nova proposta de Emenda Constitucional referente às trabalhadoras domésticas no Brasil²⁹, que pode provocar o aumento da presença de faxineiras/diaristas, em detrimento de empregadas contratadas com carga horária semanal. No caso dessa pesquisa, tais mulheres trabalham no máximo três dias alternados por semana no domicílio dos(as) entrevistados(as), sendo a maioria uma vez por semana, levando indiretamente a uma divisão do trabalho doméstico por parte da família. Ressalta-se que na ausência dessas empregadas existe uma maior assunção de responsabilidades por parte das enfermeiras em relação aos demais componentes da família. Por exemplo, na fala a seguir, mesmo destacando não realizar atividades domésticas diretamente, a enfermeira refere alternar os dias da empregada com os seus dias de trabalho no hospital.

[...] então o que eu faço de casa é muito pouco... então o que entra às vezes assim de cuidado com casa, são cuidados de supervisão... enquanto eu estou supervisionando eu estou fazendo um lazer ou outra coisa... ou fazer um café ou botar um lanche... são pequenas coisas... uma vez eu lavo assim uma roupa, mas eu tenho a empregada que quando eu estou trabalhando aqui ela está trabalhando lá... ela não vai todo dia, mas então ela deixa pronta a comida... não faço muita coisa mais de casa...

Enfermeira 20:

52 anos, casada, dois filhos, um vínculo diurno sem final de semana.

Conforme Schouten (2008), a coordenação, organização e execução do trabalho doméstico, em regra atribuído às mulheres, não consiste apenas em tarefas que podem ser realizadas dentro de um determinado prazo, ou seja, tarefas que não podem esperar.

²⁹ As atividades das empregadas domésticas são reguladas pela Lei nº 5859/1972, entretanto em março de 2013 passa a vigorar uma proposta de Emenda Constitucional nº 72/2013, conhecida como a PEC das empregadas domésticas, assegurando a ampliação dos direitos dessa classe trabalhadora. Informação acessada em 30.04.2013, in: <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2013/04/02>.

Rotenberg (2012, p.78), ao realizar pesquisas com equipes de Enfermagem ressalta que “[...] as atividades domésticas, em especial o cuidado de outras pessoas, assume um caráter de centralidade no sentido de este nortear as decisões [...]”.

Os desdobramentos provenientes dessa situação oportunizam conflitos sinalizados por algumas enfermeiras, com relação à divisão desigual do trabalho doméstico, à invisibilidade do mesmo e ao acúmulo de funções no âmbito privado. Hirata e Kergoat (2007) apontam que o conceito de divisão sexual do trabalho, revela uma enorme massa de trabalho que é dividida desigualmente no âmbito doméstico e efetuada gratuitamente pelas mulheres. Esse trabalho, “invisível” e realizado em nome da “natureza”, do “amor” e do “dever materno”, não para elas mesmas, mas para outros, deve ser reconhecido como trabalho. Mesmo não fazendo alusão direta às experiências simultâneas com destaque para as tensões correlacionadas às assimetrias de gênero, Dedecca (2008) alerta sobre os sinais visíveis de distribuição desigual do tempo na sociedade, adquirindo uma dimensão específica quando se analisa o uso do tempo segundo o sexo, sendo o trabalho para a reprodução social preferencialmente de responsabilidade das mulheres.

Como apontam Offer e Schneider (2011), vários estudos na área da sociologia, observam maior sensação de peso e estresse entre as mulheres trabalhadoras diante da carga total de trabalho ampliada e de experiências simultâneas.³⁰

Assim, os discursos seguintes ilustram de modo significativo o quanto a realização de várias atividades ao mesmo tempo, com destaque para as sobreposições existentes no âmbito doméstico, além de exigir iniciativas sob pressão e testes de paciência, podem expressar sentimentos de insatisfação e sobrecarga. A enfermeira 60, por exemplo, se diz “[...] *assoberbada... cansada... às vezes se eu tiver com muita coisa pra fazer eu fico nervosa...*”. E a enfermeira 05 destaca que:

[...] tem dia que eu acho que vou ficar louca... fico sobrecarregada... sono prejudicado... extremamente irritada... sem descanso... e quando tem que dar conta de várias atividades, tem a sensação de que trabalho mais do que todo mundo [...] são muitas atividades juntas que tem hora que você tem que deixar de fazer alguma coisa pra você, pra eu dar conta... engraçado falar disso... mas eu sinto que tem hora... sabe quando você está com muito sono e tem hora que você vai apagar... tem hora que eu não vou agüentar... tem dia que eu estou muito estressada...

Enfermeira 05:

32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

³⁰ Caso seja de interesse, sugere-se leitura de: GALINSKY, E. et al. **Overwork in America: When the Way We Work Becomes Too Much**. New York: Families and Work Institute, 2005; e HESSING, M. **More than Clockwork: Women's Time Management in Their Combined Workloads**. **Sociological Perspectives**, v.37, 1994.

Mesmo que essa sobrecarga seja mais presente no cotidiano das mulheres, nas falas que se seguem destacam-se redes de dependência no convívio familiar, exemplificando as experiências de enfermeiras e enfermeiros com relação aos cuidados de idosos.

[...] meu pai tem Alzheimer então quem movimenta questão de conta bancária, pagamento de conta, receita de remédio, plano de saúde... tudo... somos eu e minha irmã (enfermeira 15) [...] embora tenha administrado muito bem essa questão do cuidado do meu pai e da minha mãe, no fundo a gente acaba se cobrando, a gente podia estar dedicando mais tempo...

Enfermeira 13:
50 anos, casada, um filho,
um vínculo diurno sem final de semana.

[...] a gente fica muito cansada... a irritabilidade aumenta... você fica muito mais suscetível a se aborrecer pelo acúmulo de funções... realmente você fica estressada... porque cuidar dentro do hospital, que faz parte da enfermagem, da minha profissão, isso é uma coisa que se criou... mas cuidar de pai... mãe... é diferente... porque ele não é o doente... ele é o meu pai... a minha mãe... antes de eu ser a enfermeira [...] a gente acaba se cobrando muito mais...

Enfermeira 15:
51 anos, separada, um filho,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

[...] a minha mãe começou a agravar desde segunda-feira [...] eu relutava muito essa questão de internar minha mãe... porque a gente já cuidava dela em casa e a gente já sabia qual seria o desfecho das coisas, mas ficou assim... eu tenho mais duas irmãs que são enfermeiras [...] vamos resolver em conjunto... como é que fica essa situação... e elas acharam melhor internar... apesar de eu não concordar...

Enfermeiro 23:
53 anos, solteiro, não tem filhos,
três vínculos diurnos sem final de semana.

Entretanto, a diferença entre o grupo de enfermeiras e enfermeiros pode se tornar evidente através de discursos que associam a realização de atividades simultâneas à presença de filhos e à execução de atividades domésticas. As enfermeiras que têm filhos pequenos descrevem episódios que remetem às várias sobreposições de atividades no dia a dia. Essas situações se refletem nos registros nas “cadernetas de atividades” com inúmeras ações sobrepostas, destacando os sucessivos e contínuos trabalhos que competem disponibilidade e atenção, independente do horário ou do dia da semana.

Segundo Dedecca, Ribeiro e Ishii (2009), mudanças nas jornadas de trabalho, como flexibilidade de horários, contribuem para constranger os tempos relacionados às famílias, tornando-se explícita a interdependência das formas de apropriação do tempo disponível e afetando de maneira diferenciada os tempos de homens e mulheres.

Mesmo que esteja ocorrendo maior participação masculina, as narrativas seguintes reforçam uma desigual divisão sexual do trabalho no âmbito privado. No contexto deste

estudo, observa-se sutilmente a presença de consentimentos e justificativas por parte de ambos os grupos e respectivos(as) companheiros(as).

*[...] espera aí... (aponta para o mapa de horários) nesse caso a noite onde estão as atividades domésticas... na maioria das vezes eu fazia sozinha. Não que ele não faça... não é isso... mas nessa semana em específico, **ele não me ajudou em nada...** (risos) nessa semana em específico, ele não me ajudou, mas quando eu intensifico os estudos, ele me ajuda nos serviços domésticos [...] Eu **entendo...** ele é uma pessoa que trabalha. Ele também é enfermeiro... ele tem trabalhado muito mais tempo do que eu, a nível de carga horária. Eu tenho trabalhado menos em relação à carga horária do hospital. Ele agora é uma pessoa... já não é mais novo... tem 49 anos e essa questão...*

Enfermeira 09:
36 anos, casada, não tem filhos,
um vínculo - plantões diurnos.

*[...] a responsabilidade maior do cuidado da casa acaba sendo mais dela (companheira/enfermeira) [...] ela tem um horário bem mais flexível do que o meu... vejo mais por esse lado... não que eu não ajude... **eu ajudo...** mas o meu tempo pra ajudar é menor...*

Enfermeiro 07:
35 anos, casado, não tem filhos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - plantão noturno.

*[...] olha... dos quinze dias que ele (companheiro/enfermeiro) está aqui, ele me ajuda... me ajuda, **mas me ajuda pouco...** vou te falar porque... assim... eu não fico muito em casa... a casa não fica muito suja... ele passa um aspirador... chego em casa e lavo a roupa porque ele não sabe lavar roupa. Eu faço almoço no dia que eu esteja de dia em casa... eu faço uma quantidade um pouquinho maior e ele vai comendo... ou quando não dá pra fazer ele faz também faz uma coisa mais fácil [...] assim... ele não me ajuda muito, mas também, como a gente fica pouco em casa não tem muita coisa pra fazer... o **negócio é mais roupa, que sou eu mesma que lavo...** mas é normalmente assim... chego em casa, boto roupa pra lavar, durmo, quando acordo, já parou e boto outra... e faço outra coisa....*

Enfermeira 25:
27 anos, casada, não tem filhos,
1º e 2º vínculos - plantões noturnos e 3º - diurno sem final de semana.

*[...] lá em casa eu **procuro ajudar um pouco** nas tarefas do lar... domésticas... ela faz a comida geralmente e eu ajudo na limpeza... louça... eu **acabo dando uma mão...** eu acho que o casal tem que ter essa consciência... porque se deixar só pra um... fica muito pesado e surge aquelas reclamações... então sabendo dividir...*

Enfermeiro 42:
51 anos, casado, um filho com 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - plantão diurno.

Bruschini e Ricold (2012) sinalizam que a participação dos homens no trabalho doméstico acontece numa condição periférica, ou seja, quando há mulheres disponíveis na família para executá-lo, fica subentendido que esse trabalho deva ser realizado por elas. Sendo feito por eles, caracteriza-se uma participação numa condição de ajuda e não de envolvimento processual e obrigatório.

Nesse âmbito, onde o trabalho doméstico é remetido ao domínio das mulheres, como pode ser visto nas falas abaixo, aparece a ideia de que elas têm mais “poder” do que

os companheiros nas relações domésticas. A crença de que o acúmulo de funções remete à detenção de poder, direcionando para elas o comando da casa e da família, oculta desigualdades entre os tempos para si e para os outros.

[...] ele (companheiro/médico) quando está no trabalho... ele atende um telefonema... mas nunca é pra resolver problema doméstico [...] ao contrário de mim, que estou sempre resolvendo... e quando tem alguma coisa pra resolver... ele pede pra me ligar... quem resolve sou eu... (risos) ... lá em casa, esse negócio de quem manda é a mulher mesmo... (mais risos).

Enfermeira 05:

32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

[...] eu estou mandando Y. (companheiro/médico)... aí tem que me obedecer, porque eu sou mãe... e ao mesmo tempo que sou assim, não gosto de ser contrariada. Aí ele diz 'está bom.' O que eu faria se eu estivesse aí? Aí eu chamo atenção do marido... Então assim, sempre procurei tomar conta deles, sempre tomei conta dos filhos trabalhando... pelo telefone, monitorando. [...] Administro tudo numa boa até mesmo nas horas dos grandes problemas...

Enfermeira 60:

48 anos, casada, quatro filhos, sendo um menor que 12 anos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

Ainda, pode-se observar que algumas enfermeiras avaliam que realizar atividades simultâneas tem associação com uma competência individual feminina, atribuindo às mulheres domínio e desenvoltura para realizar determinadas práticas, que os homens não têm. Mas ao mesmo tempo, suscitam expectativas relacionadas aos companheiros sinalizando que também deveriam conseguir realizá-las de maneira similar.

*[...] sempre fiz coisas ao mesmo tempo... e às vezes eu cobro um pouco lá dos meus filhos... **do filho e do meu marido** (ênfase no sexo masculino) **que ele faça do mesmo jeito que eu faço. Mas eles não têm a cabeça abrangente de ver tudo ao mesmo tempo...** eu acho que a mulher é mais... ela está aqui... está vendo uma coisa ou outra... como vai aparecer aqui (mapa de horários)...*

Enfermeira 26:

47 anos, casada, dois filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

*[...] porque eu **acho que o meu marido não faz tão bem como a mim...** algumas situações... por exemplo... acordar de noite... ele acorda de noite... a gente tem um trato de quando Z. acordar e for pra nossa cama... ele é que leva... mas ele demora tanto acordar... tanto a ouvir o menino chorar... que eu acabo fazendo porque eu já tenho... assim... um sono tão leve... [...] acabo assumindo e faço... pra não precisar acordar ele... já que ele não acorda... [...] eu acho também que ele relaxa porque sabe que eu vou fazer. Então eu acabo assumindo essa parte da noite... as **atividades domésticas...** eu... nesse meio termo aí... que vão surgindo as coisas pra fazer... eu acabo fazendo porque também eu **acho que ele não faz direito...** (risos) por exemplo... tem que ir ao mercado... sempre eu tenho em mente tudo que eu tenho que comprar... ele fica me ligando o tempo inteiro porque tem dificuldade [...] e na maioria das vezes não quer ir sozinho... quer ir comigo... então eu prefiro que ele fique com as crianças em casa... e eu vou resolver as outras partes... então assim.. eu **acabo tomando a iniciativa** de fazer tudo [...] eu **pago um preço, talvez alto** por... mas também eu não divido com ele... eu não consigo ver meu filho chorando e*

ele (companheiro) **não ter a reação rápida** que eu tenho... imediata... então me incomoda... e eu acabo fazendo tudo que eu tenho pra fazer... (risos)...

Enfermeira 05:

32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

[...] eu sei que o **homem não vai estender a roupa do jeito que eu quero**... eu acho que sou também meio manipuladora, meio dominadora... porque agora a gente está morando num apartamento e o apartamento é menor... então se não der pra conciliar alguns tipos de roupas, eu não vou ter como estender todas minhas roupas... e **homem às vezes não tem muito toque** pra estas coisas... pra os **pequenos detalhes**... então existem coisas que eu prefiro fazer... mas existem outras que ele não vai se indignar por fazer... ou seja, esquentar a comida dele... ou lavar uma louça, sabe?

Enfermeira 09:

36 anos, casada, não tem filhos,
um vínculo - plantões diurnos.

Pode-se observar que essa situação não ocorre somente com as enfermeiras. Também as companheiras dos enfermeiros, além de assumirem as atividades domésticas numa perspectiva desigual, acreditam que os companheiros não as realizam conforme o desejo e o critério de qualidade eleitos por elas mesmas.

[...] ela até poderia distribuir mais um pouco, mas sempre que você vai fazer uma coisa, **não faz como ela gosta**, então ela prefere fazer, do que outra pessoa fazer da forma que ela não gosta... então, isso é uma forma que atrapalha um pouquinho. [...] eu gosto de fazer as coisas dentro de casa... só não posso guardar os pratos... (risos) que eu guardo no lugar errado... minha mulher reclama... então eu lavo e deixo lá... quando ela chega ela bota no lugar. Então... em casa... atividade doméstica... posso passar meu uniforme... não tem problema... e aí vem a limpeza do quintal... o carro... a bateria, a torre dele estourou... essas coisas... que você dentro de casa... eu que faço mais essas coisas... conserto as coisas que quebram...

Enfermeiro 40:

54 anos, casado, dois filhos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - diurno sem final de semana.

[...] estou numa política nova com a minha mulher [...] então diminuí bastante essas atividades do lar (risos)... estou deixando ela fazer as coisas... porque eu sempre fiz muito... mas aí **eu estou mudando**... estou deixando um pouco mais pra ela e estou fazendo menos... pra eu poder fazer outras coisas e pra deixar ela fazer um pouco mais... ela não estava gostando muito... (risos) **ah!... faz, reclama... faz, reclama...** então não vou fazer mais... vou fazer uma política assim... não vou fazer as coisas que eu fazia ah!... porque não fez direito... isso aqui era assim... tinha que fazer assado [...] e aí a divisão é assim... eu sou o provedor... sou o que conserto as coisas no lar... todos os problemas de consertar sou eu... eu é que faço as compras... todas as compras... tanto de feira, de mercado, de tudo sou eu... e ela organiza e mantém limpo... e cuida do lar...

Enfermeiro 48:

54 anos, casado, três filhos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - plantão noturno.

As narrativas anteriores remetem à observação de Keith e Schafer (1980) de que os homens geralmente experimentam mais conflitos do que as mulheres na realização de tarefas reconhecidas como “femininas”. Assim, as esposas podem ter normas que

dificultam a atuação dos homens nas tarefas domésticas, podendo o desempenho negativo ser visto como causa de conflitos nas relações entre os casais.

Desse modo, muitas mulheres contribuem indiretamente para que alguns homens prossigam com resistência em se envolverem com o âmbito doméstico, pois na maioria das vezes são elas que se importam com as necessidades e continuidades das demandas privadas. Ao mesmo tempo, afetam diretamente as relações de dependência através de tensões ou da presença consentida de posturas cômodas, que delimitam os espaços e os tempos nas relações domésticas. Ou seja, mulheres dentro e homens fora.

[...] na verdade, ele (companheiro/médico) é uma pessoa independente, quer dizer, ele sabe fazer... ele diz que faz, mas não faz... ele pensa que faz... na verdade fica muito assim... 'meu papel é dirigir' e o papel de dirigir pra mim não está dizendo muito...

Enfermeira 18:
54 anos, casada, dois filhos,
um vínculo diurno sem final de semana, aposentada no 2º vínculo.

[...] porque ele (companheiro/enfermeiro 39) faz mercado... ele faz as coisas... ele entraria nessa parte, vamos dizer assim, externa... e eu mais na parte interna [...] ele dá um suporte de uma forma... um pouco mais externamente... pra funcionar... e eu in loco...

Enfermeira 69:
43 anos, casada, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

Enfermeiras e enfermeiros não se envolvem com o trabalho da mesma forma, principalmente no âmbito doméstico. O grupo de enfermeiros segue uma tendência de demarcar espaços e delimitar tempos preservando distanciamentos dos espaços privados, como referem alguns que não fazem muita coisa, pois tem empregada ou a companheira assumindo as atividades. Assim, dentre as atividades domésticas que realizam encontram-se organização ou manutenção da casa, como exemplifica o enfermeiro 51: “[...] pintar alguma coisa [...] trocar uma... mexer alguma coisa na água... luz... essas coisas assim, que eu tenho que fazer em casa.... lavar um carro... lavar um banheiro...”.

Conforme Rivazi e Sofer (2008), essa partilha desigual do trabalho doméstico recobre igualmente uma forte especialização de muitas tarefas domésticas, sendo que para as mulheres estão relacionadas as roupas e a cozinha, e para os homens os consertos, reparação ou manutenção do carro.

Entender que existam diferenças entre mulheres e homens quanto às práticas simultâneas, não impede de aceitar que os homens também relatem essas experiências. Existem enfermeiros com filhos menores que apresentam usos do tempo similares aos das enfermeiras nas mesmas condições, cujas simultaneidades acontecem mais no âmbito da

vida privada. Inclusive, a partir de exemplos como dos enfermeiros 64 e 39, que apresentam “mapas de horários” com registros de atividades sobrepostas durante o tempo comprometido. Ao confrontar as “impressões” durante a entrevista mencionam a sobreposição de cuidados de outros e atividades domésticas como experiências que estão presentes na vida em família.

[...] eu sobrepus atividades domésticas com cuidar de outros... eu acho importante... eu colocar a mesa pra minhas filhas... é uma atividade doméstica, mas é uma coisa... um momento que eu tenho de relação. Eu acho importante... a coisa do dever de casa, como falei com você, ajudar fazer o dever de casa [...] até momento de lazer eu também teria sobreposto... até em assistir alguma coisa que elas estão assistindo... opinar alguma coisa que elas estão na internet, acompanhar as atividades delas... gosto de cozinhar para elas... é uma atividade doméstica... é... mas eu acabo sobrepondo...

Enfermeiro 39:

48 anos, casado, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

[...] eu consigo ver uma comida pra uma criança... enquanto a comida esquenta eu consigo de repente lavar uma louça... enquanto isso eu já arrumo uma mesa... enquanto come eu já vou lá e tomo um banho... ou escovo os dentes... quando eu digo fazer ao mesmo tempo... tipo assim... eu não faço só... arrumar comida... espero... arrumar... eu consigo articular isso tudo praticamente ao mesmo tempo...

Enfermeiro 64:

48 anos, casado, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º vínculo diurno sem fim de semana.

Elias (2008) refere que nas relações entre pais e filhos, as oportunidades de poder são distribuídas muito desigualmente. Porém, sejam grandes ou pequenas as diferenças de poder, o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas.

Quando enfermeiros e enfermeiras apontam dificuldades no processo de educação dos filhos, refletidas a partir da divisão desigual do trabalho no dia a dia da família, estão demonstrando que essas relações de dependência se tensionam, ficando uns mais sobrecarregados do que os outros.

*[...] ela (companheira/assistente social) não consegue descansar... nunca está quieta, está sempre fazendo alguma coisa [...] ela até poderia distribuir mais um pouco, mas sempre você vai fazer uma coisa, e não faz como ela gosta então ela prefere fazer [...] minha filha tem 23 anos, ela até usa isso pra não trabalhar, tipo assim... já que ela (mãe) não gosta da forma que eu (filha) lavo, então eu não lavo... aí ela (mãe) vem e lava... quer dizer, **tem uma coisa errada** aí que a gente tenta concertar... mas é difícil. Então, ela (companheira) **termina se sobrecarregando** bastante [...] é uma coisa complicada [...] as crianças não lavam... **é uma falha nossa...** que deveriam comer e lavar suas próprias coisas... são grandes...*

Enfermeiro 40:

54 anos, casado, dois filhos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - diurno sem final de semana.

Nessa configuração, ao identificar as relações de interdependências de enfermeiras e enfermeiros, novamente são as “mulheres-mães-enfermeiras” que expressam mais tensões e conflitos.

*[...] eu **me sinto sobrecarregada** em termos das atividades dentro de casa [...] é aquela história... aleitamento materno tardio... eu deseduquei meu marido... era extremamente independente... quando nós nos casamos, eu papariquei... ele teve um relacionamento ruim com a mãe, então tentei compensar isso de todas as formas... hoje ele é mais um filhão... é o filho mais velho (risos) [...] **com os meus filhos...** eu estou caindo na real... que estou começando esse ‘aleitamento materno’ muito tardio... (risos)... porque é uma lenha educar [...] a minha mais velha está fazendo vestibular... aí pra poupá-la de qualquer coisa... pra se dedicar integralmente ao estudo, eu poupei mesmo... raramente ela faz alguma coisa em casa... o meu filho a mesma coisa... foi na leva... taurino difícil de domar...*

Enfermeira 75:
50 anos, casada, dois filhos,
um vínculo diurno sem final de semana.

*[...] eu tenho um casal de filhos, o **meu filho praticamente não faz muitas coisas**, faz o mínimo pra ele, assim, não me ajuda grande coisa. A **minha filha** às vezes arruma a cozinha... me ajuda em alguma coisa assim... o quarto dela... **já me ajuda um pouco mais...** Agora, meu filho... faz o mínimo [...] ele vai e lava as coisas que ele usou [...] é complicado às vezes um jovem, fazer uma alternativa de coisas que ele não está afim [...] às vezes meus filhos não fazem por comodismo [...] a gente não pode ficar esperando porque **a gente não tem tempo pra esperar.***

Enfermeira 45:
47 anos, casada, dois filhos,
dois vínculos - plantões diurnos.

Hirata e Kergoat (2007, p.597) referem que “[...] sempre que se tenta fazer um balanço da divisão sexual do trabalho em nossas sociedades, se chega à mesma constatação em forma de paradoxo: nessa matéria, tudo muda, mas nada muda” (grifo nosso).

Mesmo que sejam inúmeras as tentativas de desconstruir essa contradição, parece existir uma contínua e descompassada divisão que se inicia e perpetua ao longo da vida. Todavia, a educação das futuras gerações numa perspectiva mais igualitária, apresenta-se como alternativa para mudar esse quadro atual referente às desigualdades das relações entre os sexos. Assim, aposta-se nas “configurações de interdependências” existentes no cotidiano das famílias e das escolas contemporâneas como possibilidade de efetivarem experiências que priorizem relações mais equânimes no processo de educação infanto-juvenil. Desse modo, estaria sendo garantido tanto para as futuras mulheres como também para os homens o direito de usufruírem uma sociedade mais tolerante e justa.

Elias em seu livro a “Sociedade dos Indivíduos” faz um brinde reflexivo que se encaixa perfeitamente nesse momento de análise. Inicialmente, diz que: “Os pais, filhos de pais, são seguidos por filhos e as mães, por filhas”. Essa afirmativa, caso seja lida num

recorte fora do contexto, estaria corroborando a ideia de perpétua divisão entre os sexos. Todavia, a continuidade dos seus escritos aponta que as sociedades têm estruturas consideradas como totalidades que continuam em aberto na esfera temporal, tratando-se, na verdade, de um fluxo contínuo, onde existem mudanças mais rápidas ou mais lentas, onde a vida social das pessoas está num movimento mais ou menos perceptível repleto de contradições e tensões (ELIAS, 1994b).

A partir de um percurso pela história romana, enfatiza que a mudança no equilíbrio do poder entre maridos e esposas que ocorreram no desenvolvimento dessa sociedade não era inicialmente provocada por uma mudança deliberada da legislação, mas foi em primeira instância, uma mudança mais ampla de costumes, na sociedade em geral (Elias, 1987).

Torna-se viável observar que tanto as enfermeiras quanto os enfermeiros referem possíveis correlações entre influências da profissão e predisposições individuais para realizar ações simultâneas. Neste contexto, chama-se a atenção para a narrativa abaixo que, num dado momento refere ser a prática profissional que influencia as experiências simultâneas, e noutro, serem os fatores individuais que estimulam as pessoas a acumularem possibilidades de realizar várias funções ao mesmo tempo.

*[...] têm pessoas que a gente até brinca... são 'pés de boi'... tem pessoas que conseguem fazer muitas atividades ao mesmo tempo... acho que **isso é muito da profissão** mesmo... e você acaba levando isso pra casa... eu trabalhava em trauma aqui... local que tinha um espaço pra quatro, cinco pacientes... eu cansei de pegar com onze pacientes [...] então você cuidava de quem estava internado... atendia quem estava chegando... quer dizer... você acaba **aguçando o seu sentido** de fazer muita coisas ao mesmo tempo... então você acaba levando isso pra casa... pra o dia a dia... acho que muita questão que você viu aí... acho que é muito da profissão... talvez um outro camarada que tenha uma outra profissão diferente, talvez não consiga fazer isso [...] eu acredito que essa parte de envolvimento com a família (destaca-se acúmulo de funções) talvez fosse parecido (com o da companheira), ou talvez o meu até fosse um pouquinho a mais... porque de um modo geral eu **acabo me envolvendo um pouco mais**... porque é da **minha natureza** mesmo... essa preocupação com casa, com filho... se comeu, se não comeu... se vai ao médico, se não vai... eu sempre absorvi...*

Enfermeiro 64:

48 anos, casado, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º vínculo diurno sem fim de semana.

Em acordo com Ribeiro-Silva (2010), os usos do tempo estão marcados por relações de classe e de gênero e as exigências oriundas da esfera produtiva e do mercado são elementos centrais na organização do tempo que determina a dinâmica da vida cotidiana.

A partir das falas de alguns(as) entrevistados(as), as experiências mútuas aparecem como um desenvolvimento de habilidades ou um mecanismo de adaptação, que são levadas pelo trabalhador para o âmbito da vida privada, influenciando os modos de vida.

[...] sendo enfermeiro geralmente estou acostumado. A gente acostuma no dia-a-dia a fazer várias coisas ao mesmo tempo... porque nossa rotina... ainda mais trabalhar no CTI... não dá pra você tratar de um paciente, acabar todos os cuidados com o paciente, enquanto o outro está instável... você tem que ter uma visão ampla disso... de diagnóstico situacional... de todo o plantão, de toda a unidade... pra você centrar o que você vai fazer de cada vez e tudo ao mesmo tempo... você tem que ir trabalhando sempre um pouquinho de cada coisa. Acho que a gente traz isso pra casa também... por exemplo, a gente consegue fazer a comida, lavando a louça ao mesmo tempo... quando acaba de fazer a comida, a louça já está limpa também... Acho que isso a gente traz do trabalho pra casa, mais do que de casa pro trabalho. Essa habilidade foi desenvolvida no trabalho... de ter essa visão mais ampla... de gerenciar mais de uma coisa ao mesmo tempo...

Enfermeiro 41:

40 anos, casado, três filhos, sendo dois menores que 12 anos,
1º e 3º vínculos - plantões noturnos e 2º - plantão diurno.

O discurso abaixo também aponta que realizar atividades de modo simultâneo permite refletir sobre a relação existente entre os fatores auto e hetero coercitivos, ou seja, entre os limites impostos e assumidos pelo próprio indivíduo e as coerções que social e culturalmente influenciam as experiências cotidianas. O enfermeiro 73 diz que “[...] *depende das coisas que eu tenho que fazer ao mesmo tempo...*”. E mais ainda, ressalta que depende do tempo/espço em que se encontra, isto é, quando está no âmbito privado não percebe problema em fazer várias coisas, pois não tem coerção do tempo. No entanto, quando está no espaço público tem dificuldades, pois existe maior pressão e controle do tempo cronometrado institucionalmente.

[...] por exemplo, em casa eu levo isso numa boa... porque eu sei que se não conseguir fazer aquilo naquele momento, pode ficar pra depois [...] é diferente com o paciente... você tem que fazer... tem coisa que não dá pra esperar... você tem que tomar providência... em casa eu levo num boa... no trabalho depende... às vezes chega a estressar um pouquinho... quando tem muitas coisas pra fazer ao mesmo tempo... às vezes estressa... como foi o plantão passado... eu tive duas pacientes passando mal ao mesmo tempo [...] tive que fazer as coisas ao mesmo tempo...

Enfermeiro 73:

39 anos, solteiro, não tem filhos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

Salomé, Martins e Espósito (2009) apontam que dentre os fatores de estresse que se apresentam como determinantes no processo de trabalho realizado por profissionais de Enfermagem encontra-se o tempo determinado para realização das atividades acumuladas entre a prática assistencial e burocrática.

Mesmo encontrando relato como da enfermeira 15, sinalizando que “[...] já fui muito estressada e ansiosa... eu saía atropelando... [...] até **porque a profissão da gente... são muitas coisas que a gente tem que fazer sem ser função nossa... aí a gente acaba acumulando muita coisa...**”, foram observadas mais narrativas de enfermeiras associando as predisposições a experiências simultâneas.

[...] eu acho que isso aí é de personalidade... eu adoro poder fazer várias coisas ao mesmo tempo... chega uma hora que eu estou no meu limite, mas eu tenho que fazer... eu não sou uma pessoa de fazer uma coisa só... eu não consigo [...] todas às vezes, talvez por personalidade ou por treinamento de vida, ou talvez por profissão... toda vez que eu fico sem fazer nada, eu fico olhando pro tempo, pro ar, eu acho que eu estou perdendo tempo, eu estou vagabundeando³¹ [...] então eu não sei fazer isso. [...] meu marido me manda parar. Eu falo: eu não... enquanto eu tiver alguma coisa pra fazer eu vou fazer... vou fazer até eu ficar cansada pra sentar... .

Enfermeira 53:

36 anos, casada, um filho menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - diurno sem final de semana.

*[...] se eu tiver cansada... (risos) percebo mais... porque você acaba dando menos conta... se eu tiver mais descansada... aquilo não me chama muito a atenção [...] mas depende... eu acho que eu não posso ser muito precisa nessa resposta não, porque vai **depender do seu estado de espírito**... às vezes você está a fim... está propenso... está disposta... você leva numa boa... ou no dia em que você está mais nervosa... mais irritada... ou cansada... quando você vê... você fala assim... ah! meu Deus... não aguento fazer tudo ao mesmo tempo... vou explodir...*

Enfermeira 69:

43 anos, casada, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

Assim, Elias (1998b) destaca que as dificuldades das pessoas para elevarem-se de seu próprio meio a partir de conflitos, atritos internos e de forças incontroláveis de mudança dentro do contexto social da vida, permanecem extremamente grandes.

Realizar atividades de modo sobreposto e frequente caracteriza o quanto a vida de alguns enfermeiros, e principalmente enfermeiras, têm sido de rotinas corridas, mecânicas e permeadas por imprevistos. Assim, torna-se importante refletir em que medida essa aceleração afeta os usos do tempo nos diferentes espaços e os modos de vida. Em geral, de forma similar às análises sobre as permeabilidades público-privadas, os discursos relativos às atividades simultâneas parecem ser mais comuns entre os(as) enfermeiros(as) que iniciaram suas atuações profissionais em meio às transformações ocorridas na sociedade contemporânea. São mudanças relacionadas, principalmente, às tecnologias de comunicação, que influenciam mudanças no mundo do trabalho e na vida privada

³¹ Pode-se ainda identificar nessa fala que a não realização de uma atividade concreta que atenda incessantemente a produção com vistas às influências capitalistas, possibilita a auto-intitulação e a sensação de um comportamento imoral, como se o tempo fora do trabalho / ocioso fosse algo proibido.

(BRANGIER; VALLÉRY, 2004; DEDECCA, 2008; ALEVATO, 2009; BAGGIO; ERDMANN; SASSO, 2010).

Progressivamente se percebe que essas situações podem ser observadas e o quanto as novas tecnologias de comunicação, sobretudo utilizadas pelas pessoas mais novas (ROBERTS; FOEHR; RIDEOUT, 2005), fomentam possibilidades de mulheres e homens relatarem experiências simultâneas, cujas frequências desencadeiam tensões e estresses. Por exemplo, o uso de telefones celulares ao mesmo tempo em que estão dirigindo automóveis, aparece na fala do enfermeiro 01 ao ressaltar que ao voltar “*[...] pra casa e enfrenta aquele engarrafamento danado... e atende telefone no engarrafamento... e já chega em casa estressado... e já pensa no outro dia no que você vai fazer*”; fazendo referência à presença de ações simultâneas, além de revelar pistas de como esses eventos interferem na saúde.

Atualmente as distâncias se encurtam e os tempos possibilitam a presença quando há ausência física. Assim, aceleração e instantaneidade ditam movimentos rápidos em tempos curtos e espaços alcançáveis a todo o momento. A relação entre tempo e espaço passa a ser dinâmica e “leve” como descrita por Bauman (2001), afetando as práticas cotidianas e incitando cada vez mais as experiências simultâneas, cujo princípio operativo da civilização moderna influencia os modos de realizar mais rapidamente as tarefas. Elimina-se, assim, o tempo improdutivo, ocioso, vazio e desperdiçado. A esse respeito, cabe destacar, na fala da enfermeira 53 (anteriormente), a referência à não realização de uma atividade concreta que atenda incessantemente à produção, levando à autointitulação e à sensação de um comportamento imoral, como se o tempo ocioso fosse algo proibido.

Ora rejeitadas, ora consentidas, as experiências simultâneas aparecem nos discursos caracterizando processos impensados, ou seja, realizados sem constantes abstrações. São atividades que foram inseridas progressivamente no cotidiano, sendo executadas sem reflexões concomitantes. A enfermeira 26 refere que: “*[...] nosso dia é ocupado por tantas coisas diferentes que você faz no automático... que você faz num dia de 12 horas acordado... você consegue realizar tantas atividades num mesmo dia. E o enfermeiro 01 aponta que não consegue parar e refletir sobre o que tem feito no cotidiano. Ao participar da pesquisa e registrar o tempo durante a semana na “caderneta de atividades”, refere que “[...] a gente não se dá conta que a correria é tanta... depois é que a gente para e a gente começa a rabiscar o que a gente conseguiu fazer naquelas 24h... ou período de trabalho... ou de um local pra outro...”*”.

Segundo Hall (1994, p.27), baseado em tendências que caracterizam os tempos ocidentais, somos culturalmente obcecados e literalmente dominados pelo tempo. Chama atenção quanto ao imenso valor dado à rapidez, além da importância e seriedade que as pessoas expressam em suas relações com o tempo.

Talvez, priorizar justificativas que apenas levem em consideração predisposições femininas para experiências simultâneas e associá-las a um fazer constante e não refletido, nem mesmo questionado, leva várias enfermeiras a incorporarem discursos que demonstram tendências em “naturalizar” o acúmulo progressivo de funções para as mulheres e a realização de uma atividade de cada vez para os homens. É como se fosse um campo de domínio exclusivo para as mulheres e proibido para os homens, cuja narrativa que se segue exemplifica de modo interessante como essa enfermeira abaixo se apropria e acumula as funções que remetem ao âmbito privado para si.

*[...] o homem é diferente da mulher... então assim... o homem sai de uma situação, de um ambiente, de uma atividade, ele tem que ter o tempo pra se encontrar na próxima, ele não consegue sair de uma e entrar na outra como a mulher... eu chego **em casa**, boto minha bolsa vou ali no banheiro, lavo minhas mãos, prendo o cabelo, e **já vejo o que está faltando**... e ele não... tem que chegar, entrar dentro de casa, sentar no sofá, ligar a TV, parar 5, 6, 10, 15 minutos e aí ele começa a engrenar... que ele está em casa [...] ele vai comer... vai tomar um banho... e aí quando ele volta do banho ele já volta inteirado... isso passou o tempo. A mulher não é assim... ela não tem essa mudança de atividade, aí é que eu acho que entra a questão do gênero, do feminino e do masculino... o homem tem que ter um tempo de stand by pra sair de uma situação e entrar em outra, a mulher já entra, **na verdade já vou no caminho pensando**... ‘ah... em casa vou tratar de... **vou pra cozinha** tem que lavar louça... homem não tem isso, pelo menos o meu (analista de sistemas) é assim [...] é normal dos homens essa questão de ter que ter um novo tempo pra se adaptar às novas situações pra poder começar de novo [...] eu já entro... **já misturo as coisas**...*

Enfermeira 53:

36 anos, casada, um filho menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - diurno sem final de semana.

As enfermeiras inseridas em espaços de gerência, cujas experiências estimulam correlações de forças e disputas de poder, também não têm conseguido ocupar o tempo de forma que modifique as relações tradicionais de gênero. Muitas enfermeiras ao pararem um momento e refletirem sobre o próprio tempo, reconhecem a dificuldade de reverter as assimetrias de gênero identificadas nas relações cotidianas. Pode-se observar que ainda são inúmeras as inquietações verbalizadas quanto às tensões presentes. Em forma de desabafo, a narrativa a seguir da enfermeira, demonstra o quanto as experiências simultâneas são incorporadas de maneira que vão se sobrepondo entre realização direta de cuidados dos filhos e atividades domésticas, de modo diferente do companheiro. Esse exemplo torna explícito o quanto a atenção para os outros é incorporada progressivamente em detrimento

de disponibilidade para si, gerando tempos constrangidos, com sentimentos de culpa e autocobranças, além de justificar a necessidade constante de compartilhar apoio e divisão equitativa das responsabilidades relacionadas às demandas do âmbito privado.

*[...] eu não tinha pensado nisso... agora falando pra você... (risos) [...] tem dias que eu estou extremamente irritada [...] não tenho o descanso que eu acho que deveria ter e não consigo ter... e em contrapartida **meu marido** (médico)... meu companheiro percebe que eu estou assim... mas ele não tem aquela coisa de... 'vai que eu fico com as crianças pra você descansar duas horas...' ele não tem isso... **ele não consegue isso... Eu acho que é pedir demais dele...** porque ele fica 40 minutos, mas 2 horas... acho que ele vai surtar... (risos) ...eu já tentei e não consegui... então eu fico extremamente irritada [...] olha eu acho que **é até um pouco de responsabilidade minha...**... ou da mulher... não sei se isso acontece com maior frequência... acho que com todas as mulheres... de assumir as coisas [...] eu **pago um preço alto** por isso... eu acho... porque eu estou cansada... mas é um cansaço que talvez não aparece... não aparece como trabalho... ele (companheiro) chega em casa seis horas da noite porque veio do trabalho... eu estou em casa desde três... desde duas [...] não paro um minuto atrás das crianças... mas como ele está fora... **eu fico com receio...** acho que estou um pouco mais descansada que ele... até porque a criança não é o tempo todo cansaço... às vezes também entra como lazer... (o trabalho que se tem com crianças) porque ela (criança) te diverte... ela brinca com você... e ele não tem isso tudo que eu tenho... então assim... eu pago um preço, talvez alto [...] eu vejo que **a culpa também é minha** (risos) [...] acho que tem um certo momento que eu **estou cansada, mas eu acho que ele está mais do que eu...** ele cuida dos meus filhos tocando violão... que é o hobby dele... esses dias eu me deparei com uma situação... eu não tenho hobby... quando eu chego em casa, eu não tenho nenhuma atividade que eu faça pra eu relaxar... ele tem... ele toca violão... ele fica na internet... **eu não tenho... não dá tempo...** e eu... isso (falta de tempo) entra no meu cotidiano como normal...*

Enfermeira 05:

32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

Ao dizer que é um “trabalho que não aparece”, a fala dessa enfermeira denuncia um não reconhecimento e uma invisibilidade que associa o trabalho doméstico à inferioridade do papel da mulher na sociedade (MELO; CONSIDERA; SABBATO, 2007).

Não só faz referência à “invisibilidade” do trabalho, mas também à assunção acumulada de responsabilidades, que desse modo, contribui para expressar conflitos, principalmente quando as enfermeiras comparam os próprios tempos com o cotidiano dos companheiros. Ainda possibilita correlação aos princípios de “separação” e “hierarquia”, utilizados por Hirata e Kergoat (2007, p.599) para confirmar que “[...] existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres [...]” e que “[...] um trabalho de homem ‘vale’ mais que um trabalho de mulher [...]” em “[...] todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço”.

A postura da enfermeira 05 exemplifica anteriormente a associação de lazer e prazer ao trabalho de cuidar dos filhos, apontando o quanto ainda existe de

condescendência e naturalização de desigualdades entre os tempos e trabalhos de mulheres e homens.

Elias (1994b, p. 20) ressalta que:

[...] a vida social dos seres humanos é repleta de contradições, tensões e explosões. O declínio alterna-se com a ascensão, a guerra com a paz, as crises com os surtos de crescimento. A vida dos seres humanos em comunidade certamente não é harmoniosa.

Observar experiências que se desdobram e se sobrepõem por meio de atividades realizadas ao mesmo tempo, viabiliza analisar como as “configurações de interdependências” existentes na vida das enfermeiras e enfermeiros perpassam tensões nas múltiplas relações de poder existentes no âmbito da família e do trabalho remunerado.

*[...] o meu marido (companheiro/médico) não consegue trabalhar isso bem... ele fica bem com as crianças, mas quando as crianças estão muito irritadas acaba ficando em cima de mim e da menina (empregada)... vê isso... vê aquilo... vê comida... ‘eu estou com fome...’ ai olha... é uma loucura... a cabeça... tem uma hora que dá uma pirada... e isso reflete na minha convivência com ele porque eu acabo descontando nele mesmo.... **a gente briga... e depois de brigado ele acaba me ajudando** mais... então assim.... acaba virando um **feedback**... não é... eu brigo com ele... e ele me ajuda... e a chata aqui... (risos)... acaba tendo um retorno... porque não tem a iniciativa que a gente (mulheres) tem... então eu tenho que cobrar dele a iniciativa...*

Enfermeira 05:

32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

Encontra-se em Strobino (2009) referência de que mulheres casadas com trabalho de meio expediente enfrentam maior conflito trabalho-família do que mulheres casadas com trabalho em tempo integral, pois essas últimas delegam mais as funções para pessoas contratadas ou para membros da família. Este aspecto da gestão do tempo doméstico é ilustrado pela mesma enfermeira 05, que refere organizar a vida para ficar cuidando dos filhos na parte da tarde. Não consegue se ver realizando escala plantonista e diz que “[...] eu entro em pânico... porque a minha vida já está totalmente estruturada pra ser enfermeira diarista (escala exclusiva durante a semana até às 13 horas) por conta das crianças...”. Entretanto, tem noção de que a atividade doméstica é “[...] um trabalho que não aparece como um traba~~aa~~alho (palavra se arrasta na fala)... que veio cansada... que estava no plantão... mas é um trabalho que toma tempo... que eu não consigo descansar...”.

Contudo, uma assertiva destoa do conjunto de discursos, referindo que a realização do trabalho doméstico ocorre de modo proporcional.

[...] ele (companheiro/enfermeiro) faz a mesma coisa... se tiver que lavar roupa ele bota roupa pra lavar... ele estende roupa... lava louça... passa vassoura... faz tudo igual a mim... então... se a gente tem o mesmo trabalho... e eu trabalho tanto quanto ele.. eu dei sorte nisso... o trabalho dele é igual ao meu... se ele reclama que está cansado do trabalho... eu estou cansada também do trabalho... o nosso trabalho é igual... então se eu posso fazer as atividades domésticas... ele pode também... o cansaço dele é tanto quanto o meu... o trabalho é igual.. então não tem diferença...

Enfermeira 54:

37 anos, casada, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
dois vínculos - plantões noturnos.

A continuidade do discurso permite refletir e questionar até que ponto essa igualdade correlacionada à divisão do trabalho ocorre dessa maneira na realidade cotidiana dessa enfermeira, já que diante da necessidade de resolver problemas relacionados aos filhos durante sua ausência e do companheiro, as demandas são direcionadas para si, e não para ele.

[...] eu tenho dois filhos pequenos... então o momento em que eu estou trabalhando... eu dependo de alguém pra estar cuidando deles... então o momento em que eu não estou com eles... a minha mãe assume... mas qualquer decisão que tenha que tomar, quem toma sou eu... até no momento em que você chegou, eu tinha acabado de falar com ela... já estava acontecendo um problema... eu tive que ligar pra o meu filho... dar uma ordem pra ele porque não queria aceitar a ordem dela...

Enfermeira 54:

37 anos, casada, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
dois vínculos - plantões noturnos.

Essa enfermeira refere que durante o trabalho remunerado frequentemente é acionada pela pessoa que cuida dos filhos, mencionando que o mesmo não ocorre com o companheiro. É possível que essas demandas, ao serem direcionadas de modo automático mais para si do que para ele, estejam contribuindo para usos do tempo e experiências desiguais, sem que ela se dê conta.

Essa “forma naturalizada”, predominante nos discursos de grande parte das enfermeiras, de se relacionar de modo “automático” com as situações aceleradas que ocorrem ao mesmo tempo, sobretudo com relação às demandas da família e pessoas do vínculo afetivo e ainda do trabalho remunerado, leva a maioria delas a ficar em desvantagem em comparação aos usos do tempo dos enfermeiros e dos próprios companheiros. Os discursos a seguir exemplificam de maneira interessante o quanto os cuidados dos filhos (companheiros) ou as atividades domésticas têm sido apropriadas rotineiramente pelas mulheres.

[...] meu marido não faz absolutamente nada em casa... raro ir pra cozinha... quando vai pra cozinha... ele faz compras... por exemplo... limpa peixe... essas atividades de culinárias específicas... de carne...essas coisas... ele que se envolve.. eu não me envolvo com isso... mas quem faz arroz... feijão... café da manhã... isso aí sou eu... eu que me envolvo.. na verdade a sobrecarga maior é minha mesmo... com

certeza... o resto é meio que lazer... é uma aventura... é uma parte agradável [...] acho que é uma coisa agradável... só a parte da cozinha... porque o resto eu acho um saco... mas eu acho que tem que estar limpo [...] me sinto sobrecarregada em termos das atividades dentro de casa... é aquela história... aleitamento materno tardio.... eu deseduquei meu marido... meu marido era extremamente independente...

Enfermeira 75:

50 anos, casada, dois filhos,
um vínculo diurno sem final de semana.

[...] ‘amanhã vou fazer receita pra você comprar um anti-inflamatório pra mim’ (diz o companheiro/médico)... só que o consultório dele é no prédio onde embaixo tem uma farmácia. Então isso é uma coisa que está enraizada [...] na verdade ele trouxe toda uma história familiar e que ficou assim durante muitos anos...

Enfermeira 18:

54 anos, casada, dois filhos,
um vínculo diurno sem final de semana, aposentada no 2º vínculo.

Bourdieu (2002) afirma que o homem é uma criança que brinca de ser homem. São educados no sentido de reconhecer os jogos sociais designados pelos ritos de instituição como dominantes. Por sua vez, as mulheres têm o privilégio inteiramente negativo de não serem enganadas nesses jogos que se disputam os privilégios. Elas podem perceber a vaidade daqueles que jogam e considerar com divertida indulgência os desesperados esforços do “homem-criança” para se fazer de homem. Mas quase sempre estão condenadas a participar dos jogos, por uma solidariedade afetiva para com o jogador.

Sorj (2004) diz que os homens se encontram em situação privilegiada, pois o contrato de casamento os libera das responsabilidades domésticas e em contrapartida inclui uma esposa que se ocupa das necessidades diárias do grupo familiar. Mas que as mulheres ao entrarem no mercado não se livram do trabalho doméstico, da mesma maneira que os homens.

Em consonância ao exposto, Dedecca, Ribeiro e Ishii (2009) chama atenção para o fato de que, em uma situação familiar com um maior número de membros, a mulher tende invariavelmente a se tornar responsável pelas atividades domésticas. Já o homem deixa de realizar as tarefas que executava quando solteiro, ou reduz o tempo que despense fazendo-as.

Vale destacar que as diferenças permanecem nas relações entre os sexos, no entanto existem sinalizações por parte do grupo de enfermeiros, quanto às atividades realizadas no âmbito privado que questionam modelos tradicionais com relação às questões de gênero. As análises dos usos do tempo desses homens apontam que as práticas de atividades domésticas, mesmo sendo pontuais como os registros concentrados preferencialmente nos finais de semana e esporádicos períodos noturnos, contribuem para destacar um movimento no sentido de maior equidade nas relações de gênero.

*[...] eu gosto de estar em casa, eu gosto de cozinhar... adoro cozinhar... então eu gosto de organizar, adoro ir pra despensa e baixar toda a despensa e reorganizar... eu sou muito organizado, em domicílio muita coisa, muito mais do que eu sou no hospital, impressionantemente... Minha esposa já é o contrário... é muito mais bagunceira em casa e extremamente organizada no hospital... ela também é enfermeira... eu sou muito organizado em casa... gosto de arrumar a casa, eu gosto de cozinhar, eu gosto de limpar, isso me traz prazer. Então acho que **essa mudança aí de final de semana no registro é justamente por isso...** porque eu tenho um prazer em estar dentro da minha casa, em receber meus amigos, de brincar, de descontraír, de cozinhar pra eles, eu gosto disso, me traz prazer.*

Enfermeiro 17:

41 anos, casado, não tem filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

[...] ao mesmo tempo... assim... basicamente com ele (filho)... eu procuro montar nossas atividades com alguma coisa que também me cause prazer... seja agradável... então... essa percepção do tempo... ao mesmo tempo é uma satisfação... não fica tão... fica tudo muito bem...

Enfermeiro 42:

51 anos, casado, um filho com 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - plantão diurno.

Todavia, o distanciamento das atividades contínuas, por parte dos homens, e aproximação com aquelas esporádicas, torna possível que alguns enfermeiros remetam a realização do trabalho doméstico a situações vinculadas ao lazer. Existem os que referem envolvimento, porém de maneira eventual, possibilitando relatos de satisfação e contribuição, como pode ser visto através da última narrativa e dos demais relatos:

[...] quando eu fico em casa aí faço qualquer coisa... varro quintal, eu arrumo a casa e tem quintal e tem mangueira... e cai folha pra caramba... é um dos lazeres que eu gosto... deixar limpinho o quintal... então pra mim isso é um lazer... pela mulher eu já tinha cortado aquela mangueira no quintal [...] mas eu tenho que limpar... algumas coisas em casa eu gosto de fazer... se eu puder eu lavo meu uniforme...

Enfermeiro 40:

54 anos, casado, dois filhos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - diurno sem final de semana.

[...] pra muitas pessoas, algumas coisas que você faz como lazer são tarefas chatas... enfadonhas e até trabalho... por exemplo.. eu concertei algumas coisas que são minhas de casa.... isso pra mim é um lazer [...] eu coloquei (mapa de horários) atividade doméstica por exemplo... a gente tinha que arrumar uma prateleira... são atividades do dia a dia... que eu considero como domésticas... assim nada muito diferente disso não... cozinhar... lavar.... essas coisas eu não sei fazer não...

Enfermeiro 68:

51 anos, casado, um filho,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º - diurno sem fim de semana.

Conforme Cyrino (2009) os homens consideram o trabalho assalariado como central em suas vidas. Dessa forma percebem com “normalidade” que as atividades domésticas tenham caráter acessório e residual no seu cotidiano. Pois como o tempo que despendem com essas tarefas não é estruturante, pode até mesmo ser considerado como

lazer. No caso das mulheres, a relação com as tarefas domésticas é uma relação caracterizada como de trabalho e não de lazer.

Os resultados empíricos desta tese destacam que as práticas simultâneas podem se apresentar, tanto nas falas das enfermeiras quanto dos enfermeiros, perpassadas por experiências negativas como, por exemplo, um “cansaço” que vai se acumulando entre usos acelerados e constrangidos dos tempos.

[...] no início quando tinha filho pequeno, nem banho eu queria deixar ela (companheira) dar na criança, porque eu achava que só eu sabia dar banho... então na realidade a pessoa vai se omitindo em algumas coisas porque você também não deixa... e eu estou tentando... conseguindo já desvincular um pouco disso... então estou passando mais atividades pra ela... sinto que ela está com boa vontade pra absorver isso também... porque eu tenho me sentido sobrecarregado nessa... cansado também... você fica pra lá e pra cá... fica cansado...

Enfermeiro 64:

48 anos, casado, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º vínculo diurno sem fim de semana.

Essas falas apontam que a relação entre a disponibilidade de tempo para os outros em relação ao pouco tempo para si, sem deixar de levar em consideração o grande tempo para o trabalho remunerado, provoca um cansaço cumulativo que acaba afetando a saúde emocional e física, desses e dessas profissionais.

[...] porque é um somatório... são as responsabilidades pessoais... são os profissionais que se somam... e você no seu dia a dia tentando administrar, viabilizar, harmonizar... porque você tem que atender as suas necessidades, as necessidades do marido (enfermeiro 39), as necessidades da filha mais nova, da filha mais velha, da mãe, do trabalho, da sogra, enfim, das pessoas próximas do seu entorno... quer dizer... eu acho que é cumulativo... quando é mais nova você tem menos compromisso... menos responsabilidade... dependendo da opção da pessoa... e com o passar do tempo... aquilo vai aumentando... e nem sempre você consegue aumentar a sua capacidade na proporção que as coisas acontecem... então por isso acho que abala a saúde... o meu emocional é diferente... tolerância... às vezes você sente que você muda o humor... infelizmente...

Enfermeira 69:

43 anos, casada, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

[...] hoje eu estou muito cansada... e eu já saio do trabalho pensando o que eu tenho que fazer em casa... outra coisa... eu já penso que no outro dia eu tenho que voltar com a resposta tal, então aquilo vai me angustiando... quando chega no final da semana... que é quando eu já estou sem pique... cansada, porque eu não tive nenhum momento de lazer... nenhum momento de pausa pra mim... que eu conseguisse relaxar... aí vai dando aquelas dores que dá na cervical, aí vai dando dor de cabeça... e você já está naquele topo de cansaço... não é nem que aquilo é um problema, mas você está tão cansada, que qualquer coisa vai mexendo com seu organismo... então eu me sinto cansada no meio da semana pra lá.

Enfermeira 53:

36 anos, casada, um filho menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - diurno sem final de semana.

Mesmo que sobressaiam tensões nas narrativas relacionadas às práticas de situações simultâneas, que em muitas circunstâncias remetem aos eventos presentes no âmbito privado, existem relatos que apresentam ambiguidades entre impressões que conflitam aspectos negativos e positivos.

*[...]na maioria das vezes é **tranquilo**... outros casos não... já são mais... vamos dizer... estressantes [...] depende das coisas... em algum momento é extremamente gratificante... em outros vai ser um pouquinho mais estressante ou agitado ou cansativo... momentos de ser uma coisa tranquila são os dias em que estou levando meu filho pra nataçã... e estou lendo... estou ligando pra um colega... **isso é gratificante**... é tranquilo... ou o dia em que estou descansando... dando uma pausa... não um sono... mas um repouso... mas ao mesmo tempo preocupada também se o filho está descansando... esses momentos são muito tranquilos... ou vendo televisão... lazer... mas ao mesmo tempo estar preocupada com o outro... agora... fazendo o almoço e pensando em pegar o filho na escola ou outros compromissos... eu tenho que ver a minha tia... porque ela está doente... então tenho que correr com o almoço para poder vê-la... ou antes de fazer o meu almoço eu tenho que passar lá... pra ver como ela está... se ela precisa de alguma coisa... tem que fazer as comprinhas pra ela... e vou fazer as minhas compras também... e correr pra retornar... ao mesmo tempo pegar o filho na escola... ou levar pra nataçã... então esses momentos se tornam um pouquinho mais agitados... estressantes...*

Enfermeira 19:

39 anos, solteira, um filho menor que 12 anos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

*[...] eu **adoro poder fazer várias coisas ao mesmo tempo**, chega uma hora que eu estou no meu limite, mas eu tenho que fazer, eu não sou uma pessoa de fazer uma coisa só, eu não consigo...*

Enfermeira 53:

36 anos, casada, um filho menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - diurno sem final de semana.

*[...] quando eu consigo fazer tudo e está tudo certinho, dá um certo alívio... mas quando dá alguma coisa errada parece que pesa, o cansaço vem mais... assim... se você consegue fazer as coisas e dá tudo certo, por mais que você despenda energia, você se sente realizada, você fez a coisa certa. Agora, quando a coisa dá errada, aí pesa... pesa mais. É como se fosse assim... **o fracasso cansa e o sucesso descansa**...*

Enfermeira 45:

47 anos, casada, dois filhos,
dois vínculos - plantões diurnos.

No contexto dessas discussões, ressalta-se a necessidade de se reportar ao conceito de “gênero” que, segundo Amâncio (2003, p.702), refere-se a uma relação social, que é “[...] marcada pela assimetria no plano dos significados [...]” e define um contexto de dominação socialmente construída, que deve se “[...] libertar dos naturalismos biológico e psicológico [...]”, contribuindo para a distinção entre sexo e gênero. Dessa maneira, evita “[...] a simples colagem do gênero ao sexo e a ontologização das identidades, das orientações comportamentais, dos papéis e das divisões sociais que perpetuam a naturalização dos processos de produção de sentido sobre o sexo” (AMÂNCIO, 2003,

p.690). Essa dificuldade de dissociar as questões que se remetam aos comportamentos naturalizados pelo aspecto biológico das experiências cotidianas leva muitas enfermeiras e enfermeiros a perpetuarem significados tradicionais em suas relações de dependência.

4.5.1 Cuidados de si e de outros: competindo tempos e delimitando espaços

As análises realizadas até o momento, a partir das experiências simultâneas e da divisão sexual do trabalho deram margem para aprofundar reflexões que dizem respeito às relações de interdependências, viabilizando aporte teórico que auxilia em reflexões quando existem contratempos e desigualdades entre enfermeiros e enfermeiras, que remetam às competições entre os tempos ocupados consigo e com os outros. Em outras palavras, ocasionam desdobramentos que suscitam análises correlacionadas aos usos dos tempos contratado, comprometido e pessoal que se apresentam constrangidos no dia a dia desses(as) profissionais.

O próprio trabalho doméstico, sucessivo e interminável, demanda uma ocupação diferenciada de tempos, em que na maioria das vezes, a sobrecarga direcionada às mulheres, nesse caso às enfermeiras, gera uma desproporção entre o tempo disponibilizado para os outros e o tempo que resta para si. Como apontado abaixo, o trabalho doméstico engloba tempos que se confundem e mostram desigualdades entre disponibilidades para si e para os outros.

[...] a parte doméstica e de lazer, você faz muito para os outros... fica junto... acaba que o trabalho doméstico em si, por exemplo, você acaba fazendo muitas coisas para os outros... e para si, às vezes... e aí entra junto nessa questão... por exemplo, se você arruma a casa, se você está despendendo todo seu tempo pra casa... você está se esforçando e alguém está se beneficiando com aquele serviço seu...

Enfermeira 45:
47 anos, casada, dois filhos,
dois vínculos - plantões diurnos.

Essa falta de tempo para si e ainda para lazer está relacionada à sobrecarga doméstica e aos cuidados de outros, principalmente filhos pequenos, como também aparece em estudos realizados por Portela, Rotenberg e Waissmann (2005) e Ribeiro-Silva (2010).

De modo aproximado às análises quantitativas realizadas com relação ao tempo ocupado com atividades domésticas, cujas informações registradas pelas enfermeiras apontam média de 16 horas/semana e dos enfermeiros, 8 horas/semana, também existem

diferenças que se apresentam de modo significativo ao observar correlações entre os tempos ocupados consigo e os tempos dispensados para os outros.

Em geral, a correria do dia a dia se apresenta como um dos motivos para os desencontros relacionados aos usos do tempo para si e para os outros, sobretudo com relação ao tempo direcionado para atender as necessidades pessoais, que na maioria das vezes encontra-se conflitando com os tempos cronometrados por instituições e serviços. Como visto através das narrativas que se seguem, são enfrentamentos cotidianos que denunciam o quanto têm em comum os participantes dessa pesquisa, quando se trata da necessidade de delimitar espaços e tempos, mediante a sensação de uma constante falta de tempo para si.

*[...] como você faz parte de um trabalho como eu faço hoje em dia... inclusive... trabalhando na recepção do paciente... na sala de acolhimento... no momento em que você não tem como sair daquilo ali... tem gente ali... e hora... você sabe que não vai ser possível sair... e até por conta dessa coisa de correr de um lugar pra outro... às vezes esse tempo... que a gente acha que pode contribuir pra gente... você está no trânsito... e você está comendo... você está às vezes fazendo um relatório... então são coisas que a princípio seriam... ah!.. esse é o seu horário de deslocamento... mas você está trabalhando... então vejo assim... acho que tem muito **pouco tempo pra mim**... tem várias coisas aqui que eu queria que fossem diferentes...*

Enfermeira 21:

59 anos, viúva, dois filhos,

1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - plantão 24h x semana.

[...] na verdade você não saboreia o alimento, você come pra manter uma necessidade de alimentação e ponto... você não aproveita aquele horário de almoço pra você [...] Entre o deslocamento daqui para o outro (trabalho remunerado), paro e almoço... continuo o trabalho. A tarde planejo o que vou fazer de lá... se eu vou passar no banco ou no supermercado. Então assim... eu trabalhando, mas ao mesmo tempo eu estou pensando no que o tempo vai me proporcionar pra isso... porque nem sempre consigo chegar pra pagar uma conta, pra cortar um cabelo... aí também tem o serviço do outro... tem horas que o outro trabalha e você não consegue se programar por conta do horário que você gasta.

Enfermeiro 01:

37 anos, solteiro, não tem filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

Com a vida corrida entre trabalhos, falta tempo para atender as próprias demandas, mesmo que não tenha envolvimento direto com as atividades domésticas e cuidados com outros. Veja o relato da enfermeira 08 que mediante acelerada vida cotidiana, quando para um momento e busca avaliação profissional é pega de surpresa por uma situação de morbidade.

[...] até agora por último... passa tanto tempo sem ir a uma ginecologista e quando você vai tem surpresas... 'ah! Você vai ter que fazer um exame porque apareceu um cisto... e aí começa... você quer correr contra o tempo pra ver... graças a Deus não deu nada... coisas que me pegaram de surpresa... um cisto e um mioma... são coisas que não estão me afetando em nada no momento mas... que apareceram... então

assim... uma coisa que tem que ser acompanhada... com mais regularidade... porque geralmente você deixa isso de lado e vai trabalhar...(risos).

Enfermeira 08:

33 anos, solteira, não tem filhos, 1º vínculo - plantão diurno, 2º - diurno sem final de semana e 3º - não informado.

Segundo Brito et al. (2012) o caráter obrigatório atribuído pelas trabalhadoras à realização (ou ao gerenciamento) do trabalho doméstico tem implicações em outros tempos da vida. Nesse contexto, menor tempo para si tende a resultar em menores possibilidades de negociação cotidiana pela saúde.

[...] olha só, o corpo em uma etapa de vida ele grita, ele não pode reclamar enquanto você é nova, você vai ficando sobrecarregada e tudo mais, mas uma hora seu corpo grita e grita feio... E o meu corpo gritou tem uns dez anos [...] nesse meio tempo eu comecei a tomar muito anti-depressivo... aí eu já tinha engordado muito... aí eu fui pra outro médico e me tratei igual a uma louca... isso não existe... 'você tem que parar de falar de dor, senão você vai acabar com seu casamento' (fala do médico) [...] então eu...você fica totalmente desequilibrada... porque você não faz endorfina, sem sono... e sem endorfina você não... enfim... aí eu fiz uma ausência... Estava cansada fazendo almoço... almocei e aí não me lembro de nada disso... Eu não sei precisar a hora que eu apaguei... eu fiquei muito preocupada nessa época...

Enfermeira 18:

54 anos, casada, dois filhos, um vínculo diurno sem final de semana, aposentada no 2º vínculo.

Todavia, a correlação entre tempo corrido/falta de tempo e processo saúde-doença também se encontra presente no cotidiano dos enfermeiros, isto é, vida acelerada e tensões diárias, além do grande tempo de trabalho remunerado com seus horários atípicos que perfazem o período noturno e os finais de semana, contribuem de modo significativo para que constantemente, refiram pouco tempo para si e inclusive falta de tempo para cuidar da própria saúde.

[...] eu já estou até com dor na lombar... isso já está afetando... estresse... eu sou uma pessoa... sei lidar com algumas coisas... estou sempre bem humorado... agora tem situações que estou andando estressado... não tenho paciência... estou percebendo que isso afeta diretamente a saúde...

Enfermeiro 11:

26 anos, solteiro, não tem filhos, 1º vínculo - plantão diurno, 2º - plantão noturno e 3º - plantão 24h x semana.

[...] até então... uns dois anos assim... eu nunca tive problema, eu nunca fui internado, nunca tive doenças importantes, nunca tive nada... mas agora com 'cinco ponto quatro' começam a aparecer os problemas [...] estou bem, mas estou sentindo que ela está começando a fraquejar... a coluna começa a cansar mais... se eu ficar muito tempo sentado ela começa a doer... e a saúde do homem começa a dar alguns sinais assim... já fui no proctologista para o exame, mas estou até devendo... porque fui ano passado, já fez um ano, tenho que ir lá de novo... termino enrolando. Tudo que eu gostaria que me dissessem era isso... 'X., eu marquei sua consulta para dia tal, hora tal... eu ia... mas se eu tiver que marcar, vai demorar, vou esquecer [...] e aí fica enrolando [...] então, problema de saúde que eu falei que não tenho, são problemas mais graves... 'problema de leve' todo mundo tem... o oftalmologista, que

não está resolvendo nada, mas eu estou indo... mas ainda tem que fazer outro exame [...] está tudo em meio que pendências...

Enfermeiro 40:

54 anos, casado, dois filhos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - diurno sem final de semana.

Os enfermeiros, mas também as enfermeiras, com filhos e idosos na família, diante da correria entre os vários vínculos de trabalho e as responsabilidades relacionadas à vida privada, sinalizam convivência com processos de morbidade no dia a dia. Entretanto, ainda que refiram sensação de bem-estar cotidiano e que demandem acompanhamento profissional com frequência, observa-se que o modo de levar a vida contribui para postergar o tempo de cuidar da própria saúde.

[...] eu sou uma pessoa que me cuido relativamente... tento nesse pouco tempo... faço exames de rotina, eu vou ao médico regularmente. Se eu tenho, por exemplo, eu tenho minha vista... eu agora estou com óculos direitinho... vou mandar fazer, esse aqui já está ruim, está fraco... estou sentindo a vista mais fraca, esse problema agora é o primeiro que eu tenho pra resolver... que é a cirurgia... aí... mas eu estou acompanho de seis em seis meses na ultrassom, na transvaginal...

Enfermeira 60:

48 anos, casada, quatro filhos, sendo um menor que 12 anos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

Há uma demanda constante nas falas de enfermeiros e enfermeiras, para que progressivamente consigam dedicação de mais tempo para si. Toma maior proporção quando são levadas em conta a presença ou ausência de filhos e a idade dos mesmos. Nesse ponto, as análises se apresentam análogas às reflexões relacionadas à realização de atividades simultâneas, com destaque para o trabalho doméstico e cuidados dos outros.

Mesmo aquelas enfermeiras com filhos adolescentes ou adulto-jovens (caso possa assim dizer), diferente dos enfermeiros na mesma situação, se relacionam de forma maleável com o tempo dedicado para eles, demonstrando preocupação explícita. Existem referências de que esse processo de interdependência é difícil de ser reorientado, independente do período em que estejam em suas vidas. Assim, priorizam as demandas e expressam maior disponibilidade de tempo para os outros do que para si. Inclui-se nesse caso a enfermeira 18, que diz: “[...] até porque ainda existe uma dependência muito grande de mim, apesar de filhos adultos...” não deixando de disponibilizar mais tempo para esses filhos. E a enfermeira 60 que refere o seguinte:

[...] essa parte de doar no meu trabalho (remunerado) é uma opção de vida... tem gente que tem duas doações... o trabalho e a família... então às vezes... eu tenho um militar (filho)... quantas vezes eu chego em casa e tenho que passar farda, porque ele não sabe passar... eu já até ensinei... ele se vira e até se virou... eu não estar e a empregada passar, ele não gostar e tentar resolver. Mas aí fico com pena...

'coitadinho'... fica lá... ainda vai passar a roupa dele... sofre porque é militar... às vezes tem uma vida boa... mas a gente pensa como mãe e sofre...

Enfermeira 60:

48 anos, casada, quatro filhos, sendo um menor que 12 anos, dois vínculos diurnos sem final de semana.

Também existem aquelas enfermeiras, com filhos adultos mais independentes, que sinalizam deslocar o uso do tempo para o trabalho (remunerado e doméstico) e atenção aos idosos, mais do que para si.

*[...] acho que eu embora tenha administrado muito bem essa questão do cuidado do meu pai e da minha mãe, no fundo a gente acaba se cobrando... a gente podia estar dedicando mais tempo de cuidado pra ele. **Cuidar de mim** eu estou me cuidando, mas **acho que devia cuidar mais**. Mas não sei se é porque a gente chega tão cansada do serviço aí quando chega em casa e não tem empregada... eu tenho uma menina que vai três vezes na semana na parte da manhã... e tem coisa dentro de casa que é a gente que gosta de arrumar, que é a gente que gosta de mexer.... então às vezes **abro mão de dar uma caminhada**, pra poder **ficar mexendo nas coisas de casa**... pra ajeitar à minha maneira. [...] Então eu acho que eu poderia estar cuidando mais do pai... mas eu acho que está tudo certo... que a vida da gente não pode parar... é uma doença muito ingrata... a gente precisa saber administrar isso.*

Enfermeira 13:

50 anos, casada, um filho, um vínculo diurno sem final de semana.

Conforme Pinto (2000), as mulheres tentam constantemente conciliar a vida profissional com a vida pessoal, repartindo o tempo pelas mais variadas atividades. O trabalho doméstico que é essencialmente realizado pelas mesmas, consome tempo, mas por não ser remunerado, constitui um desperdício e não uma possibilidade de investimento pessoal.

De modo similar, porém em menor frequência, observa-se algumas narrativas masculinas referindo que o tempo dedicado aos filhos e idosos na família, também consome parte do tempo pessoal, além de competir com o tempo contratado.

*[...]essa semana foi uma semana muito ruim pra mim... porque a minha mãe começou a agravar desde segunda-feira... então foi uma semana muito tensa... porque eu relutava muito essa questão de internar minha mãe [...] e é grande a preocupação... porque... eu **tenho minhas outras atividades**, e é difícil às vezes você priorizar... claro que assim... a **minha mãe é prioridade!?! É prioridade**... mas os meus empregos também são prioridades...*

Enfermeiro 23:

53 anos, solteiro, não tem filhos, três vínculos diurnos sem final de semana.

Na impossibilidade de cumprir as metas programadas com relação aos cuidados ou atenção para os outros, mediante justificativas de falta de tempo, encontra-se referência quanto à presença de conflitos, como exemplifica a seguinte narrativa.

*[...] eu queria ter mais tempo pra mim.... às vezes eu fico assim... queria ter mais tempo pra sair... pra ver alguma coisa pra mim... ou pra organizar as minhas coisas... porque as vezes eu chego em casa... eu falo assim... tenho que mexer no armário... aí eu não faço num dia... num faço no outro [...] aí minha esposa vem e faz pra mim.... (risos) [...] às vezes eu quero retribuir isso e não consigo... ou eu gostaria muito de estar visitando a minha mãe... de estar vendo os meus filhos... sou separado... e às vezes eu não consigo... **isso me frustra**... isso realmente me deixa assim.... muito triste... eu queira fazer mais e não consigo [...] então eu corro atrás... pra poder ter pra dar... e aí eu acabo falhando... **não consigo ligar pra os meus filhos**... não consigo ficar o final de semana com eles... não consigo ficar com a minha esposa... essas são as minhas frustrações... (se emociona)... de querer fazer e não conseguir... porque tem esse outro lado... **tenho que ter pra poder pagar a escola deles... tenho que ter pra poder pagar o curso da minha esposa... eu tenho que ter pra poder pagar o aluguel...** são essas minhas frustrações...*

Enfermeiro 30:

46 anos, separado, quatro filhos, sendo dois com 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º e 3º - diurnos sem final de semana.

Apesar de reconhecer que a relação entre o tempo para si e para os outros afeta a rotina e prejudica as relações, causando tensões, a dificuldade de ter mais tempo para os outros se esconde atrás do imenso tempo de trabalho remunerado e da queixa de falta de tempo para si.

Salvo especificidades, percebe-se uma tendência nos discursos dos enfermeiros em ocuparem mais o tempo com os trabalhos remunerados e com o tempo pessoal, do que com o tempo disponível para os outros. Isso chama atenção quando se observa, na fala seguinte, possibilidade de viabilizar tempo livre, tempo para o esporte, lazer e para si, além de apontar a existência de sensação de equilíbrio nesse momento da vida.

*[...] o squash que é uma atividade que eu pratico... **é lazer e é também cuidar de si** [...] porque as tardes eu estou sempre disponível... eu separei as tardes pra mim [...] uma semana pra mim é muito bem organizada... ela é muito bem distribuída... **é bem tranquilo** [...] já pensei até em mudar um pouco... em tentar remanejar meu horário aqui para o período da tarde... pra ficar com as noites livres... pra eu poder... descansar melhor... dormir melhor... porque mal ou bem aqui... mesmo quando o plantão está tranquilo... você não dorme a noite inteira... então é uma noite de sono que você compromete... mas aí eu perderia esse **privilegio de ter todas as tardes livres** pra mim... em casa... mesmo que estudando... que fazendo um trabalho indireto... **isso me dá uma qualidade de vida**... um prazer em estar em casa... fazendo as coisas... que eu preferi manter assim... não forçar a barra pra mudar isso... mas eu percebo que está bem distribuído... **está do jeito que eu gostaria... na faixa etária.. no momento de vida que eu estou... eu considero que eu trabalho pouco**... porque no que eu trabalho mais... que são as minhas rotinas de dar aula... eu me divirto... então como Confúcio diria ‘...arranje um trabalho no qual você divirta que você nunca vai precisar trabalhar na vida...’ então trabalho pra mim hoje é aqui... aqui eu me sinto como... num trabalho... numa atividade... que me toma tempo... que me desgasta... que me cansa...*

Enfermeiro 68:

51 anos, casado, um filho,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º - diurno sem fim de semana.

Essa percepção, que demonstra maior controle do próprio tempo, se distancia da maioria dos entrevistados, mais ainda das entrevistadas, tendo em vista que ao longo da vida são inúmeras as justificativas que contribuem para que o tempo pessoal perca espaço para os demais tempos na vida. Aqueles(as) enfermeiros(as) que se encontram no início da carreira, demonstram que o tempo contratado compete com o tempo pessoal e na maioria das vezes ganha espaço no dia a dia. Aqueles(as) com filhos pequenos, além de trabalharem em múltiplos vínculos, apresentam como visto acima, diferenças mais explícitas, pois ainda têm ampliado o envolvimento com atividades domésticas.

Quando se trata de período próximo ao fim de carreira, onde se pressupõe ser um tempo com maiores possibilidades de se priorizar o tempo pessoal, essa realidade não ocorre da mesma forma para os enfermeiros, como o exemplo acima, e para as enfermeiras. O grupo feminino permanece ao longo da vida, não só realizando várias coisas ao mesmo tempo, como também, se envolvendo e priorizando atenção e demandas geradas pelos outros.

[...] chegava muito mais tarde em casa... já tinha que pegar criança correndo no colégio... agora, eu não tenho essa dependência, então outras coisas estão sendo passadas... como assim... 'Eu acho que está na hora mesmo de você se aposentar...' (fala do companheiro/médico)... *E é isso que está me preocupando [...] Quando acordo de manhã, eu tenho mais atribuições pra fazer... pra que a casa fique lá e eu venha pra cá, mesmo tendo empregada... todo mundo sai cheiroso, cabelo penteado... eu já saio suada de casa, já saio danada da vida porque já estou por aqui* (dedo indicador pela testa) *de manhã cedo...*

Enfermeira 18:
54 anos, casada, dois filhos,
um vínculo diurno sem final de semana, aposentada no 2º vínculo.

Como o trabalho doméstico, esse tempo disponibilizado para os outros também implica uma desvantagem para as enfermeiras. A seguir, a mesma enfermeira exemplifica de modo interessante que a postura do companheiro em apontar que está na hora dela se aposentar, tem provocado preocupação, porque diz saber que:

*[...] eles (família) vão vir em cima... todo mundo com tudo... minha filha morou fora de casa seis anos... achei que ela não fosse mais voltar [...] voltou pior do que quando saiu... eu esperava que já estivesse mais independente... mais liberada de mim, mas não está... na verdade eles têm todas as condições de estarem se virando [...] **O meu tempo pra cuidar de mim é sempre vinculado entre eles e a casa.*** Enfermeira 18:

54 anos, casada, dois filhos,
um vínculo diurno sem final de semana, aposentada no 2º vínculo.

Desse modo, pode-se notar que a maioria dos enfermeiros apresenta tendência de se relacionarem com os tempos da família ou de outras pessoas de modo que o próprio tempo seja preservado. Já com esse grupo de enfermeiras, tem ocorrido de modo diferente.

Apresentam tendência de se envolverem com o tempo comprometido de maneira a priorizar a atenção para as demandas da família, em relação ao tempo contratado e pessoal, ou seja, sinalizam que ao se envolverem com o tempo dos outros, o próprio tempo tende a ficar em segundo plano.

Como observado a partir do exemplo a seguir, essas situações ainda contribuem para gerar tensões nas “configurações de interdependências”, principalmente quando entram outras pessoas extrapolando as relações do núcleo familiar. Assim, também foi possível fazer correlação com as análises referentes às permeabilidades casa-trabalho, trabalho-trabalho e trabalho-casa. As demandas provenientes de cada tempo/espaco quando interferem tempos/espacos diferenciados, leva a situações de conflito entre os usos do tempo para si e para os outros.

*[...] cuidar dos outros sempre foi prioridade... agora inverter isso é complicado... não é impossível... é como se fosse um papel que nunca interpretei... não tem aquela coisa, você já fez drama, já fez comédia... o artista tem muito disso... eu nunca fiz comédia... vamos ver como me saio fazendo comédia!?! então... **nunca fiz esse papel de me priorizar**, mas eu tenho que tentar fazer, pra tentar mudar essa realidade enquanto é tempo [...] então, me sinto auto-desprezando... uma coisa muita louca... não sei... alguma coisa relacionada ao destino... uma coisa assim muita grave... fico meio que me vitimizando às vezes... colocando isso na conta dos trabalhos... não dá [...] primeiro resolvo o problema dos outros (pessoas fora da família), depois quando desligo aí venho tentar consertar (com a família), mas é como uma massa numa parede úmida... não fica bem colada... é como se você tivesse minguando as coisas [...] com meu filho vou jogar uma partidinha de playstation ali... pra ele ficar tranquilo... ele está reclamando... com a minha filha... já está até dormindo, mas vou lá e faço um cafunezinho... meu marido tento conversar com ele, mas ele está com a cara feia pra mim, quase me engolindo de raiva... não é a mesma coisa... tudo desconcertado... complicado...*

Enfermeira 61:

46 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º vínculo diurno sem fim de semana.

[...] o que acontece é o seguinte... que a minha vida pessoal, às vezes fica em segundo plano... as minhas questões... os meus interesses...

Enfermeira 09:

36 anos, casada, não tem filhos,
um vínculo - plantões diurnos.

Vinculada ao tempo pessoal, a necessidade de ter mais disponibilidade para os tempos de lazer, descanso/sono e ainda para o tempo livre, aparece no depoimento da enfermeira 54 quando aponta que: “[...] eu necessito do horário de descanso... porque se não me estresso profundamente... eu fico profundamente estressada...”. E no discurso do enfermeiro abaixo que, por exemplo, de certa forma denuncia a presença de cansaço e sobrecarga associados à falta de tempo para si, como visto em outros itens do processo analítico, também enfocam esses aspectos subjetivos.

[...] a consciência do pouco sono, já vem de algum tempo... não tanto agora que estou cuidando da minha mãe, mas sempre tive pouco sono por conta do trabalho à noite e eu não consigo dormir muito mesmo. O lazer eu sinto falta... por conta assim do cuidado da minha mãe, deixei de ter mais lazer [...] o que mais chama atenção é pouco lazer e pouco sono... cuidar de si também...

Enfermeiro 23:
53 anos, solteiro, não tem filhos,
três vínculos diurnos sem final de semana.

Conforme destacado em Rotenberg et al. (2012), a escolha pelos plantões noturnos pode ser vista como uma estratégia de gestão dos tempos que favorece a conciliação das demandas nas esferas doméstica e profissional, além de considerar o vínculo entre esfera doméstica e cuidado de outras pessoas.

O relato a seguir sinaliza possibilidade de expressar o quanto é necessário proporcionar mais tempo para o sono, descanso, lazer e tempo livre, visto que o acúmulo de trabalho remunerado, responsabilidades domésticas, somado à falta de tempo para si (além daquele disponibilizado para questões fisiológicas), afeta não só a saúde física e mental, mas também as relações com os demais tempos na vida.

*[...] eu me sinto sobrecarregada.... porque o sono fica prejudicado... porque eu vou ficando até mais tarde pra ficar dando conta de algumas coisas.. e vou te falar... eu fico irritada... ansiosa... porque **a sensação que eu tenho é que eu estou trabalhando mais do que todo mundo** [...] tem dias que eu estou extremamente irritada... mas eu acho que é sobrecarga mesmo... e eu não consigo... não tenho o descanso [...] a impressão que eu tenho... eu acho que eu já sinto mesmo no meu dia a dia, é o tempo que eu não tenho pra mim... assim... tem um tempo pra mim, mas eu considero pouco... e isso me dá um certo cansaço mesmo... na minha rotina... porque assim... **por mais que eu ame a minha família, ame meus filhos... eu sinto essa falta do meu momento ocioso...** e isso às vezes reflete até no meu dia a dia... no meu cuidado... na minha assistência... porque eu estou sempre cansada [...] vejo que eu descanso pouco... cuido muito dos outros... e meu lazer eu acho pequeno em relação a tanto trabalho... mas eu sinto isso no meu dia a dia... no meu corpo... **estou sempre cansada fisicamente... e também mentalmente...** porque você não parar muito... meus momentos de lazer... é mais sábado e domingo... mas está sempre voltado também... não tem um momento de lazer sozinha... sempre pensando nas crianças... então isso é um certo cuidado com o outro [...] eu sinto uma fadiga mesmo... um cansaço.. eu até falei isso pra o meu marido... ai.... estou precisando de uns dias pra eu descansar sozinha... só pra mim...*

Enfermeira 05:
32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

De certa forma, a falta de tempo e, sobretudo, a falta de tempo para si, se expressam tanto entre aqueles(as) que sinalizam menos envolvimento com os cuidados dos outros, possibilitando inferir que tenham mais disponibilidade de tempo para si, quanto entre os(as) que se deixam envolver com os tempos dos outros.

As percepções que demonstram menos comando do próprio tempo foram mais vinculadas às enfermeiras e aquelas que expressaram mais controle pessoal foram associadas aos enfermeiros. Deste modo, percebe-se o quanto os enfermeiros tendenciosamente apresentam tempos “mais livres” e as enfermeiras tempos “mais presos” ao longo da vida.

4.6 - A “dança” dos tempos: equilíbrio de tensões nas relações de interdependências

*Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas
que já têm a forma do nosso corpo e esquecer nossos caminhos,
que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia.
Se não ousarmos fazê-la, teremos sempre ficado à margem de nós mesmos.*
Fernando Pessoa

A aproximação com a teoria das configurações, elaborada por Norbert Elias, aponta para o fato de que em toda relação de interdependência não somente consta a presença de conflitos de interesses e assimetrias de poder, mas também movimentos para equilibrar as tensões e as disputas de poder existentes nestes “(des)encontros” cotidianos. O encontro com esse autor possibilita entender que na vida as relações estão em movimento, e que nem tudo permanece estático como determinadas “situações” parecem ser/estar.

Neste capítulo de análise, serão refletidas questões correlacionadas aos movimentos utilizados pelos(as) enfermeiros(as), a fim de “equilibrar” as tensões e as diferenças de poder existentes nas relações de interdependências cotidianas. No capítulo anterior, os “jogos de competição” foram utilizados para caracterizar a desigualdade e o aspecto relacional de poder. Aqui, a proposta de aproximação é semelhante àquela que acontece numa dança de roda ou de salão, sendo mais um recurso imaginário proposto por Elias (1994b). O exercício de transposição torna possível observar como os “passos” e as “sincronias de gestos” das danças podem se aproximar dos “movimentos” e das “relações cotidianas”, ilustrando tentativas de “equilíbrio” que exteriorizam uma visão onde os “dançarinos” estão em processo de acordos implícitos para permanecerem na “dança cotidiana” da vida. Este movimento faz referência tanto às relações entre amigos ou inimigos, pais ou filhos, marido e mulher ou diretor e empregados (ELIAS, 1994b). Mesmo que perpassada por tensões, a maneira como o indivíduo se comporta nessa situação é determinada de acordo com as relações entre si, seja pela lembrança dos movimentos de “uma dança” comum ou pela experiência das pessoas na presente “dança dos tempos”.

Ler e reler as entrevistas possibilitou reconhecer as experiências relacionadas aos movimentos de mudança, surgindo de forma que tensionam os poderes e movimentam as situações de conflito existentes nas relações entre os(as) entrevistados(as) e as pessoas de convivência nas esferas pública e privada ao longo da vida. Assim, não se restringem apenas às tentativas de equilibrar as tensões presentes de um cotidiano tumultuado, acelerado e com rotinas simultâneas, mas também remetem às programações sucessivas e às expectativas futuras, com suas incertezas e imprecisões.

Para análise e interpretação das falas, foram feitos movimentos, cujos recortes dizem respeito a dois eixos temporais que mesmo interrelacionados, encontram-se divididos a fim de facilitar didaticamente o processo de leitura. Desta forma, inicialmente serão apresentadas as estratégias de curto/médio prazos, como tentativa de equilibrar poder e tensões. Logo após, encontram-se as estratégias de longo prazo que se remetem ainda ao sentido de dificuldades em projetar expectativas futuras.

4.6.1 - Diferentes modos de “dançar”: experiências que buscam mais tempo para si

*O tempo voa rapaz... Pegue seu sonho rapaz
A melhor hora e o momento é você quem faz...(!?!?)
Pensamento - Cidade Negra*

Analisar os caminhos percorridos entre as situações de permeabilidade e de simultaneidades na interface público-privada, contribuiu para refletir o quanto existe de conflito entre os usos do tempo contratado, comprometido e pessoal. Durante as 24 horas convencionadas para um dia há tensões entre esses tempos que competem entre si e se constroem. Esses conflitos e tensões observados são imprescindíveis para se analisar em que medida provocam ou permitem a existência de enfrentamentos capazes de equilibrar as assimetrias de poder nas relações cotidianas entre as(os) enfermeiras(os) e as pessoas do convívio público e privado.

Para organizar as rotinas atropeladas pela aceleração cotidiana e viabilizar possibilidades de realizar ações sobrepostas, surge a necessidade de utilizar alguns recursos como agendas e lembretes. Tanto enfermeiras quanto enfermeiros utilizam essa estratégia com a intenção de dar conta do dia a dia e, por conseguinte conviver de modo suportável com as inúmeras responsabilidades e desdobramentos cotidianos. A maior parte de referências quanto às dificuldades em realizar essas atividades simultâneas e de necessidades de auto-organização para fazer uma coisa de cada vez é proveniente dos(as) que apontam múltiplas atribuições ou a ampliação do tempo total de trabalho.

[...] eu não consigo fazer duas coisas ao mesmo tempo, por isso é que eu preciso ser muito organizado... na agenda, no papelzinho... que tenho que passar no banco, fazer um depósito, pagar uma conta e várias coisas ao mesmo tempo...

Enfermeiro 23:
53 anos, solteiro, não tem filhos,
três vínculos diurnos sem final de semana.

[...] eu não vejo a minha semana sem olhar a agenda... não gosto de agenda grande... eu preciso de uma agenda pequena, que eu possa ver a minha semana toda... senão... não consigo me organizar...

Enfermeiro 30:
46 anos, separado, quatro filhos, sendo dois com 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º e 3º - diurnos sem final de semana.

[...] fazer várias coisas ao mesmo tempo... eu só escrevo... eu chego no plantão e faço uma listinha de tudo que eu tenho que fazer... ponho durex e colo na mesa pra poder conferir se no final do plantão eu fiz tudo... e colo uma outra folha em branco... que conforme o dia vai acontecendo... vão surgindo outras coisas que eu vou colocando ali... vou checando pra saber se eu fiz ou não fiz... pra nada ficar pendente... eu sou muito organizada... pra não me perder... porque até na memória a gente vai também escorregando... então eu me auxilio...

Enfermeira 58:
50 anos, casada, dois filhos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - plantão noturno.

Como forma de enfrentarem as situações antagônicas apresentadas no dia a dia, encontram-se narrativas de enfermeiras apontando que gritam, explodem e brigam.

[...] a gente briga e depois de brigado ele acaba me ajudando mais... acaba virando um feedback... eu brigo com ele e ele me ajuda... e a chata aqui... (risos) acaba tendo um retorno... porque não tem a iniciativa que a gente (mulheres) tem... então eu tenho que cobrar dele a iniciativa pra eu poder ter um pouquinho de calma...

Enfermeira 05:
32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

[...] tem dia que eu dou conta... tem dia que eu acho que vou morrer... eu fico numa raiva... fico danada... a língua fica solta... aí brigo mesmo, fico sem paciência... não quero ouvir [...] fico muito irritada... a minha irritação eles percebem [...] a raiva eu deixo sair... choro muito irritada [...] xingo um bocado quando estou zangada... Enfermeira 18:

54 anos, casada, dois filhos,
um vínculo diurno sem final de semana, aposentada no 2º vínculo.

Desta forma, segundo Rotenberg (2012), as mulheres que organizam o tempo para assumirem várias funções na vida, principalmente no âmbito privado, seguem uma lógica temporal não econômica, pois se veem como estando continuamente disponíveis.

Essas situações de conflito, disputa de poder e tensões, cuja necessidade perpassa mudança de comportamento da(do) companheira(o), a fim de manter controle e cuidados de filhos e dividir as responsabilidades e realização de atividades no âmbito da vida privada, surgem em minoria nos discursos de enfermeiros, cujo exemplo se destaca quando o Enfermeiro 64 refere que “[...] às vezes eu até me estresso lá em casa... dou uns berros

com as crianças [...] mas nada fora do normal... de estressar... às vezes, faço uma coisa, o outro vem faz o contrário...”.

Ainda é possível, mesmo que seja em menor proporção ou de forma individualizada, observar alternativas que indicam a realização repetida de atividades de organização e o uso das próprias tecnologias de informação e comunicação, como estratégias para enfrentar tensões e conflitos, cujo evento pode ser observado através do seguinte discurso:

[...] por exemplo, tem alguns rituais que eu faço de guardar minhas coisas, de separar minhas coisas, de arrumar... isso é um ritual... é como se eu tivesse organizando aquilo que estava me incomodando muito através de outras coisas... enfim... eu procuro fazer isso não de qualquer forma, mas de uma forma que parece que eu vou diluindo aquilo ali... a raiva... a angústia. Então essa é uma das coisas que eu faço. [...] vou ler... eu sento e leio... faço uma folha, duas, mas eu faço... eu gosto muito do computador... é uma coisa que me relaxa bastante... então se eu tiver muito atacada, eu sento e vou navegar... conversar com outras pessoas...

Enfermeira 18:

54 anos, casada, dois filhos,
um vínculo diurno sem final de semana, aposentada no 2º vínculo.

De modo inusitado, o enfermeiro 40 destaca não controlar demasiadamente o tempo como estratégia para diminuir ou controlar o estresse cotidiano. Ele diz que *“[...] não marco muito o tempo das minhas coisas [...] não marco muito o tempo das minhas coisas... vou fazendo as coisas mas quase sempre sem me preocupar com o teor do tempo... se eu gasto ele bem ou mal... assim... vou levando”*.

Assim, com relação às experiências simultâneas e às situações identificadas como estressantes no cotidiano, tanto enfermeiras quanto enfermeiros apontam a necessidade de “priorizar” as atividades diárias, destacando como alternativa ideal para gerenciar o tempo. Vide escritos contemporâneos como os de Christian Barbosa (2011), que são voltados para reflexões sobre gerenciamento do tempo em empresas e produtividade no país, cuja estratégia reforça um caráter de responsabilidade individual, mediante as necessidades de enfrentamento de tensões e de organização do eventos cotidianos, a fim de otimizar o uso do tempo. Atrelada a essa questão, pode-se observar empiricamente que as enfermeiras e enfermeiros, além de assumirem atitudes de priorização, buscam fazer as coisas com mais calma e mais consciência, e menos ansiedade, além de apontarem estratégias como moderação, decisão, equilíbrio e melhor divisão/ocupação do tempo.

[...] eu priorizo o que é mais urgente naquele momento... o que eu vou fazer primeiro... é uma avaliação que... a gente com os anos de profissão... a gente vai fazendo meio que automático... a gente já sabe... aquilo ali pode esperar... isso eu tenho que ver agora [...] hoje em dia eu levo numa boa.... eu consigo fazer.... não dá

pra fazer duas coisas ao mesmo tempo... óbvio... mas na medida do possível eu priorizo o que é mais importante... depois eu faço o que seria menos importante...

Enfermeiro 73:

39 anos, solteiro, não tem filhos,

1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

[...] eu já fui muito estressada e ansiosa... eu saía atropelando [...] agora eu vou mais devagar... mas antes era tudo embolado... agora vai tudo bem... ainda sou ansiosa, até porque isso... a gente até melhora, mas não deixa de ser...

Enfermeira 15:

51 anos, separada, um filho,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

[...] eu respiro... dou uma parada... ah!... meu Deus do céu! Aí eu falo assim... eu estou errada... estou me fazendo mal... tenho que dar uma pausa aqui e direcionar... porque às vezes você sem que perceber... você mesmo absorve aquilo... quando vê já está fazendo... quando vê já está se prejudicando... então dou aquela respirada... assim... espera aí... opa!... o que eu tenho que fazer realmente agora... ou o que eu tenho que fazer primeiro... aí eu tento dá essa organizada... é um exercício... eu procuro me policiar... procuro nesses momentos de várias funções... momentos de estresse... é um estresse... várias funções...

Enfermeira 69:

43 anos, casada, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,

1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

Junto a priorizar as atividades, surge também a necessidade de adiamento das mesmas. Quando há falta de tempo para realizar determinada ação, postergá-las é uma alternativa utilizada para otimizar o tempo. Observa-se a enfermeira 05 referindo que: “[...] *acabo sonegando alguma coisa aqui... eu deixo alguma coisa pra traz... eu abro mão na maioria das vezes...*”, a sinalização de que prioriza o tempo para os outros, em detrimento de si mesma, para evitar estresses e desdobramentos tensos nas relações. Reprogramá-las é outra forma de preservar momentos para si, enfrentar os desencontros dos tempos, e viabilizar êxito com a realização das mesmas ações em momento posterior, talvez considerado menos inadequado.

[...] nem sempre consigo chegar pra pagar uma conta... pra cortar um cabelo... aí também tem o serviço do outro... tem horas que o outro trabalha e você não consegue se programar por conta do horário que você gasta [...] minha programação que teria aquele dia, não serve mais e você vai jogando mais pra frente... ah! Amanhã eu faço e você está embutindo outras coisas naquele horário...

Enfermeiro 01:

37 anos, solteiro, não tem filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

Analisar as relações existentes entre os usos do tempo pessoal, contratado e comprometido³² também possibilita refletir sobre estratégias capazes de minimizar conflitos e tensões entre os vários espaços e tempos público e privado da vida cotidiana.

³² Vide classificação descrita nas Etapas do trabalho de campo (3.1.2), no item Tratamento do material obtido.

Observa-se que as enfermeiras parecem referir mais conflitos e tensões quando as relações entre os tempos para si, para os outros e para as demais atividades, competem entre si, sobretudo no âmbito privado. Compensar a carga horária do trabalho, adaptar a escala em função da família, diminuir a carga horária semanal das jornadas remuneradas, ou restringir jornada em apenas um vínculo de emprego são estratégias utilizadas por enfermeiras(os) que priorizam as demandas da família. Apesar de não evitar sobrecarga e não promover divisão equitativa do trabalho, essas alternativas contribuem para evitar tensões e conflitos que poderiam ser frequentes devido à carga excessiva de trabalho, sobretudo das enfermeiras.

[...] eu não tenho coragem de deixar eles vinte e quatro horas sem mim... ainda... porque eles são muito pequenininhos... então eu me organizei dessa forma... pra tarde ficar cuidando deles... eu não consigo me ver... eu acho que se minha chefe chegar pra mim e falar... ‘você vai ser plantonista’... eu entro em pânico... porque a minha vida já está totalmente estruturada pra ser diarista por conta das crianças...

Enfermeira 05:

32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

Apesar da intensa jornada de trabalho total ser naturalizada por essa enfermeira e pelo companheiro, ela refere que solicitar cuidados para os filhos é considerada “demais” como função para o companheiro.

*[...] meu companheiro (médico) percebe que eu estou assim... mas ele não tem aquela coisa de... ‘vai que eu fico com as crianças pra você descansar duas horas...’ ele não tem isso... ele não consegue isso... **acho que é pedir demais dele...** porque ele fica quarenta minutos, mas duas horas... acho que ele vai surtar... (risos) eu **já tentei** e não consegui... então eu fico extremamente irritada...*

Enfermeira 05:

32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

Em sintonia com o recurso imaginário proposto por Elias (1994b) para analisar as relações de poder, a fala da enfermeira 61 elucida de modo interessante o quanto a divisão sexual e desigual do trabalho faz emergir uma série de conflitos ou circunstâncias que “[...] atrapalham a sintonia do casal... aí, às vezes a gente não está sintonizando na mesmo estação... um está ouvindo **pagode**, o outro está ouvindo **xaxado**... fica meio complicado...”. Dessa forma, e como já destacado anteriormente, mesmo reforçando a existência de estratégias que possibilitem reflexões polarizadas quanto ao gênero, as enfermeiras encontram-se mais sobrecarregadas e com menos alternativas para a equidade na divisão das atividades domésticas.

Conforme Araújo et al. (2003), poucos estudos levam em conta a sobrecarga doméstica em investigações de estresse e trabalho, sendo reforçada a necessidade de sua incorporação para avaliação da carga total de trabalho.

Mesmo não sendo de modo intencional, algumas enfermeiras apontam que a existência de uma relação proporcional entre a diminuição de tempos para os outros e aumento para si, contribuiria favoravelmente para equilibrar tensões e minimizar conflitos nas relações cotidianas. À medida que ocorra diminuição dos tempos ocupados com os outros, seria possível dedicar mais tempo consigo e investir nos tempos de lazer e convívio social.

[...] meus filhos já estão mais independentes... é diferente você ter filhos pequenininhos... eles já estão cada um seguindo seu caminho e isso está sendo bom pra mim... apesar deles estarem... sozinhos... resolvendo a vidinha deles, eu estou ali na retaguarda no que precisar [...] a gente (companheiro) viaja muito mais sozinho hoje, porque eles não querem mais ir... um tem vinte e dois e a outra tem dezessete anos... eu lido muito bem com essa situação... não tenho culpa de não estar o tempo todo ali com eles [...] E atividade de lazer... a gente faz muita coisa juntos [...] sem a interferência de filhos... viajamos sozinhos... isso é uma coisa que evoluiu bastante de uns anos pra cá com meus filhos com mais idade...

Enfermeira 26:
47 anos, casada, dois filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

[...] você vê que o cuidado com os outros está bem diminuído... agora isso me dá tempo pra cuidar mais de mim... não há problema nenhum... em eu sair... eu viajar... e os filhos ficarem... porque cada um já dá conta de si...

Enfermeira 58:
50 anos, casada, dois filhos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - plantão noturno.

Diminuir os tempos de atenção para os outros, e conseguir “dançar conforme a música”, delimitando fronteiras para manter separados os tempos e espaços público-privados constituem possibilidades de se conseguir mais atenção e tempo para si e para pessoas do vínculo afetivo. A continuidade da fala da enfermeira 58 sinaliza, por exemplo, que despertou após quase trinta anos de profissão, preocupações com o processo de envelhecimento e a necessidade de focalizar mais atenção em si.

*[...] eu agora estou começando a **olhar mais pra minha saúde**... não porque eu tive a opção de agora... eu vou olhar mais pra minha saúde... é **porque eu vi que eu estava morrendo**... porque eu acho que é meio característica de pessoas da saúde não se cuidarem... a gente vai... no meio do caminho, conversa com um amigo aqui... um colega ali... e você vai levando sua vida assim... então... quando eu percebi... eu vi que estava com um monte de coisas que estavam arrastando... e eu comecei a marcar um monte de médico [...] e o meu marido também está sempre me levando e me pegando... eu sempre marco nos horários de folga dele... sempre conto que ele possa me levar [...] hoje eu tenho um ginecologista... tenho um endocrinologista... tem uma geriatra... só esta faltando um cardiologista e faço um kit completo... (risos)... achei fantástica a coisa de conversar com uma geriatra... e de estar assim numa idade de envelhecimento... de perda da função... e que a gente*

tem que resgatar isso com qualidade [...] com alegria... sinal de que não morri cedo... e eu quero viver muito bem ainda...

Enfermeira 58:
50 anos, casada, dois filhos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - plantão noturno.

Em geral, pode-se observar que oportunizar mais tempo para si, através de lazer, atividade física ou até mesmo estudos, faz parte das estratégias para equilibrar tensões existentes no dia a dia.

[...] eu faço atividade física agora [...] esse ano eu resolvi realmente me dar esse lazer... por necessidade do corpo, o meu corpo já está falando... já está começando a dar os primeiros gritos... a questão da minha coluna...

Enfermeira 09:
36 anos, casada, não tem filhos,
um vínculo - plantões diurnos.

[...] essa semana foi uma semana boa... fiz bastante aquela parte ali... (mapa de horários) de lazer... porque eu fiz bastante atividade física... então cresceu bastante aqui... eu faço natação... eu jogo tênis... corro... e nessa semana... estou de férias... deu pra fazer tudo isso... está legal...

Enfermeiro 48:
54 anos, casado, três filhos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - plantão noturno.

[...] eu trabalhava muitas vezes em plantões noturnos... eu virava muito vinte e quatro horas e estou me dando... incluí aí... (mapa de horários) uma coisa que você não teria se fizesse isso a três meses atrás é a questão do estudo que eu tinha retirado... então hoje eu estou tentando mexer melhor com a questão do meu tempo, dando tempo pra questão do descanso, que eu não tinha... e dando tempo também pra essas questões de estudo e lazer...

Enfermeira 53:
36 anos, casada, um filho menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - diurno sem final de semana.

Quanto ao sono/descanso, esse aparece em vários discursos como imprescindível para minimizar o estresse cotidiano, a fim de tornar viável a contínua realização de inúmeras atividades. A fala da enfermeira 54 exemplifica esse aspecto ao mencionar que: “[...] necessito do horário de descanso... porque senão me estresso profundamente... eu fico profundamente estressada...”. Outros profissionais, enfermeiras e enfermeiros também sinalizam a necessidade de descanso para levar adiante o dia a dia.

*[...] e o sono... o sono é que me preocupou... quanto tempo eu perco dormindo, gente! [...] e aquela coisa... agitar... me sinto agitada... aí depois vem aquele cansaço que só tem fim naquela coisa de sono como se fosse uma fuga [...] esse excesso de sono, não é legal... Pode ser uma coisa metabólica que não está funcionando adequadamente... tinha que fazer um acompanhamento com endócrino e não estou fazendo... mas por quê? Porque... **cuidar dos outros sempre foi prioridade...***

Enfermeira 61:
46 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º vínculo diurno sem fim de semana.

[...] porque as noites que eu perdi de sono no plantão... eu não conseguia dormir... que é um estresse danado no CTI... que não conseguia relaxar... então hoje eu dou um valor enorme quando eu estou em casa [...] eu venho vejo minha escala e quero descansar... porque como a gente trabalha a noite muito tempo, depois a gente vai vendo que o relógio biológico muda todo... a gente não consegue mais descansar direito... não tem mais um sono tranquilo... qualquer barulho te acorda... então eu gasto tempo dormindo, mas teoricamente é uma coisa que me dá prazer.

Enfermeiro 01:

37 anos, solteiro, não tem filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

[...] eu olhando aqui (mapa de horários) o que eu peguei de sono foi mais do que as outras coisas... Mas isso por quê? Porque a pessoa está num nível de estresse muito grande... eu pelo menos sou assim, eu quando estou muito cansada o sono me bate de uma forma brutal... e por mais que você dorme... o sono, ele não sustenta [...] a maior parte do tempo, por exemplo, a pessoa fica extremamente cansada e com sono. Então a tendência é a pessoa dormir mais [...] e observei assim que lógico que com o tempo fiquei muito por conta das coisas da obra (casa), por conta do trabalho, por conta do estresse muitas coisas ficaram pendentes...

Enfermeira 45:

47 anos, casada, dois filhos,
dois vínculos - plantões diurnos.

Segundo Rotenberg (2012) a sobrecarga decorrente do trabalho noturno persiste na divisão desigual do trabalho doméstico, em casais que ambos trabalham a noite. Após a saída do trabalho encontram-se relatos de que os homens conseguem viabilizar tempo para o descanso e as mulheres prosseguem ampliando o tempo total com atividades no domicílio. Dessa forma, a narrativa abaixo, sendo um exemplo instigante de leitura, permite certificar o quanto se torna imprescindível essa reserva de tempo para si em relação aos demais tempos.

*[...] quando você é mais jovem... sai do trabalho e tem uma energia muito maior pra exercer outras funções... do que quando você vai ficando mais velha... a impressão que dá é que isso não acontece... mas esse cansaço é um cansaço que é acumulativo... nesse momento eu tenho vinte e oito anos de profissão [...] então pra eu conseguir hoje, trabalhar sessenta por semana e corresponder com qualidade de assistência, tendo certeza de que estou fazendo o meu melhor... **tenho que ter o máximo de descanso e de lazer...** pra ter energia suficiente pra ser consumida pelo trabalho... você acredita nisso?... é assim que a coisa funciona... distribuo meu horário de maneira a me preservar, para poder fazer melhor o meu trabalho... porque eu já sei que não tenho mais a vitalidade dos vinte e cinco anos [...] tudo que eu tenho é fruto do meu trabalho... tenho uma obrigação comigo, com o meu paciente e com Deus... de exercê-lo muito bem... **eu não posso dizer que... eu já tenho quase trinta anos de trabalho... que agora eu posso trabalhar menos... porque agora eu não ganho menos...** então eu diminuo lá fora (vida privada)... pra eu continuar fazendo... não como eu fazia... se eu tenho que render mais... que seja aqui [...] acho que é uma opção... quero ser uma boa profissional... não quero ser vista como aquela enfermeira que já não faz mais nada e já devia ter se aposentado...*

Enfermeira 58:

50 anos, casada, dois filhos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - plantão noturno.

Pode-se associar a história do personagem Enrico ilustrado por Sennett (2009), aos usos do tempo que aparecem na fala dessa enfermeira que também delimita um percurso linear. Com pouca ou nenhuma variabilidade de emprego, em que o tempo é um recurso que representa a conquista de uma nítida história para si mesma, caracterizando senso de respeito próprio. Assim, a opção por diminuir o ritmo das atividades durante o dia a dia é uma das estratégias utilizadas em curto prazo, que contribui para manter o ritmo de atuação profissional e uma imagem de competência construída ao longo dos anos.

Quanto à centralidade do trabalho na vida cotidiana, encontram-se discursos que caracterizam o uso do tempo de trabalho remunerado como estratégia terapêutica para manter a saúde mental e oportunizar momentos de felicidade. A fala abaixo exemplifica essa situação compartilhando que:

[...] não sei se vou te responder... eu tive momentos da minha vida... questões pessoais assim... emocionais, sentimentais... o emprego era minha válvula de escape... eu fazia toda minha terapia no emprego, ele me proporcionou uma terapia... vi o trabalho várias vezes como uma salvação pra que da forma com que tinha outros problemas... eles fossem assim... suavizados...

Enfermeiro 04:
60 anos, separado, dois filhos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - plantão noturno.

No entanto, nem todos(as) enfermeiros(as) se relacionam com essa centralidade do trabalho remunerado da mesma forma. Há discursos de forte intensidade que apontam alternativas, que vão além da organização do tempo na vida privada com vistas a possibilitar maior disponibilidade para a produção na esfera pública. Vários(as) entrevistados(as), principalmente os mais antigos, enfatizam estratégias, como: diminuir a carga horária semanal a partir da solicitação para que outros profissionais realizem os plantões ou não fazer “plantões extras”, além de garantir (mediante insatisfações) possibilidade de transferência de escalas, turnos e setores. Por exemplo, conseguir diminuir o tempo contratado também aparece como fonte de equilíbrio que, através da mudança de carga horária, ritmos e cargas de trabalho, repercute na vida como um todo.

[...] apesar de ter duas atividades de trabalho... o outro emprego meu... eu faço metade da carga horária... cheguei um ponto da profissão que não quero mais me desgastar tanto... desgasta muito... porque é clínica... é um hospital de referência como emergência [...] ele é sobrecarregado... então eu já falei que eu não quero isso pra mim... então eu diminuo a metade da carga horária... já que se permite...

Enfermeiro 03:
52 anos, casado, um filho,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - plantão 24h x semana.

[...] eu passei por um momento... anteriormente minha vida era mais dedicada à parte profissional... e com certas coisas que aconteceram na minha vida, estou tentando modificar a minha rotina... diminuir minha carga horária... trabalhava dois dias... só folgava um... agora não [...] então eu estou num momento querendo modificar algumas coisas na minha vida [...] tentando traçar outra trajetória na minha vida...

Enfermeira 12:
43 anos, solteira, não tem filhos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - não informado.

*[...] estava trabalhando e tive um problema de estresse... eu trabalhava nesse setor há muitos anos... já estava pra mudar e a chefia segurando... é aquele negócio, quando você domina um serviço a pessoa te segura... e aquilo eu estava no estresse, porque eu fiquei brigando dois anos pra sair... bateu até na minha saúde... eu não era hipertenso e acabei ficando [...] a partir dos quarenta e cinco eu tive problema da labirintite, mas na verdade era pressão... tive um quadro de estresse. Estava trabalhando num lugar que não tinha mais prazer, vontade... eu estava angustiado e aí estourou. **Aí agora eu trabalho num lugar onde me sinto bem...** é um outro tipo de trabalho, você lida com pacientes, entre aspas, são (ambulatório de pulsoterapia)... não é um paciente que a qualquer momento vai morrer... você estando na enfermaria, o paciente ali é estressante... a qualquer hora ele tem uma parada e você está tenso ali... aqui não... aqui você está durante o tratamento conversando com o paciente, trocar ideias, aliviar a tensão dele também...*

Enfermeiro 35:
58 anos, separado, três filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

Além dessas alternativas para diminuir o tempo contratado, dando margem para que tenham maiores investimentos no tempo livre e pessoal, não assumir cargos de chefia/atividades gerenciais, é mais uma estratégia que surge na fala de algumas enfermeiras ao alegarem que uma disponibilidade de tempo integral para a instituição atrapalha/atrapalharia o tempo comprometido com a família, pressupondo também perda de controle do tempo pessoal.

*[...] eu **não sou chefia** de lugar nenhum então eu não tenho esse tipo de demanda não... assim... raras exceções no sentido de pedir plantão, mas acho que é a única coisa assim [...] Quando acabo o plantão, que passo o plantão, eu vou embora...*

Enfermeira 25:
27 anos, casada, não tem filhos,
1º e 2º vínculos - plantões noturnos e 3º - diurno sem final de semana.

*[...] até por isso... um desses motivos que eu **não assumo cargo de chefia**... porque o cargo de chefia vai cobrar de mim... que os momentos em que eu esteja com minha família... eu tenha que estar apta a resolver problemas do trabalho... e eu não quero isso [...] **por isso que chefia não me sobe a cabeça**...*

Enfermeira 54:
37 anos, casada, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
dois vínculos - plantões noturnos.

São inúmeras as estratégias de diminuir ou reorganizar a carga horária de trabalho remunerado, permitindo prioritariamente, oportunizar mais tempo para os filhos e família, como também para o tempo pessoal e seus desdobramentos, ou seja, lazer, estudos, atividade física.

Ainda com relação às dinâmicas entre tempos contratado, comprometido e pessoal, encontram-se discursos fazendo alusão à necessidade de se realizar investimento em saúde mental, acompanhamento psicoterápico ou intervenção medicamentosa, para continuar lidando com as tensões cotidianas, constrangimentos dos tempos e demandas sucessivas do cotidiano.

[...] até no final do ano passado... tive uma crise de conflitos que eu nunca tinha passado aqui dentro do hospital... foi aí que eu parei, fui conversar com uma amiga minha e falei... olha, eu estou doente e preciso de uma ajuda. Ela me indicou um profissional e fui começar a fazer o tratamento principalmente do sono... porque antes de eu separar eu já não dormia... só que eu não tinha consciência disso. Eu não dormia porque tinha que dar mamar pro neném... não dormia porque tinha que colocar a criança pra fazer xixi... porque o marido chegava tarde e eu tentava ficar acordada a maior parte do tempo pra estar com ele em algum momento [...] então eu tinha várias desculpas pra não dormir. Depois que eu separei eu não dormia porque eu não conseguia dormir... os filhos já maiorzinhos... não tinha ninguém pra esperar, mas eu não dormia. E isso foi a três anos que eu comecei a ter percepção... que já não tinha o sono que eu devia ter pra estar descansando e me desligar [...] aí eu parei... fui a um psiquiatra [...] estou mais descansada... produzo endorfina quando tenho que produzir... quando tem que dormir...

Enfermeira 43:

42 anos, separada, dois filhos, sendo um menor que 12 anos, um vínculo diurno sem final de semana.

Outras estratégias utilizadas para minimizar tensões, mudar a relação com o próprio tempo, contribuir para assegurar mais tempo para si, modificar condições de saúde-doença e quiçá modos de se levar a vida envolvem a realização de relaxamento e meditação, massagem e automassagem, exercício de posturas mais flexíveis e atitudes de moderação, aproximação com questões metafísicas, religiosas e espirituais, entre outras.

[...] eu até faço uma terapia à tarde... duas vezes na semana... uma pessoa faz a massagem em mim... então isso é um momento que eu brinco com a menina, falo assim: esse é o momento de relaxamento cem por cento... onde você deita numa cama e alguém te aperta... esse é o momento que eu tento me desligar de tudo... meu celular fica desligado... ela fala assim... 'você pode deixar seu telefone ligado'... eu falo... não... esse é meu momento... sou eu comigo mesmo...

Enfermeiro 17:

41 anos, casado, não tem filhos, dois vínculos diurnos sem final de semana.

[...] até hoje... assim.. por necessidade ou por hábito espiritual, procuro fazer leituras ou procuro estar trabalhando essa questão...

Enfermeira 18:

54 anos, casada, dois filhos, um vínculo diurno sem final de semana, aposentada no 2º vínculo.

[...] procuro fazer uns exercícios de relaxamento em casa [...] na parte do lazer... inclui também assim... leitura de algum livro... até assim... um acesso da internet...

Enfermeiro 51:

62 anos, casado, dois filhos, um vínculo - plantão noturno, aposentado no 2º vínculo.

[...] por exemplo, eu lembrei agora que eu devo ter lançado (mapa de horários) duas ou três vezes, atividade religiosa... e como eu sou kardecista, eu sempre tenho o hábito de fazer oração quando entro e quando saio dos ambientes de trabalho [...] isso é um hábito, antes de dormir ou no ambiente de trabalho... às vezes até durante o trabalho... quando você tem necessidade de um período de concentração...

Enfermeiro 39:

48 anos, casado, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

Portanto, de maneira variada e pontual, encontram-se muitos posicionamentos, sinalizando à necessidade de alternativas para a busca de equilíbrio entre os tempos do dia a dia, sobretudo, para as condições de saúde e qualidade de vida.

4.6.2 - O dito e o não feito: “dançando conforme a música...”

*Devia ter amado mais... Ter visto o sol nascer
Devia ter arriscado mais... E até errado mais
Ter feito o que eu queria fazer...
Queria ter aceitado as pessoas como elas são...
Devia ter complicado menos... Trabalhado menos
Devia ter me importado menos com problemas pequenos
Queria ter aceitado a vida como ela é... Ter visto o sol se pôr...*
Epitáfio – Titãs

Desacelerar o cotidiano, compartilhar funções e responsabilidades acumuladas ao longo dos anos e oportunizar cada vez mais tempo para si são estratégias presentes frequentemente em muitos discursos de enfermeiras e enfermeiros que participaram deste estudo. No entanto, muitas dessas estratégias que iriam mediar conflitos e oportunizar mais tempo para lazer, autocuidado e tempo livre, ainda permanecem na intenção ou em forma de preocupação.

[...] eu nunca paro pra me dedicar somente a mim... ter aquele momento... sozinha... comigo... entendeu... e isso aí é de longa data... remonta desde a minha existência... trabalho isso em análise...

Enfermeira 61:

46 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º vínculo diurno sem fim de semana.

*[...] eu sinto uma fadiga mesmo... um cansaço.. eu até falei isso pra o meu marido... ai... **estou precisando de uns dias pra eu descansar sozinha...** só pra mim... mas eu não tenho isso mais... ou ainda.... **eu acho que mais pra frente eu vou ter...** então assim.... agora eu entendo porque eu estou andando tão cansada.... (risos e volta a olhar o mapa de horários) cuidado com o outro aqui é bastante... fora o trabalho, que é um cuidado com o outro também...*

Enfermeira 05:

32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

*[...] então acho que tudo que você fizer de forma moderada, auxilia você na sua saúde... é nesse sentido que eu **precisaria fazer as coisas moderadas e não assim...***

*tão corridas... deslocamentos aqui, ali... atividades... acho que isso está assim... subindo, interpondo uma na outra... e por isso que isso tem sim correlação com minha saúde. No momento **gostaria** que fosse mais... oh!... eu tenho que **ter mais atenção ainda com minha saúde**... isso me preocupa sim...*

Enfermeiro 04:
60 anos, separado, dois filhos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - plantão noturno.

Através da perspectiva direcionada para o aumento da renda econômica a partir do acúmulo de vínculos, rotinas aceleradas e desdobramentos de jornadas extras, a excessiva centralidade do trabalho remunerado é justificada como uma fase transitória na vida.

*[...] porque a gente tem uma vida muito louca [...] uma vida agitada... e a gente **começa parar pra pensar**... que isso não pode ser pra vida toda... que cada dia que passa... a minha perspectiva a médio e a curto... médio prazo... é estar **revendo** as minhas **opções de trabalho**... e aí... por conseguinte **o meu tempo**... então assim... não dá pra viver nessa vida estressante... e aí a gente começa a ver a questão da saúde também... envolvida... porque você envelhece... as coisas começam a mudar um pouquinho... você não tem a mesma vitalidade que você tinha treze anos atrás quando eu me formei e que tinha vinte anos... seu corpo já sente mais cansado... você já não tem mais o mesmo pique...*

Enfermeira 08:
33 anos, solteira, não tem filhos, 1º vínculo - plantão diurno,
2º - diurno sem final de semana e 3º - não informado.

*[...] eu acho que eu **ia melhorar muito se eu desacelerasse**... se tivesse um emprego só... ia ter uma vida melhor... mas isso é um planejamento pra minha vida futura... não pretendo ficar nessa roda viva pra sempre não.*

Enfermeira 26:
47 anos, casada, dois filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

O incômodo com a vida acelerada, como visto acima, e o tempo envolvido no trabalho remunerado faz vislumbrar expectativas para sair da rotina e diminuir a carga horária. Todavia, existem aqueles(as) profissionais que ao se envolverem com as rotinas entre os tempos contratado, comprometido e pessoal, não se encontram satisfeitos, mas esperam por momentos futuros, projetando mudanças com perspectivas de longo prazo. Na narrativa abaixo, a correlação entre a espera pela almejada aposentadoria e a possibilidade de mais tempo para o lazer e para cuidar mais da própria saúde (supostamente deveriam fazer parte do tempo presente), permite indagar até que ponto esse consentimento para continuar levando a vida de maneira corrida, estressada e cansada, e postergar para o futuro a delimitação de mais tempo para si e cuidado com a saúde será em algum momento realizado.

*[...] às vezes a gente não se dá conta da nossa rotina [...] esse estudo seu serviu pra despertar um pouco... porque, poxa! eu não estou vivendo, eu só estou trabalhando, trabalhando, trabalhando, e chego em casa e não tenho tempo pra mim [...] às vezes **você precisa de um tempo maior**... de um tempo até de **lazer pra relaxar**, pra*

*esvaziar sua mente... pra você retomar a semana [...] eu raramente tenho dois dias livres no final de semana... o meu dia livre eu faço um plantão extra [...] isso dificulta tudo na sua vida... dificulta parte de lazer, preocupação com a casa... mas ao mesmo tempo se você não trabalhar em dois, você não teria as coisas que você tem... porque tem um período da gente que tem que ter um sacrifício [...] assim que eu retornei de férias eu me senti muito cansada... Ai meu Deus! Não vou aguentar dois trabalhos de novo... logo que eu voltei de férias daqui, eu tive que sentar um pouco e colocar minhas pernas pro alto, ficar nem que fosse meia hora cuidando de mim nesse intervalo... achei um estresse fora de série [...]por hora minha vida tem sido muito trabalho... muito dispêndio de energia, mas é por curto período de tempo... **tão logo, eu vou ter mais preocupação com a saúde...** Isso significa que enquanto eu estou trabalhando extremamente, a minha saúde fica um pouco de escanteio... mas eu não estou doente... eu estou saudável... está dando pra levar [...] acho que você tem que determinar até quando você vai levar sua vida estressante... dois anos... três anos... então eu já estipulei na minha vida que até 2015 eu fico com dois trabalhos. 2015 eu fico com um só... e passou de 2015, esse um só vai, se deixar meus finais de semana meus livres... já me preparando pra uma possível aposentadoria... de uma forma que eu estou pensando mais em viagens... mais em academia... mais no cuidado de mim... não só o trabalho... trabalho.*

Enfermeira 45:

47 anos, casada, dois filhos,
dois vínculos - plantões diurnos.

Em estudo com um grupo de gestores/empresários, Araújo (2008, p.45) alerta que as narrativas de alguns entrevistados sinalizam “[...] preferência pelas sociedades onde consideram existir uma visão de futuro ‘a conquistar’, isto é, sociedade onde o conceito predominante é o de futuro-presente.” Deste modo, esta “[...] valorização/preferência surge na oposição à ideia de ausência de futuro e centramento no presente [...]”.

O grupo de entrevistados desta pesquisa também sinaliza experiências que defendem na maioria das vezes, “[...] a necessidade de acertar a ação diária nas organizações pelos constrangimentos verificados no presente, mantendo a ação temporalmente regulada no presente-presente e projetada para o futuro-futuro [...]”, possibilitando inferir expectativas de curto/médio prazos tendo necessidade constante de gerenciar eventos inesperados no cotidiano, vivendo constantemente preocupados com as próprias vidas (ARAÚJO, 2008, p.42).

No caso do presente estudo, esta situação se expressa nas extensas jornadas e horários atípicos do hospital e as responsabilidades e demandas do tempo comprometido com a família e casa, que a todo instante competem com o tempo pessoal, fazendo com que as ações cotidianas sejam marcadas por rotinas e que as expectativas e idealizações (individuais e coletivas) sejam projetadas ou postergadas para um futuro distante.

Por exemplo, em muitas entrevistas encontram-se registros quanto ao pouco ou inexistente tempo ocupado com estudos para qualificação profissional ou consigo. Essa disponibilidade pessoal sofre e acarreta influências diferenciadas ao longo da vida de

enfermeiras e enfermeiros. Aqueles(as) profissionais que ocupam mais tempo com o trabalho remunerado e comprometido com filhos e idosos na família, referem menos tempo para investir em estudos e de modo correlato em si, convivendo constantemente com adiamentos de realizações e projetando metas para longo prazo.

*[...] agora o objetivo é esse... aí **depois que eu pagar o apartamento** talvez seja **concluir logo esse mestrado** que eu fiz umas disciplinas... já tentei colocar o pé lá... era muito chato e aquelas mulheres falaram que eu tinha que ficar na internet até de madrugada... e eu já dormia pouco... como é que eu ia ficar na internet de madrugada fazendo pesquisa... eu lia muito... se eu já não tinha tempo!?! Então eu vou buscar isso mais tarde... eu acho que vou... também não tenho certeza... buscar mestrado... doutorado... porque isso me dá mais dinheiro... talvez com o cansaço eu tenha... buscar uma outra forma de buscar dinheiro...*

Enfermeira 60:

48 anos, casada, quatro filhos, sendo um menor que 12 anos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

*[...] notando aqui (mapa de horários) a minha parte de estudo também é extremamente precária... é uma coisa que me incomoda muito... porque eu **tento até tirar um pouco desse tempo pra eu poder me atualizar** em muitas coisas... que as coisas vão mudando muito rápido na área da saúde... e eu não consigo... [...] eu me cobro isso... mas eu **não consigo me organizar pra isso, ainda...** eu acho que ainda... (silêncio...)*

Enfermeira 05:

32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

Araújo (2012) destaca que o tempo social abrange mais dimensões do que aquelas que se propõem os instrumentos de medição, como relógio ou calendário, pois existe o conceito de espera e da sua interação e manifestação nos diversos contextos sociais. Existem assim relatos no grupo de enfermeiras que apontam estratégias envolvidas pela “espera”, envolvendo perspectivas que suscitam mudanças relacionadas à rotina cotidiana. Existem narrativas que correlacionam intenções de transformar as relações de interdependência na família e a forma que cada um(a) tem de se relacionar com o próprio tempo. Seja a partir da meta focada na mudança de domicílio, bairro, cidade, ou, através da espera pelo casamento de filhos e saída de casa para levarem a própria vida. Seja pelo objetivo de diminuir situações de permeabilidade entre esferas da vida, ou ainda, por meio da espera pela modificação do comportamento do companheiro quanto à divisão equitativa de cuidado dos filhos e realização das atividades na esfera da vida privada.

[...] na verdade hoje eu estou buscando outras saídas... hoje já convenci a mudar da casa... não sei quando... mas a hora que eu mudar daquela casa, você pode ter certeza, que eu vou ter mais isso aqui (mostra no mapa de horários)... de ter que estar indo ao mercado... então eu dependo de alguém me levar, alguém pra trazer... eu estou planejando em ter uma vida mais confortável... de tudo... desce e vai comer sanduíche... porque eu não posso fazer isso em casa... tem que estar tudo lá... então,

a minha esperança... pra eu começar a mudar isso aqui, é começar a mudar de casa... mudar tudo... se ninguém casar, ir embora de casa, eu estou frita...

Enfermeira 18:

54 anos, casada, dois filhos,
um vínculo diurno sem final de semana, aposentada no 2º vínculo.

*[...] então eu acabo assumindo essa parte da noite [...] a gente tem um trato (não cumprido) de quando Z. acordar e for pra nossa cama... ele é que leva... mas **ele demora tanto** acordar... tanto a ouvir o menino chorar... que eu acabo fazendo porque eu já tenho... assim... um sono tão leve... [...] acabo assumindo e faço... pra não precisar acordar ele... já que ele não acorda... [...] eu acho também que ele relaxa porque sabe que eu vou fazer.*

Enfermeira 05:

32 anos, casada, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - não informado.

*[...] então não sou o tipo de mãe que vai ficar a vida inteira agarrada no filho... como se fosse sofrer daquela síndrome do ninho vazio... ainda não... porque eu quero **morar em outro lugar quando me aposentar...** sabe?!... eu quero aproveitar a minha vida... quero curtir as coisas que eu gosto...*

Enfermeira 26:

47 anos, casada, dois filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

No caso dos enfermeiros, na maioria das vezes, são os relatos correlacionados aos cuidados com a saúde, os mais frequentes nas entrevistas. Inúmeros são os discursos que aparecem na forma de expectativas, como por exemplo, de realizar atividade física e acompanhamento médico.

*[...] isso acaba favorecendo que eu tenha um tempo maior pra mim... apesar de eu achar também que esse tempo deveria ser até maior... **me dedicar** mais assim **a uma atividade física...** ou alguma outra coisa que no momento eu não tenho feito... sedentário...*

Enfermeiro 07:

35 anos, casado, não tem filhos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - plantão noturno.

*[...] então eu preciso disso, às vezes você não tem esse momento seu com você mesmo... esse momento que eu tenho na semana de tentar dar uma relaxada é um momento que eu desligo de tudo... mas a saúde mental ela é muito afetada. A física... ela é bem menor... eu **poderia ter uma atividade física** à nível de exercícios, que eu acho que eu poderia ter a opção... moro num condomínio que tem academia... que te oferece essa possibilidade, mas eu chego de tão exaurido no final do dia... que eu não tenho atividade que me incite a ir... não dá...*

Enfermeiro 17:

41 anos, casado, não tem filhos,
dois vínculos diurnos sem final de semana.

*[...] tudo **que eu gostaria** que me dissessem era isso... 'eu marquei sua consulta para dia tal, hora tal, com fulano...' pronto, eu iria... mas se eu tiver que marcar, vai demorar [...] se deixar por conta eu não marco...*

Enfermeiro 40:

54 anos, casado, dois filhos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - diurno sem final de semana.

[...] o que eu preciso de fazer é uma atividade física... eu não vou nem dizer que é falta do tempo... é preguiça mesmo... porque a atividade física está inserida aí igual a questão da leitura... é você encontrar uma brecha aí... você acaba fazendo... você

às vezes fica desculpando... ah!... não tem tempo... não tem tempo... mas não é isso não... como você não gosta você vai empurrando com a barriga... mas quanto a questão da saúde eu sempre fui cuidadoso...

Enfermeiro 64:

48 anos, casado, dois filhos menores que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e esporádico fim de semana
e 2º vínculo diurno sem fim de semana.

Mesmo que aparentemente essa última fala justifique a falta de tempo para investimentos voltados para si, entende-se que a correria cotidiana, além do trabalho em plantões e jornadas extensas, contribuam realmente para a escassez do tempo pessoal. A este respeito, Zerubavel (1979) ressalta a correlação entre o tempo do hospital e o tempo pessoal do paciente, regulado pelo tempo institucional, permitindo refletir que também os profissionais sofrem coerção mediante as organizações do tempo institucional.

Um aspecto essencial do tempo do hospital, também abordado por Zerubavel (1979), se refere aos horários de trabalho, de forma a garantir a assistência de modo ininterrupto, incluindo atividades noturnas e nos fins de semana. O exercício profissional nesses horários foge à regra social voltada para a atividade diurna, sendo a atividade noturna vista como anômala. Da mesma forma, a vida social está orientada em relação à semana, em que a atividade profissional se concentra nos dias úteis, sendo o trabalho nos fins de semana uma exceção (ZERUBAVEL, 1979, 1997).

Como resultado da institucionalização dos ciclos sociais, a maioria dos eventos e atividades cotidianas estão programados para o período diurno e os dias da semana, provocando conflitos e desencontros em relação ao convívio social com outras pessoas, quando a atuação profissional ocorre em períodos atípicos, isto é, durante o final de semana, período noturno ou em feriados. O enfermeiro 07 demonstra iniciativa de buscar outra formação, a fim de vislumbrar uma atuação profissional cujos horários de trabalho estejam condizentes com os eventos da vida social.

[...] eu fiz outra faculdade pra poder estudar pra concurso e sair da área de saúde... acho uma área muito ingrata com o profissional... essa questão aí que até o próprio gráfico demonstra... a gente trabalha muito... tem pouco tempo pra estar cuidando de outros... cuidando da gente... de sono... a gente perde muito tempo... não que perde... a gente passa maior parte da vida trabalhando e se deslocando... e às vezes assim... as questões pessoais... saúde... lazer... vai deixando de lado [...] apesar de não ter problema nenhum com relação à profissão... mas eu não consegui me adaptar muito nessa questão de trabalhar a noite... trabalhar final de semana... não poder programar um final de semana com a família... que geralmente quando as pessoas... os outros familiares... amigos têm uma vida normal... que é um final de semana... um churrasco... um aniversário... um casamento... as vezes você está de plantão e pra você ir você precisa trocar... e isso te traz um certo transtorno...

Enfermeiro 07:

35 anos, casado, não tem filhos,
1º vínculo - plantão diurno e 2º - plantão noturno.

Ao fazer uma transposição a partir dos escritos de Bauman (2001) para as experiências cotidianas dos(as) enfermeiros(as), pode-se observar que muitos desses profissionais entram “na dança” do princípio do adiamento da satisfação, pela necessidade de adequação aos horários e ritmos da vida institucional, necessidade de manutenção da vida e pelo desejo de acumulação do capital.

*[...] a minha saúde anda mal... no início do ano passado... fez um ano agora em fevereiro... eu sofri um acidente [...] eu fiquei seis meses em casa... pra mim foi a pior coisa do mundo... eu me tornei improdutivo... aí eu fui vendo que a minha saúde estava debilitada... tinha que tratar dela... tanto que eu emagreci durante esse período... eu comecei a cuidar melhor da minha pressão... foram seis meses cuidando da casa e de mim... aí, eu tive uma pressão que estava bem controlada... estava com uma alimentação correta [...] tem uns sete meses que eu voltei a trabalhar... já engordei... minha pressão... eu esqueço de tomar a medicação pra pressão arterial... estou com medo da minha glicemia estar mais alta... porque eu acabo comendo mal... caramba!!! Eu não estou cuidando... aí **fica no projeto**... esse mês **se der eu vou entrar na academia**... esse mês eu vou começar a cuidar disso.. mas eu fico sempre no projeto... fico jogando pra frente [...] porque eu tenho que ter pra poder pagar a escola deles (filhos)... eu tenho que ter pra poder pagar o curso da minha esposa... eu tenho que ter pra poder pagar o aluguel...*

Enfermeiro 30:

46 anos, separado, quatro filhos, sendo dois com 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º e 3º - diurnos sem final de semana.

Além da questão voltada para o autocuidado, os enfermeiros também se preocupam com a necessidade de mudar a rotina acelerada e viabilizar mais tempo para si e, sobretudo, para a vida em família. O imperativo de ter mais tempo para ficar com a família, talvez pelo longo tempo ocupado com o trabalho remunerado, destoa dos discursos femininos, que solicitam um maior tempo para si e não para o tempo comprometido.

*[...] eu **queria ter mais tempo pra mim**... às vezes eu fico assim... queria ter mais tempo pra sair... pra ver alguma coisa pra mim... ou pra organizar as minhas coisas [...] ou eu gostaria muito de estar visitando a minha mãe... de estar vendo os meus filhos... sou separado... e as vezes eu não consigo... **isso me frustra**... isso realmente me deixa assim... muito triste... eu queira fazer mais e não consigo [...] **não consigo ligar pra os meus filhos**... eu não consigo ficar o final de semana com eles... eu não consigo ficar com a minha esposa...*

Enfermeiro 30:

46 anos, separado, quatro filhos, sendo dois com 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º e 3º - diurnos sem final de semana.

[...] então isso aqui (mapa de horários) mostra muito bem quem eu sou e isso aqui mostra muito bem as opções que eu fiz. O problema é quando o cara vai olhar pra esse quadro aqui e vai lembrar daquela música dos Titãs, Epitáfio... ‘devia ter trabalhado menos... amado mais...’ é isso... o cara tem que saber qual o tempo... pra que ele está trabalhando?... quanto você precisa pra ser feliz?... qual o dinheiro que dá conta das suas necessidades?...

Enfermeiro 39:

48 anos, casado, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

[...] se o dia tivesse mais tempo, de repente eu saía com mais calma de casa, eu dormiria com mais tranquilidade, eu teria mais tempo pra fazer minhas atividades físicas, eu teria que estar aqui sem precisar ser acionado no outro momento... é por aí... só nesse sentido... eu faço assim corrido... sai do trabalho... vou fazer atividade física... às vezes eu estou muito cansado... eu precisaria ter descanso maior... até para as coisas terem resultados mais satisfatórios...

Enfermeiro 04:
60 anos, separado, dois filhos,
1º vínculo - diurno sem final de semana e 2º - plantão noturno.

A projeção de estratégias transcende a ideia de um tempo presente ou de expectativas em curto ou médio prazo. Como pode ser visto, a fala do enfermeiro 39 a seguir expressa referências de interdependências que sinalizam o investimento na atenção/cuidado dos filhos com vistas ao tempo que transcende o dia a dia. Esse tempo ocupado, não só contribui para equidade de gênero, como também direciona a ideia correlacionada indiretamente à espera, como expectativa no sentido de esperança, com a probabilidade de ser cuidado pelos filhos no futuro.

*[...] eu acho que você tem que ter o contentamento... buscar o que é que te dá felicidade... o que te faz feliz... hoje o que está me deixando em harmonia é exatamente isso que apareceu aqui... (mapa de horários) de quando eu fico bastante com as pessoas que me são caras [...] cuido da minha mãe... cuido das minhas filhas [...] então eu tenho que ter preocupação com essas pessoas... eu tenho que ter bem essas pessoas bem pra eu estar bem [...] então acho que **cuidar das pessoas é cuidar de mim**... acho que cuidar das pessoas é cuidar, não é cuidar do seu futuro... é manter bem... gostaria que tivesse mais tempo cuidando de pessoas.*

Enfermeiro 39:
48 anos, casado, dois filhos, sendo um menor que 12 anos,
1º vínculo - plantão noturno e 2º - diurno sem final de semana.

Em suma, são inúmeras as inquietações quanto às dificuldades em delimitar estratégias que deem o “tom de equilíbrio” em suas relações tensas e desiguais com o tempo dos outros e o próprio tempo. As enfermeiras expressam mais suas inquietações, até mesmo as angústias correlacionadas à falta de perspectivas quanto às situações de simultaneidade e às interdependências relacionadas aos usos dos tempos contratado, comprometido e pessoal. No entanto, as dificuldades em compartilhar estratégias imediatas e a falta de expectativas que remetem ao processo de interdependência criado ao longo dos anos, entre os trabalhos e as demandas das famílias, estão relacionadas tanto à vida das enfermeiras, quanto dos enfermeiros.

5 - Considerações Finais

*A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.
 Quando se vê, já são seis horas!
 Quando se vê, já é sexta-feira...
 Quando se vê, já terminou o ano...
 Quando se vê, perdemos o amor da nossa vida.
 Quando se vê, já passaram-se 50 anos!
 Agora é tarde demais para ser reprovado.
 Se me fosse dado, um dia, outra oportunidade, eu nem olhava o relógio.
 Seguiria sempre em frente e iria jogando, pelo caminho, a casca dourada e inútil das horas.
 Desta forma, eu digo:
 Não deixe de fazer algo que gosta, devido à falta de tempo,
 pois a única falta que terá,
 será desse tempo que infelizmente não voltará mais.
 [...]
 O tempo não pára! Só a saudade é que faz as coisas pararem no tempo.
Mário Quintana*

Faz-se imprescindível a imposição de uma pausa, mesmo contraditória, em busca de um desfecho que permita a sensação de dever cumprido. Deste modo, permitindo-se neste momento uma escrita mais livre, a inserção de uma vírgula ou reticências, e não um ponto final, contribui para coagir o ímpeto compulsivo de prolongar a escrita e ainda permitir retomar este caminho analítico quando oportuno.

A presente pesquisa tornou-se um desafio, em função do esforço empreendido para desconstruir “verdades” ilusórias consolidadas através de anos de atuação profissional. Direcionar o foco para o cotidiano desses(as) profissionais, permitiu não só confirmar algumas impressões e inquietações, como dar continuidade a indagações, além de contribuir para ampliar conhecimentos e fortalecer grupos e linhas de pesquisas na área de gênero, usos do tempo, saúde e Enfermagem.

Ao levar em consideração que grande parte das pesquisas na área de gênero ainda prioriza reflexões direcionadas especificamente ao grupo feminino, realizar este estudo se mostra relevante, sobretudo por ter investigado experiências de mulheres e homens.

O ponto de partida para tornar visível a assimetria das relações de gênero e dos usos do tempo, a partir do tempo de trabalho no hospital se deu através do registro das atividades diárias por enfermeiras e enfermeiros, durante uma semana. Confrontar esses registros com os próprios sujeitos e dialogar sobre os mesmos, viabilizou cruzar informações quantitativas e qualitativas, enriquecendo as análises.

O uso de múltiplas referências teóricas para análise dos dados foi necessário em função da complexidade do objeto investigado. Entretanto, vale destacar que o fio condutor

desse processo esteve centrado nos pensamentos de Norbert Elias. Através da teoria das “configurações de interdependências” foi possível refletir sobre os conflitos de interesses, mas também sobre os equilíbrios de tensões e de poder nas relações entre os sexos, nos diversos espaços e tempos da vida, caracterizando relações de interdependências. Essa teoria faz referência ao movimento de equilíbrio que tensiona as posições das pessoas na sociedade. Ao apresentar influências de uma construção histórica a partir do processo de civilização e mudanças de costumes, permite reflexões, mesmo que implícitas, sobre a relação entre indivíduo e sociedade. Encontrando eco nos dizeres de Gutiérrez (2008), ao ressaltar que o estudo do tempo põe em foco algumas das dicotomias básicas no campo das Ciências Sociais, como natureza/cultura, universal/particular, indivíduo/sociedade e tradicional/moderno.

Ressaltar questões que grande parte das pessoas tende a ignorar cotidianamente foi uma das intenções implícitas neste percurso analítico, isto é, compreender as múltiplas incongruências que perpassam os discursos e práticas rotineiras e corridas desses(as) profissionais.

Ao longo da realização deste trabalho, surgiu a clássica dicotomia tradicional/contemporâneo, sinalizando possibilidades de classificações e comparações com forte viés de gênero. Em geral, pode-se observar o convívio de questões que tanto reforçam as desigualdades de gênero, quanto questionam os modelos tradicionais existentes nas relações cotidianas de enfermeiras e enfermeiros. A rede de dependências, identificada a partir de conflitos de interesses e disputas de poder, permitiu refletir sobre espaços e tempos público e privado que se encontram ou se confundem, no dia a dia da vida dessas e desses trabalhadores. Ainda a partir do gênero, foi possível sinalizar diferenças quanto à realização do trabalho doméstico e de atividades simultâneas, quanto ao uso do tempo para si e para os outros, quanto à maneira como os(as) entrevistados(as) percebem a saúde e quanto às estratégias utilizadas para equilibrar tensões advindas de relações e usos do tempo desiguais.

Desta forma, questiona-se em que medida as enfermeiras envolvidas em funções que associam poder, mediante cargos de chefias, administração de setores e gerência de pessoas, conseguem efetivar mudanças nas relações tradicionais de gênero. E até que ponto os enfermeiros, por atuarem numa profissão tida historicamente como feminina, realizam experiências que contribuem para minimizar as assimetrias de gênero. Tinha-se uma ideia inicial, de que as informações geradas a partir desta tese integrassem “um aspecto

supostamente transgressor” às relações tradicionais de poder, de forma similar ao que supunha Cyrino (2010) com relação à pesquisa realizada com mulheres executivas. Apesar da mixidade de gênero existente na Enfermagem (LANZA, 2006; PEREIRA, 2008), exemplificada neste estudo, diante do encontro de enfermeiros ocupando cargos na direção de Enfermagem do hospital e de várias enfermeiras envolvendo-se em atividades de gerência e coordenação de setores para além da chefia de equipe, foi confirmada uma tendência à manutenção de padrões tradicionais, principalmente quando observadas as relações no âmbito da vida privada.

A partir da análise desse grupo, foi possível identificar que aqueles(as) enfermeiros(as) que realizam atividades associadas à gerência, e os(as) que iniciaram as atividades profissionais em meio à turbulência crescente das tecnologias de informação e comunicação, parecem mais propensos a usarem os tempos de modo constrangidos, simultâneos ou com intervalos pequenos entre as atividades, além de permitirem situações de permeabilidades entre as esferas público-privadas.

Foi possível observar maior permeabilidade por parte das enfermeiras para a ocupação da esfera doméstica com demandas da pública e vice-versa. Tal situação reflete um acúmulo de preocupações e sobrecarga que constrange os tempos e afeta a saúde e os “modos de levar a vida”. Já os enfermeiros, na maioria das vezes apresentam maior aceitação com relação às permeabilidades público-privadas quando existem acordos prévios com a instituição. No entanto, isso não os impede de demonstrar dificuldades de se relacionar com tais situações, revelando fortes conflitos.

O uso da teoria “conflito trabalho-família”, contribuiu para elucidar desigualdades entre os grupos de enfermeiras e enfermeiros, especificamente no que tange aos conflitos que envolvem a dinâmica entre a casa/família e o trabalho remunerado, principalmente quando exploradas as tensões surgidas a partir dos usos do tempo que interferem nesse ou naquele domínio da vida cotidiana; rivalizando disponibilidades e compensações.

O referencial teórico construído por Norbert Elias tornou-se imprescindível no processo de análise da tese, sobretudo quando as relações expressas pelas enfermeiras e enfermeiros perpassam “jogos de poder” que transcendem o núcleo da família, ou seja, caracterizando “configurações de interdependências” não só com os companheiros, mas também com empregadas domésticas, filhos mais velhos, irmãos que compartilham cuidados de idosos, pais e outros familiares ou pessoas do círculo afetivo. Desta maneira, pode-se encontrar na posição que ocupa cada pessoa que compete espaço no tempo das(os)

entrevistadas(os), relações de dependência recíproca que permitem analisar também o equilíbrio de poder entre eles. Desta maneira, foram levadas em consideração tanto as tensões e conflitos presentes nessas teias que se entrelaçam, quanto os movimentos de equilíbrio/mudanças existentes nesses processos (ELIAS, 2008).

Quanto às estratégias utilizadas por enfermeiras e enfermeiros para equilibrar as tensões, foi possível observar que mediante o dia a dia corrido, tanto o grupo feminino quanto o masculino objetivam oportunizar mais tempo para si. Assim, são encontradas falas que sinalizam intenções ou iniciativas de: proporcionar mais descanso, autocuidado, lazer/atividade física, psicoterapia e tempo livre, não assumir cargos de chefia, diminuir os tempos contratados e comprometidos, tentar desacelerar, agir com moderação e calma etc.

Com relação ao processo saúde-doença, buscou-se observar em que medida existem relações com esses usos do tempo, sobretudo através da centralidade do trabalho cotidiano, que se apresentam a partir de tensões, conflitos e desigualdades. Ambos os grupos parecem afetados por essas formas de relação com os tempos.

As enfermeiras expressam maiores níveis de desgaste – referido como estresse –, mediante experiências que destacam a presença de cansaço e sobrecarga relacionados a uma vida corrida e sempre ocupada. Prevalecem jornadas de trabalho ininterruptas e atípicas e usos dos tempos constrangidos, além de prevalecer a realização de várias coisas ao mesmo tempo, caracterizando maior uso do tempo comprometido com os outros do que disponibilidade de tempo para consigo.

Os enfermeiros, mesmo relatando experiências de simultaneidade e sobrecarga, apresentam tendências de preservar um pouco mais de tempo para si. E mesmo que refiram grande tempo ocupado com o trabalho remunerado, procuram evitar, resistir ou até mesmo “controlar” as situações de simultaneidades, de permeabilidades e de usos constrangidos dos tempos, além da iniciativa de evitar conflito trabalho-família e de disponibilizar mais tempo livre.

Deste modo, quando se trata de vida corrida, sobreposição de ações e sobrecarga no trabalho remunerado e nas demais inserções da vida, múltiplos vínculos e jornadas de trabalho que incluem plantões noturnos e nos fins de semana, a partir do tempo de trabalho no hospital, evidencia-se para ambos os grupos, uma relação tensa entre os usos do tempo e o processo saúde-doença, desencadeando consequências negativas, além de dificuldades quanto a tomadas de decisões com relação ao autocuidado.

Destacando as relações entre usos do tempo e questões de gênero, dentre as temáticas discutidas nesta tese, o conflito trabalho-família é um dos assuntos que se mostrou explícito nas narrativas quando foram tratadas as questões referentes às situações de permeabilidades existentes na interface público-privada. Principalmente aquelas situações que migram da esfera pública para a privada.

A recente publicação da Organização Internacional do Trabalho (OIT), de 2010, sobre os riscos emergentes no trabalho e os novos modelos de prevenção, faz referência à presença de fatores psicossociais e ao estresse que estão relacionados com as mudanças que têm ocorrido com a atividade laboral (novas formas de relações contratuais, intensificação no trabalho, envelhecimento e elevadas exigências emocionais de trabalhadores etc.), gerando repercussões inevitáveis sobre as condições de trabalho, que por sua vez interferem no equilíbrio entre a vida profissional e a vida privada, modificando o cotidiano da vida contemporânea.

Neste contexto, a expressão “são chegados os tempos...” parece adequada para sinalizar o quanto é urgente a necessidade de desenvolver ações que fomentem transformações nos modos de vida das pessoas e sociedades. Esta afirmativa está calcada nas evidências sobre o predomínio de usos dos tempos excessivamente acelerados, automatizados e constrangidos, e relações de interdependências desiguais entre os sexos. Constata-se desta maneira, a necessidade de sustentar a operacionalização de “políticas públicas” que garantam a promoção de relações mais equilibradas, “lentas” com relação ao tempo, mais “equânimes” nas relações entre os sexos.

Quanto aos usos do tempo, existem iniciativas que fazem parte da rede internacional *slow cities* ou *cittaslow*, isto é “Cidade Lenta” ou “Cidades do Bem-Viver”, que são exemplificadas por algumas cidades da Toscana, na Itália, e no Brasil por Tiradentes, em Minas Gerais e Antônio Prado, no Rio Grande do Sul. Baseadas em tendências que preconizam desacelerar as atividades e eventos cotidianos, operacionalizam um movimento que compartilha acordos para atender várias exigências que são direcionadas à necessidade de incorporar movimentos de lentidão. Derivada do *slow food*, essa proposta, por exemplo, além de preconizar cuidado com o meio ambiente e a valorização dos produtos locais, estimula a garantia de tempo para que as pessoas passem a observar como tem sido o tempo livre, as atividades de lazer e a própria alimentação. Esse

movimento envolve políticas públicas que prezam pela mudança de estilos de vida da população.³³

A necessidade de fomentar políticas públicas tem se mostrado como fonte de preocupação evidenciada por vários países que compõem a União Europeia, como Suécia, Dinamarca, Holanda e Portugal. O objetivo dessas políticas é propiciar mais tempo para homens e mulheres, com iniciativas associadas à articulação entre a vida profissional e a privada. Por exemplo, como descreve Schouten (2008) o “Centro do Tempo” é um projeto comunitário que envolve uma rede de voluntariado e técnicos especializados, com o intuito de operacionalizar atividades num mesmo local, como lavanderia, atelier lúdico-pedagógico, serviço de transporte e acompanhamento de pessoas, centro de convívio para idosos, dentre outros, a fim de atender famílias com horários atípicos e recursos financeiros modestos. Em Portugal, “ConVidas” foi outra iniciativa originária de um trabalho que envolve, por exemplo, a Associação de Desenvolvimento Local, a Câmara Municipal de Covilhã e o Centro de Estudos Sociais da Universidade da Beira do Interior, que além de viabilizar novas formas de organização do trabalho, permitindo melhor articulação com a vida privada, também desenvolve atividades a partir de uma rede de voluntariados em prol da qualidade de serviços de apoio à família. Outro exemplo de política pública existente, diz respeito à regulamentação de uma lei na Holanda que obriga as escolas básicas a acolher os alunos de 07 horas e 30 minutos até 19 horas, conforme necessidade dos pais, a fim de beneficiar as crianças e as mães que desejam voltar ao mercado de trabalho em tempo integral (SCHOUTEN, 2008).

Com relação à importância dessas políticas, Stinson (1999) refere que embora as pesquisas de usos do tempo tenham origem no âmbito das Ciências Sociais e sejam dominadas pelo mundo empresarial, a partir do viés de gerenciamento do tempo, existe um rápido reconhecimento do valor dessas informações pelos governos de Estado.

No Brasil, apesar de um avanço no campo das políticas públicas, demonstrando a necessidade de promover a autonomia de mulheres e igualdade de gênero, marcado pela criação do Comitê Técnico de Estudos de Gênero e Uso do Tempo³⁴, pela Portaria Interministerial nº 60, de 19 de setembro de 2008, e pela inserção de pesquisas sobre os usos do tempo pelo IBGE, não foram encontradas iniciativas explícitas, como as

³³ Maiores informações encontram-se disponíveis nos sites <http://base.d-p-h.info/pt/fiches/dph/fiche-dph-8591.html> e <http://www.goethe.de/ges/umw/dos/nac/leb/pt1368906.html>. Acessados em 22.05.2013.

³⁴ In: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/eixo/indicadores/comite-de-genero-e-uso-do-tempo>. Acessado em 02.06.2013.

exemplificadas acima, com a intenção de fomentar práticas que associem dispositivos relacionados aos usos do tempo e às questões de gênero.

Deste modo, reforça-se a necessidade de avanços relativos à implementação de políticas cuja missão seja contribuir para igualdade de gênero a partir dos usos do tempo. Seria um passo importante a garantia de serviços, quer sejam aqueles estruturados no local de trabalho, quer sejam aqueles providenciados pelo próprio profissional, com propósito de operacionalizar apoio social ou terapêutico. Assim, poder-se-ia contribuir para que esses(as) trabalhadores(as) conseguissem enfrentar e conviver, de modo menos tenso, com as situações de conflito trabalho-família e conflito família-trabalho (GREENHAUS; BEUTELL, 1985). Para isso, há necessidade de participação conjunta do Estado, do mercado privado e da própria população.

Ressalta-se também a importância de fomentar pesquisas com perfil qualitativo, correlacionadas às desigualdades entre homens e mulheres a partir dos usos do tempo, que contribuam de forma complementar, dando sentido aos dados do levantamento quantitativo realizado pela pesquisa nacional por amostra de domicílios do IBGE. A perspectiva é que esses estudos subsidiem políticas que assegurem direitos com relação às assimetrias de gênero em função de usos do tempo também desiguais, e quem sabe, direcionar a organização de iniciativas como as descritas acima por Schouten (2008).

Os resultados dessa investigação ainda poderão subsidiar as próprias entidades da categoria (Conselho Federal de Enfermagem – COFEN e os Conselhos Regionais de Enfermagem – COREN's) quanto à importância de pautar essa temática nas discussões, projetos ou medidas provisórias, a fim de garantir menor carga horária de trabalho remunerado semanal.

Em síntese, investigar as questões referentes aos usos do tempo não é apenas um desafio intelectual e científico, é também uma importância prática para os indivíduos envolvidos, para as organizações em que trabalham e para a sociedade em geral (AMSTAD; SEMMER, 2009).

Este estudo contribui para a ampliação das análises correlacionadas à pesquisa na área de gênero no âmbito do trabalho, usos do tempo e da saúde, tornando-se possível sinalizar pistas que problematizem e questionem a normatização de discursos singulares e estereotipados que naturalizam as noções universais de mulher e de homem. Além de contribuir para o surgimento de construções discursivas mais pluralizadas dos usos do tempo e das questões de gênero, com destaque para a divisão sexual do trabalho. Ao

refletir sobre as relações entre as esferas pública e privada da vida de enfermeiras e enfermeiros, procurou correlacionar as possíveis repercussões que os usos desiguais do tempo geram nas relações de gênero na vida desses(as) profissionais.

Ainda possibilita reflexões que podem ser usadas como contribuições para implementar a formação do(a) futuro(a) enfermeiro(a). Ao serem cada vez mais incluídas nas grades curriculares dos cursos de graduação e de pós-graduação, estariam fortalecendo discursos, formações e futuros exercícios profissionais, contribuindo para a transformação de trajetórias e do imaginário social acerca da mulher-enfermeira e do homem-enfermeiro nas múltiplas inserções existentes no mundo a partir das configurações do trabalho. Pode ainda ser importante para que as futuras gerações reflitam sobre a importância de usos cotidianos do tempo que transcendam os tempos para os trabalhos remunerados e sobre a necessidade de garantir relações de dependências a partir do trabalho menos estereotipadas e mais plurais.

Boa parte deste ensaio tratou de reflexões que passam à margem de grandes assuntos ou importantes temáticas vinculadas às ampliadas discussões macrossociais. Numa perspectiva microanalítica foi possível, a partir da relação entre pesquisador e sujeitos pesquisados, explicitar o quanto o nível de comprometimento das(os) enfermeiras(os) durante o processo de coleta de dados contribuiu para o êxito desta tese. Tornar público assuntos da vida privada, em meio às contradições, ambiguidades, tensões e conflitos que remetem a particularidades e intimidades, torna-se um desafio a ser enfrentado nos processos de investigação. Vale destacar que esse desafio foi ultrapassado na medida em que os(as) entrevistados(as) confiaram no papel do investigador e na relevância da temática da tese.

Em que pese a contribuição do presente estudo, cabe apontar algumas limitações deste processo de investigação. A primeira situação encontrada, logo no início do trabalho de campo, foi a sinalização de resistência de participação na pesquisa, por parte de algumas enfermeiras que exerciam atividades em escalas exclusivas de dia de semana, sendo necessário reorientar a escolha dos locais da pesquisa e dos critérios de inclusão dos sujeitos. Neste sentido, como ocorre em outros estudos, os dados retratam a visão dos(as) enfermeiros(as) que se mostraram mais interessados(as) em participar, possivelmente os(as) mais sensíveis ao tema e, portanto, não necessariamente refletem o conjunto dos trabalhadores da Enfermagem. Em relação à amostra estudada, a prioridade dada aos(as) enfermeiros(as) com duplo vínculo pode ter contribuído para uma superestimativa da

sobrecarga de trabalho profissional. Eleger variáveis para inclusão dos sujeitos como “filhos menores e idosos na família” pode também ter direcionado alguns resultados desta pesquisa no sentido de ressaltar o tempo dedicado ao cuidado de crianças e idosos. Além disso, o número de pessoas estudadas restringiu as análises estatísticas, já que não havia como considerar diversas variáveis que podem ter influenciado os usos do tempo nas comparações entre enfermeiros e enfermeiras. Ainda com relação aos limites encontrados, identificou-se que a coincidência do feriado do carnaval com o período de coletas de dados com alguns sujeitos, pode ter descaracterizado a realidade da rotina cotidiana.

Como sugestão de desdobramentos para futuras pesquisas, tendo em vista que o presente estudo fez referências às famílias dos(as) enfermeiros(as) em muitas situações, seria interessante explorar as relações nesse âmbito, inserindo coletas de informações com os demais componentes do domicílio. Como exemplo, realizar um grupo focal com cada família tornaria explícito também observar como são os usos do tempo das pessoas que convivem com os(as) entrevistados(as) na vida privada e seria possível aprofundar reflexões quanto à divisão sexual do trabalho, às situações de permeabilidade e simultaneidade, além de refletir sobre as possíveis interferências que a dinâmica da família suscitaria na prática profissional. Além desse ponto, ressalta-se a intenção de ampliar o uso desse caminho metodológico, a partir do dispositivo criado nessa tese (“caderneta de atividades” – “mapa de horários” – “entrevista de confrontação”), a partir da realização de estudos com outras profissões da área da saúde e quiçá de outras áreas do conhecimento, a fim de efetivar investigações comparativas.

Tendo em vista que grande parte do grupo investigado aponta a necessidade de “delimitar um tempo maior para si”, entende-se que a contribuição desta investigação seja suscitar reflexões e argumentos capazes de valorizar o tempo que cada profissional deve investir nos inúmeros momentos da vida, que não seja somente para o trabalho remunerado. Pois, mesmo que crie uma demanda por uma maior sincronização de diferentes momentos da vida cotidiana, segundo Pronovost (2007) as pessoas estão se tornando cada vez mais conscientes da importância de conciliar a vida familiar, vida pessoal e responsabilidades profissionais.

Esta investigação poderá fomentar a continuidade de um *novo velho* debate, colocado inicialmente em pauta pelo movimento feminista. Visto que adentramos os tempos deste século XXI, reafirmando presença e recriando alternativas responsáveis por

permanecer questionando e refletindo sobre teorias que se esbarram nas experiências em que paradoxalmente “[...] tudo muda e nada muda [...]”.³⁵

Assim sendo, permite refletir sobre tempos e espaços, que se tensionam de forma que, por um lado, dificultam o processo de modificação das relações designadas tradicionalmente, mas por outro, viabilizam análises sobre os movimentos que apontam mudanças nas relações tradicionais entre os sexos, tanto na vida profissional quanto no âmbito privado.

Com relação ao cotidiano da vida privada seria interessante, por exemplo, que as famílias conseguissem efetivar processos de educação capazes de exemplificar relações de gênero com menos desigualdades. Pois, numa perspectiva de longo prazo, aposta-se que “investir na educação” das(os) filhas(os) seja um dos movimentos mais interessantes que se apresenta como alternativa para mudar padrões tradicionais e favorecer maior equilíbrio de poder entre os sexos.

Tornar visível que as relações de gênero no âmbito do trabalho de enfermeiras e enfermeiros ainda estão exteriorizadas por assimetrias, contribui para observar o quanto essas interdependências necessitam de contínuo movimento analítico, expressando um exercício reflexivo que focalize não só os conflitos de interesses e disputas de poder, mas também os equilíbrios de tensões e equidades. Principalmente quando as expectativas de mudanças dizem respeito às políticas públicas e ao mercado de trabalho na área da saúde.

Nesta tese as reflexões prosseguiram a partir da defesa de que sempre existem possibilidades de transformações, visto que a vida encontra-se suscetível a movimentos. Todavia, resta conjecturar em que medida as relações entre indivíduo e sociedade expressam a efetiva realidade dessas transformações. E até que ponto contribuem para concretizar tempos em que as relações sejam mais plurais e justas entre homens e mulheres.

Sem deixar de reconhecer a importante contribuição do tempo ocupado com o trabalho na vida, e sem a intenção de fazer apologia à ociosidade, cabe parafrasear Lafargue (2000) sobre uma “estranha loucura sacrossantificada” ao trabalho que consome exageradamente grande parte do tempo cotidiano e arrasta consigo misérias individuais e sociais torturando e levando, em muitas situações, até ao esgotamento das forças vitais. Entendendo-se que se encontra afetada a complexa relação entre corpo, mente e espírito, faz-se urgente a necessidade de parar um momento e voltar a atenção um pouco mais para

³⁵Sugere-se leitura de Hirata e Kergoat (2007).

si. A fim de mostrar que a forma como têm se articulado desigualmente nas relações entre os tempos cotidianos, afetam não somente as relações de gênero como também a saúde e o modo de levar a vida.

Torna-se cada vez mais difícil o controle do próprio tempo. Metaforicamente, parece que esses tempos individuais têm sido cada vez mais *roubados* pelos outros e que as relações cotidianas são efetivadas tendo o tempo como recurso de troca. Permite-se assim uma transposição a partir do filme “O preço do amanhã” de Andrew Niccol, com a intenção de interromper os escritos dessa tese de modo reflexivo. Ressalta-se que haverá tempos em que necessitaremos *penhorar* o tempo e *competir* com o tempo dos outros a fim de garantir a sobrevivência do próprio tempo. A sensação de que a vida tem sido levada em função da *escassez* de tempo, parece suscitar lembranças de que as pessoas estão *aprisionadas* ao *próprio tempo*, sofrendo coerções do mesmo tempo que pode controlar o mercado e as nações. Desta forma, haverá um tempo em que o *tempo*, no lugar do dinheiro regulará as relações. E esse processo de compra e venda significará não somente a forma de relação entre as nações como também a condição de manter a vida.

Em suma, seria ingênuo considerar a existência de um fim. Deste modo, torna-se pertinente destacar que as reflexões inerentes às desigualdades desses usos do tempo relacionados às questões de gênero presentes nos jogos de poder, caracterizaram situações que se encontram em movimento, necessitando assim, de um *continuum* analítico nas múltiplas áreas do conhecimento.

6 - Referências Bibliográficas

AGUIAR, N. F. Múltiplas temporalidades de referência: trabalho doméstico e trabalho remunerado em uma plantação canavieira. **Gênero**, Niterói, Universidade Federal Fluminense, v.1, n.2, p.75-106, 2001.

_____. Metodologias para o levantamento do uso do tempo na vida cotidiana no Brasil. **Revista Econômica**, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.64-82, junho, 2010.

AHMAD, H. Gender Differences in the Boundary Penneability between Work and Family Roles. **Pertanika J. Soc. Sci. & Hum.**, Selangor, Malaysia, Faculty of Educational Studies, Universiti Putra Malaysia, v.6, n.1, p.43-49, 1998.

ALBERGARIA, A. C. S. A. **Discursos do tempo sentido** - percepções e usos do tempo. O caso dos Professores Auxiliares. 2006. 178f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade do Porto, Porto/Portugal, 2006.

ALEVATO, H. Tecnoestresse: entre o fascínio e o sofrimento. **B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof.**, Rio de Janeiro, v.35, n.3, set./dez. 2009.

AMÂNCIO, L. Género e divisão do trabalho doméstico - o caso português em perspectiva. In: Wall, Karin & Amâncio, Lúcia. **Família e género em Portugal e na Europa**. Atitudes Sociais dos Portugueses, n.7, p.181-209, Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

AMÂNCIO, L. O género no discurso das ciências sociais. **Análise Social**, v.38, n.168, p.687-714, 2003.

AMSTAD, F. T.; SEMMER, N. K. Recovery and the work-family interface. Research in Occupational Stress and Well-being. **Current perspectives on job-stress recovery**. Emerald Group Publishing, v.7, p.125-166, 2009.

ANSEMI, M. L.; DUARTE, G. G.; ANGERAMI, E. L. S. “Sobrevivência” no emprego dos trabalhadores de enfermagem em uma instituição hospitalar pública. **Rev. Latino-Am. Enfermagem.**, v.9, n.4, p.13-18, 2001.

ANXO, D.; CARLIN P. Intra-family time allocation to housework - French evidence. **Electronic International Journal of Time Use Research**. v.1, n.1, p.14-36, 2004.

ARAÚJO, E. Modos de governação do tempo : a dimensão cultural. In: Araújo, E., Duarte, A. M. e Ribeiro, R. (orgs). **O tempo, as culturas e as instituições**: para uma abordagem sociológica do tempo, Edições Colibri. Lisboa, p.29-62, 2008.

_____. **A espera e os estudos sociais do tempo e sociedade**. In: Seminário: Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as ciências sociais e humanas (e-book). Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade/Centro de Investigação em Ciências Sociais. Emília Araújo & Eduardo Duque (eds.), p.9-25, 2012.

ARAÚJO, T. M. et al. Aspectos psicossociais do trabalho e distúrbios psíquicos entre trabalhadoras de enfermagem. **Rev. Saúde Pública** [online], v.37, n.4, p.424-433, 2003.

BAGGIO, M. A.; ERDMANN, A. L.; SASSO, G. T. M. D. Cuidado humano e tecnologia na enfermagem contemporânea e complexa. **Texto contexto – enferm.** [online], v.19, n.2, p.378-385, 2010.

BALSANELLI, A. P.; ZANEI, S. S. S. V.; WHITAKER, I. Y. Carga de trabalho de enfermagem e sua relação com a gravidade dos pacientes cirúrgicos em UTI. **Acta paul. enferm.**, v.19, n.1, p.16-20, 2006.

BARBOSA, C. **A tríade do Tempo.** Um Modelo Comprovado para Organizar sua Vida, Aumentar sua Produtividade e seu Equilíbrio. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2011.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Edição revista e atualizada. Lisboa: Edições 70, Lda., 2009.

BAUDOUX, C.; ZAIMAN, C. **Égalité entre les sexes: mixité et démocratie.** Paris: L'Harmattan, 1992.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Tempos líquidos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BEHRING, E. R.; BOSCHETTI, I. **Política Social: fundamentos e história.** Ed. 3. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

BERG, E. **Doze conselhos “amigos da onça” para ter um infarto feliz.** In: <http://www.administradores.com.br/artigos/administracao-e-negocios>. Acesso: 30/05/2013.

BLUERDORN, A. C.; KAUFMAN, C. F.; LANE, P. M. How many things do you like to do at once? An introduction to monochronic and polychronic time. **Academy of Management Executive**, v.6, n.4, p.17-26, 1992.

BONKE, J. Children's housework - Are girls more active than boys? **Electronic International Journal of Time Use Research.**, v.7, n.1, p.1-16, 2010.

BONKE, J.; GUPTA, N. D.; SMITH, N. Timing and Flexibility of Housework and Men and Women's Wages. **IZA Discussion Papers.**, n.860, p.1-34, August, 2003.

BORDIN, L. C. **Distribuição do tempo das enfermeiras: identificação e análise em unidade médico-cirúrgica.** 2008. 166f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BORDIN, L. C.; FUGULIN, F. M. T. Distribuição do tempo das enfermeiras: identificação e análise em Unidade Médico-Cirúrgica. **Rev. esc. enferm. USP.**, v.43, n.4, p.833-840, 2009.

BOTELHO, A. **Do fordismo à produção flexível: a produção do espaço num contexto de mudanças das estratégias de acumulação do capital.** São Paulo: Ed. Annablume, 2008.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRANGIER E. ; VALLERY G. Aspects psychologiques et organisationnels des nouvelles technologies de l'information et de la communication. In: Brangier, E., Lancry, A., Louche, C. (orgs.) **Les dimensions humaines du travail**. Théories et pratiques en psychologie du travail et des organisations, Presses Universitaires Nancy, p.213-254, 2004.

BRASIL. **Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde**. www.cnes.datasus.gov.br. Acessado em 15.01.2013.

_____. **Lei Nº 5859 de 1972 / Emenda Constitucional Nº 72 de 2013** - PEC das empregadas domésticas. In: <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2013/04/02>. Acessado em 30.04.2013.

_____. Ministério da Saúde. Regionalização da Assistência à Saúde: aprofundando a descentralização com equidade no acesso: **Norma Operacional da Assistência à Saúde: NOAS-SUS 01/2002** e Portaria MS/GM n.º 373, de 27 de fevereiro de 2002 e regulamentação complementar / Ministério da Saúde, Secretaria de Assistência à Saúde. Departamento de Descentralização da Gestão da Assistência. – 2. ed. revista e atualizada – Brasília-DF, 2002.

_____. Ministério de Estado da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República. **Portaria Interministerial nº 60, de 19 de setembro de 2008**. Criação do Comitê Técnico de Estudos de Gênero e Uso do Tempo. Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República e do Planejamento, Orçamento e Gestão. Brasília, DF, 2008. In: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/eixo/indicadores/comite-de-genero-e-uso-do-tempo>. Acessado em 02.06.2013.

BREILH, J. Eficacia del Poder, Retroceso del Derecho y Degradacion del Trabajo: el Escenario Regresivo de la Salud Laboral en América Latina. In: **Anais do Encontro Nacional de Saúde do Trabalhador**, 16 a 18/06/1999. Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Área Técnica de Saúde do Trabalhador. Organizado por Silva, J. M. et al., Brasília, DF. p.16-38, 2001.

BRITO, J. C. **Saúde, trabalho e modos sexuados de viver**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1999.

BRITO, J. C. et al. Saúde, subjetividade e trabalho: o enfoque clínico e de gênero **Rev. Bras. Saúde Ocup.**, São Paulo, v.37, n.126, p. 316-329, 2012.

BRUNI, S. L. **SPSS Aplicado à Pesquisa Acadêmica**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.132, p.537-572, set./dez. 2007.

_____. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? **R. bras. Est. Pop.**, São Paulo, v.23, n.2, p.331-353, jul/dez, 2006.

BRUSCHINI, M. C. A.; RICOLD, A. M. Revendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.20, n.1, p.259-287, jan-abr., 2012.

BURGESS, P. W. "Real-World Multitasking from a Cognitive Neuroscience Perspective." in **Control of Cognitive Processes: Attention and Performance VIII**, edited by Stephen. Monsell and Jon Driver. Cambridge, MA: MIT Press, p.465–72, 2000.

BURKE, R. J.; GREENGLASS, E. R. Work–family conflict, spouse support, and nursing staff well-being during organizational restructuring. **Journal of Occupational Health Psychology**, v.4, n.4, p.327-336, Oct., 1999.

CAPPELLIN P. A igualdade das oportunidades nas relações de trabalho: a ética de reparação antecede o dever de responsabilidade. In: Costa, A. L., et al. (orgs) **Reconfiguração das Relações de Gênero no Trabalho**. São Paulo: CUT Brasil, p.81-118, 2004.

CARVALHO, M. J. S.; MACHADO J. B. Análises dos usos do tempo entre crianças a cerca das relações de gênero e de classe social. **Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.1, p.70-81, jan/jun., 2006.

CORCUFF, P. **As Novas Sociologias**: construções da realidade social. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

COSTA, A. L. R. C.; MARZIALE, M. H. P. Relação tempo-violência no trabalho de enfermagem em Emergência e Urgência. **Rev. bras. enferm.**, v.59, n.3, p.337-343, 2006.

COSTA, E. de S.; MORITA, I.; MARTINEZ, M. A. R. Percepção dos efeitos do trabalho em turnos sobre a saúde e a vida social em funcionários da enfermagem em um hospital universitário do Estado de São Paulo. **Cad. Saúde Pública.**, v.16, n.2, p.553-555, 2000.

CUCOLO, D. F.; PERROCA, M. G. Reestruturação do quadro de pessoal de enfermagem e seu impacto sobre as horas de assistência. **Rev. Latino-Am. Enfermagem.**, v.18, n.2, p.175-181, 2010.

CYRINO, R. Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre trabalho doméstico e assalariado. **Sociologias**, Porto Alegre, ano11, n. 21, p.66-92, jan./jun., 2009.

_____. **A construção social da temporalidade e a articulação entre trabalho doméstico e assalariado**: o caso das mulheres executivas. 2010. 307f. Tese (Doutorado em Sociologia). UFMG, Belo Horizonte, 2010.

DAL BEN, L. W.; SOUSA, R. M. C. Adaptação de instrumento para dimensionar horas diárias de assistência de enfermagem residencial. **Rev. esc. enferm. USP.**, v.38, n.1, p.80-89, 2004.

DAL ROSSO, S. **A Jornada de Trabalho na Sociedade**: o castigo de Prometeu. São Paulo: Ed. LTr, 1996.

DAUNE-RICHARD, A. Qualificações e representações sociais. In: Maruani, M. & Hirata, H. **As novas fronteiras da desigualdade**: homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: Editora Senac, p.65-76, 2003.

DEDECCA, C. S. Tempo, Trabalho e Gênero. In: Costa, A. A.; Oliveira, E. M.; Lima, M. E. B; Soares, V. (orgs.) **Reconfiguração das relações de gênero no trabalho**. São Paulo: CUT Brasil, p.21-52, 2004.

_____. Regimes de Trabalho, uso do tempo e desigualdade entre homens e mulheres. In: **Mercado de Trabalho e gênero: comparações internacionais**. Costa, A. O. et al. (orgs). Rio de Janeiro: Ed. FGV, p.279-297, 2008.

DEDECCA, C. S.; RIBEIRO, C. S. M. F.; ISHII, F. H. Gênero e jornada de trabalho: análise das relações entre mercado de trabalho e família. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.65-90, mar./jun. 2009.

DEDING, M.; LAUSTEN, M. Choosing between his time and her time? Paid and unpaid work of Danish couples. **Electronic International Journal of Time Use Research**, v.3, n.1, p.28-48, 2006.

DOIMO, L. A., DERNTL, A. M.; LAGO, O. C. O uso do tempo no cotidiano de mulheres idosas: um método indicador do estilo de vida de grupos populacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.13, n.4, p.1133-1142, 2008.

DOIMO, L. A., LAGO, O. C.; CAVALCANTI, O. M.. Uso do tempo de estudantes de licenciatura em educação física: um estudo piloto. **Revista Digital**, Buenos Aires, Año 12, n.116, 2008.

DUARTE, G. G. et al. Vida média de labor dos enfermeiros egressos da escola de enfermagem de Ribeirão Preto. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, USP, v.8, n.6, p.91-95, 2000.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**. Editora UFPR, Curitiba, n.24, p.213-225, 2004.

EAGLE, B. W.; MILES, E. W.; ICENOGLE, M. L. Interrole Conflicts and the Permeability of Work and Family Domains: Are There Gender Differences? **Journal of Vocational Behavior**, n.50, p.68-184, 1997.

ECCEL, C. S. **Subjetividades contemporâneas, trabalho e masculinidades**. 2009. 185f. Tese (Doutorado em Administração). UFRGS, Porto Alegre, 2009.

ELIAS, N. The Changing Balance of Power Between the Sexes. A Process-sociological Study: The Example of the Ancient Roman State. **Theory, Culture & Society**. London. Sage Publications, v.4, n.(2/3), p.223-47, 1987.

_____. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, vol. II. 1993.

_____. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, vol. I. 1994a.

_____. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994b.

_____. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed. 1998a.

_____. **Envolvimento e Alienação**. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 1998b.

_____. **A sociedade de Corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

_____. **Escritos & ensaios; 1: Estado, processo, opinião pública**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

_____. **Introdução à Sociologia**. Biblioteca Nacional de Portugal. Lisboa: Edições 70; 16, outubro, 2008.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os Estabelecidos e os *Outsiders***. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ELLEGARD, K.; COOPER, M. Complexity in daily life – a 3D-visualization showing activity patterns in their contexts. **Electronic International Journal of Time Use Research**, v.1, n.1, p.37-59, 2004.

EMMENDOERFER, M. L. **Temporalidades na organização e no domicílio: tensões e conciliações no dia a dia de gerentes de lojas no varejo farmacêutico da Grande Belo Horizonte**. 2009. 145f. Tese (Doutorado em Sociologia). UFMG, Belo Horizonte, 2009.

ESCOBAR, L. **O Sexo das Profissões**. Género e Identidade Socioprofissional em Enfermagem. Biblioteca das Ciências Sórias. Porto-PT, Edição 917, nov. 2004.

FAÏTA, D.; VIEIRA, M. Réflexions méthodologiques sur l'autoconfrontation croisée. **D.E.L.T.A.**, v.19, n.1, p.123-154, 2003.

FERREIRA, V. M. R.; ARCO-VERDE, Y. F. de S. Chrónos & Kairós: o tempo nos tempos da escola. **Educar**, Editora da UFPR, Curitiba, n.17, p.63-78, 2001.

FISHER, K.; LAYTE R. Measuring Work-Life Balance Using Time Diary Data. **Electronic International Journal of Time Use Research**, v.1, n.1, p.1-13, 2004.

FORMIGA, J. M. M.; GERMANO, R. M. Por dentro da história: o ensino de administração em enfermagem. **Rev. bras. enferm.**, v.58, n.2, p.222-226, 2005.

FOUCAULT, M. A. **Microfísica do Poder**. 26ª ed. São Paulo: Graal Editora, 2011.

GALINSKY, E. et al. **Overwork in America: When the Way We Work Becomes Too Much**. New York: Families and Work Institute, 2005.

GARCIA, E. de A. **Distribuição do tempo de trabalho das enfermeiras em unidade de emergência**. 2009. 145f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). USP, São Paulo, 2009.

GARCIA, E. de A.; FUGULIN, F. M. T. Distribuição do tempo de trabalho das enfermeiras em Unidade de Emergência. **Rev Esc Enferm USP**, v.44, n.4, p.1032-8, 2010.

GERSHUNY, J.; SULLIVAN, O. Time Use, Gender and Public Police Regimes. **Social Politics**, v.10, n.2, p.205-228, Summer, 2003.

- GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GOMES, R. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.
- GREENHAUS, J. H.; BEUTELL, N. J. Sources of Conflict between Work and Family Roles. **The Academy of Management Review**, v.10, n.1, p. 76-88, jan., 1985.
- GUEDES, M. C. **Na medida do (im)possível: família e trabalho entre as mulheres de nível Universitário**. 2009. 121f. Tese (Doutorado em Demografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.
- GUERREIRO, M. das D.; CARVALHO, H. O stress na relação trabalho-família: uma análise comparativa. In: Wall, K.; Amâncio, L. **Família e gênero em Portugal e na Europa**. Atitudes Sociais dos Portugueses, n.7, p.129-180, Imprensa de Ciências Sociais, 2007.
- GUILBERT, L. ; LANCRY, A. Les activités, temps et lieux de vie des cadres : Un système de déterminants individuels, contextuels et technologiques. **Activités revue électronique**, v.2, n.2, p. 24-42, 2005.
- GUIMARÃES, N. A. Laboriosas mas redundantes: gênero e mobilidade no trabalho no Brasil dos 90. **Estudos Feministas**. Ano 9, 2º sem., 2001.
- GUTIÉRREZ, M. F. **Tempos, contratempos e passatempos: Um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife**. 2008. 298f. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.
- HALL, E. **A linguagem Silenciosa - Antropos**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1994.
- _____. **A Dança da Vida: a outra dimensão do tempo**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1996.
- HARVEY, D. **Condição Pós-moderna**. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 23ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- HESSING, M. More than Clockwork: Women's Time Management in Their Combined Workloads. **Sociological Perspectives**, v. 37, p.611-33, 1994.
- HIRATA, H. Globalização e Divisão sexual do trabalho. **Cadernos Pagu**, n.17/18, p.139-156, 2002a.
- _____. **Nova Divisão Sexual do Trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2002b.
- _____. Trabalho doméstico: uma servidão "voluntária"? In: **Políticas públicas e igualdade de gênero**. Godinho, T.; Silveira M. L. da (orgs.). Prefeitura de São Paulo. Coordenadoria Especial da Mulher. São Paulo, p.43-54, 2004.

_____. Entrevista: Helena Hirata. **Trabalho, Educação e Saúde**, v.4, n.1, p.199-203, 2006.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. A divisão sexual do trabalho revisitada. In: Maruani, M.; Hirata, H. **As novas fronteiras da desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho**, p.111-123, São Paulo, Ed. Senac, 2003.

_____. Novas Configurações da Divisão Sexual do Trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.132, p.595-609, set./dez. 2007.

_____. Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França, Japão. In: **Mercado de Trabalho e gênero: comparações internacionais**. Costa, A. O. et al. (orgs). Rio de Janeiro: Ed. FGV, p.263-278, 2008.

HOLANDA, F. L.; CUNHA, I. C. K. O. Tempo de permanência de enfermeiros em um hospital-escola e valores monetários despendidos nos processos de admissão, desligamento e provimento de novo profissional. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.13, n.5, p.642-647, 2005.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Síntese de Indicadores Sociais**. Uma análise das condições de vida da população brasileira. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica número 21. Diretoria de Pesquisas Coordenação de População e Indicadores Sociais. Brasil, 2007.

KEITH, P. M.; SCHAFER R. B. Role strain and depression in two-job families. **Family Stress**, v. 29, n.4, p.483-488, Oct., 1980.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Hirata H. et al. (orgs). **Dictionnaire critique du féminisme**, organizado por Ed. Presses Universitaires de France. Paris : novembro de 2000.

KERGOAT, D.; GUICHARD-CLAUDIC, Y. ; VILBROD, A. **L'inversion du genre: quand les métiers masculins se conjuguent au féminin et réciproquement**. Collection Des Sociétés. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008.

LAGO et al. Gênero, gerações e espaço doméstico: trabalho, casa e família. **Paideia**, v.19, n.44, p.357-366, set.-dez., 2009.

LAFARGUE, P. **O direito à preguiça**. 2 ed. São Paulo : Hucitec, 2000.

LAVINAS, L. **Empregabilidade no Brasil: inflexões de gênero e diferenciais femininos**. Texto para discussão nº 826. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Rio de Janeiro-RJ / Brasília-DF, 2001.

LANZA, L. B. **Enfermeiros-Homens: uma nova identidade em construção**. 2006. 184f. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

LESNARD, L. Schedules as sequences: a new method to analyze the use of time based on collective rhythm with an application to the work arrangements of French dual-earner couples. **Electronic International Journal of Time Use Research.**, v.1, n.1, p.60-84, 2004.

LOPES, M. J. M.; LEAL, S. M. C. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. **Cadernos pagu**, n.24, p.105-125, jan-jun., 2005.

LOPES, M. J. M. Divisão do trabalho e relações sociais de sexo: pensando a realidade das trabalhadoras do cuidado de saúde. In: Lopes, M. J. M.; Meyer, D. E.; Waldow, V. R. (orgs.) **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 55-62, 1996.

LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In: Lopes, M. J. M.; Meyer, D. E.; Waldow, V. R. (orgs.) **Gênero e Saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, p.7-18, 1996.

MADALLOZZO, R.; MARTINS, S. R.; SHIRATORI, L. Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.18, n.2, p.547-566, maio-ago, 2010.

MARCON, S. S. et al. Atuação do enfermeiro em unidades básicas de saúde: utilização do tempo versus atividades desenvolvidas. **Rev. enferm. UERJ**, v.10, n.1, p.20-24, jan-abr, 2002.

MARCONDES, W. B. et al. O peso do trabalho 'leve' feminino à saúde. **São Paulo em Perspectiva**, v.17, n.2, p.91-101, 2003.

MARGARIDO, E. S.; CASTILHO, V. Aferição do tempo e do custo médio do trabalho da enfermeira na consulta de enfermagem. **Rev. esc. enferm. USP.**, v.40, n.3, p.427-433, 2006.

MELLO, D. C. B. **Comissárias de Voo: Um olhar sobre a relação entre os tempos de trabalho e da vida familiar**. 2009. 105f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009.

MELLO, M. C. de; FUGULIN, F. M. T.; GAIDZINSKI, R. R. O tempo no processo de trabalho em saúde: uma abordagem sociológica. **Acta paul. enferm.**, v.20, n.1, p.87-90, 2007.

MELO, H. P.; CASTILHO, M. R. **Trabalho reprodutivo: quem faz?** Comercio, género y equidad en américa latina: generando conocimiento para la acción política. Red Internacional de Género y Comercio. Capítulo latino-americano, Setiembre, 2007.

MELO, H. P.; CONSIDERA, C. M.; SABBATO, A. D. Os afazeres domésticos contam. **Economia e Sociedade**, Campinas, v.16, n.3 (31), p.435-454, dez. 2007.

MENDES, C. M. F. S. **Impacto do Stress Ocupacional e do Conflito Trabalho-Família nas Respostas de Stress e Saúde Sexual das Enfermeiras**. 2011. 637f. Tese (Doutorado em Psicologia da Saúde). Universidade do Minho, Minho/Portugal, 2011.

MESSING, K.; CHANTIGNY, C. Trabalho e Gênero. In: Falzon, P. **Ergonomia**. Presses Universitaires de France, Paris; Editora Blucher, Brasil, p.249-263, 2007.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento**. Pesquisa Qualitativa em Saúde. 9ª ed. revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006.

MIRANDA, L. C. **A percepção da mulher no mercado de trabalho**: emprego, carreira ou vocação. 2006. 110f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Administração). Faculdade de Economia e Finanças IBMEC, Rio de Janeiro, 2006.

MOIR, A.; JESSEL, D. **Brain sex: the real difference between men and women**. New York: Dell Publishing, 1991.

MOLINIER, P. Psicodinâmica do trabalho e relações sociais de sexo. Um itinerário interdisciplinar. 1988-2002. **Revista Produção**, v.14, n.3, p.14-26, set/dez, 2004.

NETTO, J. P.; BRAZ M. **Economia política**: uma introdução crítica. São Paulo: Ed Cortez, 2006.

NEUBERT, F. L. **Desigualdade ocupacional e o uso do tempo**: um estudo sobre os determinantes do tempo de trabalho remunerado e do tempo livre entre indivíduos adultos inseridos no mercado de trabalho em uma cidade brasileira e nas regiões metropolitanas norte-americanas. 2011. 206f. Tese (Doutorado em Sociologia). UFMG, Belo Horizonte, 2011.

NOBRE, M. Trabalho doméstico e emprego doméstico. In: Costa, A. A. et al. (orgs.) **Reconfiguração das relações de gênero no trabalho**. São Paulo: CUT Brasil, p.61-69, 2004.

NOOR, N. M. Work-family conflict, work and family-role salience, and women's well-being. **The Journal of Social Psychology**, v.144, n.4, p.389-405, 2004.

OFFER, S.; SCHNEIDER, B. Revisiting the Gender Gap in Time-Use Patterns: Multitasking and Well-Being among Mothers and Fathers in Dual-Earner Families. **American Sociological Review**, v.76, n.6, p.809-833, 2011.

OIT (Organização Internacional do Trabalho). **Riscos emergentes e novas formas de prevenção** num mundo de trabalho em mudança. 1ª edição. Tradução em língua portuguesa, abr., 2010.

OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inc. Soc.**, Brasília, DF, v.5 n.1, p.68-77, jul./dez., 2011.

OLIVEIRA, R. D. **Reengenharia do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ONU (Organização das Nações Unidas). **“International Classification of Activities for Time-Use Statistics”**. In: <http://unstats.un.org/unsd/cr/registry/regcst.asp?Cl=231&Lg=1> Acesso em 02.06.2013.

PADILHA M. I. C. de S.; VAGHETTI, H. H.; BRODERSEN, G. Gênero e Enfermagem: uma análise reflexiva. **R Enferm UERJ**, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.292-300, abr/jun, 2006.

PEASE, A.; PEASE, B. **Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?:** uma visão científica (e bem humorada) de nossas diferenças; tradução Neuza M. Simões Capelo. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

PEDRO, M. J. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005.

PEREIRA, A. M. de S. **Burnout e o Conflito Trabalho-Família / Família-Trabalho em Profissionais de Enfermagem**. 2009. 54f. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia). Universidade do Porto, Portugal, 2009.

PEREIRA, A. V. Relações de gênero no trabalho: reflexões a partir de imagens construídas de enfermeiras e enfermeiros. **Cad. Esp. Fem.**, Uberlândia-MG, v.24, n.1, p.49-77, jan/jun., 2011.

PEREIRA, A. V.; ROTENBERG, L.; OLIVEIRA, S. S. Relações de Gênero e Interdependências: reflexões a partir de mudanças na configuração hospitalar. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v.20, n.3, jul./set., 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/hcsm>.

PEREIRA, M. E. R.; BUENO, S. M. V. Lazer - Um caminho para aliviar as tensões no ambiente de trabalho em UTI: uma concepção da equipe de enfermagem. **Rev.latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v.5, n.4, p.75-83, outubro, 1997.

PEREIRA, P. F. **Homens na enfermagem:** atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional. 2008. 104f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). UFRGS, Porto Alegre, 2008.

PERISTA, H. Gênero e trabalho não pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens. **Análise Social**, vol. XXXVII, n.163, p.447-474, 2002.

PERUCHI, J.; BEIRÃO, A. M. Novos arranjos familiares: Paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar das mulheres chefes de família. **Psicol Clin.**, v.19, n.2, p.57-69, 2007.

PEETERS, M. C. et al. Balancing Work and Home: How Job and Home Demands Are Related to Burnout. **International Journal of Stress Management**, Educational Publishing Foundation., v.12, n.1, p.43-61, 2005.

PLECK, J. H. The work-family role system. **Social Problems**, n.24, p.417-427, 1977.

PINTO, A. M. G. L. R. S. **As Diferenças de Gênero na Percepção do Conflito Trabalho-Família**. 2000. 201f. Dissertação (Mestrado em Economia e Gestão). Escola de Economia e Gestão, Universidade do Minho, Braga/Portugal, 2000.

PINTO, G. A. **A organização do trabalho no século XX** - Taylorismo, Fordismo e Toyotismo. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2007.

PORTELA, L. F.; ROTENBERG, L.; WAISSMANN, W. Health, sleep and lack of time: relations to domestic and paid work in nurses. **Rev. Saúde Pública** [online]. v.39, n.5, p.802-808, 2005.

PRONOVOST, G. Le temps dans tous ses états: temps de travail, temps de loisir et temps pour la famille à l'aube du XXI siècle. **Enjeux publics IRPP - Policy Matters**. v.8, n.1, p.3-35, Février, 2007.

RAMOS, D. P. Pesquisas de usos do tempo: um instrumento para aferir as desigualdades de gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.17, n.3, p.861-870, set/dez, 2009.

REZENDE, P. O.; GAIDZINSKI, R. R. Tempo despendido no sistema de assistência de enfermagem após implementação de sistema padronizado de linguagem. **Rev. esc. enferm. USP**, v.42, n.1, p.152-159, 2008.

RIBEIRO-SILVA, F. **Mulher, Tempo e Trabalho**: Reflexões sobre o Cotidiano de Mulheres Comissárias de Vôo. 2010. 91f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, UERJ, Rio de Janeiro, 2010.

_____. A quem pertence o tempo da mulher? Reflexões sobre o cotidiano de profissionais de enfermagem que trabalham à noite em um hospital público no Rio de Janeiro. In: Secretaria Especial de Política para as Mulheres, Ministério da Ciência e Tecnologia, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Ministério da Educação e Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Orgs.), **2º. Prêmio Igualdade de Gênero**, Brasília: Presidência da República, p.47-56, 2007.

RICARDO, C. M.; FUGULIN, F. M. T.; SOUZA, T. M. Dimensionamento de pessoal de enfermagem: análise do tempo efetivo de trabalho das enfermeiras da UTI pediátrica do HU-USP. **Rev Gaúcha Enferm**, Porto Alegre-RS, v.25, n.3, p.357-66, dez, 2004.

RIVAZY, S. S.; SOFER, C. Trabalho doméstico e organização do tempo de casais: uma comparação internacional. In: Costa, A. de O. et al. (orgs.), **Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p.107-124, 2008.

ROBERTS D. F.; FOEHR, U. G.; RIDEOUT V. **Generation M**: Media in the lives of 8-18 year-olds. CA: Henri J Kaiser Family Foundation, Menlo Park, 2005.

ROBINSON, J. P. The Time-Diary Method: Structure and Uses. In: PENTLAND, E. W. et al. **Time Use Research in the Social Sciences**. Kluwer Academic: New York, p.47-87, 1999.

ROGENSKI, K. E. et al. Tempo de assistência de enfermagem em instituição hospitalar de ensino. **Rev. esc. enferm. USP** [online], v.45, n.1, p.223-229, 2011.

ROGERS, R. D.; STEPHEN M. Costs of a Predictable Switch between Simple Cognitive Tasks. **Journal of Experimental Psychology**, v.124, p.207-231, 1995.

ROTENBERG, L. Relações de gênero e gestão dos tempos - a articulação entre o trabalho profissional e doméstico em equipes de enfermagem no Brasil. **Laboreal**. vol.VIII , n.1, p. 72-84, 2012.

ROTENBERG, L. et al. Gênero e trabalho noturno: sono, cotidiano e vivências de quem troca a noite pelo dia. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.17, n.3, p.639-649, mai/jun, 2001.

ROTH, J. A. **Timetables**: Structuring the passage of time in hospital treatment and other careers. New York: Bobbs-Merrill Company, 1963.

RUBINSTEIN, J. S.; MEYER, D. E.; EVANS, J. E. Executive Control of Cognitive Processes in Task Switching. **Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance**, v.27, p.763-797, 2001.

SABBATINI, R. M. E. Existem diferenças cerebrais entre homens e mulheres? **Revista Eletrônica Cérebro e Mente**, n.11, out/dez, 2000.

SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, n.16, p.115-136, 2001.

SALOMÉ, G. M.; MARTINS, M. de F. M. S.; ESPOSITO, V. H. C. Sentimentos vivenciados pelos profissionais de enfermagem que atuam em unidade de emergência. **Rev. bras. enferm.** [online], v.62, n.6, p.856-862, 2009.

SARRIERA, J. C. et al. Uso do Tempo Livre por Adolescentes de Classe Popular. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.20, n.3, p.361-367, 2007.

SAYER, L. C. More Work for Mothers? Trends and Gender Differences in Multitasking. In: **Competing Claims in Work and Family Life**, edited by Tanja van der Lippe; Pascale Peters. Cheltenham, UK: Edward Elger, p.41-55, 2007.

SAYER L. C.; BIANCHI S.; M. ROBINSON J. P. Are Parents Investing Less in Children? Trends in Mothers' and Fathers' Time with Children. **American Journal of Sociology**, v.110, n.1, p.1-43, july, 2004.

SCHOUTEN, M. J. Tempo de ganhar, tempo de perder: diversidade em arranjos temporais. In: Araújo, E.; Duarte, A. M.; Ribeiro, R. (orgs). **O tempo, as culturas e as instituições**: para uma abordagem sociológica do tempo. Lisboa: Edições Colibri, p.63-75, 2008.

SCOTT. W. J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, p.5-22, dez., 1990.

_____. Entrevista realizada por Miriam Pillar Grossi, Maria Luiza Heilborn e Carmen Rial. **Estudos Feministas**. Florianópolis. v.6, n.1, p.114-124, 1998.

SENNETT, R. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução Marcos Santarrita, 14^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, I. M. B. P. **A relação conflituosa entre médicos e enfermeiras no contexto hospitalar**. 2006. 156f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SILVA, M. R. S. et al. Trabalho familiar: distribuição desejada do trabalho doméstico e cuidados dos filhos entre cônjuges. **Rev Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre-RS, v.33, n.1, p.124-31, mar, 2012.

SOARES, A. V. N. et al. Tempo de assistência de enfermagem como indicador de gestão de pessoas. **O Mundo da Saúde**. São Paulo, v.35, n.3, p.344-349, 2011.

SOARES, C.; SABÓIA, A. L. **Tempo, trabalho e afazeres domésticos**: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005, Rio de Janeiro: IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2007.

SORJ, B.; FONTES, A.; MACHADO, D. C. Políticas e práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil: issues and policies in Brazil. **Cad. Pesqui.** [online], v.37, n.132, p.573-594, 2007.

SORJ, B. Trabalho, gênero e família: quais políticas sociais? In: **Políticas públicas e igualdade de gênero**. Godinho, T.; Silveira M. L. da (orgs.). Prefeitura de São Paulo. Coordenadoria Especial da Mulher. São Paulo, p.143-148, 2004.

SOUZA, M. F. **A percepção do tempo na vida cotidiana sob a perspectiva de gênero**: o dia-a-dia em Belo Horizonte. 2007. 208f. Tese (Doutorado em Sociologia). UFMG, Belo Horizonte, 2007.

SPINDOLA, T.; SANTOS, R. da S. Trabalho versus vida em família. Conflito e culpa no cotidiano das trabalhadoras de enfermagem. **Ciencia y enfermeria**, v.x, n.2, p.43-52, 2004.

STINSON, L. L. Measuring how people spend their time: a time-use survey design. **Monthly Labor Review**, p.12-19, August, 1999.

STROBINO, M. R. C. **O empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família**: estudo de multicasos no setor da construção civil da cidade de Curitiba. 2009. 133p. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

SZALAI, A. **The use of Time**: Daily activities of urban and suburban population in the twelve countries. Paris: The Hague Mouton, 1972.

THOMPSON, E. P. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. Companhia das Letras. São Paulo, 1998.

TRANQUITELLI, A. M.; CIAMPONE, M. H. T. Número de horas de cuidados de enfermagem em unidade de terapia intensiva de adultos. **Rev. esc. enferm.**, USP, v.41, n.3, p.371-377, 2007.

VARELLA, T. C.; PIERANTONI, C. A Profissão do Enfermeiro no Brasil: um Mercado de Trabalho em Transformação? In: Pierantoni, C. R. et al. (orgs.) **Trabalho e Educação em Saúde no Mercosul**. Brasília: Ministério da Saúde; Rio de Janeiro: Ed. Europa, p.123-152, 2008.

VIEIRA, A. L. S. Empregabilidade dos enfermeiros no Brasil. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, n.6 (supl.1), p.65-74, dez. 2002.

VIEIRA, A. L. S.; FILHO, A. A.; OLIVEIRA, E. S. Mercado de trabalho em saúde na região sudeste, Brasil: a inserção da equipe de enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem**, v.12, n.1, p.134-8, jan/fev, 2004.

VIEIRA, A. L. S.; OLIVEIRA, E. S. Mercado de Trabalho em Saúde no Brasil: empregos para os enfermeiros nas três últimas décadas. **Revista Brasileira de Enfermagem.**, v.54, n.4, p.623-629, out./dez. 2001.

VIEIRA, M.; FAÏTA, D. Quando os outros olham outros de si mesmo: reflexões metodológicas sobre a autoconfrontação cruzada. **Polifonia**. Editora UFMT. Cuiabá, n.7, p.27-65, 2003.

VILLELA L. de C. M. et al. Tempo de atuação do profissional enfermeiro - Minas Gerais. **Enfermagem em Foco**, v.2, n.4, p.248-250, 2011.

WATSON, J. M.; STRAYER, D. L. Supertaskers: Profiles in extraordinary multitasking ability. **Psychonomic Bulletin & Review**, v.17, n.4, p.479-485, 2010.

WERMELINGER et al. A Feminilização do Mercado de Trabalho em Saúde no Brasil. **Divulgação em Saúde para Debate**; Rio de Janeiro, n.45, p.54-70, 2010.

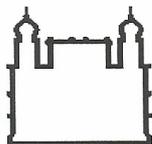
ZARIFIAN, P. O tempo do trabalho: o tempo-devir frente ao tempo espacializado. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, v.14, n.2, p.1-18, out., 2002.

ZERUBAVEL, E. **Patterns of Time in Hospital Life: A Sociological Perspective**. Chicago University Press, 1979.

_____. **Hidden Rhythms**. Schedules and calendars in social life. University of California Press. Berkely, Los Angeles/London. 1997.

Anexo 01

Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa - ENSP



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz
Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca
Comitê de Ética em Pesquisa



Rio de Janeiro, 16 de setembro de 2011.

O Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca – CEP/ENSP, constituído nos Termos da Resolução CNS nº 196/96 e, devidamente registrado na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP, recebeu, analisou e emitiu parecer sobre a documentação referente ao Protocolo de Pesquisa, conforme abaixo, discriminado:

PROTOCOLO DE PESQUISA CEP/ENSP - Nº 205/11
CAAE: 0221.0.031.258 - 11

Título do Projeto: “Relações de gênero e usos do tempo vivenciado por enfermeiras e enfermeiros a partir do trabalho no hospital.”

Classificação no Fluxograma: Grupo III

Será encaminhado à Conep (áreas temáticas especiais) e, portanto, deve aguardar a apreciação final desta para início da execução? Não

Pesquisador Responsável: Audrey Vidal Pereira

Orientadores: Lucia Rotenberg e Simone Santos Oliveira

Instituição Proponente: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca – ENSP/FIOCRUZ

Data de recebimento no CEP-ENSP: 10 / 08 / 2011

Data de apreciação: 14 / 09 / 2011

Parecer do CEP/ENSP: Aprovado.

Ressaltamos que o pesquisador responsável por este Protocolo de Pesquisa deverá apresentar a este Comitê de Ética um relatório das atividades desenvolvidas no período de 12 meses a contar da data de sua aprovação (*item VII.13.d., da resolução CNS/MS Nº 196/96*) de acordo com o modelo disponível na página do CEP/ENSP na internet.

Esclarecemos, que o CEP/ENSP deverá ser informado de quaisquer fatos relevantes (incluindo mudanças de método) que alterem o curso normal do estudo, devendo o pesquisador justificar caso o mesmo venha a ser interrompido.

Prof. Angela Esher
Coordenadora
Comitê de Ética em Pesquisa
CEP/ENSP

Anexo 02

Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa - CMM / HUAP



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina / Hospital Universitário Antônio Pedro

Herbert Praxedes - **Coordenador Geral**
Representante Comunidade Científica

CEP CMM/HUAP nº 249/11

Alair Augusto Santos / Maria Lúcia Santos
*Faculdade de Medicina - Depto Radiologia*CAAE: 0214.0.031.258-11Maria Nazareth C. Pinto / Alberto Esteves Gemal
*Faculdade de Medicina - Depto Cirurgia*Renato Augusto M. Sá / Selma Maria A. Sias
*Faculdade de Medicina - Depto Materno Infantil*Do: Coordenador do CEP CMM/HUAP
A(o) Sr.(a) Pesquisador(a):Regina Helena S. Peralta / Andréa Alice da Silva
*Faculdade de Medicina - Depto Patologia*Mauro Diniz Moreira / Sérgio Setúbal
Faculdade de Medicina - Depto Medicina Clínica

Assunto: Parecer sobre Projeto de Pesquisa

José Carlos Carraro Eduardo
Faculdade de Medicina – Repr. Colegiado

Sr.(a) Pesquisador(a)

Carlos Dimas M.Ribeiro/Marcos Antônio
A.Senna
Instituto de Saúde da Comunidade

Informo a V.S^a. que o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina / Hospital Universitário Antônio Pedro, constituído nos termos da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e devidamente registrado na Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, recebeu, analisou e emitiu parecer sobre a documentação referente ao protocolo de pesquisa e seu respectivo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme abaixo discriminado:

Sérvio Túlio / Rogério Dultra
*Faculdade de Direito*Ana Paula Black Veiga
*Hospital Universitário Antônio Pedro*Rosângela Arrabal Thomaz
*Faculdade de Medicina*José Plácido / Lígia Lobato
Representantes da Comunidade Usuária

Título do Projeto:

“**Relações de gênero e usos do tempo vivenciados por enfermeiras e enfermeiros a partir do trabalho no hospital**”Tereza C. A. Graça / Theresa C.L. Coutinho
Faculdade de Odontologia

Pesquisador Responsável:

Audrey Vidal PereiraThelma B. Machado / Sabrina C. Elias
Faculdade de Farmácia

Pesquisadores(as) Colaboradores(as):

Lúcia Rotenberg e Simone Santos OliveiraDenise Mafra / Daniele M. Ferreira
*Faculdade de Nutrição*Valdecyr Herdy Alves / Luiz dos Santos
Faculdade de Enfermagem

Data: 02/09/11

Dilvani Oliveira Santos / Luiz G. Gawryszewski
*Faculdade de Biologia*Parecer: **Aprovado**Tatiana Rangel Reis / Sulamita B. de Lima
*Escola de Serviço Social*Luís Antônio C. Ribeiro / Antônio Amaral Serra
*Instituto de Ciências Sociais – Depto Filosofia*Abraão Santos / Elton H. Matsushima
*Instituto de Ciências Sociais – Depto Psicologia*Licínio E. Silva / Ana Beatriz M. Fonseca
Instituto de Matemática

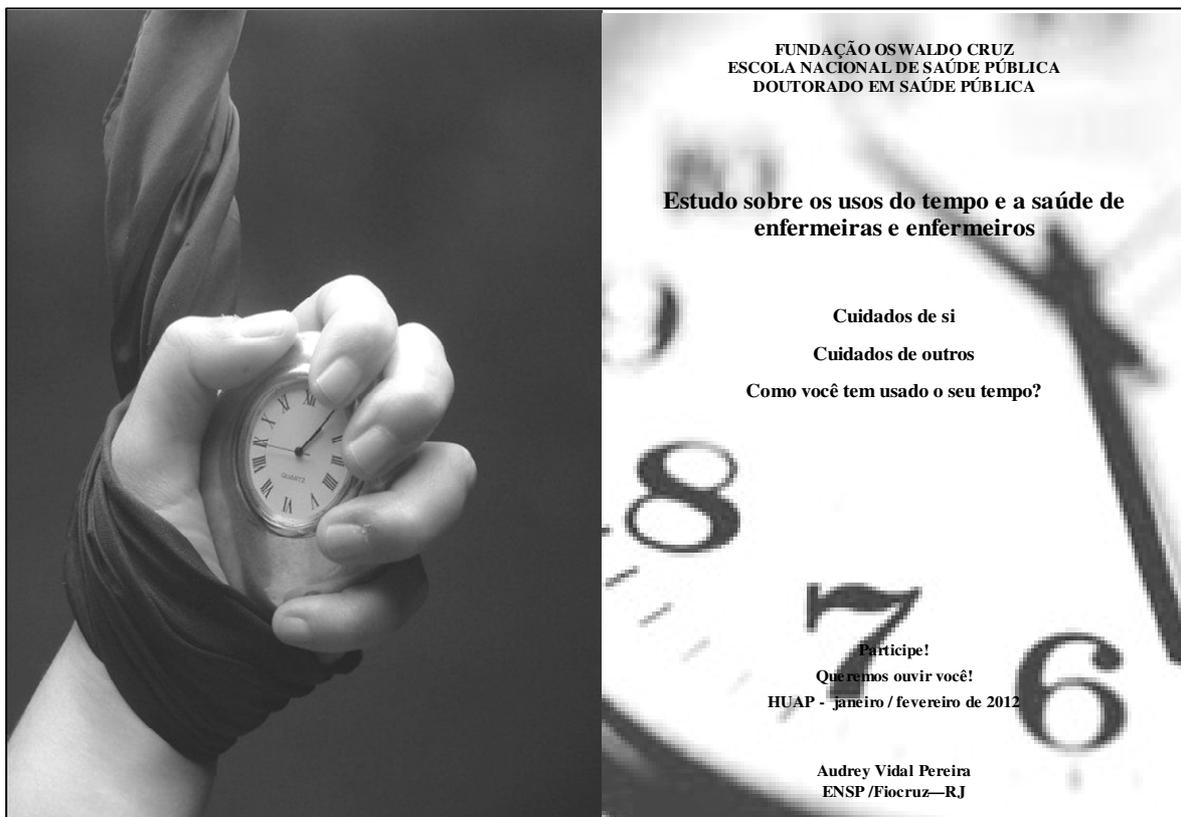
Atenciosamente,

H Prof. Herbert Praxedes
Coordenador

Renato A. Moreira de Sá
CRM 5251923-2

Apêndice A

Caderneta de Atividades



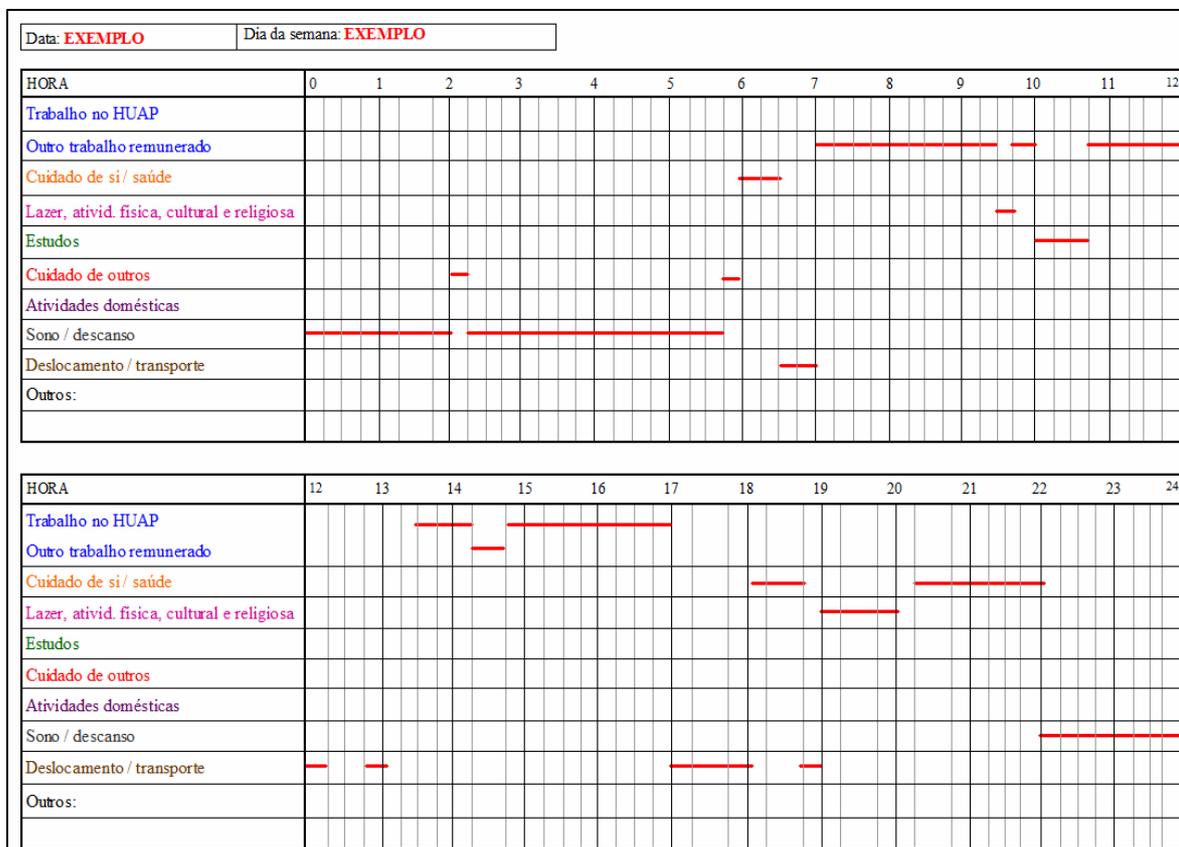
Fonte: Elaboração própria

<p style="text-align: center;">FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA DOUTORADO EM SAÚDE PÚBLICA</p> <p style="text-align: center;">CADERNETA DE ATIVIDADES DIÁRIAS</p> <p>Cara enfermeira e caro enfermeiro</p> <p>Você está sendo convidada(o) a participar de uma pesquisa sobre os 'Usos do Tempo', cujas informações se baseiam nos registros das atividades vivenciadas por uma pessoa durante determinado período de tempo.</p> <p>Sua contribuição será através do registro de suas atividades durante sete dias.</p> <p>Para o êxito desse estudo, solicitamos que registre a duração de cada atividade do dia a dia, como: trabalho, estudo, lazer, sono, e transporte, entre outras</p> <p>A seguir você encontrará informações sobre o preenchimento. Fique à vontade para fazer contato em caso de dúvida.</p> <p>Agradeço de modo antecipado pela sua colaboração.</p> <p style="text-align: right;">Audrey Vidal Pereira auiiprof@yahoo.com.br 21-99892253</p>	<p style="text-align: center;">INSTRUÇÕES</p> <p>Todos os registros são importantes para nossa pesquisa, cujas reflexões serão compartilhadas em momentos posteriores.</p> <p>Assim, tanto os horários para o trabalho no hospital, como também para o sono ou o lazer, deverão ser registrados de acordo com algumas instruções.</p> <p>As atividades são divididas nas seguintes áreas, como descrito adiante.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Trabalho - Cuidados de si e com a saúde - Lazer, vida social, atividade física, cultural e religiosa - Estudos - Cuidados de outras pessoas - Atividades domésticas - Sono / descanso - Deslocamentos / transporte <p>À cada página posterior existem dois blocos vazios subdivididos em intervalos de 15 em 15min, correspondendo às 24h do dia. Pedimos para você preencher com um TRAÇO VERMELHO a duração de tempo para cada atividade realizada, conforme o exemplo a seguir:</p> <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th>HORA</th> <th>12</th> <th>13</th> <th>14</th> <th>15</th> <th>16</th> <th>17</th> <th>18</th> <th>19</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>Trabalho no HUAP</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Outro trabalho remunerado</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Cuidado de si / saúde</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Lazer, ativid. física, cultural e religiosa</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Estudos</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> <tr> <td>Cuidado de outros</td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </tbody> </table> <p>Para você praticar, preencheremos juntos os horários referentes ao dia de ontem.</p>	HORA	12	13	14	15	16	17	18	19	Trabalho no HUAP									Outro trabalho remunerado									Cuidado de si / saúde									Lazer, ativid. física, cultural e religiosa									Estudos									Cuidado de outros								
HORA	12	13	14	15	16	17	18	19																																																								
Trabalho no HUAP																																																																
Outro trabalho remunerado																																																																
Cuidado de si / saúde																																																																
Lazer, ativid. física, cultural e religiosa																																																																
Estudos																																																																
Cuidado de outros																																																																

Fonte: Elaboração própria

<p style="text-align: center;">TRABALHO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Trabalho no HUAP - Outro (s) trabalho (s) remunerado (s) - Uso de celular / telefone ou internet para o trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> - Cuidado de crianças / adolescentes: filhos, netos, sobrinhos - Cuidado de idosos, pessoas com necessidades especiais - Cuidado / atenção dispensada para outras pessoas: amigos, irmãos, companheiro (a), vizinhos
<ul style="list-style-type: none"> - Higiene pessoal - Refeições - Estética / salão de beleza / barbearia - Idas ao profissional saúde / realização exames 	<ul style="list-style-type: none"> - Cozinhar, lavar, passar, fazer faxina, organizar armários - Pagar contas, fazer compras, supervisionar empregados - Realizar ou supervisionar consertos e manutenção
<p style="text-align: center;">LAZER / VIDA SOCIAL / ATIVID. FÍSICA, CULTURAL E RELIGIOSA</p> <ul style="list-style-type: none"> - Assistir TV, ouvir música, leitura - Uso de celular / telefone ou internet - assuntos pessoais - Cinema, shopping, teatro, museu, bares e restaurantes - Visitar / receber visitas - Namoro / vida íntima - Caminhada / ginástica / outras atividades físicas - Reunião, culto, missa, meditação, trabalho voluntário 	<p style="text-align: center;">SONO</p> <ul style="list-style-type: none"> - Em casa - noturno - No trabalho - noturno - Descanso - Em casa - diurno - No trabalho - diurno - Sesta
<p style="text-align: center;">ESTUDOS</p> <ul style="list-style-type: none"> - Capacitações, congressos, seminários, palestras e atividades afins - Leitura e uso de internet para o estudo - Pós-graduação / outra graduação 	<p style="text-align: center;">DESLOCAMENTOS / TRANSPORTE</p> <ul style="list-style-type: none"> - De casa para o trabalho e vice-versa - De casa para lazer / atividade religiosa e vice-versa - Do trabalho para lazer / atividade religiosa e vice-versa - Do trabalho para o trabalho

Fonte: Elaboração própria



Fonte: Elaboração própria

Data:	Dia da semana:												
HORA	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Trabalho no HUAP													
Outro trabalho remunerado													
Cuidado de si/ saúde													
Lazer, ativid. física, cultural e religiosa													
Estudos													
Cuidado de outros													
Atividades domésticas													
Sono / descanso													
Deslocamento / transporte													
Outros:													
HORA	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
Trabalho no HUAP													
Outro trabalho remunerado													
Cuidado de si/ saúde													
Lazer, ativid. física, cultural e religiosa													
Estudos													
Cuidado de outros													
Atividades domésticas													
Sono / descanso													
Deslocamento / transporte													
Outros:													

Fonte: Elaboração própria

PERFIL PROFISSIONAL		
Nº:	Sexo:	Data:
Cidade / Bairro:		Data Nasc:
1- Situação conjugal: <input type="checkbox"/> casado(a) / mora com companheiro(a) <input type="checkbox"/> desquitado(a) / divorciado(a) <input type="checkbox"/> solteiro(a) <input type="checkbox"/> viúvo(a)		
2- Nº de filhos: _____ <input type="checkbox"/> não tenho		
3- Convivência familiar: <input type="checkbox"/> Reside sozinho <input type="checkbox"/> Reside com quem? _____ <input type="checkbox"/> Quantas pessoas moram no domicílio? _____		
4- Titulação <input type="checkbox"/> Graduação - Ano de Formação: _____ <input type="checkbox"/> Especialização <input type="checkbox"/> Mestrado <input type="checkbox"/> Doutorado		
5- Tempo em que trabalha na profissão de enfermagem: - Meses _____ - Anos _____		
6- Tempo em que trabalha como enfermeira (o): - Meses _____ - Anos _____		
7- Tempo em que trabalha no HUAP: - Meses _____ - Anos _____		
8- Escala de trabalho no HUAP:		
9- Possui outro vínculo empregatício: <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim. Quantos? _____		
2º. vínculo <input type="checkbox"/> Plantão diurno : 12x60 <input type="checkbox"/> Plantão noturno: 12x60 <input type="checkbox"/> Plantão de 24h: dia fixo <input type="checkbox"/> Plantão de 24h: dia móvel <input type="checkbox"/> Diarista:manhã <input type="checkbox"/> Diarista:tarde <input type="checkbox"/> Plantão / Complementação <input type="checkbox"/> APH - Adicional Plantão Hospitalar <input type="checkbox"/> Outro _____		
3º. vínculo <input type="checkbox"/> Plantão diurno : 12x60 <input type="checkbox"/> Plantão noturno: 12x60 <input type="checkbox"/> Plantão de 24h: dia fixo <input type="checkbox"/> Plantão de 24h: dia móvel <input type="checkbox"/> Diarista:manhã <input type="checkbox"/> Diarista:tarde <input type="checkbox"/> Plantão / Complementação <input type="checkbox"/> APH - Adicional Plantão Hospitalar <input type="checkbox"/> Outro _____		
4º. vínculo <input type="checkbox"/> Plantão diurno : 12x60 <input type="checkbox"/> Plantão noturno: 12x60 <input type="checkbox"/> Plantão de 24h: dia fixo <input type="checkbox"/> Plantão de 24h: dia móvel <input type="checkbox"/> Diarista:manhã <input type="checkbox"/> Diarista:tarde <input type="checkbox"/> Plantão / Complementação <input type="checkbox"/> APH - Adicional Plantão Hospitalar <input type="checkbox"/> Outro _____		
10- Renda mensal (individual / líquida): <input type="checkbox"/> até três salários mínimos = R\$ 1.635,00 <input type="checkbox"/> de 04 a 10 = de R\$ 2.180,00 a R\$ 5.450,00 <input type="checkbox"/> de 10 a 20 = de R\$ 5.450,00 a R\$ 10.900,00 <input type="checkbox"/> + de 20 = de R\$ 10.900,00		

Fonte: Elaboração própria

Apêndice B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ENFERMEIRAS E ENFERMEIROS

Título do Projeto: Relações de gênero e usos do tempo vivenciados por enfermeiras e enfermeiros a partir do trabalho no hospital.

Pesquisador Responsável: Ms. Audrey Vidal Pereira.

Orientadoras: Dra. Lucia Rotenberg e Dra. Simone de Oliveira.

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Escola Nacional de Saúde Pública / Fiocruz.

Caro (a) Enfermeiro (a)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Relações de gênero e usos do tempo vivenciados por enfermeiras e enfermeiros a partir do trabalho no hospital”, como parte do Doutorado (ENSP/FIOCRUZ) em curso pelo pesquisador responsável.

Este é um estudo de abordagem quanti-qualitativa que inclui registros diários de atividades a serem analisados em entrevistas. Sua participação nesta pesquisa não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Consiste no preenchimento voluntário de uma ‘caderneta de atividade’, e a participação de uma entrevista e de um grupo focal, sobre questões referentes às desigualdades de gênero e de usos do tempo a partir do contexto de trabalho no hospital. Os objetivos dessa pesquisa são: - Analisar as interdependências entre as esferas profissional e doméstica, sob a perspectiva das relações de gênero, a partir dos usos do tempo vivenciados por enfermeiras e enfermeiros. - Descrever os usos do tempo vivenciados por enfermeiras e enfermeiros; - Descrever acontecimentos ocorridos nas esferas profissional e doméstica que caracterizem situações de permeabilidade; - Identificar situações que caracterizem conflitos de interesses e disputas de poder nas relações vivenciadas por enfermeiras e enfermeiros a partir dos usos do tempo; - Identificar estratégias de mediações utilizadas por enfermeiras e enfermeiros para equilibrar tensões e poder a partir dos usos do tempo; - Refletir sobre as relações entre a interface ‘profissional-doméstico’ e a saúde, apontadas pelas enfermeiras e enfermeiros.

O projeto não oferece risco aos profissionais participantes. Os benefícios relacionados à sua participação possibilitam contribuições significativas para as reflexões sobre questões de gênero nas relações do trabalho e condições de saúde do trabalhador.

As informações serão obtidas através de entrevistas e grupos focais, que serão gravados permitindo posterior escuta do que foi relatado ao pesquisador. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação, ou a de qualquer outra pessoa que venha a contribuir com este estudo, sendo utilizados pseudônimos correspondentes, a fim de identificar as respectivas falas.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço institucional do pesquisador principal e do CEP, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação, agora ou a qualquer momento.

Pesquisador: Audrey Vidal Pereira - e-mail: auviprof@yahoo.com.br

- **Comitê de Ética em Pesquisa:** Escola Nacional de Saúde Pública. Rua Leopoldo Bulhões, nº 1480, Térreo. Mangueiras. Rio de Janeiro. Cep: 21.041.210. Telefone: (21) 2598-2863.

- **Comitê de Ética em Pesquisa:** Universidade Federal Fluminense. Faculdade de Medicina. Hospital Universitário Antônio Pedro. Rua Marquês do Paraná, nº 303, Centro. Niterói-RJ. Cep: 24030-210. Tel: (21) 2629-9189.

Eu, _____ RG nº _____ participante dessa pesquisa, declaro ter sido informado e que entendi os objetivos, riscos e benefícios do meu consentimento para a realização da pesquisa e concordo em participar do projeto acima descrito.

Sujeito da Pesquisa: _____ Niterói, ____ / ____ / 2011.

Apêndice C

MAPA DE HORÁRIOS

- Imagem sem preenchimento

Dia/Hora	0	2	4	6	8	10	12	14	16	18	20	22	24
2ªF													
3ªF													
4ªF													
5ªF													
6ªF													
sab													
dom													

Fonte: Elaboração própria

- Imagem com registro das atividades diárias realizadas pela enfermeira 56

Dia/Hora	0	2	4	6	8	10	12	14	16	18	20	22	24
2ªF													
3ªF													
4ªF													
5ªF													
6ªF													
sab													
dom													

Fonte: Elaboração própria

Apêndice D

ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Como é o seu dia a dia, entre o tempo de trabalho no hospital e o tempo usado para as demais atividades realizadas?
2. Como você usa seu tempo num dia de trabalho no hospital?
3. Descreva situações acontecidas no momento de trabalho no hospital que interferem na vida privada.
4. Como você se sente quando os problemas do trabalho estão presentes nos momentos correlacionados à vida privada?
5. Como você faz para resolver 'situações-problema' correlacionadas ao trabalho, durante o momento em que esteja fora do hospital?
6. Como é realizada a divisão do trabalho doméstico na sua família?
7. Descreva acontecimentos ocorridos no âmbito doméstico que interferem no momento em que você esteja no hospital.
8. Como você se sente quando os problemas da vida doméstica estão presentes no momento de trabalho?
9. Como você faz para resolver 'situações-problema', correlacionadas à sua família, durante o momento em que esteja no hospital?
10. Como você se sente quando existe a necessidade de realizar várias atividades ao mesmo tempo no dia a dia?
11. O que você faz quando existe a necessidade de realizar várias atividades ao mesmo tempo?
12. Fale sobre possíveis correlações entre o tempo usado nas esferas 'profissional-doméstica' e a saúde.

Apêndice E
Distribuição de enfermeiras e enfermeiros por local de moradia

Município	Bairro	Enfermeiros		Enfermeiras		Total	
		(n)	%	(n)	%	(n)	%
Niterói	Centro	1	2.4	—	—	1	2.4
	Fonseca	1	2.4	1	2.4	2	4.8
	Santa Rosa	5	11.9	6	14.3	11	26.2
	Icaraí	—	—	3	7.2	3	7.2
	Itaipú	—	—	1	2.4	1	2.4
	Jardim Icaraí	—	—	2	4.8	2	4.8
	Pendotiba	—	—	1	2.4	1	2.4
	Piratininga	—	—	1	2.4	1	2.4
	Sapê	1	2.4	—	—	1	2.4
		8	19.1	15	35.7	23	54.8
Rio de Janeiro	Alto da Boa Vista	—	—	1	2.4	1	2.4
	Campo Grande	3	7.2	—	—	3	7.2
	Grajaú	—	—	1	2.4	1	2.4
	Ilha do Governador	1	2.4	1	2.4	2	4.8
	Jacarepaguá	2	4.8	—	—	2	4.8
	Meier	—	—	1	2.4	1	2.4
	Parada de Lucas	1	2.4	—	—	1	2.4
		7	16.6	4	9.5	11	26.2
São Gonçalo	Alcântara	—	—	1	2.4	1	2.4
	Engenho Pequeno	1	2.4	—	—	1	2.4
	Galo Branco	—	—	1	2.4	1	2.4
	Jardim Amendoeira	—	—	1	2.4	1	2.4
	Mutondo	1	2.4	—	—	1	2.4
	Mutuapira	1	2.4	—	—	1	2.4
	Porto da Pedra	—	—	1	2.4	1	2.4
		3	7.2	4	9.5	7	16.7
Itaboraí	Aldeia da Prata	—	—	1	2.4	1	2.4
Total		18	42.9	24	57.1	42	100.0

Fonte: Elaboração própria

Apêndice F
Distribuição de enfermeiras e enfermeiros por agregado familiar

Agregado Familiar	Enfermeiros		Enfermeiras		Total	
	(n)	%	(n)	%	(n)	%
esposa (o)	3	7.2	3	7.2	6	14.4
esposa (o) / filho (s)	8	19.1	12	28.6	20	47.6
esposa (o) / filhos (o) / sogra (o)	—	—	3	7.2	3	7.2
esposa / sogra	1	2.4	—	—	1	2.4
mãe / pai	—	—	1	2.4	1	2.4
mãe / pai / irmã	1	2.4	—	—	1	2.4
mãe / pai / irmão / filhos	—	—	1	2.4	1	2.4
mãe / irmão (s)	1	2.4	—	—	1	2.4
mãe	2	4.8	—	—	2	4.8
filho / pai	—	—	1	2.4	1	2.4
filho	—	—	1	2.4	1	2.4
sozinha (o)	2	4.8	2	4.8	4	9.5
Total	18	42.9	24	57.1	42	100.0

Fonte: Elaboração própria

Apêndice G

Distribuição de enfermeiras e enfermeiros por nº de pessoas residentes no domicílio

Nº de pessoas	Enfermeiros		Enfermeiras		Total	
	(n)	%	(n)	%	(n)	%
1	2	4.8	2	4.8	4	9.5
2	5	11.9	4	9.5	9	21.4
3	5	11.9	6	14.3	11	26.2
4	5	11.9	7	16.7	12	28.6
5	—	—	3	7.2	3	7.2
6	1	2.4	1	2.4	2	4.8
8	—	—	1	2.4	1	2.4
Total	18	42.9	24	57.1	42	100.0

Fonte: Elaboração própria

Apêndice H

Distribuição de enfermeiras e enfermeiros por escala referente ao 1º vínculo

Escala referente ao 1º vínculo	Enfermeiros		Enfermeiras		Total	
	(n)	%	(n)	%	(n)	%
7h às 13h / sem FDS	3	7.2	4	9.5	7	16.7
7h às 13h / sem FDS / APH	—	—	2	4.8	2	4.8
7h às 13h / sem FDS / APH / Substituições	—	—	1	2.4	1	2.4
8h às 16h / sem FDS	1	2.4	—	—	1	2.4
8h às 18h / sem FDS	—	—	1	2.4	1	2.4
12 x 36h / sem FDS	2	4.8	3	7.2	5	11.9
12 x 60h / PD	1	2.4	5	11.9	6	14.3
12 x 60h / PD / APH	2	4.8	1	2.4	3	7.2
12 x 60h / PD / complementações	1	2.4	1	2.4	2	4.8
12 x 60h / PN	4	9.5	2	4.8	6	14.3
12 x 60h / PN / APH	1	2.4	2	4.8	3	7.2
12 x 60h / PN / complementações	1	2.4	1	2.4	2	4.8
13 x 72h / 24h em FDS	2	4.8	1	2.4	3	7.2
Total	18	42.9	24	57.1	42	100.0

APH = adicional por plantão hospitalar / FDS = fim de semana / PD = plantão diurno / PN = plantão noturno

Fonte: Elaboração própria

Apêndice I

Distribuição de enfermeiras e enfermeiros por escala referente ao 2º vínculo

Escala referente ao 2º vínculo	Enfermeiros		Enfermeiras		Total	
	(n)	%	(n)	%	(n)	%
7h às 13h / sem FDS	4	9.5	1	2.4	5	11.9
13h às 18h / sem FDS	2	4.8	4	9.5	6	14.3
8h às 16h / sem FDS	1	2.4	2	4.8	3	7.2
12 x 60h / PD	3	7.2	3	7.2	6	14.3
12 x 60h / PN	3	7.2	2	4.8	5	11.9
12 x 36h / sem FDS	1	2.4	—	—	1	2.4
24 h / plantão fixo 1x por semana	—	—	1	2.4	1	2.4
24h / fixo 1x por semana / paga metade da CH	1	2.4	—	—	1	2.4
pagamento intergral da carga horária	—	—	2	4.8	2	4.8
outros	2	4.8	1	2.4	3	7.2
aposentado	1	2.4	1	2.4	2	4.8
não tem	—	—	7	16.7	7	16.7
Total	18	42.9	24	57.1	42	100.0

FDS = fim de semana / PD = plantão diurno / PN = plantão noturno / CH = carga horária

outros = 15h às 18h sem FDS, de 8h às 14h e hora para aula durante semana

Fonte: Elaboração própria

Apêndice J

Distribuição de enfermeiras e enfermeiros por escala referente ao 3º vínculo

Escala referente ao 3º vínculo	Enfermeiros		Enfermeiras		Total	
	(n)	%	(n)	%	(n)	%
12 x 60h / PN	1	2.4	—	—	1	2.4
24 h / plantão fixo 1x por semana	1	2.4	1	2.4	2	4.8
outros	2	4.8	—	—	2	4.8
pagamento intergral da carga horária	1	2.4	1	2.4	2	4.8
não tem	13	30.9	22	52.4	35	83.3
Total	18	42.9	24	57.1	42	100.0

FDS = fim de semana / PD = plantão diurno / PN = plantão noturno / CH = carga horária

outros = 15h às 19h sem FDS e hora para atendimento em domicílio durante semana

Fonte: Elaboração própria